

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Os meninos

Corpo, gênero e sexualidade em e através de um *site* de relacionamentos

Luiz Felipe Zago

Porto Alegre

2013

Luiz Felipe Zago

Os meninos – Corpo, gênero e sexualidade em e através de um *site* de relacionamentos

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos.

Examinadores/as:

Prof. Doutor Fernando Seffner (FACED/UFRGS)

Prof^ª. Doutora Silvana Goellner (ESEF/UFRGS)

Prof^ª. Doutora Larissa Pelúcio (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Zago, Luiz Felipe

Os meninos: Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet. / Luiz Felipe Zago. -- 2013.

331 f.

Orientador: Luís Henrique Sacchi dos Santos.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Psicologia. 4. Filosofia. I. Santos, Luís Henrique Sacchi dos, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS – *para ler sem armas*

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa de Doutorado. Também agradeço à CAPES pelo financiamento do meu Estágio de Doutorado Sanduíche no Exterior através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde estudei entre 2009 e 2012 sob a orientação do Professor Doutor Fernando Seffner, primeiro, e depois sob a orientação do Professor Doutor Luís Henrique Sacchi dos Santos. Agradeço ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, onde estudei como aluno ouvinte, e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, onde estudei no primeiro semestre de 2010 sob a orientação da Professora Doutora Paula Sibilia. Agradeço à Escola de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde na Universidade de Ottawa, no Canadá, onde estudei no primeiro semestre de 2012 sob orientação do Professor Doutor Dave Holmes. Agradeço ao Fernando, ao Luís Henrique, à Paula e ao Dave pelas orientações e pelas páginas que se seguem.

A partir de agora, para continuar os agradecimentos, somente citarei mais dois nomes. Não porque eu não lembro os nomes daqueles/as que foram importantes para a escrita deste texto e para o processo de pesquisa da tese. Sou bom em memorizar nomes, melhor em memorizar corpos, ótimo em memorizar situações. Contudo, vou chamá-los/as, vou interpelá-los/as, não pelos seus nomes, mas por aquilo que nos une ou uniu.

Eu agradeço àqueles/as que leram este texto, que pularam algumas páginas, que concordaram e discordaram do que está escrito. Eu agradeço àqueles/as que desprezaram o que está escrito, que riram do que está escrito, que se chocaram com o que está escrito, que se fascinaram com o que está escrito, que odiaram o que está escrito. Eu agradeço à porção do meu pai, à porção da minha mãe e à porção da minha irmã que me habitam, e agradeço à imensa ausência do meu irmão, que me faz oco. Eu agradeço às amigas que foram desfeitas durante o processo de pesquisa e de escrita do texto; agradeço aos inimigos que foram feitos durante o processo de pesquisa e de escrita do texto. Eu agradeço aos amigos e às amigas de perto, aos amigos e às amigas

de longe, aos amigos e às amigas imaginários/as com quem conversei tentando explicar os argumentos escritos neste texto. Eu agradeço à música, que me impediu de enlouquecer. Eu agradeço às línguas que falei e que tentei falar no Canadá e no Rio de Janeiro; agradeço às obscuridades, às incompreensões linguísticas e às más traduções; agradeço à neve e à praia. Eu agradeço aos/às conterrâneos/as, aos/às estrangeiros/as, aos/às migrantes, aos/às exilados/as, aos/às sequestrados/as de suas terras natais e de si mesmos – eles/as cruzaram a escrita deste texto. Eu agradeço a todos/as que eu desprezei e desprezo, e agradeço a todos/as que me desprezaram e desprezam. Eu agradeço àqueles/as que depositaram e depositam fé neste texto. Eu agradeço aos namorados que tive, e que pus para correr, durante o processo de escrita e agradeço àqueles rapazes que não quiseram me namorar justamente porque eu escrevia o texto que aqui apresento. Eu agradeço aos aviões, aos trens e aos ônibus que usei, cujos deslocamentos produziram nem que seja uma ou duas frases deste texto. Eu agradeço à vizinhança do prédio onde moro pelo choro da criança, pelas brigas domésticas, pelos gemidos do sexo, pelo vai-e-vem nos corredores. Eu agradeço ao lúpulo, à cevada, ao malte, à uva, ao álcool tridestilado e ao ácido acetil-salicílico. Eu agradeço aos cães, que amo, e que também me impediram de enlouquecer. Eu agradeço à erva-mate moída grossa, à água quente, ao chá verde, à cuia e à bomba. Eu agradeço ao Parque Farroupilha, vulgo Redenção, pelas companhias grandiosas e arborizadas dos dias e pelas soluções urgentes e arborizadas das noites. Eu agradeço às organizações não governamentais que fecharam suas portas durante a escrita deste texto. Eu agradeço aos casais de namorados/as que se separaram, aos casais de namorados/as que se fizeram e, mais ainda, aos casais de namorados/as que se mantiveram durante a escrita do texto, durante o processo de pesquisa. Agradeço ao ar-condicionado, à cama de molas, aos travesseiros de pena de ganso. Agradeço a todos os grãos de café deste mundo. Eu agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à Universidade Federal Fluminense, ao Instituto de Medicina Social do Rio de Janeiro, à Universidade de Ottawa pelos seus corpos discentes e pelos corpos docentes; sobretudo, eu agradeço aos corpos que passaram pelo meu corpo, que ficaram com meu corpo por uma noite ou duas, e eu agradeço ao meu próprio corpo por ter suportado escrever este texto. Eu agradeço à Professora Doutora Márcia Arán, que me ensinou a humildade antes de morrer, durante a escrita deste texto. Agradeço ao Miguel Mattioni, que me surpreendeu ao nascer durante a escrita deste texto. Muito obrigado.

EPÍGRAFE

Onde queres revólver, sou coqueiro
E onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alto, eu sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família, sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
Onde queres o sim e o não, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão
Onde o queres o lobo, eu sou o irmão
E onde queres cowboy, eu sou chinês

Ah! Bruta flor do querer
Ah! Bruta flor, bruta flor

Onde queres o ato, eu sou o espírito
E onde queres ternura, eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo, sou mulher
Onde queres prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e é de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! Bruta flor do querer
Ah! Bruta flor, bruta flor

Onde queres comício, flipper-vídeo
E onde queres romance, rock'n'roll

Onde queres a lua, eu sou o sol
E onde a pura natura, o inseticídio
Onde queres mistério, eu sou a luz
E onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro, eu sou obus

O queres e o estares sempre a fim
Do que em mim é em mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao queres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há, e do que não há em mim

RESUMO

Como os corpos, os gêneros e as sexualidades de homens gays constituem os usos que esses indivíduos vêm fazendo do *site* de relacionamento Manhunt? Essa é a pergunta principal desta pesquisa, cujas possíveis respostas procuram corroborar a tese de que os homens gays que usam o *site* estão virtualmente dispostos a criarem vínculos uns com os outros. As respostas são delineadas ao longo dos capítulos, sendo mapeadas as formas emblemáticas de relação estabelecidas entre os habitantes do *site*, que têm como pontos articuladores os corpos, os gêneros e as sexualidades. Para tanto, lançou-se mão da observação participante, que possibilitou o arquivamento de 302 perfis *online* de 302 homens usuários do Manhunt, a realização de 103 entrevistas *online* e 5 entrevistas *off-line*. Procedeu-se à análise discursiva de trechos escritos dos perfis arquivados e de trechos das entrevistas, e à análise visual das fotografias publicadas nos mesmos perfis. Os homens participantes da pesquisa aceitaram consensualmente fazer parte dela. Aponta-se para a centralidade da exposição de determinadas partes dos corpos dos homens habitantes do *site*, especificamente seus abdomes, peitos e pênis. A exposição dessas partes dos corpos através de imagens procura reforçar a magreza, a força muscular e a virilidade como atributos valorizados neste contexto, algo que serve como sinalizador para a busca de parceiros para práticas estritamente sexuais. As faces dos corpos são geralmente recortadas dos quadros fotográficos nas imagens publicadas nos perfis *online*. Além disso, qualquer característica social e culturalmente atribuída às feminilidades são forcluídas das relações entre esses homens, caracterizando uma expulsão mais-que-violenta da afeminação masculina – tida aqui como abjeta. Alude-se, também, ao uso do *site* como possibilidade de encontro do par romântico, caracterizado pela idealização da relação afetiva entre dois homens, implicando em um modo peculiar de expor o corpo que, para a realização romântica, demanda a exposição da face em detrimento a outras partes dos corpos. Assinalam-se as correlações estreitas entre os diferentes modos de exibição dos corpos e as diferentes formas de relação que podem vir a existir entre os homens usuários do *site*. Por fim, tecem-se considerações éticas acerca das qualidades dos vínculos entre esses homens, bem como sobre a política de produção de subjetividades de homens gays que pode ser achada no Manhunt em sua forma micropolítica.

Palavras-chave: Corpo; Gênero; Sexualidade; Internet; Subjetividade.

ABSTRACT

How do bodies, genders and sexualities of gay men constitute the uses that these individuals have been doing of the online cruising website Manhunt? This is the main question of this research, and its possible answers seek to corroborate the thesis that the gay men who use the site are virtually willing to create bounds with each other. The answers are delineated throughout the chapters, and they mapped the emblematic forms of relationship established among the inhabitants of the site, having body, gender and sexuality as their articulating points. Participant observation was performed in the fieldwork, which enabled gathering 302 online profiles of 302 different users of Manhunt, and it also enabled performing 103 online interviews and 5 offline interviews. The profile and interviews excerpts were then analyzed using discourse analysis, as well as the images on the profiles, using for that visual analysis. The research participants consensually agreed to be part of it. This discussion points out to the centrality of the exposure of some bodily parts of the men who use Manhunt, specifically their abdomen, breasts and penis. The exposure of these bodily parts on the images seeks to reinforce leanness, muscle strength and virility as valued attributes in this context, something that works as a marker for the search of partners for sexual practices, strictly. The face of the bodies is usually out of frame on the profile images. Moreover, any culturally or socially characteristic linked to femininity is forcluded from the relationships among these men, indicating a more-than-violent expulsion of the male feminization – which is an abjection here. These analyses also underline the use of Manhunt as a possible way to find a romantic partner, characterized by the idealization of the affective relation between two men, which implies a peculiar way of bodily exposure, since the romantic achievement demands the exposure of the face. It is indicated close correlations between a certain way of bodily exposure and a certain way of being virtually willing to create bounds with others in the context of Manhunt. Finally, some ethical considerations are made regarding the qualities of the bounds and links among these men, as well as considerations on the politics of subjectivation of gay men that can be found micropolitically on Manhunt.

Keywords: Body; Gender; Sexuality; Internet; Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 – As campanhas de Marlboro (fonte: Google Imagens).....	32
Figura 2 – Capa do Manhunt	46
Figura 3 – Lista de “vantagens” em pagar pelo Manhunt.	47
Figura 4 – Tabela de valores dos serviços do Manhunt.	48
Figura 5 – Perfil PesquisadorDeHomens.	50
Figura 6 – Lista de perfis online no Manhunt.	52
Figura 7 – Lista de visitantes do perfil PesquisadorDeHomens	57
Figuras 8 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt (fonte: Manhunt.Net).	105
Figuras 9 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt II.....	107
Figura 10 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt III.....	108
Figura 11 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt IV.....	109
Figura 12 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt V.....	111
Figura 13 – Black Book, Foreword, Robert Mapplethorpe. 1986.....	122
Figuras 14 – Campanhas de Marlboro.....	125
Figura 15 – O totalitarismo fotogênico. (Fonte: Google Imagens).	136
Figura 16 – O Retrato de Dorian Gray. Ivan Albright, 1946 (Fonte: Flickr).	137
Figura 17 – A força feita em imagem. (Fonte: Physique Pictorial, 1997).....	145
Figura 18 – O corpo forte de homem (Fonte: Physique Pictorial, 1997)	146
Figura 19 – Selfportait, Robert Mapplethorpe. (Fonte: Flickr).	148
Figura 20 – Cazuzza, capa da revista Veja de abril de 1985. (Fonte: Google Imagens).150	
Figura 21 – Black Book, Robert Mapplethorpe, 1986.	153
Figura 22 – Um trecho do Narciso, de Caravaggio. (Fonte: Google Imagens).....	174
Figura 23 – Figure Writing Reflected in Mirror, de Francis Bacon. (Fonte: Google Imagens)	175
Figura 24 – Man in Mirror, Justin Kim. (Fonte: Google Imagens).....	176
Figura 25 – O reflexo especular do homem. (Fonte: The Little Book of Big Penis, 2012, p. 26).	177

Figura 26 – Mirror Costume, Bohyun Yoon. (Fonte: Google Imagens).	191
Figura 27 – Mister 2005, Loren Cameron. (Fonte: Google Imagens).	192
Figura 28 – O pênis de Davi. (Fonte: Google Imagens).	198
Figura 29 – Loren Cameron, Sword. (Fonte: Google Imagens).	199
Figura 30 – O homem grávido, Thomas Beatie.(Fonte: Google Imagens).	201
Figura 31 – Ilustração do conto O menino do Gouveia. (GREEN, 2000, p. 71).	214
Figura 32 – Fresca Theoria, 1904. (GREEN, 2000, p. 65).	216
Figura 33 – Antropometria dos “homossexuais”, Rio de Janeiro, 1932 (GREEN, 2000, p. 203).	219
Figura 34 – Concurso Miss traje Típico, 1963. (GREEN, 2000, p. 297).	220
Figura 35 - Ney Matogrosso nos Secos & Molhados. (Fonte: Google Imagens).	222
Figura 36 – Grupo Dzi Croquettes. (Fonte: Google Imagens).	223
Figura 37 – A Medusa de Caravaggio. (Fonte: Google Imagens).	229
Figura 38 – “Mostre a cabeça”. (Fonte: Manhunt.net).	238

SUMÁRIO

1	Capítulo Guia	13
1.1.	A “caça”, os “caçadores” e os conceitos fundamentais da tese	23
1.1.1	Poder.....	24
1.1.2.	Subjetividade	25
1.1.3.	Experiência	26
1.1.4.	Corpo	27
1.1.5.	Dispositivo de sexualidade – ou gênero e sexualidade articulados ao dispositivo	29
1.2.	Bem-vindos/as ao País de Marlboro	31
2	O território da caça	34
2.1.	“Cadastre-se hoje e comece a caça”: como, onde e quem eu pesquiso?.....	45
2.2.	Pesquisador <i>versus</i> pesquisado – posições desconfortáveis	58
2.3.	Implicações do método ou estratégia do consenso	68
2.4.	O território que importa	80
2.5.	Terror no território	92
2.6.	Dispositivo tecnológico	99
3	Mercado da Carne: os caçadores de corpos	121
3.1.	Preâmbulo – a relevância das imagens dentro do Manhunt.....	125
3.2.	Retratos de Dorian Gray do nosso tempo	130
3.3.	Uma breve história de um corpo-que-importa.....	142
3.4.	Corpo-curriculum.....	156
3.5.	Neocartesianismo.....	163
4	Olhando o gênero que nos olha	171
4.1.	Os meninos – o Rosto de gênero.	174
4.2.	Corpos do avesso I – a presença através da “falta”	191

4.3.	Corpos do avesso II – a feminilidade inscrita nos corpos.....	213
5	Agência Matrimonial: os caçadores de marido ou o <i>Anticapítulo</i>	229
5.2.	Da gramática deste <i>Anticapítulo</i>	233
5.3.	A face que importa I – dentro e fora do armário.....	236
5.4.	Vestido para matar/casar: o noivinho-Medusa mata/casa com o marido-sob-encomenda	245
5.5.	Sozinho no altar	253
5.6.	Vida após o funeral e após a petrificação	260
5.7.	A amizade como a corda-bamba no País de Marlboro	270
5.8.	A face que importa II – “Não matarás”	282
6	Capítulo Ômega – Duas retomadas ou o que coube na tese	291
6.1.	Retomadas críticas – o pequeno espaço entre um tijolo e outro.....	291
6.2.	Retomadas pós-críticas – no meio de dois fiapos de nuvem	298
7	Referências	305
	Anexo I – Roteiro semi-estruturado de perguntas para as entrevistas <i>online</i> e <i>off-line</i>	319
	Anexo II – Termos de Acesso e Uso do Manhunt (documento disponível apenas em inglês).....	320

1 Capítulo Guia

Nós perguntamos: *como os corpos, os gêneros e as sexualidades de homens gays constituem os usos que esses indivíduos vêm fazendo do site de relacionamento Manhunt?* As respostas a essa pergunta serão delineadas nos capítulos a seguir, que se ocuparão em analisar as diferentes maneiras com que os indivíduos habitam esse *site* de relacionamento específico, bem como os diferentes modos com que seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades participam disso. Essa pergunta principal será desdobrada em perguntas específicas que abrirão os capítulos que seguem, cujas respostas servirão para a organização das seções dos capítulos. Assim, este texto mapeia as práticas postas em ação por homens nos usos que eles fazem de um *site* de relacionamento *online* voltado especificamente para gays no tempo presente e que envolvem diferentes significações dos corpos, dos gêneros e das sexualidades.

Particularmente, eu tenho uma tese que precede à pergunta recém formulada, tese que pretendo sustentar ao longo da argumentação: *os homens que habitam o site Manhunt estão virtualmente dispostos a criar vínculos, a estabelecer relações e a estar juntos uns dos outros*. Nesse sentido, transformo em tese o *insight* de Michel Foucault: “Tão longe quanto me lembro, ter desejo por rapazes era ter vontade de ter relações com rapazes” (FOUCAULT, 2010a, p. 349). Insistirei ao longo de todo o trabalho que existe uma disponibilidade virtual, coletiva e singular, por parte desses homens para se abrirem uns aos outros e para coexistirem neste e em outros espaços – e dessa disponibilidade virtual para o vínculo participam ativamente as significações dadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades.

A palavra “virtual” aqui alude à realidade que ainda não tomou concretude através de ações, mas que já circunda e espreita essas próprias ações: “*O virtual possui uma plena realidade como virtual (...)*. O virtual deve ser definido como uma parte própria do objeto real” (DELEUZE, 2006, p. 294, grifo do autor). Por virtual se compreende “o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto” (LÉVY, 1996, p. 16), nó de forças que acompanha as próprias relações virtualmente presentes no *site* Manhunt, prontas para serem postas em ação pelos homens que lá habitam. Da mesma forma com que a

“árvore está virtualmente presente na semente” (op. cit., p. 15), pois “o virtual existe em potência, não em ato” (op. cit.), eu pretendo sustentar a tese de que há uma disposição potencial por parte dos indivíduos que compõem esta pesquisa de se relacionarem uns com os outros. Para existir dentro desse *site*, é preciso construir um perfil *online* com fotografias e textos, conforme explicarei no próximo capítulo, e nesse perfil *online* há um conjunto de elementos que indicam as formas das relações e dos vínculos que podem vir a acontecer os indivíduos. Tais relações e vínculos são algo que existe em potência, como algo que existe em uma semente – e não é certo que há árvores crescendo aqui. Só faz sentido analisar os diferentes modos com que esses homens efetivamente usam e habitam o Manhunt se tal uso e tal habitação tiver um propósito, um objetivo, que não é nem inconsciente nem latente, tampouco é estritamente intencional. Esse propósito em usar o *site* pode bem existir em sua forma virtual e em estado de potência, referindo-se a algo como um *a priori* histórico no sentido que Foucault lhe dá (2012a): algo que é histórico precisamente porque não escapa à historicidade, algo que “não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma estrutura intemporal”, mas que se apresenta “ele próprio [como] um conjunto transformável” (op. cit., p. 156). É nesse sentido que a tarefa aqui é de investigar as formas com que essa disponibilidade para criar vínculos passa de um nó de tendências para um conjunto de práticas, formas essas que estão circunscritas às possibilidades históricas da nossa contemporaneidade.

Nesse momento, escolho trazer breves trechos de entrevistas feitas *online*, através da internet¹, com cinco diferentes entrevistados no sentido de compor a tese de que esses homens habitantes do *site* Manhunt estão virtualmente dispostos a criar vínculos uns com os outros. Um dos homens entrevistados nesta pesquisa, quando perguntado sobre as razões pelas quais usava o Manhunt, respondeu que o fazia, sobretudo, para “paquerar”, conhecer outros homens para práticas sexuais e relacionamentos afetivos, e ainda sugeriu o seguinte: “Mas eu encontrei gente ali que às vezes não era tão seguro da própria sexualidade pra ir a uma boate gay. E usava o Manhunt pra encontrar outros gays e socializar”. Por sua vez, outro entrevistado disse que foi através da internet que começou a conhecer outros homens gays e, partir daí, formar um grupo: “Isso de socialização, de pertencer a um grupo, foi mais pela internet.

¹ No próximo capítulo, aprofundarei os aspectos metodológicos da pesquisa e explicarei como as entrevistas *online* foram conduzidas.

Até por eu morar em uma cidade do interior, família católica, então não havia espaço pra isso na adolescência a não ser a internet”. Outro homem enfatizou: “é muito restrito o meu universo para conhecer outros caras pra sair casualmente ou namorar”, sendo que, por esse motivo, ele utiliza os recursos da internet para conhecer outros homens, especialmente os *sites* de relacionamento, porque não frequenta os demais espaços tradicionais de sociabilidade gay (bares, boates, saunas). Na mesma direção, quando fiz a seguinte pergunta para outro entrevistado, “Quando tu começou a conhecer outros caras, isso foi antes da internet surgir?”, ele respondeu: “Por minha timidez adolescente, não consegui conhecer e sair com homens antes desse ‘milagre moderno’ [risos]. Todos os meus envolvimento partiram daqui [da internet]. Acredito que a internet ajudou muito os tímidos (...) Sociabilizar nem sempre é fácil”. Por último, um homem disse o seguinte durante a entrevista *online*: “Tirando os lindos que conseguem arrumar namorado no posto de gasolina, o resto está, todo mundo, mais ou menos no mesmo barco”, e eu perguntei, “Qual é esse barco?”, ele respondeu, “Do tentar, tentar, tentar, em todo e qualquer tipo de mídia”. Ao que parece, então, o Manhunt acaba se inserindo dentro de um repertório amplo de espaços e tecnologias que visam ao oferecimento de oportunidades de encontro entre homens que desejam sexual e afetivamente outros homens. Supostamente, estão todos tentando, tentando, tentando – e a repetição aqui é alusiva à intensidade da disponibilidade virtual para o vínculo a que esses homens estão dispostos a construir uns com os outros.

As palavras “socializar” e “socialização” aparecem recorrentemente nesses trechos de entrevista. De acordo com o Dicionário Houaiss, a palavra “socializar” pode significar “tornar sociável; (...) *adaptar-se à convivência normal com as pessoas*” e, no sentido figurado, significa “*dividir com todos*” (HOUAISS, 2008, p. 695, grifos nossos). Ainda segundo o Dicionário, a palavra “socializar” está relacionada à “socialização”. Não há entrada no Dicionário relativa às palavras “sociabilizar” e “sociabilidade”; entretanto, “sociabilidade” aparece como palavra relacionada à “sociável”, que é definida da seguinte maneira: “*aberto ao convívio social; afável; passível de associação*” (op. cit., grifos nossos). Eu gostaria que se mantivessem presentes, ao longo de todo o trabalho, as aceções grifadas nas citações anteriores, pois elas vêm ao encontro da tese que sustento aqui e, além disso, se encaixam nas falas dos entrevistados que trouxe no parágrafo anterior. Parafraseando meus entrevistados, substituindo os significados das palavras que eles usaram em suas entrevistas: “... e

usava o Manhunt para encontrar outros gays e *adaptar-se à convivência normal com as pessoas...*”; “... isso de *estar aberto ao convívio social*, de pertencer a um grupo, foi mais pela internet...”; “... *estar passível de associação* nem sempre é fácil...”. É nessa direção, portanto, que eu gostaria que as análises que desenvolvo nos próximos capítulos fossem tomadas.

André Lemos (2004) aponta que uma das características mais marcantes da infiltração das tecnologias de comunicação no nosso cotidiano, entre elas, sobretudo, a internet, é a “agregação social” (p. 16), a “efervescência social” (p. 81). Isto é, essas tecnologias são vetores que podem contribuir para a formação de grupos de indivíduos constituídos por relações tais que não existiam outrora. O autor se baseia principalmente nas proposições de Michel Maffesoli acerca da “socialidade” que, segundo eles, caracterizaria em grande parte os modos como os indivíduos fazem uso das possibilidades técnicas da internet. Para Maffesoli, a “socialidade” difere da “sociabilidade” porque esta pressupõe um já dado conjunto de regras que definem aquilo que deve ser feito para que os indivíduos possam participar de um grupo, ao passo que aquela seria marcada por encontros ocasionais, festivos, empáticos, em que os indivíduos partilhariam momentos em comum de forma fluída (cf. LEMOS, 2004, p. 21). Essa “socialidade”, para Maffesoli, é marcada pelo “*être-ensemble*”, pela “vontade de estar-junto” (MAFFESOLI, 2005, p. 31), que se caracteriza pela “conjunção de elementos sensuais: valorização da aparência, importância do hedonismo, desenvolvimento festivo (...), coisas que só fazem sentido pela presença do outro, pela presença diante do outro” (op. cit., p. 19), ou ainda, “um processo de participação simbólica e a busca de uma interação profunda entre os indivíduos” (op. cit., p. 40).

Tal “interação profunda entre os indivíduos”, porém, acontece em meio a tensões e disputas no interior do Manhunt. É precisamente a análise das formas com que se dão as tensões e as disputas entre os homens habitantes do *site* na direção de “estarem abertos ao convívio social”, ou de “estarem passíveis de associação” uns com os outros, ou, ainda, de tentarem “adaptar-se ao convívio normal” desse contexto que sugiro as seguintes perguntas (derivadas daquela primeira que abre este trabalho): como se dá a abertura para o convívio social dentro do *site* de relacionamentos Manhunt? Como os homens habitantes do *site* se mostram passíveis de associação uns com os outros no âmbito desse espaço? Quais as categorias de vínculos mais recorrentes a que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos a criar uns com os outros? Sempre sublinhando o

elemento de disputa e de tensão que estão aí em jogo, o que se segue é um exercício analítico que busca mapear as possíveis respostas a essas perguntas no sentido de corroborar a tese de que há uma disponibilidade virtual de estar junto com o(s) outro(s), que constitui a coexistência desses homens *online*.

As relações também existem em ato, ou seja, elas chegam a existir enquanto práticas concretas entre os homens habitantes do Manhunt. É a este propósito que o *site* se dá: de ser um espaço que propicie a concretização de relações e vínculos entre os indivíduos, e é daí que advém a expressão “*site* de relacionamento”. Tais relações podem ser constituídas tanto pelas práticas sexuais casuais e anônimas com o maior número de parceiros possível, tanto pelo desejo de encontrar um único parceiro para a materialização do ideal de amor romântico, quanto pela vontade de fazer surgir amizades entre os indivíduos que habitam o Manhunt – entre outras, talvez. As formas que essas relações vão adquirir são dependentes de uma série de possibilidades e impedimentos, são dependentes de um nó de forças que constitui as próprias relações.

Assim, sublinhem-se as expressões *vínculo, relação, coexistência, o(s) outro(s), estar junto de e estar junto com* porque elas são imprescindíveis para entender as formas com que os homens participantes desta pesquisa habitam o espaço do Manhunt. Aí os corpos, os gêneros (masculinidade e feminilidade), as sexualidades serão instrumento e condição para a constituição dos vínculos, das relações, das coexistências, do estar junto de e com o(s) outro(s) indivíduos. Porém, tais relações só vão emergir em um regime de violenta divisão e hierarquização entre os homens habitantes do *site*. Será também através dos corpos, dos gêneros e das sexualidades que alguns vínculos, relações e coexistências serão apagadas ou negadas. Há uma profunda ambivalência nisto a que dou o nome de disponibilidade virtual para a criação de vínculos entre esses homens: eles estão abertos para o(s) outro(s), mas não para qualquer outro. O(s) outro(s) que será visto, que será mostrado, que será viável para o vínculo e para a relação é o homem masculino, “macho”, discreto em relação à sua sexualidade não heterossexual, magro e preferentemente musculoso, que tem entre vinte e vinte e nove anos e que é branco. Tudo aquilo e todos aqueles que escapam desse alvo específico são violentamente forcluídos², e tal forclusão cria um vazio imenso no seio mesmo da

² O conceito de forclusão será introduzido no capítulo 4, *Olhando o gênero que nos olha*. Aqui é importante de mencionar que tal conceito se refere à expulsão mais do que violenta daquilo e daqueles considerados abjetos (BUTLER, 1993; 2007).

minha tese – de que esses homens estão potencialmente dispostos a estar juntos uns com os outros.

Mas, então, por que continuar a escrever uma tese se na segunda página do trabalho eu já tenho uma conclusão? E o que é mais tenso: do que adianta continuar escrevendo se tal conclusão se contrapõe à minha tese? Eu indico o seguinte: foi durante o trabalho de campo; ao arquivar perfis *online* de diversos homens no *site* Manhunt; foi ao transcrever um a um os textos escritos que constam nesses perfis e que foram criados para ser uma apresentação pessoal desses homens; foi ao transcrever as entrevistas que compõem parte dos dados desta tese que percebi a ambivalência das formas que os “relacionamentos” entre os homens que habitam Manhunt adquirem. Por ambivalência eu assinalo um deslize, uma contradição, a ambiguidade do significado de algo que agora pode ser uma coisa, mas que também depois, ou ao mesmo tempo, pode ser outra.

A título de exemplo aqui, trago dois trechos de perfis *online* que retomarei nos capítulos que seguem. No primeiro, um homem habitante do Manhunt escreve: “Mais uma tentativa, amigos! [Estou] deixando rolar...”, o que pode ser o anúncio exatamente de uma disponibilidade até amigável para relacionar-se com os demais homens que coexistem com ele no espaço do *site*, aludindo a um certo movimento (ele está “deixando rolar” o que pode acontecer) e a uma suposta leveza (só “deixa rolar” quem é leve). Entretanto, ele continua escrevendo em seu perfil o seguinte texto: “O Homem que transa com outro Homem NÃO PRECISA: – Falar manhoso. – Vestir saias. – Usar calcinhas. – Usar baton. – Requebrar feito uma mulher no cio. – Expor sua opção sexual. – Levantar bandeiras separatistas. – Achar que o mundo é GAY. – Nem achar que o mundo é HETERO. – Abrir as pernas pra todo mundo. – Dizer que mulher não presta. – Perguntar qual o tamanho do pau do outro”.

O segundo escreve o seguinte: “Não procuro nada... Não curto gordos... Nem gordinhos... e não to a fim de ficar com gente casada. E se não aceita um ‘NÃO’ possível resposta, NÃO entre em contato”. Traíçoeiros: esses homens constituem suas disponibilidades para a criação de vínculos a partir de uma lista de negações, de exclusões, cujos parâmetros são diferentes significações de corpo, gênero e sexualidade. Eles nomeiam o que um Homem, com H maiúsculo, NÃO PRECISA fazer, nem ser, em letras garrafais: uma listagem que obedece ao princípio do Grande Não. Esses homens dizem o que querem ou o que buscam estando no Manhunt precisamente através de uma

distribuição dos limites daquilo e daqueles que eles não querem. Eu diria mais: a Mulher, com M maiúsculo, é o sujeito da grande recusa, da grande interdição, da grande censura através da qual aquele primeiro homem que aqui eu trouxe pratica a expulsão em seu texto.

A ambivalência com a qual me deparei durante a produção dos dados pode ser exemplificada através desses textos. E tal ambivalência se traduz, portanto, na disposição potencial dos homens habitantes do Manhunt para criação de relações com algum(ns) outro(s) homens que é, também e ao mesmo tempo, uma violenta expulsão e apagamento de vários outros; uma disponibilidade virtual dos homens habitantes deste *site* de relacionamentos para estar junto de algum(ns) outro(s) homens que é, também e simultaneamente, uma forclusão reiterada de vários outros.

Pois se há uma ambivalência nas formas como se dá a criação de vínculos entre os homens habitantes do Manhunt, eu posso querer apostar em algum dos significados deslizantes dessa ambiguidade – eis o primeiro “queres” do pesquisador, como sugere a epígrafe deste trabalho. Eu posso torcer a ambivalência para fazer aparecer a sua potência produtiva. É o que sugere outro homem habitante do Manhunt que escreve em seu perfil o seguinte: “Tempos vazios. Quero companhia...”; isto é, o vazio não é o fim das relações, mas é o que produtivamente nos abre e nos impulsiona para elas; o vazio não é a morte do vínculo, mas o trampolim para o vínculo. Talvez o vazio seja um produto da morte do vínculo, algo tão recorrentemente assinalado por alguns autores contemporâneos (BAUMAN, 2005), algo que soa como uma obsessão espiralada de níveis de solidão individual e busca desenfreada pelo(s) outro(s). Eu não quero apostar nisso. Pouco adiantaria dizer que formas tão severas de delimitação dos vínculos entre os indivíduos, como aquela recém trazida na longa listagem de “nãos” de um dos homens usuários do Manhunt, produzem um vazio nas relações pelo *site*. Eu não discordo dessa proposição, mas não acredito que ela seja suficiente para as análises que eu pretendo empreender ao longo deste trabalho. Ao contrário, talvez seja possível dizer que há homens que habitam o *site* de relacionamentos Manhunt, e que talvez também habitem outros espaços além desse (apostando em “todo o tipo de mídia”, como sugeri um dos meus entrevistados), precisamente para combater e desfazer isto que se chama de “vazio dos tempos”. Estar *online* no *site* Manhunt, e talvez também em outros *sites* da internet, e talvez também em outros espaços fora da internet onde é possível estar junto com outras pessoas, pode ser um dos modos de lidar com o chamado “vazio dos

tempos”, colocando-se contra esse presumido vazio, lutando contra ele – e as palavras “combate” e “luta” são propositais aqui, pois aludem a relações de disputa e de enfrentamento que procurarei analisar em cada um dos capítulos subsequentes.

Na pesquisa para a monografia de final de curso em Comunicação Social que realizei (ZAGO, 2006), dois participantes de pesquisa foram entrevistados dentro de uma sala de bate-papo para homens gays na internet e falaram o seguinte sobre as razões que os faziam estar ali *online*:

Pesquis@dor fala com MACHOxMACHOpoa26 (21:27:35) [horário]: e o que tu faz perdido nessa noite fria por aqui?

MACHOxMACHOpoa26 fala com Pesquis@dor (21:29:16): tentando me manter aquecido com minhas crenças para não desanimar... e tu?

Pesquis@dor fala com MACHOxMACHOpoa26 (21:29:58): bah... entrei pra ver qual eras, sem nada pra fazer (...) mas tu tá desanimado?

MACHOxMACHOpoa26 fala com Pesquis@dor (21:31:03): desanimado com a dificuldade de encontrar alguém legal... umas duas vezes na semana entro nisso aqui para ver o que acontece, mas cada vez só faz ficar pior o desânimo, de tanto ser estranho que aparece aqui...

(op. cit., p. 82-83)

Pesquis@dor fala com 40tinhaSaradoPoaCAM (20:38:34): entra muito no chat³?

40tinhaSaradoPoaCAM fala com Pesquis@dor (20:39:42): Entro umas três vezes por semana, é garantido. (...) Esse negócio vicia cara! ... Risos... (...) Quando tô sem fazer nada a primeira coisa que penso é... “vou bater um papinho no chat”! Às vezes tenho que segurar a onda, me policiar e fazer outras coisas mais interessantes.

(op. cit., p. 113-114)

O “desânimo” mencionado pelo primeiro participante daquela pesquisa pode facilmente ser vizinho do “vazio dos tempos”; não obstante, lá estava ele *online* nas salas de bate-papo pelo menos duas vezes por semana para manter-se “aquecido em suas crenças para não desanimar”. Aqui se pode entrever certa tautologia: esse homem

³ “Chat”, do Inglês, significa “conversa informal”. No Brasil, “Chat” é o mesmo que sala de bate-papo *online*.

fica *online* para manter-se aquecido em suas crenças e não desanimar, e o fato de ficar *online* produz mais desânimo porque, segundo ele, há muitos “seres estranhos” naquele espaço *online*. O segundo participante menciona certo “vício” no qual pode se constituir a recorrência à internet como espaço para criar relações com outros indivíduos, formulação provavelmente derivada da tautologia do desânimo que produz mais desânimo, do vazio que produz mais vazio. Podemos nos perguntar de que “crenças” o primeiro participante fala, o que constitui o “desânimo” que ele menciona e quem são os “seres estranhos” que fazem piorar esse desânimo. Não pretendo responder isso tudo aqui, mas por ora gostaria de derivar um elemento a partir desses trechos: seja para manter aquecidas suas crenças pessoais, seja para satisfazer um vício, minhas pesquisas anteriores já mostravam como esses homens recorrem às possibilidades oferecidas pela internet para aí coexistirem com outros indivíduos.

E assim eu posso sugerir a inversão da constatação de que “esses homens estão abertos para o(s) outro(s), mas não para qualquer outro”, e dizer que eles podem não estar abertos para qualquer outro, mas ainda sim estão abertos. Eu posso sugerir a análise das diferentes formas com que tal abertura se dá, e para quais diferentes outros ela se dá, e como ela se materializa nas diferentes formas de habitação do Manhunt. Eu posso também sugerir que a prática de exclusão violenta, que a forclusão de alguns homens que não serão elegíveis ou viáveis para os vínculos é, ela própria, um vínculo, uma relação em si mesma. Eu posso sugerir que a menção ou a listagem daquilo ou daqueles com quem não se quer criar vínculos, daqueles que ficam exteriores à elegibilidade para estar junto, posiciona-os como “o exterior constitutivo” (BUTLER, 2007, p. 155) das relações, como uma exterioridade que dá condições de emergência para os vínculos. Cria-se, assim, uma série de vínculos e de relações precisamente através do repúdio e da interdição daquilo e daqueles com quem supostamente não se manterão vínculos nem relações. E, no coração mesmo da violenta expulsão, a minha “bruta flor do querer”, como indica a letra de música da epígrafe deste trabalho, faz cintilar novamente a minha tese: *os homens que habitam o espaço do site Manhunt estão virtualmente dispostos a criar vínculos, a estabelecer relações e a estar juntos uns dos outros inclusive através do repúdio.*

“Vamos encarar. Nós somos desfeitos/as pelo/a outro/a. E se não somos, estamos perdendo algo” (BUTLER, 2004, p. 19): evocar o(s) outro(s), através de sua presença e através de sua expulsão, é posicionar o(s) outro(s) em uma proximidade

constituente. A interdição e a censura de alguns homens em relação a alguns outros, algo que eu encontrei durante a organização dos dados desta pesquisa, tornam-se modos possíveis de vínculo entre eles. O Grande Não exemplificado na longa listagem publicada em um perfil *online* que eu trouxe anteriormente, listagem que usa a negação como ferramenta para a circunscrição daqueles que não são considerados aptos para a concretização da disponibilidade virtual para o vínculo, aquele Grande Não está presente também em outros perfis e apareceu em várias entrevistas que fiz com homens habitantes do Manhunt. O Grande Não é em si mesmo uma forma de relação.

Mas não é somente porque existem, por parte de alguns homens habitantes do Manhunt, violentas formas de separação entre aqueles que serão viáveis para as relações e aqueles que serão inelegíveis para o vínculo, que eu deveria facilmente aceitar o Grande Não: aceitar tranquilamente que há a interdição de algumas relações, a forclusão de alguns indivíduos, o silenciamento de algumas vozes e a invisibilidade de alguns corpos. Aceitar isso seria tomar o Grande Não como algo dado; deixar de problematizar o Grande Não seria uma maneira de preservar sua força. A viabilidade para a concretização da disponibilidade virtual para a criação de vínculos só se dá através da interdição, da forclusão, do silenciamento e da invisibilidade – que são, eles próprios, formas de relação. Por isso, a tese que aqui apresento surgiu a partir da recusa dessa hipótese que se caracteriza pela problematização do Grande Não que observei durante a organização dos dados de pesquisa. A coexistência desses homens dentro do Manhunt é a própria condição para a desfeitura, para a dissolução do Grande Não como que em um processo de erosão catalisado pela presença do(s) outro(s).

Não se deve fazer a divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar (...). Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2012b, p. 33-34).

Há uma positividade na tese de que os homens participantes desta pesquisa estão *a priori* dispostos a estarem juntos e coexistir, positividade essa que procura conjurar o Grande Não, o “desânimo” e o “vício” que o lugar comum pode atribuir às relações que acontecem na e a partir da internet. E por “positividade” eu não quero dizer “virtude”, “qualidade admirável”, “condição benfazeja”. Com “positividade” eu enfatizo a “produtividade” dessa pressuposição, de que os homens participantes desta pesquisa estão abertos e disponíveis uns para os outros reciprocamente. Esse estado virtual e

potencial de disponibilidade para estar juntos é produtivo para os homens que aqui aparecem.

O sujeito plural na terceira pessoa “nós” que abre este texto se pretende lacunar, aberto e em experimentação. É como se os participantes de pesquisa fizessem junto comigo essa mesma pergunta, como se eles também quisessem investigar as formas com que eles próprios usam e habitam o espaço do Manhunt. Por eu mesmo ser um homem que usa *sites* de relacionamento para conhecer outros homens desde os treze anos de idade, e por eu mesmo ser um habitante do Manhunt de longa data, acredito que a pergunta principal desta pesquisa, além de ser minha própria, pode também ser a pergunta de muitos outros.

1.1. A “caça”, os “caçadores” e os conceitos fundamentais da tese

Este primeiro capítulo é pensado como sendo um capítulo introdutório em que os conceitos fundamentais das análises são apresentados em blocos separados. Os conceitos principais são três: corpo, gênero e sexualidade. Eles serão retomados e desdobrados em cada um dos capítulos que se seguem. Há quatro outros conceitos articuladores desses três principais, que funcionam como ponte entre os conceitos centrais e como “pano de fundo” das análises: dispositivo (de sexualidade), poder, subjetividade e experiência. É por essa razão que o título deste capítulo alude a um “guia”, uma “bússola” ou a um *Global Positioning System* (GPS, Sistema de Posicionamento Global): ele oferece os conceitos principais da tese que dão condições para as análises nos demais capítulos.

Prestemos atenção ao nome do *site*: Manhunt. “*Man*” e “*hunt*”, traduzindo, “homem” e “caça”, em Inglês. O *site* Manhunt é um lugar de “caça para os homens” ou de “caça aos homens”, “caça de homens para homens”. A palavra “caça” tem um sentido fundamental para entendermos os modos com que os vínculos se criam dentro e através do *site*, e é por isso que ela aparece nos títulos de todos os capítulos. O ato de caça pode ser entendido como um jogo complexo de relações de poder que institui os lugares, ou os sujeitos, de “caça” e de “caçador”. Entre eles há uma série de relações táticas, relações estratégicas, uma série de ferramentas e de armas: por parte da “caça”, cabe esgueirar-se, despistar e fugir; por parte do “caçador”, cabe seguir, perseguir acertar o alvo. A “caça” e o “caçador” são móveis. A “caça” e o “caçador” podem existir em grupos, em bandos. Às vezes não é o objetivo final do “caçador” o de matar a

“caça” e arrastá-la para casa, cortar-lhe a cabeça, empalhá-la e pendurá-la na parede de sua sala, assim como às vezes não é também o único objetivo da “caça” escapar do “caçador”. Pode haver entre eles uma relação de estimulação e provocação recíproca, como que um esteja testando as estratégias do outro, pois é a própria dinâmica do embate entre eles o objetivo final da relação. A relação tem por objetivo ela mesma: manter-se como disputa, como que em um jogo. Aqui jogo se refere a “um conjunto de procedimentos que conduzem a um resultado, que pode ser considerado, em função de seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda” (FOUCAULT, 2006a, p. 282). Mas esse é um jogo desde sempre agonístico, ou seja, estabelecido em uma relação “que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta (...) uma provocação permanente” (FOUCAULT, 2010b, p. 290).

Essa série de procedimentos entre “caça” e “caçador” faz parte dos vínculos e das relações criadas dentro do espaço do Manhunt. E há aqui um elemento complicador: todos os homens habitantes do Manhunt são “caça” e “caçadores” ao mesmo tempo – uns mais “caça”, outros mais “caçadores”, mas todos participam desse jogo estratégico e agonístico modulando e alternando as posições de “caça” e de “caçadores”. Seja através dos seus textos escritos, das fotografias de seus corpos, das condições que os levam a habitar o espaço do Manhunt, as posições de “caça” e de “caçador” se sobrepõem. Vou procurar esclarecer essa dimensão, sobretudo, nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos* e *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*.

1.1.1 Poder

O conceito de poder que aqui uso é um poder produtivo, muito mais que proibitivo, que nos produz enquanto sujeitos. Poder: “nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2012b, p. 103). O poder é tido

como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça e inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação de lei, nas hegemonias sociais. (op. cit., p. 102-103)

É nesse sentido que “o poder não tem homogeneidade; define-se por sua singularidade, pelos pontos singulares por onde passa” (DELEUZE, 2005, p. 35). Daí que o poder não está em um lugar, como nos aparelhos estatais, mas se lá se manifesta é

porque está cristalizado institucionalmente – e assim refuta-se o postulado da localização do poder (DELEUZE, 2005, p. 35); tampouco é propriedade de um grupo ou de uma classe, mas se aí tem um de seus pontos é porque lhe serve de apoio – e assim refuta-se o postulado da propriedade (op. cit., p. 34). Tampouco o poder seria dependente de uma infraestrutura econômica, mas se ela lhe dá corpo é porque o poder forma nela uma miríade de “segmentos que se articulam uns sobre os outros” (op. cit., p. 37) – contrariando o postulado da subordinação (op. cit., p. 36); nem o poder é capaz de fornecer uma identidade e fixar nela aqueles que supostamente o detém (os dominantes) ao mesmo tempo fixar a identidade daqueles que não o detém (os dominados) – “o poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação”, contrariando o postulado da essência (op. cit.). Nem se trata de tomar o poder como lei: “a lei é sempre uma composição de ilegalismos. (...) A lei é uma gestão dos ilegalismos” (op. cit., p. 39), posto que serve de pauta para a ruptura e para a transgressão, produzindo zonas possíveis fora dela própria. Finalmente, o poder não age por ideologia.

Um poder não procede por ideologia, mesmo quando se aplica sobre as almas; ele não opera necessariamente através da violência e da repressão quando se dirige aos corpos. Ou melhor, a violência realmente exprime o efeito de uma força sobre *qualquer coisa*, objeto ou ser. Mas ela não exprime a relação de poder, isto é, *a relação da força com a força*, “uma ação sobre a ação”. Uma relação de forças é uma função do tipo “incitar, suscitar, combinar...”. (...) O poder “produz realidade”, antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou mascarar (op. cit., p. 38, grifos do autor).

1.1.2. Subjetividade

Se o poder produz, o principal produto de suas relações é a subjetividade. Aqui, subjetividade não pode ser apenas tomada como realidade psíquica interna e individual de uma pessoa. Ela pode ser também isto, mas não apenas isto. O conceito de subjetividade surge exatamente para se contrapor ao de identidade:

A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social. Descartes quis colar a ideia de subjetividade consciente à ideia de indivíduo (colar a existência subjetiva à existência do indivíduo), e estamos nos envenenando com essa equação ao longo de toda a história da filosofia moderna (GUATTARI & ROLNIK, 2010, p. 40).

Subjetividade não pode ser entendida como “a intimidade particular de cada um” que acaba se tornando “a última fortaleza e prisão da singularidade” (FONSECA &

COSTA, 2012, p. 220). Este conceito sequer deveria aparecer como um substantivo; ele deveria ser verbo: “subjeter” (op. cit., p. 219). Porque “subjeter” é um movimento de produção coletiva, social, cultural, política: são as combinações, os agenciamentos, as articulações as relações fundamentalmente sociais que forjam isto a que dou o nome de “eu”. “Subjeter” só acontece na presença e na relação com o(s) outro(s), com uma alteridade radical: aquele que não sou eu, que eu jamais poderei ser, e que jamais poderá ser eu. “Subjeter” supõe sempre uma produção, uma feitura na e através de relações com o(s) outro(s) – em que este(s) outro(s) pode ser outro corpo, outro indivíduo, uma máquina, uma paisagem, e prescinde de qualquer essência interior e fundante (GUATTARI, 1993). “Não tendo o suporte de estruturas identitárias, psicológicas ou sociais, nos vemos sempre confrontados com o estranho” (FONSECA & COSTA, 2012, p. 221). Do confronto com o estranho, ou do vínculo que estabelecemos com o(s) outro(s) jamais saímos iguais a antes. Porque este encontro ou vínculo supõe uma bifurcação, uma mudança de caminho ou de rota: a produção de subjetividade, ou a subjetivação se produz precisamente nesta mudança, nesta diferença que somente a relação com o(s) outro(s), esta alteridade radical, pode possibilitar.

A subjetividade pode ser pensada como tendo uma “natureza industrial, maquina, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI & ROLNIK, 2010, p. 33) – e a linguagem capitalística não é mera coincidência. Segundo, subjetividade não é um objeto que se tem, ou algo que se adquire de uma vez por todas – e que se vai trocando com o tempo: a subjetividade passa e atravessa, de-forma a forma-sujeito, recicla isso que chamamos de “consciência” e causa efeito de substância. Subjetividade, portanto, não é o “eu”; antes, o “eu” é que é produto de subjetivações.

1.1.3. Experiência

O encontro com o(s) outro(s), as relações ou os vínculos que posso constituir com o(s) outro(s) podem ser experiências. “Não são os indivíduos que possuem experiência, mas sujeitos que são constituídos por meio da experiência” (SCOTT, 1991, p. 779).

Daí que experiência, da mesma forma com que subjetividade, não é substantivo, não é algo designável com artigo definido, não é algo que se tem; experiência, talvez, também pode ser verbo, aquilo que menciona movimento ou assinala ruptura, algo que

faz passar vida ou que sugere uma guinada, uma virada para outra vida. “Experenciar”, “experimentar”. Experiência não é algo que se possui, mas talvez algo que se faz – espero que experiência esteja do lado da performatividade (BUTLER, 2008a), e não do lado da representação. Desse modo, ela não é algo transferível ou comunicável, experiência não é objeto: experiência talvez seja produção de vida, aquilo que catalisa e provoca a produção de vida, aquilo que faz produzir vida (que produz dúvida, receio, curiosidade, memórias, reflexões) em mim e nos/as outros/as, em nós todos/as. É por isso que não se pode contar uma experiência ou descrever uma experiência: ao narrá-la ou ao escrever sobre ela, produzimos outras experiências em quem nos ouve ou em quem nos lê.

É nesse sentido que experiência pode perfeitamente ser “a exploração do Fora” (CHAUÍ, 2002), o movimento que nos leva para fora, que nos desloca, que nos abre e nos expõe, que nos transforma em relação àquilo que éramos. Daí que experiência se liga pelo menos a duas outras grandezas ou conceitos: o tempo (éramos uns antes da experiência e tornamo-nos outros depois dela [experiência corta a linearidade evolucionista do sujeito, lhe impõe digressões na sua própria história ou naquelas que são suas memórias]: eu-antes e eu-agora) e a verdade (experiência interroga os jogos de verdade a partir dos quais construímos a vida, provoca dúvidas acerca de certezas a respeito de quem somos ou a respeito de quem acreditamos que os/as outros/as são [corrói ídolos, destrona reis, rasga representações e recusa significantes], daí que experiência bem pode flertar com a iconoclastia). Não se pode deixar de mencionar que experiência se avizinha do choque (BENJAMIN, 1993), porque, sim, ela produz sustos, espantos: experiência desterritorializa o sujeito como ele/a é (DELEUZE & GUATTARI, 2007a, p. 179). Experiência faz brotar vida que difere, vida diferente, vida diferenciada – pra não dizer que “faz nascer vida nova”, embora para a tradição judaico-cristã esta última menção a respeito de experiência seja bastante reconfortante. Todavia, “conforto” é algo do qual a experiência se distancia.

1.1.4. Corpo

Experimentar uma experiência tem muito a ver com corpo. Mas somente se por corpo entendermos o seguinte: “Um corpo não é apenas um corpo”, um amontado de carne, mas “é também seu entorno (...). Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se

atribuem” (GOELLNER, 2005, p. 29). É preciso considerar que esses corpos, assim como todos os outros, são história. Mais que dizer que os corpos têm história, é preciso mostrar que eles *carregam história* ao mesmo tempo em que escrevem outras ainda porvir: “o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 1984, p. 22). Como os corpos se fazem como marcas e o que nos fazem ver? Aos nos perguntarmos sobre isso, torna-se potente pensar que “sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo com que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros” (op. cit.). Ou seja, que possamos perseguir na superfície de suas peles as condições que os fazem chegar até aqui da maneira com que chegam, não só com suas marcas vistas a olho nu, mas com o volume denso com que ocupam o campo de visão e com as palavras que lhe fazem as vezes de legenda.

Pensamos em todo o caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; *ele cria resistências*. (...) nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles (op. cit., p. 27, grifos nossos).

E justamente porque feitos de história, é nos corpos onde os desejos, os desfalecimentos e os erros “se atam e de repente se exprimem, mas nele[s] também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito” (op. cit., p. 22), o que inscreve as resistências e os corpos-outros – diferentes dos corpos-modelos – já ali presentes, enquanto virtualidades dos próprios corpos. O que não significa que o corpo é mero sinal, índice ou consequência do que já passou, nem que o corpo seja local de anúncio de profecias e previsões do que virá. É porque o corpo traz consigo sua emergência e sua proveniência a razão pela qual o corpo é marca, muito além de uma superfície de inscrição. O corpo não é matéria inerte, passiva, esperando ser marcado: o corpo presentifica a marca, o corpo é a própria marca em carne. “Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura, descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias” (LOURO, 2004, p. 81).

Sendo o corpo estimulado a se mostrar e ser visível no interior de um diagrama de controle-estimulação, conforme eu explicarei no capítulo *O território da caça*, ele se torna cada vez mais suscetível a ser controlado. O corpo dizível e visível dos homens habitantes do Manhunt (através dos textos escritos e das fotografias publicadas em seus

perfis, conforme vou apresentar no próximo capítulo) é um *corpo-curriculum* (ZAGO, 2009, p. 84), corpo que constitui um *curriculum vitae* dos indivíduos, e que é ele próprio uma grade de saberes pertinentes sobre quem são aqueles indivíduos. Com isso sugere-se que

(...) estes corpos são tais que carregam marcas tão legíveis, que exibem significados tão visíveis em sua superfície ao ponto de prescindirem de modos de legendas mais extensos: eles “encarnam” os sentidos culturais de seu tempo e são eles próprios (...) a forma e o conteúdo necessários para dizer quem ou o que são (op. cit.).

Assim, é importante situar o corpo na intersecção entre poder, experiência e subjetivação.

1.1.5. Dispositivo de sexualidade – ou gênero e sexualidade articulados ao dispositivo

O corpo, nessa intersecção, é tomado como superfície de disputa. Ele é feito inteligível porque é desde sempre marcado, tocado e constituído pelo dispositivo de sexualidade que produz subjetividades dotadas de gênero e sujeitos de desejo. “Por certo os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade de seus corpos” (LOURO, 2004, p. 17).

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conforma às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem. (...) Certa premissa, bastante consagrada, costuma afirmar que determinado sexo (entendido, neste caso, como características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo e induz a ele. Essa sequência supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. Ela supõe e institui uma consequência, ela afirma e repete uma norma, apostando numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto) (op. cit., p. 17-p. 80).

Tal “matriz heterossexual” também pode ser entendida como uma norma de sexo-gênero-sexualidade ou como um processo continuamente atuante de heteronormalização: de tornar ‘normais’ os indivíduos não-heterossexuais graças à adoção de posturas, atitudes, comportamentos, conformações corpóreas atribuídas social e culturalmente às pessoas heterossexuais. Tal matriz heterossexual (BUTLER, 1993; 2008a) produz a suposta materialidade inegável do sexo do corpo, ao mesmo tempo em

que “torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade” (LOURO, 2004, p. 82).

A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades. A forma “normal” de viver os gêneros aponta para a constituição da forma “normal” de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. É evidente o caráter político dessa premissa, na qual não há lugar para aqueles homens e mulheres que, de algum modo, perturbem a ordem ou dela escapem (op. cit., p. 88).

Então, essa norma só ganha força em uma sociedade em que o exercício da sexualidade é o meio privilegiado de produção de vida. É somente em que a heterossexualidade atua como norma e fabrica como desviantes ou “diferentes” (também como “anormais” e “invertidos”) as pessoas não-heterossexuais: esses “desencaminham-se, desgarram-se” da matriz heterossexual, “atravessam fronteiras ou adiam o momento de cruzá-las” (op. cit. p. 17-19). É somente em uma sociedade em que a sexualidade é produzida por um dispositivo, e que esse dispositivo promova a articulação entre vida e sexo exclusivamente sob a justificativa da reprodução biológica, que o sodomita deixa de ser um reincidente e passa a ser uma espécie (FOUCAULT, 2012b), totalmente capturado e governado pela identidade de seu próprio desejo.

Aqui a sexualidade é um dispositivo porque engloba um feixe heterogêneo de tecnologias políticas que se constitui em uma “grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências”, que assim “encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (op. cit., p. 117). Como dispositivo, ele institui e constitui jogos de verdade, realidades, corpos e subjetividades: os produtos mais reais do dispositivo de sexualidade são os próprios “sexos” que julgamos tão orgânicos e “*bio*”lógicos (no sentido de “darem lógica à vida”). Dispositivo que é um emaranhado de relações de força que, “por um lado, formará matérias visíveis e, por outro, formalizará funções enunciáveis”, de modo que “não é exagero dizer que todo dispositivo é um mingau que mistura o visível e o enunciável” (DELEUZE, 2005, p. 47-48); dispositivo que é “um tipo de formação histórica que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1984, p. 244); dispositivos que são “aparelhos que produzem e regulam os costumes, os hábitos e as práticas produtivas” (HARDT &

NEGRI, 2006, p. 42): produzem subjetividades, corpos, experiências mediante relações de poder. O dispositivo produz vida e modos de viver a vida.

E também como dispositivo, ao invés de proibir e negar, a sexualidade incita discursos, gere a vida e estimula produções de corpos coerentemente sexuados, generificados e sexualizados. É aí, estreito entre os sexos, macho *ou* fêmea de um lado, e a heterossexualidade compulsória de outro, que o gênero emerge como “um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder”, sendo proposto que ele “[englobe] um complexo de forças e processos (...) no interior dos quais indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem” (MEYER, 2005, p. 16-17). Ainda, geralmente o conceito de gênero é empregado também “para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade” (LOURO, 2000, p. 64), de modo que a construção dos gêneros pode ser entendida como uma viagem (LOURO, 2004, p. 11).

A declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. (...) Supostamente não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete (op. cit., p. 15).

1.2. Bem-vindos/as ao País de Marlboro

O homem de Marlboro foi criado e imortalizado, como que sedimentado culturalmente como ícone de masculinidade pela campanha publicitária da marca de cigarros de mesmo nome. Um homem natural, o mais natural possível, em contato direto com essa natureza que lhe deu sua masculinidade rústica: um homem que aparece nas imagens da campanha publicitária domando cavalos – animais que, em uma leitura inspirada pelos *insights* da psicologia terapêutica, representam o “instinto anímico do ser humano”. Que homem poderia ser mais homem do que aquele que doma igualmente cavalos e instintos? Para acionar sua memória visual, veja abaixo alguns produtos da campanha:



Figuras 1 – As campanhas de Marlboro (fonte: Google Imagens)⁴.

Com essas imagens, eu procuro acionar o repertório visual dos/as leitores/as através da intertextualidade que elas carregam, como sugere Gillian Rose (2007, p. 142). Nessa direção, a autora diz que uma imagem nunca existe sozinha, mas sempre dentro de um conjunto de relações com outras imagens que se colam e se articulam umas às outras, produzindo sentido precisamente em seu entrelaçamento (op. cit. p. 147). Assim, trago as imagens das campanhas do cigarro Marlboro, que criaram a força máscula do homem de Marlboro, para que os elementos presentes nas imagens (roupas, paisagens, olhares, poses) constituam o modo de olhar dos/as leitores/as, ou dos/as visualizadores/as, para as próximas imagens que virão. Obviamente, com essas imagens eu não estou apenas acionando a memória ou o repertório visual do/a leitor/a: estou também colonizando seu olhar para que me sirva de aliado na leitura das próximas discussões, sobretudo na discussão sobre gênero e sexualidade.

⁴ Todos os endereços dos *sites* de onde foram retiradas as imagens cuja fonte é Google Imagens estão listados ao fim das referências bibliográficas.

No momento de analisar as construções de gênero dentro do Manhunt, eu retomarei elementos do homem de Marlboro que aparecem nessas campanhas publicitárias, em especial nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos* e *Olhando o gênero que nos olha*. Por enquanto, gostaria apenas que a figura desse(s) homem(ns) de Marlboro, tal qual ela aparece acima, venha à tona e que seja guardada na memória visual do/a leitor/a. Não gostaria de aprofundar a discussão sobre as imagens do homem de Marlboro aqui porque farei isso mais adiante. Essas imagens, nesse momento, constituem uma estratégia visual para colorir e dar forma ao Manhunt – que também é, a seu modo, um País de Marlboro.



2 O território da caça

“Tratava-se de uma ilustração que mostrava Joana D’Arc montada num cavalo branco, erguendo uma espada. (...) Certo dia, porém, aconteceu de minha enfermeira abrir o livro em tal figura. (...) ela me perguntou: - O senhor conhece a história da pessoa aqui neste desenho?- Não, não conheço. - Parece homem, não é? Pois é uma mulher! É verdade. A história diz que ela se vestiu como homem e foi à guerra para servir seu país. - Uma mulher... Sentia-me como se um golpe tivesse me jogado no chão. E eu que acreditava que fosse ele, mas era ela. Se aquele belo cavaleiro era uma mulher e não um homem, então o que restava? (Ainda hoje sinto arraigada e inexplicável repugnância por mulheres em trajes masculinos.) Pela primeira vez em minha vida, eu deparava com a “vingança da realidade”, uma vingança cruel, sobretudo em relação a minhas doces fantasias com a morte dele”

Yukio Mishima, *As confissões de uma máscara*, (2004, p. 15-16).

Neste capítulo, em um primeiro momento, procurarei retomar as utilizações de diferentes métodos de produção de dados nos estudos na e da internet que foram feitas nas pesquisas que vim realizando até aqui sobre corpo, gênero e sexualidade em *sites* de relacionamento *online* (ZAGO, 2006; 2009). Para isso, descreverei brevemente a construção desse percurso teórico-metodológico e introduzirei conceitualmente os métodos utilizados na atual pesquisa. Esse recurso quase narrativo de recapitulação metodológica serve para prover uma dimensão acerca de como cheguei a pesquisar isso que pesquiso do modo como pesquiso, a fim de caracterizar precisamente as condições de desenvolvimento da atual pesquisa.

Além disso, descreverei o *site* Manhunt e a maneira como hoje ele se apresenta, os recursos e ferramentas disponíveis aos seus usuários para construir e publicarem seus perfis *online*. Mais ao fim do capítulo, estarei preocupado em caracterizar o “território da caça” na qual se constitui o Manhunt: o *site* só pode ser considerado um território de caça, como seu nome sugere, ou considerado o País de Marlboro, como sugeri no *Capítulo Guia*, porque os corpos generificados dos homens que o habitam são veículo e instrumento de disputas nesse território. É mediante múltiplas articulações entre corpo, gênero e sexualidade que o Manhunt se constitui como um território onde os homens que participam desta pesquisa se enfrentam, como em um jogo agonístico de caça – e tais enfrentamentos podem eventualmente caracterizar relações de violência nesse contexto. Além disso, procurarei mostrar que a intensa exposição e descrição dos corpos generificados desses homens se articula fortemente àquilo que Foucault chamou de “controle-estimulação” (FOUCAULT, 1984,

p. 147): a maximização do controle sobre os indivíduos não mais apenas através da disciplina, mas, sobretudo, através da sua constante exibição.

As pesquisas anteriormente citadas (ZAGO, 2006; 2009) e a atual foram e são todas desenvolvidas na internet, empregando métodos de produção de dados como a observação participante, a aplicação de entrevistas e as análises visuais, adaptados ao ambiente virtual, para investigar as condições contemporâneas de produção dos corpos, gêneros e sexualidades nos chamados *sites* de relacionamento. Nas palavras de Paula Sibilia (2010, p. 11) “esses novos recursos abrem uma infinidade de possibilidades que eram impensáveis até pouco tempo, e que agora são extremamente promissoras, tanto para a invenção quanto para os contatos e trocas”. Portanto, tenho o objetivo de utilizar os “novos recursos” e aproveitar a “infinidade de possibilidades” que a internet pode proporcionar a fim de produzir um diagnóstico do presente, no sentido que Michel Foucault lhe dá, que se faz quando investimos em “uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos, através de uma ontologia histórica de nós mesmos” (FOUCAULT, 2008, p. 347).

Apesar de esta não ser uma pesquisa explicitamente genealógica, como Foucault caracterizou tal método (1984, p. 15), é possível sugerir que alguns traços genealógicos são aproveitados metodologicamente nesta “ontologia histórica de nós mesmos”. Sublinho aqui pelo menos duas balizas emprestadas do método genealógico de Foucault: que, ao analisar os modos de vínculos a que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos a criar entre si e que têm o corpo generificado como principal articulador, o que aí está “não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate” (op. cit., p. 18). Isto é, será necessário fazer ver as contradições e as incoerências dessa “vontade de estar junto”, como sugere Michel Maffesoli (2005), que se faz valer dos corpos; será necessário, como o fiz no *Capítulo Guia*, continuar mostrando o não-vínculo e a indisponibilidade para o vínculo precisamente como modos particulares de vínculo, como elementos constituintes dos vínculos. Esse é um exercício que segue “o filão complexo da proveniência [que] agita o que parecia imóvel (...) fragmenta o que se pensava unido (...) mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo” (FOUCAULT, 1984, p. 21). Ainda, nesta ontologia de nós mesmos, será preciso assinalar a “emergência (...) o ponto de surgimento” que estas análises mapeiam: “[a] emergência se produz sempre em um determinado estado de forças” (op. cit., p. 23). Em outras

palavras, será preciso, depois de mapear as formas já existentes de vínculo a que estão dispostos os homens habitantes do Manhunt, assinalar a emergência de vínculos outros, de formas outras de relação que aqui se colocam como possíveis para os homens habitantes do *site*.

É assim que, através do emprego de diferentes métodos e tendo aqui bem delineadas essas balizas genealógicas, esta pesquisa busca interrogar os múltiplos modos que os corpos, os gêneros e as sexualidades constituem os usos que vêm sendo feitos por homens que utilizam *sites online* para conhecer outros homens. Retroativamente, é possível olhar as pesquisas precedentes que realizei e circunscrevê-las também em relação a essas mesmas balizas genealógicas, isto é, é possível sugerir que vim constituindo um modo particular de problematizar as maneiras com que homens gays vêm habitando uma parte da internet, a saber, os *sites* de relacionamento, com o objetivo de analisar as relações que esses homens estabelecem entre corpo, gênero e sexualidade naquele contexto. É nessa direção que tais problematizações dizem do tempo presente e dos modos de vida disponíveis que se colocam para nós hoje: as maneiras possíveis que dispomos de constituir a nós mesmos, de experimentar nossos prazeres, de viver os gêneros e de encarnar corpos.

2.1. Proveniências e emergências – sobre o contexto teórico desta pesquisa

Podemos dizer que a produção de conhecimento através da internet vem assumindo relevância cada vez maior no campo das ciências humanas e sociais desde a metade da década de 1990, tornando-se ao mesmo tempo objeto, campo e instrumento de pesquisa (SIBILIA, 2010; LEMOS, 2004; ROCHA & ECKERT, 2004; LÉVY, 2005; TURKLE, 1995). Simultaneamente, podemos dizer que a internet se infiltrou e se consolidou – ao menos, em algumas camadas da população – nas nossas vidas cotidianas como uma parte importante, senão central, para nossas interações e comunicações com o(s) outro(s), seja através de e-mails, de redes sociais como Orkut e *Facebook*, *sites* de relacionamento para encontros amorosos e sexuais, busca de informações, de lazer, entre outras.

A mais recente pesquisa publicada sobre os usos das tecnologias de informação e comunicação no Brasil⁵ (BARBOSA, 2012), referente ao ano de 2011, realizou vinte e

⁵ Existente em <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>; acessado em 22 de novembro de 2012.

cinco mil entrevistas em trezentos e dezessete mil domicílios. A pesquisa mostrou que “[o] crescimento de domicílios com acesso à internet foi o maior de toda a série histórica, monitorada desde 2005” (BARBOSA, 2012, p. 151): 45% dos domicílios da amostra dispõem de computador, e 38% desses contam com acesso à rede mundial de computador (op. cit., p. 154). Ainda, a “parcela de usuários [da internet] cresce com a escolaridade, com a renda familiar e com a classe social, e decresce quanto maior for a idade do indivíduo” (op. cit., p. 160). Sessenta e seis por cento dos/as usuários/as da internet acessam a rede mundial de computadores diariamente; entre esses/as que acessam a internet todos os dias, 88% têm renda familiar superior a dez salários mínimos, 87% têm nível superior e 94% pertencem àquilo que a pesquisa convencionou chamar de “classe A” (op. cit., p. 162). Sessenta e sete por cento dos/as entrevistados/as acessam a internet desde seus domicílios e 29% acessam dos seus locais de trabalho. Cinquenta por cento dos/as usuários urbanos que não dispõem de internet em suas casas mencionaram o custo elevado do serviço de acesso como o principal motivo (op. cit., p. 176).

“Assim como observado nas edições anteriores da pesquisa”, os indivíduos que acessam a internet buscam “principalmente, aproveitar a rede para comunicação (por exemplo, uso das redes sociais), para a procura de informação (...) e para lazer” (op. cit., p. 163). Sessenta e nove por cento dos/as usuários/as da internet acessam *sites* de relacionamento, e a internet é “espaço” de lazer prioritariamente entre os homens que participaram da pesquisa: 88% dos homens afirmou usar a rede mundial com esse fim – sendo que a caracterização dessa atividade de lazer foi a de “assistir a filmes e vídeos em *sites como o YouTube*” para 62% dos homens (op. cit., 164, grifo nosso). Cabe aqui pontuar que *sites* como o *SexTube* e o *PornoTube* também podem se inserir nessa caracterização de lazer, posto que também oferecem a possibilidade de visualização de filmes (pornográficos) gratuitamente.

Na pesquisa que antecedeu essa, referente ao ano de 2009⁶ (BARBOSA, 2010), havia números mais precisos sobre as atividades dos/as usuários brasileiros da internet. Lá se mostrou que 94% dos/as usuários/as afirmavam usar a internet como meio de comunicação; desses/as, 70% participavam de *sites* de relacionamento (op. cit., p. 160).

⁶ Existente em <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2010.pdf> ; acessado em 22 de novembro de 2012.

Na mesma direção, 21% diziam usar a rede mundial de computadores para acessar salas de bate-papo. Em torno de 49% dos/as informantes passavam de uma a cinco horas por semana *online* na internet – 45% desses eram homens; 67% dos/as respondentes usavam a internet para participar de *sites* de relacionamento – 64% desses eram homens. Aquela pesquisa apontou o seguinte (BARBOSA, 2010, p. 161):

O desenvolvimento da Internet no Brasil, de seus serviços e de suas aplicações consolidou uma infraestrutura digital de comunicações propícia para o estabelecimento de redes sociais. Aliado a esse fato, o crescimento da base de usuários tem feito com que a Internet deixe de ser uma simples fonte de consulta e circulação de informações e passe a acomodar esse novo fenômeno. Atualmente, qualquer pessoa que utiliza a Internet com regularidade dificilmente fica à margem desses *sites*. As práticas sociais que emergem da apropriação de seu uso originaram-se na popularização do uso de *e-mails*, das salas de bate-papo e das aplicações de compartilhamento de ideias, como fóruns e *blogs*, e se desenvolveram em aplicações disponibilizadas em *sites* de relacionamentos, como o Orkut, o Facebook, o LinkedIn, o Twitter, o YouTube, o Flickr, etc.

Vê-se, portanto, que, se por um lado o acesso à internet ainda pode ser considerado “para poucos/as” no Brasil, posto que pouco mais de um terço dos domicílios brasileiros contam com computadores conectados à rede mundial, por outro lado o número total dos indivíduos que participam da internet estão *online* fundamentalmente para comunicação, para participação de redes sociais e *sites* de relacionamento. Essas são atividades que, segundo as pesquisas recém trazidas, vêm crescendo e ganhando importância para aqueles/as que usam das possibilidades técnicas da internet. Entre as opções disponíveis de *sites* de relacionamento, como aqueles mencionados da citação anterior (Orkut, Facebook, LinkedIn, Twitter, YouTube, Flickr, e também sites mais específicos), encontram-se aqueles como o Manhunt (o Disponível, o Gaydar, o ParPerfeito e o eHarmony – esses últimos dois voltados para o público heterossexual – para citar apenas quatro exemplos).

Ainda, o conceito de “inclusão digital” passou a constituir um conjunto de ações promovidas pelo governo brasileiro, como uma política estatal, através do Programa Nacional de Banda Larga (BRASIL, 2010). Esse Programa é norteado pela postura político-filosófica na qual

a inclusão digital representa garantir que os cidadãos e instituições disponham de meios e capacitação para acessar, utilizar, produzir e distribuir informações e conhecimento, por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), de forma que possam participar de maneira efetiva e crítica da sociedade da informação. (BRASIL, 2010, p. 6).

Portanto, não se trata apenas de reconhecer a infiltrante presença das tecnologias de informação e comunicação nas nossas rotinas diárias como algo da ordem do luxo ou do supérfluo; trata-se, sobretudo, de torná-las objeto de política pública com vistas à promoção de sua oferta a um maior número de pessoas dentro do território nacional: “[a] massificação da banda larga deve ser vista como um instrumento de efetivação dos direitos dos cidadãos da era digital” (BRASIL, 2010, p. 7). O acesso e o manejo das oportunidades trazidas pelas tecnologias da informação e da comunicação, sendo a internet o seu *leitmotiv* e principal serviço, se torna, nesse discurso “inclusivo”, condição para o exercício da cidadania em uma sociedade tida como “sociedade da informação”.

Dessa forma, pesquisar a internet, na internet ou através da internet nos dias de hoje corresponde a um exercício que visa a converter em objeto, campo e instrumento de pesquisa isso que já faz parte das nossas vidas cotidianas e de políticas estatais. Pesquisar na e através da internet significa estranhar este conjunto de atividades que foi por ela possibilitado, e que foi rapidamente naturalizado como se desde sempre tivesse feito parte das nossas rotinas: o acesso à rede mundial de computadores e os usos que fazemos de suas possibilidades para a comunicação, para experimentação corpórea, para realização amorosa, para transações financeiras, para o lazer.

Aqui cabe mencionar o que Gilles Deleuze (2005, p. 49) sugeriu: “as máquinas são sociais antes de serem técnicas”. Isso significa dizer que “há uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material” (op. cit.), ou seja, que para cada período existem tecnologias – máquinas, aparatos técnicos – que são produtos de uma organização histórica, política e cultural específica e das relações de poder que aí se exercem. Não são os aparatos técnicos que determinam quem somos e como somos; mas existem, sim, máquinas que se articulam com o mapa das relações de poder de um dado momento histórico, potencializando-o e possibilitando novas resistências. “É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina”, pois cada sociedade estabelece de relações de poder das quais as máquinas fazem parte, “não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las.” (DELEUZE, 2008a, p. 223).

As máquinas e as tecnologias que lhes dão condições de existência aí estão porque nós assim as criamos, porque nós assim as utilizamos: elas materializam o

mundo em que vivemos e o constituem. “Existem (...) usos e apropriações das tecnologias por parte dos sujeitos, que, por sua vez, também vivenciam seus efeitos em seus próprios corpos e subjetividades” (SIBILIA, 2002, p. 11) através do uso de tais tecnologias, de modo que as máquinas, e as tecnologias que lhes dão condições de existência, passaram a ser parte importante das experiências de corpo que (pelo menos parte) da sociedade tem disponível hoje. “Precisamos (...) conhecer os limites e as possibilidades destes meios de comunicação que unem o real ao virtual”, que ressignificam nossas concepções de tempo, de espaço, de vida e, portanto, também nossas concepções de corpo e de subjetividade, “compreendendo o quão produtivos são e o quanto estão sendo úteis na – e para a permanência da – atual conjuntura socioeconômica mundial” (ROCHA, 2006, p. 78).

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. (...) *em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura.* (LÉVY, 1999, p. 22, grifo nosso).

Enquanto produto de uma sociedade e de uma cultura, analisar os modos com que a internet vem sendo habitada e que suas possibilidades técnicas vêm sendo usadas torna-se igualmente uma tarefa indissociável da “ontologia histórica de nós mesmos”. Isto é, essa é uma tarefa que mapeia alguns modos através dos quais estamos pensando a nós próprios e inserindo-nos no tempo presente – não sem sujeições e não sem resistências. O percurso de pesquisa que constituí até aqui permanece dentro desse registro, aquele que Foucault menciona como sendo o da atitude tipicamente moderna, que emergiu com a *Aufklärung* (as Luzes), e que consiste na “crítica permanente de nosso ser histórico” (FOUCAULT, 2008, p. 345): uma atitude que toma uma parte da internet (os *sites* de relacionamento habitados por homens gays) e os modos com que esta parte é habitada por esses indivíduos como efeitos deste tempo e deste mundo no qual vivemos.

Na pesquisa *Codiname Beija-Flor* (ZAGO, 2006), acessei salas de bate-papo sobre sexo do Portal Terra⁷ voltadas para homens gays. Parte da pesquisa estava interessada em avaliar as diferentes possibilidades de comunicação entre os usuários das salas dependendo do modo com que esses usuários se apresentavam através da criação

⁷ Existente em <http://novochat.terra.com.br/categorias/sexo#5> ; acessado em 25 de outubro de 2012.

de apelidos – os *nicknames*, nomes fictícios criados pelos indivíduos para entrarem nas salas de bate-papo *online* e para aí serem reconhecidos. Os acessos aconteceram em diferentes horários do dia entre manhã, tarde, noite e madrugada. Baseado em observações prévias da dinâmica das salas de bate-papo, construí quatro diferentes apelidos para ingressar nas salas, e para ser reconhecido dentro delas, que eram os seguintes: GuriAtvMalh18aPOA, SARADOMACHO-POA, SARADOPass30a-POA e gordofêmea-poa. Os dados dessa parte da pesquisa consistiam em contabilizar o número e o conteúdo das mensagens recebidas por cada apelido, sem haver nenhum tipo de interação com os demais usuários da sala de bate-papo.

Esses apelidos trazem uma série de elementos importantes, sobretudo da ordem da constituição corpórea, pois contêm palavras como “gordo”, “SARADO” e a partícula “Malh” que, nesse contexto, sugere “malhado”. Também contêm elementos geracionais como as partículas “18a” e “30a”, que indicam, respectivamente, dezoito anos e trinta anos graças à presença da letra “a”. A palavra “Guri” também se refere a um jovem rapaz no linguajar gaúcho. As partículas “Atv” e “pass” significam, respectivamente, “ativo” e “passivo”, aludindo às práticas sexuais penetrativas (“ativo”) e práticas sexuais receptivas (“passivo”). A partícula “POA”, presente em todos os apelidos, menciona a cidade de onde se fala: Porto Alegre.

O título da pesquisa remete à canção de Cazuzza, em que o compositor escreve: “Eu protegi o teu nome por amor / Em um codinome Beija-flor / Não responda, nunca, meu amor / Pra qualquer um na rua, Beija-flor”, sugerindo que o codinome é criado para proteger a identidade de alguém, para manter alguém no anonimato. É essa uma parte da estratégia que subjaz à criação de um apelido, ou de um codinome, que um indivíduo constrói para ser reconhecido dentro de uma sala de bate-papo na internet: esse indivíduo quer ter sua identidade protegida, quer ter seu anonimato assegurado – algo similar à compreensão ética que as pesquisas nas ciências humanas e sociais tinham em relação aos seus pesquisados, qual seja, de que suas identidades deveriam permanecer ocultas ou, pelo menos, dissimuladas para assim garantir um requisito ético.

Porém, no contexto daquela pesquisa, o apelido acaba sendo visto como um instrumento para dar informações “verdadeiras” sobre indivíduos que acessam as salas de bate-papo, e não apenas para ocultar sua identidade “real”. Isso é possibilitado através de um jogo de palavras (à época, os apelidos poderiam conter, no máximo, vinte

caracteres alfanuméricos), os apelidos se converteram em nomes informativos a respeito de corpos, de gerações, de localizações geográficas e de práticas sexuais, conforme mostram os apelidos criados para figurar na pesquisa, que são inspirados em apelidos de outros indivíduos que vi aparecer nas salas *online*. O apelido tornava-se uma etiqueta com informações relevantes sobre cada usuário das salas de bate-papo, algo que chamei de “vinheta pessoal” de apresentação (ZAGO, 2006). Na tentativa de assegurar o anonimato, os indivíduos dissimulavam seus nomes “reais” criando nomes fictícios para si; porém, nesses apelidos havia informações supostamente tão “verdadeiras” sobre si quanto seus nomes “reais”, pois nos apelidos havia menções sobre seus corpos, suas idades, as cidades (e frequentemente os bairros) onde moravam e, inclusive, sobre suas preferências sexuais. É assim que o apelido, dentro das salas de bate-papo da internet, pode não ser fictício: ele pode ser bastante “real”.

Já na pesquisa *Masculinidades Disponívels.com* (ZAGO, 2009), construí um perfil em um *site* de relacionamento voltado também para homens gays, o Disponível⁸. Aí, me descrevi como pesquisador e utilizei o perfil para poder visualizar os perfis de outros usuários do *site*. Na época, o Disponível contabilizava o número de acessos a cada perfil existente, o que permitia a produção de uma lista contendo os vinte perfis mais acessados dentre todos aqueles do *site*.

Assim, foi pelo emprego de uma observação não participante que aquela pesquisa buscou problematizar os elementos que compunham precisamente os vinte perfis mais visitados do *site*: procedi à análise dos textos escritos de cada um dos perfis em que os indivíduos apresentavam-se e descreviam-se, mencionando as razões de ter um perfil no Disponível e elencando aquilo e aqueles que buscavam ali – sem, contudo, manter qualquer tipo de interação direta com esses indivíduos. Havia a possibilidade de publicação de vídeos amadores nos perfis *online*, gravados com câmeras digitais. Também empreguei a análise visual das fotografias publicadas em cada um dos vinte perfis mais acessados.

Daquela pesquisa, saliento um modo emblemático de exposição dos corpos dos homens cujos perfis figuravam na listagem dos vinte mais acessados do Disponível: aquilo que eu chamei de “rostificação do pênis” (ZAGO, 2009, p. 100) dizia respeito à publicação de imagens, às vezes centenas delas, em fotografias e vídeos, dos pênis dos

⁸ Existente em <http://disponivel.uol.com.br/web/>; acessado em 25 de outubro de 2012.

usuários com efeito de ser a parte do corpo que os identificava dentro do *site*. Assim, um dos homens “mais acessados” criou o apelido “20cmmachoativo” (“vinte centímetros macho ativo”) para ser reconhecido dentro do Disponível, e entre as centenas de fotografias que mantinha publicadas em seu perfil *online* nenhuma delas mostrava sua face. Sugeriu, naquela pesquisa, que o pênis era “a parte do corpo disponível” para a criação de vínculos: uma parte que servia tanto para a identificação dos homens através de seus apelidos quanto através das imagens publicadas em seus perfis.

Na pesquisa atual, construí um perfil no *site* de relacionamento voltado para homens gays Manhunt (<http://www.manhunt.net/>). Nesse perfil, em que adotei o apelido de PesquisadorDeHomens, descrevo brevemente a temática de pesquisa que desenvolvo – e diferentemente das duas pesquisas apresentadas anteriormente – convido a participar dela os demais homens habitantes do *site* interessados em manter um diálogo comigo, baseado em um roteiro semi-estruturado de perguntas sobre corpo, gênero, sexualidade e internet (ver Anexo I). Nesse perfil também publico três fotografias minhas, que serão apresentadas mais adiante. Assim, inseri-me dentro do Manhunt construindo um perfil *online* da mesma maneira com que os demais usuários construíam os seus próprios: descrevendo-me, mencionando os objetivos que buscava estando ali, mostrando-me através de fotografias. Esse procedimento “camaleônico” foi semelhante àquele utilizado por Sales (2012) e por Mário Guimarães Jr. (2004). Sales afirma ter-se tornado “netnógrafa” no momento em que, para pesquisar comunidades juvenis no *site* de relacionamentos Orkut, ela própria precisou ser “orkuteira” (SALES, 2012, p. 122); Guimarães Jr. permaneceu “imerso”, por assim dizer, nos ambientes de jogos *online* e, a partir dessa experiência como pesquisador-camaleão, tensionou a separação entre tecnologia-cultura (GUIMARÃES JR., 2004). Para o meu caso, apesar de ter construído um perfil *online* valendo-me das mesmas estratégias que os demais usuários do Manhunt, meus objetivos em estar no *site* não eram os mesmos que aqueles dos pesquisados, situação que colocou em tensão o meu lugar (e meu corpo) como pesquisador nesse contexto.

Aqueles usuários que aceitaram consensualmente o convite para participar da pesquisa foram redirecionados para o programa de conversa instantânea *online* MSN Messenger, no qual se estabeleceu o diálogo entre mim e os pesquisados sobre os temas já citados. Tal estratégia de produção de dados foi também desenvolvida por Félix

(2012) ao entrevistar jovens vivendo com HIV/Aids através do *MSN Messenger*. Sobre esse método a autora menciona o seguinte: “[e]ra preciso convidar *jovens+* [jovens que vivem com HIV], criar vínculos e estabelecer relações de confiança com cada um/a deles/as, era preciso aprender a entrevistar pela internet” (FÉLIX, 2012, p. 136), o que, de certa forma, também resume parte do esforço metodológico que investi na inserção de entrevistas através do *MSN Messenger* com usuários do *site* Manhunt. Meu objetivo foi o de inserir a entrevista como método de produção de dados acerca das estratégias das quais os indivíduos lançam mão para a construção de seus perfis *online* no *site* Manhunt (modos de descrição sobre si, modos de fotografar o corpo), além de continuar sondando as condições que possibilitam a adesão crescente dos indivíduos às oportunidades de comunicação que a internet possibilita, especialmente através de *sites* de relacionamento como o Disponível e o *Manhunt*. Passei, portanto, do emprego estrito de métodos “contemplativos”, por assim dizer, das duas pesquisas anteriores para, junto deles, empregar também o método de entrevista com os indivíduos que aceitaram participar da pesquisa – um método de produção “conjunta” de dados.

Foi precisamente a partir da inserção de entrevistas que se tornaram proeminentes dois pontos desse percurso metodológico que já tinham sido observados, de modo distinto, nas pesquisas anteriores. Primeiro ponto: a posição e o corpo do pesquisador, isto é, o lugar da investigação da “verdade” (sobre corpo, gênero e sexualidade) que o pesquisador supostamente ocupa e o próprio corpo do pesquisador como categorias de análise na pesquisa (um pesquisador com corpo, com gênero e com sexualidade). Segundo: uma vez que a pesquisa se propunha a interagir com outros indivíduos, certamente me depararia com exigências relativas à necessidade do uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de submissão do projeto a um Conselho de Ética em Pesquisa (CEP). Por acreditar que esta pesquisa – e, talvez, qualquer outra – envolve o estabelecimento de uma negociação constante entre pesquisador e pesquisados, e também por acreditar que a assinatura de um pesquisado em um termo, significando seu “livre e esclarecido” consentimento, pode adquirir outras formas tão válidas quanto essa marca (cf. FÉLIX, 2012), decidi investir em um “método ou estratégia do consenso” de participação dos pesquisados. Acredito que tal método se constitui em uma alternativa para promover, no âmbito dos estudos que venho realizando na e através da internet, uma discussão crítica sobre a importação acrítica do modelo biomédico da ética em pesquisa para o contexto das pesquisas nas ciências

humanas e sociais (cf. FLEISCHER & SCHUCH, 2010; OLIVEIRA, 2010; FONSECA, 2010).

2.1. “Cadastre-se hoje e comece a caça”: como, onde e quem eu pesquiso?

A seguir, descreverei de modo objetivo quais os métodos que empreguei na produção de dados da tese e também mencionarei quem foram os homens entrevistados nas entrevistas que realizei fora da internet. Além disto, descreverei a estrutura do *site* Manhunt e como se dá a construção dos perfis e a interação entre os habitantes do *site*. Introduzirei uma discussão conceitual acerca dos métodos usados, salientando os limites da análise visual e as tensões da entrevista e observação participante de cunho etnográfico.

O emprego da observação participante da dinâmica do *site* Manhunt durou quatro meses no ano de 2010 e seis meses no ano de 2011: como já referi anteriormente, construí um perfil *online* neste *site* apresentando-me como pesquisador e convidando os demais habitantes do Manhunt a fazer parte da pesquisa, fazendo anotações em uma espécie de diário de campo sobre informações que encontrava no *site*. Valho-me da análise visual para elaborar considerações acerca das fotografias publicadas nos perfis *online* que arqueei ao longo dos dez meses de observação participante. Ainda, utilizo a entrevista *online*, realizada na internet através do *MSN Messenger* (programa de troca de mensagens instantâneas *online*) e também entrevista realizada *off-line* (fora da internet). Ambos os tipos de entrevista, *online* e *off-line*, foram feitas com indivíduos que aceitaram consensual e voluntariamente fazer parte da pesquisa.

Até o Projeto de Doutorado, apresentado em janeiro de 2011, eu usava o *site* Manhunt e também o *site* Disponível para realizar esta pesquisa. Entretanto, após a apresentação do Projeto, ao observar a partir de qual dos dois *sites* eu havia conseguido um maior número de participantes de pesquisa, o Manhunt mostrou-se mais “produtivo”: até então apenas 2 entrevistas *online* tinham sido feitas com habitantes do *site* Disponível. Todas as demais entrevistas *online*, assim como as 3 entrevistas *off-line* que eu havia conseguido realizar até aquela data, foram feitas com usuários do Manhunt. Por este motivo, decidi circunscrever o *site* Manhunt como o “campo” onde

eu encontraria os participantes de pesquisa. A figura abaixo⁹ mostra a capa do *site* Manhunt em setembro de 2012:

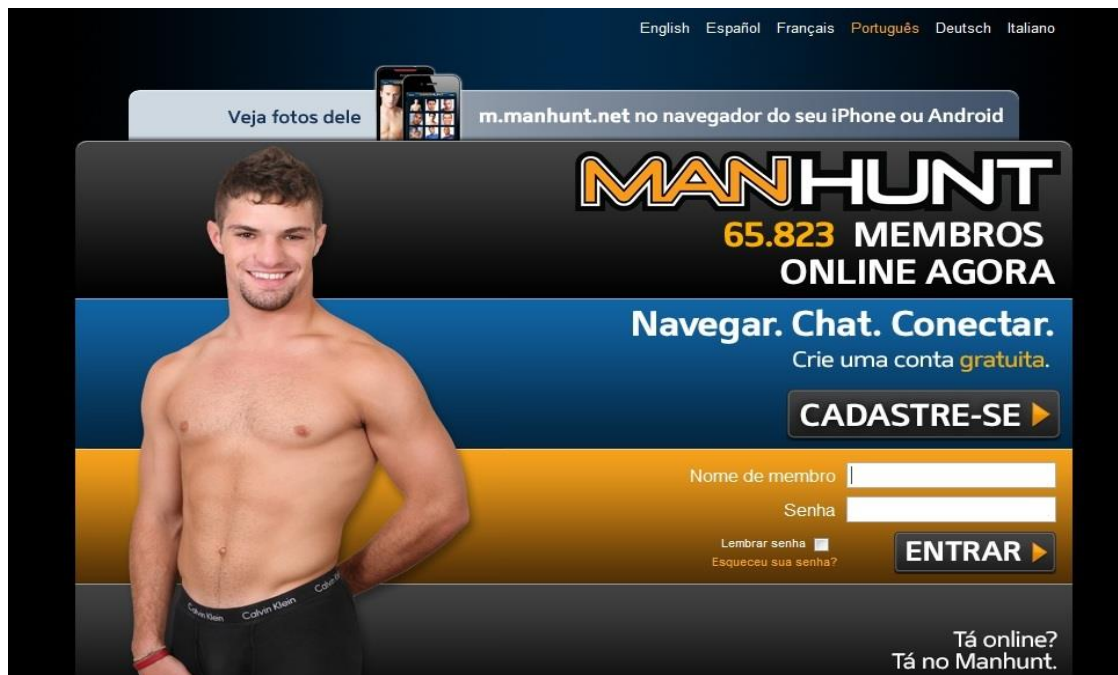


Figura 2 – Capa do Manhunt

É importante assinalar que constatei, através de conversas informais com homens usuários dos serviços de ambos os *sites*, que o Manhunt é tido como mais elitista, ao passo que o Disponível é visto como mais “popular”. Provavelmente um dos motivos desta impressão tem a ver com o fato de o Disponível ser um *site* de relacionamentos genuinamente brasileiro, inclusive cobrando pelos seus serviços em moeda corrente do Brasil, cuja fatura pode ser paga com um boleto bancário impresso. Por sua vez, o Manhunt é um *site* internacional, com sede nos Estados Unidos e com versões em seis línguas: inglês, espanhol, português, alemão, francês e italiano. Para ser um membro do *site*, há a possibilidade de criação de um perfil gratuito. Entretanto, uma série de serviços não é oferecida para aqueles homens que usam o espaço do Manhunt gratuitamente, conforme mostra a figura abaixo:

⁹ Ao fim deste capítulo, mostrarei mais figuras da capa do Manhunt para circunscrever a centralidade e a especificidade do corpo de homem que o *site* preconiza.

MANHUNT

Para continuar, você tem que ter **acesso ilimitado**.

	Plano gratuito	Plano ilimitado
Navegue em mais de 5 milhões de perfis	✓	✓
Usa o aplicativo do iPhone e Android	✓	✓
Visualizar fotografias	Thumbnails only	Fotos de tamanho integral ilimitadas
Lista de amigos	20 amigos	1.000 amigos
Lista de bloqueio	Não disponível	1.000 bloqueios
Visualizar perfis inteiros	20 a cada 24 horas	Ilimitado
Ler mensagens	10 a cada 24 horas	Ilimitado
Enviar mensagens	10 a cada 24 horas	Ilimitado
Pesquisas salvas	Não disponível	Salvar 10

Cadastre-se hoje e comece a caça.

ADQUIRA JÁ ▶

Figura 3 – Lista de “vantagens” em pagar pelo Manhunt.

As principais diferenças entre o plano gratuito e o plano ilimitado (pago) são a visualização integral de fotografias dos perfis de outros usuários (no plano gratuito, somente é possível visualizá-las em miniatura), a visualização ilimitada de perfis de outros usuários (no plano gratuito, somente é possível visualizar 20 perfis em 24 horas), leitura e envio ilimitados de mensagens para outros habitantes do *site* (no plano gratuito, somente é possível de ler 10 mensagens e enviar 10 mensagens em 24 horas). É esta série de constrangimentos nas ferramentas de comunicação e nas possibilidades de visualização dos perfis que basicamente define a diferença entre o plano ilimitado e o plano gratuito. Em um dos perfis que arqueei estava publicado o seguinte texto: “Sou usuário limitado, não se espante se o silêncio vier de repente”, mencionando o possível esgotamento das 10 mensagens diárias a que os usuários gratuitos têm direito – pois para os usuários limitados o silêncio está sempre à espreita e a possibilidade de interação com outros homens é sempre constrangida. O plano ilimitado tem as seguintes cotações, mostradas na figura abaixo, cujo valor está em dólares americanos – o que significa que se um membro quiser usar seu cartão de crédito para pagar os serviços, este cartão de crédito precisa ser de categoria internacional:

Conta > Cobrança > Aquisição

ACESSO INTEGRAL ao MANHUNT com o plano ilimitado

Visualização de fotos em tamanho integral de mais de 4 milhões de caras

Mensagens ilimitadas e visualizações de perfis

Pesquisas

Escolha seu plano ilimitado do Manhunt

<input type="radio"/>	7 dias de Acesso ilimitado	R\$5.00 BRL
<input type="radio"/>	30 dias de Acesso ilimitado	R\$10.00 BRL
<input checked="" type="radio"/>	90 dias de Acesso ilimitado	R\$24.00 BRL
<input type="radio"/>	180 dias de Acesso ilimitado	R\$40.00 BRL
<input type="radio"/>	365 dias de Acesso ilimitado	R\$80.00 BRL

Para sua conveniência, os planos ilimitados acima são renovados automaticamente.
[Clique aqui para ver nossos planos que não são renovados](#)

Selecione seu método de pagamento

Forma de pagamento: VISA MasterCard AMEX

BOLETO

Cartão de crédito:

(NOTA: Os preços cotados são aproximados. Será cobrado o equivalente em dólares no seu cartão de crédito.)

Código de segurança:

Figura 4 – Tabela de valores dos serviços do Manhunt.

Estas considerações são importantes, pois mostram um recorte relevante no que diz respeito aos aspectos sócio-econômicos dos homens habitantes do Manhunt, sobretudo aqueles que pagam pelos serviços do *site*. Tal recorte tem implicações nos dados produzidos e analisados aqui: tanto no conteúdo dos textos escritos nos perfis *online* quanto nos corpos mostrados nas fotografias dos perfis, bem como nas temáticas discutidas nas entrevistas que levei a cabo. Quando escolhi usar exclusivamente o Manhunt como espaço onde encontrar os potenciais participantes desta pesquisa, eu estava ciente deste viés. Este atravessamento aparece de modo bastante claro no trecho de entrevista feito com Nonix – participante de pesquisa que será apresentado em breve:

Luiz Felipe: Mas então... Me conta do Manhunt. [...] Ahn... tu paga, né?

Nonix: Pago.

Luiz Felipe: Vale a pena pagar? Por que tu quis pagar?

Nonix: Porque toda vez que eu não tinha assinatura não dava pra ver [os perfis]... foi quando eles passaram a barrar as fotos, barrar mensagem, e às vezes eu recebia uma resposta que seria muito interessante de conhecer aquela pessoa e eu já não podia mais ter acesso à resposta. Então, se eu assinar por um ano, eu tenho certeza de que por um ano eu tenho certeza que a mensagem que mandarem eu consigo ter acesso tranquilamente. Tudo: mensagem, foto, se a pessoa desbloquear [as fotos de seu perfil] eu consigo ver.

Luiz Felipe: É um conjunto de vantagens.

Nonix: É, que se você for básico, você não vai ter. Você pode ver 20 perfis e 10 mensagens. Acabou.

Luiz Felipe: Isso por 24 horas.

Nonix: É. Às vezes até mais de 24 horas. Tem que esperar... Aí até lá... já perdi essa.

Luiz Felipe: E vale o investimento?

Nonix: Acho que vale. Principalmente quando você viaja pra outro estado. Em Brasília nem tanto, mas em outro estado, vale sim. Muito, nossa, como vale. [risos]. Vale muito¹⁰.

É como se a disponibilidade imanente para a criação de vínculos entre os habitantes do Manhunt fosse facilitada para aqueles que pagam pelo uso do *site* e dificultada para aqueles que são usuários gratuitos. Portanto, aquilo a que dei o nome de disponibilidade virtual dos homens habitantes do Manhunt para criar vínculos está desde sempre dependente das e matizada pelas possibilidades sócio-econômicas de cada indivíduo, e esta condição precisa estar clara desde o início das análises. Por outro lado, o fato de haver homens que pagam pelos serviços do *site* demonstra também um investimento simbólico, além de financeiro, na possibilidade de usufruir de todas as alternativas que o Manhunt oferece. Ao pagar pelos serviços, o que atesta um importante recorte sócio-econômico dentre esses homens, alguns habitantes do Manhunt mostram que estão de fato dispostos a ampliar suas possibilidades de interação e comunicação com os demais, mostram que estão dispostos a ver e serem vistos pelos demais: esse investimento simbólico que se faz ao pagar os valores cobrados é uma espécie de “mais-valia” neste contexto, como Nonix mostra no trecho de sua entrevista.

Como pesquisador, criei um perfil *online* no site Manhunt com o nome de PesquisadorDeHomens. Meu perfil é o que aparece na figura abaixo, que usarei de modelo para descrever o modo como se apresentam todos os demais perfis *online* que arqueei durante o campo:

¹⁰ Todos os trechos de entrevistas *off-line* trazidos para as análises serão destacados do texto em fundo cinza com fonte Candara 12, espaçamento simples.

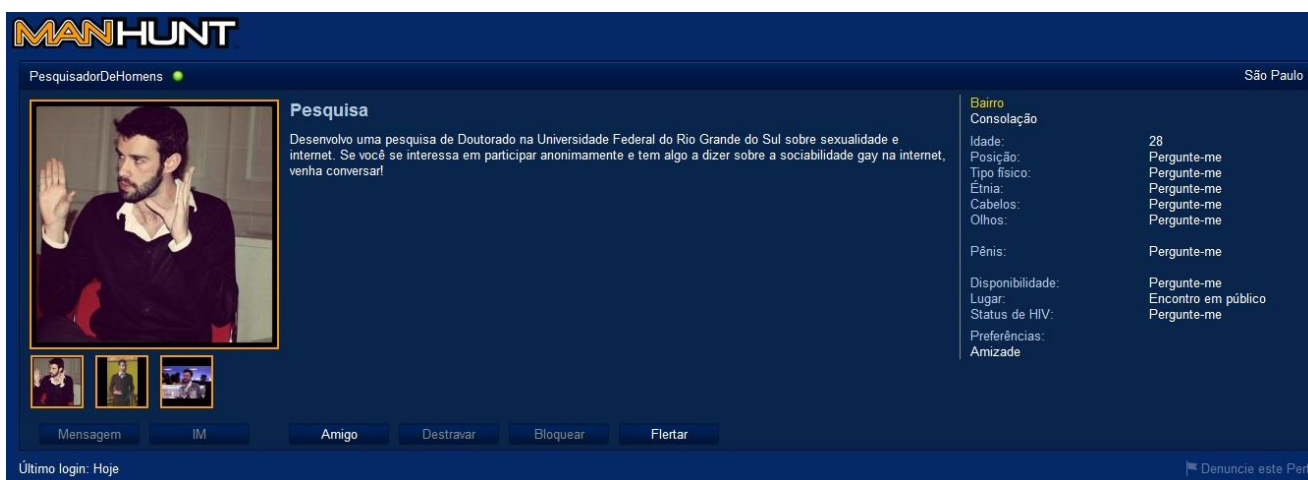


Figura 5 – Perfil PesquisadorDeHomens.

PesquisadorDeHomens

Pesquisa

Desenvolvo uma pesquisa de Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre sexualidade e internet. Se você se interessa em participar anonimamente e tem algo a dizer sobre a sociabilidade gay na internet, venha conversar!¹¹

No canto superior esquerdo é mostrado o nome criado por cada habitante do *site*, que é de livre escolha e precisa ter até no máximo 20 caracteres. As fotografias aparecem na parte esquerda do perfil. Pode haver até 16 fotografias em cada perfil. Destas, o dono do perfil pode bloquear algumas delas, liberando-as para a visualização apenas para aqueles outros homens que ele desejar que as vejam desbloqueadas. Há seis botões na parte inferior do perfil: “Mensagem”, através do qual é possível enviar mensagem em forma de e-mail para o dono do perfil; “IM”, ou *Instant Message*, através do qual se inicia uma conversa *online* instantânea com o dono do perfil; “Amigo”, através do qual se pode eleger o perfil como sendo de um “amigo”, fazendo com que tal perfil figure em uma lista personalizada e exclusiva de “preferidos” entre todos existentes no Manhunt; “Destruar”, através do qual é possível escolher um habitante do Manhunt que terá possibilidade de visualizar as fotografias bloqueadas; “Bloquear”, através do qual se bloqueia o dono do perfil, estando este não mais possibilitado de se comunicar com aquele que o bloqueou; e “Flertar”, através do qual se manda um “flerte” para o dono do perfil – o “flerte” não é nem uma mensagem em forma de e-

¹¹ Todos os trechos de perfis *online* trazidos para a análise serão destacados em caixa de texto com bordas simples, fonte Candara 12, espaço simples. Trechos de diferentes perfis serão elencados consecutivamente dentro da mesma caixa de texto, separados por asterisco (*).

mail, nem uma mensagem instantânea, é apenas uma “pisacada” ou uma sinalização de interesse. Esse último botão é bastante usado por homens que não têm acesso ilimitado aos serviços do *site*, pois o envio de “flertes” não entra na contagem limitada de mensagens para quem usa o *site* gratuitamente. Uma vez terminadas as 10 mensagens que se tem direito em 24 horas, esses homens passam a enviar “flertes” para outros perfis.

Na parte esquerda do perfil aparece uma coluna a ser preenchida com informações pré-escolhidas pelo próprio Manhunt. Esta coluna procura delinear o corpo dos donos do perfil da forma mais precisa possível através de opções como “Idade”, “Posição” (se ativo, se passivo, se versátil na prática sexual), “Tipo físico” (se magro, se musculoso, se obeso), “Etnia”, “Cabelo”, “Olhos”, “Pênis” (em que se pode escolher publicar os centímetros do tamanho do pênis do dono do perfil), “Disponibilidade” (em que se pode escolher qual a disponibilidade do dono do perfil para conhecer outros homens: se sempre, se apenas nos finais de semana, se apenas durante os dias de semana); “Lugar” (em que se pode escolher onde um possível encontro *off-line* pode acontecer); “Status de HIV” (se soropositivo, se soronegativo ou se o usuário não quer revelar sua condição sorológica); e “Preferências” (que diz respeito predominantemente às preferências em termos de práticas sexuais do dono do perfil, somando ao todo 32 opções¹² oferecidas pelo Manhunt que o usuário pode marcar e fazer públicas para os demais). Entre elas está “amizade”, que eu escolhi e que dentre as 32 opções é a única que escapa de uma inteligibilidade estritamente afetivo-sexual, a única na qual meus interesses como pesquisador cabiam.

No canto superior direito do perfil aparece a cidade onde o perfil está alocado, e logo abaixo aparece o bairro onde supostamente o dono do perfil mora. É mudando esta cidade que se pode mudar a alocação do perfil em diferentes cidades, estratégia a partir da qual eu mesmo pude mudar as cidades onde meu perfil de pesquisador figurou para conhecer homens do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Por exemplo, se a cidade onde o perfil está alocado é São Paulo, o perfil aparecerá em uma espécie de lista junto com outros perfis da cidade de São Paulo. Portanto, a distribuição dos perfis dentro do

¹² São elas: A dois, Namoro, Fisting, Sexo Anal, Jockstraps, Relacionamento sério, Sem drogas, Pornografia, Selvagem, Hetero/Bi, Voyeurismo, Bondage, Exibicionismo, Amizade, Sexo grupal, Beijos, Video chat, Massagens, Sem compromisso, Cunete, Sadomasoquismo, Sexo oral, Watersports, Maduros, Pés/meias, Fuck buddy, Punheta, Couro, Casados, Mamilos, Pig play, Role playing, Só sexo seguro, Brinquedos.

Manhunt acontece de acordo com a localização geográfica da cidade informada pelo dono do perfil, operando através de uma noção de proximidade geográfica bastante tradicional (este aspecto aparecerá novamente nas seções subsequentes e aí, então, será discutido). Essa lista é a lista de perfis *online* que estão disponíveis; é a lista onde os perfis são divulgados e expostos; é o “Mercado da Carne” e a “Agência Matrimonial”, conforme vou caracterizar nos próximos capítulos. Essa é a lista que exhibe e expõe os perfis *online* no Manhunt. A tal listagem de exposição dos perfis aparece na figura abaixo:

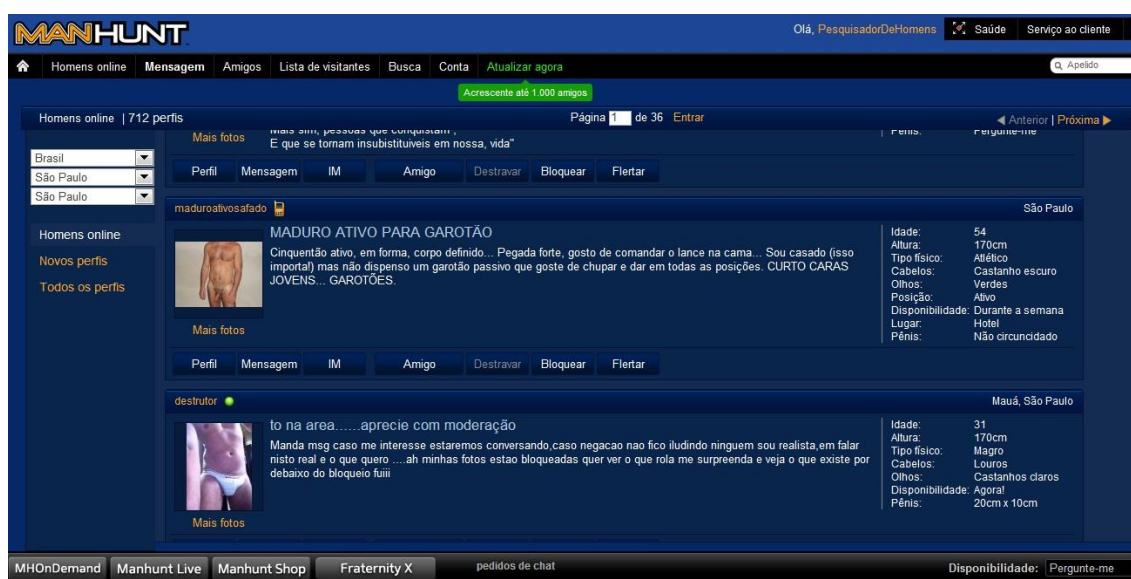


Figura 6 – Lista de perfis online no Manhunt.

No centro do perfil, entre as fotografias e a coluna de informações sobre o corpo, aparecem os textos escritos em que os homens habitantes do Manhunt podem descrever a si próprios, suas personalidades, explicitar o que buscam e o que não buscam estando dentro do *site*. Os textos publicados nesta área dos perfis *online* foram arquivados e, posteriormente, transcritos, constituindo-se em parte dos dados de análise. O arquivamento dos perfis foi possível graças à técnica do *print screen*: nos teclados dos computadores há uma tecla com esse nome que, ao ser digitada, produz uma imagem instantânea do conteúdo exibido na tela do computador. Daí que pude salvar, em formato de fotografia, os perfis que compõem parte do material de análise.

O texto do meu perfil como pesquisador foi planejado para dar informações pertinentes sobre a pesquisa para os demais habitantes do *site*, mas de forma breve e objetiva. Na coluna da direita, onde podem ser publicadas informações pessoais,

sobretudo relacionadas ao meu próprio corpo (como cabelo, olhos, tipo físico e pênis), escolhi sempre a alternativa “pergunte-me”, também como forma implícita de convidar os participantes a conversar comigo. O apelido PesquisadorDeHomens é literal – de fato, eu “pesquisei homens” –, mas é também sugestivo neste contexto, sinalizando para aquilo que eu chamei anteriormente de inserção “camaleônica” dentro do *site*. Esse apelido, no contexto do Manhunt, abre uma série de possibilidades de entendimento por parte dos demais homens. Um dos usuários mandou uma mensagem dizendo “quero ser todinho pesquisado por você”, enquanto que outro escreveu: “vem me anal-isar, rrsrs [risos]”. Isso demonstra que minha presença no *site* Manhunt foi realmente “participante”, além de atestar que, embora eu deixe claro que aquele perfil existia para realizar uma pesquisa, isso era ressignificado por alguns outros homens. Meu corpo entrou no jogo da dinâmica do *site* Manhunt, e os limites entre mim e os participantes da pesquisa precisariam ser constantemente negociados. A escolha das fotografias publicadas no perfil seguiram dois critérios: meu rosto precisaria estar à mostra de forma clara e eu precisaria estar o mais vestido possível. Tais critérios surgiram para se contrapor às fotografias dos corpos nus e às fotografias de corpos sem cabeça, que são as mais comuns dentro do Manhunt, conforme explicarei no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*.

Foi com esse perfil, em que me apresento como pesquisador e convido aqueles interessados a participar da pesquisa, que desenvolvi a observação participante. A observação participante consistia em entrar no *site* Manhunt em diferentes turnos do dia e permanecer *online* por pelo menos uma hora, “passeando”, observando e arquivando os perfis *online* dos demais habitantes como um *flâneur*, como um passeador¹³. Para a observação participante que empreendi, constituí uma espécie de diário de campo ao longo dos seis meses de observação participante onde fazia anotações sobre os perfis que encontrava e sobre o próprio *site* Manhunt (sua estrutura, sua estética, suas propagandas). Entretanto, esse diário de campo não seguiu as regras preconizadas pela etnografia. Nesse sentido, aproximo-me muito mais da figura de um pesquisador-turista

¹³ Foucault (2008, p. 343), reverberando as considerações de Charles Baudelaire sobre o *flâneur*, diz que a atitude tipicamente moderna não é aquela do *flâneur*: “[a]quele que flana se contenta em abrir os olhos, prestar atenção e colecionar na lembrança”. Para Foucault, não se trata de recolher o tempo presente “como uma curiosidade fugidia e interessante”, como o faz o *flâneur*. “Para a atitude da modernidade, o alto valor do presente é indissociável da obstinação de imaginar, imaginá-lo de modo diferente do que ele não é, e transformá-lo não o destruindo, mas captando-o no que ele é” (op. cit., p. 343-344). Talvez por essa razão eu proponha o substantivo pesquisador-*flanêur*, ou seja, um *flâneur* que não se contenta apenas em abrir os olhos por onde passa, mas que se demora um pouco mais a analisar aquilo que vê e as categorias através das quais olha: um *flâneur* interessado, um *flâneur* perscrutador, eventualmente um *flâneur* que, mais que imaginar outros tempos presentes, também delira outros tempos presentes como acontecerá no capítulo *A Agência Matrimonial: os caçadores de marido ou o Anticápítulo*.

ou de um pesquisador-*flâneur*: como se eu fizesse uma incursão turística pelos perfis *online* do Manhunt “por ter estado *lá*, tendo que descrever *aqui* (na volta da viagem), com auxílio dos cartões-postais, de filmes, de fotografias, de objetos e roupas típicas, de gravações (...) a cultura, a ‘realidade’ *lá* observada” (SANTOS, 2005, p. 10, grifos do autor).

Um turista difere do etnógrafo, sobretudo, porque “o modo de experimentar do(a) turista é primariamente visual, e ter estado *lá* requer apenas ter estado presente ou ter coletado um *souvenir*” (op. cit., p. 12), o que sugere que esse pesquisador-*flâneur* caminha em um território deixando-se surpreender pelo o que encontra na trajetória e colecionando as curiosidades que vê no caminho.

A escrita e a descrição buscam, então, recuperar, (re)constituir o *lá* vivido, tal como os(as) habitantes daquele lugar o viviam. Os objetos trazidos, as fotos, as anotações do diário de campo/de viagem funcionam, nesta (re)constituição, como matéria para compor/ilustrar a história que se conta – eles dão autenticidade à narrativa do(a) contador(s). Tenta-se com eles, e com o artifício da palavra, (re)compor uma “realidade” vivida e assim trazê-la àqueles(as) que *aqui* ficaram. A ilusão do(a) etnógrafo(a)-viajante talvez tenha sido, algum dia, aquela de ter esgotado completamente, por meio de sua narrativa, consubstanciada por sua estada, todas as significações que uma cultura pode ter. (op. cit., p. 12-13, grifos do autor).

Como um pesquisador-*flâneur*, os trechos de textos escritos publicados em perfis *online* que arqueei durante o campo de pesquisa me servem de *souvenir* da época do meu “passeio”, ou da minha viagem, pelo Manhunt. Recorrerei a esses *souvenirs* para reconstruir “aqui” aquilo que encontrei “*lá*”, às vezes funcionando como um pesquisador-contador, que narra uma estória, como acontecerá no capítulo *Agência Matrimonial: os caçadores de marido ou o Anticapítulo*. Não apenas observei os perfis *online* dos outros homens habitantes do *site*: também participei da dinâmica social a que se propõe o Manhunt na medida em que construí um perfil, publiquei fotografias minhas – e não quaisquer fotografias – e convidei outros homens a participar da pesquisa. Isto é, a presença de um pesquisador, por mais turista que eu tivesse sido, produziu efeitos naquele contexto, interveio naquele ambiente. Foi como se eu tivesse feito uma viagem a um país (o País de Marlboro) que eu já conhecesse: em primeiro lugar, porque já havia desenvolvido outras pesquisas acerca da internet e dos modos com que homens gays usavam suas possibilidades técnicas para encontrar uns aos outros. Em segundo lugar, e sobretudo, eu já havia conhecido esse país “à paisana”, sem gozar do *status* de pesquisador; em outras palavras, na minha vida pessoal, para deleites privados, eu vim acessando salas de bate-papo e *sites* de relacionamento pelo menos

desde 1996. Daí que minha *flâneurie*, a atitude de “passeio” pelos perfis *online*, já estava constituída por experiências (acadêmicas e pessoais) prévias.

É importante de sublinhar que meu perfil foi, efetivamente, “turista”: é possível mudar a cidade onde o perfil vai figurar. Por exemplo, no primeiro semestre de 2010 meu perfil de pesquisador aparecia na cidade do Rio de Janeiro, e boa parte dos perfis coletados e das entrevistas *online* foi feita com homens desta cidade. Ao longo de 2011, pude estar em Brasília, Salvador e São Paulo, cidades onde também coletei perfis e pude fazer entrevistas *online*. E foi assim, “passeando” por essas três cidades, que pude fazer as cinco entrevistas *off-line* que compõem parte dos dados que analiso.

As entrevistas *online* aconteceram através do *MSN Messenger*. Participaram delas aqueles homens que se dispuseram a fazer parte da pesquisa, respondendo positivamente ao convite feito no meu perfil. Ao todo foram cento e três (103) conversas *online*. Contudo, dessas 103 entrevistas restaram quarenta e seis (46) que apresentam uma continuidade de diálogos entre mim e os homens que aceitaram conversar através do *MSN*. As demais entrevistas foram descartadas porque não mantiveram uma regularidade: nessas, eu e os entrevistados conversamos uma única vez, em que eu explicava a pesquisa e a forma com que a entrevista *online* seria desenvolvida. Parte desses homens nunca mais trocaram mensagens comigo, e parte deles nunca mais apareceu *online* no *MSN Messenger*. Ao longo das análises, eu mencionarei apenas o nome que constava publicamente no *MSN Messenger* de cada entrevistado para identificá-los.

Foram feitas cinco (5) entrevistas *off-line*. Os entrevistados foram homens que viram o perfil PesquisadorDeHomens no Manhunt e também foram entrevistados *online*. O convite para entrevistas *off-line* foi absolutamente randômico: convidei vários dentre os entrevistados *online* para realizar entrevistas também *off-line*, mas consegui concretizar as cinco entrevistas cujos trechos usarei nestas análises.

A primeira delas foi realizada no Rio de Janeiro com Playboy, em abril de 2010. Playboy é um homem gay de 24 anos à época, morador do bairro de Marechal Hermes, onde morava com a mãe e o irmão. Playboy trabalhava para um banco privado. A segunda entrevista foi feita com Xato, também no Rio de Janeiro, em maio de 2010. Xato é um homem gay de 31 anos à época, morador do bairro de Copacabana, onde morava sozinho desde que se mudou do interior do estado do Rio de Janeiro. Xato era

funcionário público. A terceira entrevista foi feita com Xato e com Duck ao mesmo tempo, também em abril de 2010. Duck era o melhor amigo de Xato, que o convidou para ser entrevistado. Duck é um homem gay de 34 anos na época, morador do bairro de Copacabana, onde morava sozinho. Duck é nascido e criado no interior de Minas Gerais e mudou-se para o Rio de Janeiro depois de ter sido chamado para assumir um cargo público. A quarta entrevista foi feita com Nonix em Brasília em novembro de 2011. Nonix é um homem gay de 25 anos, morador da cidade de Sobradinho, cidade satélite de Brasília. Nonix trabalhava em um dos Ministérios. Morava com o pai, a mãe, a irmã e um sobrinho. A quinta entrevista foi feita com MadeInBrazil, em São Paulo, em janeiro de 2012. MadeInBrazil é um homem gay de 37 anos, morador do bairro do Morumbi, na capital paulista. Na época MadeInBrazil estava desempregado. Os nomes que uso para identificar cada entrevistado é o mesmo nome que eles próprios escolheram para seus perfis *online* no Manhunt.

Ao longo das análises, como parte da observação participante de cunho etnográfico, trarei excertos dos textos escritos de perfis *online* arquivados ao longo de dez meses. Arquivei trezentos e dois (302) perfis ao todo. O arquivamento acontecia graças à possibilidade de visualização de perfis de outros habitantes do Manhunt que visitavam meu perfil de pesquisador. Esta visualização era possível graças à “Lista de Visitantes”, que mostra os visitantes do perfil (vide figura 7). Porém, é importante salientar que há a possibilidade de “se esconder” da “Lista de Visitantes”, isto é, há uma configuração disponível no Manhunt em que cada homem dono de perfil *online* pode escolher se seu perfil poderá ou não ser identificado na lista de visitantes de outros perfis que ele eventualmente visitar. Isso significa que há homens habitantes do Manhunt que visitaram o perfil PesquisadorDeHomens, mas que não figuraram na “Lista de Visitantes”.

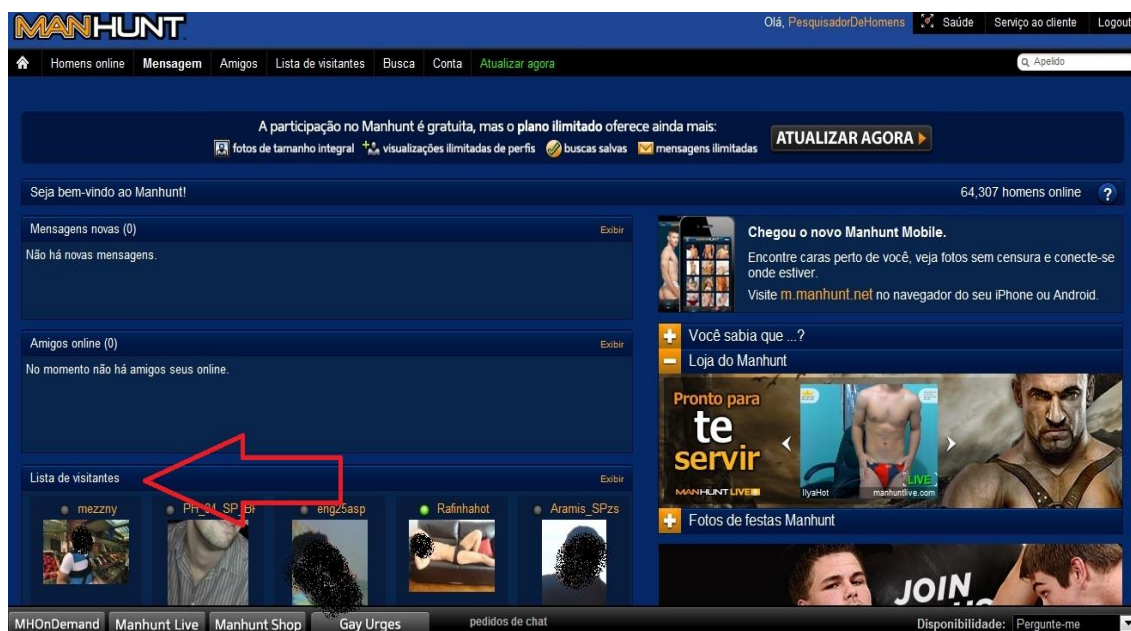


Figura 7 – Lista de visitantes do perfil PesquisadorDeHomens

Todos os homens que, através de seus perfis, visitaram meu perfil de PesquisadorDeHomens, e que apareciam na “Lista de Visitantes”, tiveram seus perfis “coletados” e arquivados mediante a técnica do *print screen*. Quando eu trazer esses excertos para a análise, eu prescindirei dos apelidos dos usuários donos dos perfis onde tais textos estão publicados. Esta é uma forma de manter o anonimato do texto, de preservar sua autoria, não identificando o nome construído pelo dono do perfil que serve como “autor” do texto. Pois, conforme discuti na seção anterior, os apelidos criados pelos homens usuários de *sites* de relacionamento e salas de bate-papo podem servir como meio de identificá-los mesmo não correspondendo aos seus nomes reais.

Mediante o uso dessa técnica de arquivamento dos perfis, tenho também a possibilidade de realizar uma análise visual das fotografias que esses homens publicavam em seus perfis, precisamente porque arqueei os perfis *online* daqueles que visitaram o PesquisadorDeHomens. Nesse momento, eu não me deterei em esmiuçar os modos e as implicações em proceder a essa análise visual. Eu farei isso, em parte, no mesmo momento em que introduzirei conceitualmente os métodos qualitativos de observação participante e entrevista mais adiante neste capítulo. Outra parte da discussão acerca dos modos de proceder à análise visual nesta pesquisa será feita no capítulo *Olhando o gênero que nos olha*. Por ora, é importante salientar que todos os perfis arquivados contam com, no mínimo, uma fotografia publicada, o que produz um número correspondente de, no mínimo, 302 fotografias a serem “analisadas

visualmente” – muito embora elas não sejam analisadas uma a uma, mas sim a partir dos modos emblemáticos de exposição dos corpos. Esses modos emblemáticos de exposição dos corpos serão mencionados e analisados nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*, *Olhando o gênero que nos olha* e *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*.

Depois de descrever objetivamente como, onde e quem eu pesquiso, passarei, a partir de agora, a proceder a uma discussão conceitualmente mais aprofundada acerca das metodologias empregadas nesta pesquisa. Assim, procurarei mostrar o quanto tais métodos de produção de dados estão imbricados na produção de subjetividades dos participantes de pesquisa. Para isso, trarei elementos da etnografia para analisar o emprego da observação participante; também trarei elementos da entrevista e da análise visual para analisar as implicações do uso de tais métodos para esta pesquisa.

2.2. Pesquisador *versus* pesquisado – posições desconfortáveis

Imersos/as em suas culturas, pesquisadores/as desenham mapas das práticas que eles/as veem e das quais eles/as participam ao desenvolver análises culturais empregando o arcabouço metodológico etnográfico: alguns/umas autores/as indicam que, ao fazer pesquisas de sexualidades usando métodos qualitativos, combinaram vários diferentes métodos de pesquisa incluindo entrevistas em profundidade, grupos focais, conversações etnográficas e histórias de vida (GORMAN-MURRAY et al., 2010, p. 97). Entretanto, pesquisadores/as não desenham tais mapas culturais como completos *outsiders*, como totalmente estranhos, conservando uma distância crítica das pessoas e dos objetos que eles/as estão pesquisando. O conceito binário “*insider/outsider*” pode ser questionado neste processo de desenho de mapas culturais (NASH, 2010, p. 137; GORMAN-MURRAY et al. 2010, p. 100; JACKMAN, 2010, p. 119).

O mapa é, então, não um instrumento de *reprodução*, mas um de *construção*. O mapa não é um modelo pré-formatado, um mero traçado, ou algo maior, mas é em tudo pontos que constantemente estão declinando este algo maior, a ponto de o mapa não ser claramente distinguível da coisa mapeada. Não apenas o mapa é constantemente redesenhado e reconectado, mas suas funções são múltiplas, intersectando num só momento os campos da política, arte e filosofia (KAUFMAN, 1998, p. 5, grifos da autora).

O exercício de desenho de um mapa como método de pesquisa é chamado “cartografia” (DELEUZE & GUATTARI, 2007b; GUATTARI & ROLNIK, 2010;

ROLNIK, 2007), no qual o/a pesquisador/a é considerado como um /a navegador/a que está desenhando o mapa de sua navegação simultaneamente ao ato de navegar – ou, nesse caso, de pesquisar (KAUFMAN, 1998, p. 3-4).

Embora esta pesquisa não seja estritamente cartográfica, esse conceito ajuda a sublinhar que pesquisadores/as não realizam o processo de pesquisa em um vácuo social; na verdade, eles/as pertencem àquilo que analisam e são produzidos/as pelas mesmas relações sociais e práticas culturais que tentam analisar. Além disso, o conceito de cartografia também nos auxilia a compreender que os métodos não estão prontos de antemão e que a produção dos dados é feita na experiência mesma do processo de pesquisa. Dessa forma, os modos como se dá a inserção do/a pesquisador/a em seu campo de pesquisa são assim tensionados, sobretudo na pesquisa de abordagem pós-estruturalista, “com sua proposição de descentramento e ênfase na linguagem, no discurso e nas relações de poder aplicadas à/ao próprio/a pesquisador/a, aos sujeitos de pesquisa, e à construção de cada um destes conceitos” (O’BYRNE, 2007, p. 1386; MEYER, 2005). A noção de reflexividade, usada para problematizar a inserção do/a pesquisador/a no campo de pesquisa, emerge como um “conceito frutífero” (NASH, 2010, p. 141). Neste sentido,

(...) reflexividade é a prática de ser consciente de suas perspectivas e sua posição social, e dos efeitos que estes podem ter no processo de pesquisa sobre aqueles/as que são pesquisados/as. *Isto dá às/aos pesquisadoras/as a oportunidade de refletir sobre suas histórias pessoais e posturas teóricas, e sobre a forma com que estas influenciam a pesquisa.* Assim, reflexividade desenvolve-se para aprofundar mais do que uma simples prática reflexiva preocupada com a influência em potencial da “presença” do/a pesquisador/a no campo de pesquisa. (McCABE & HOLMES, 2009, p. 1522, grifo nosso).

A chamada “auto-análise” da posição do/a pesquisador/a dentro do processo de pesquisa acaba por se tornar uma categoria de análise no processo de pesquisa, e a isso se dá diferentes nomenclaturas. A reflexividade é uma delas. A ideia de posicionalidade [*positionality*] é outro conceito propício para revisar criticamente a posição do/a pesquisador/a em relação àqueles indivíduos pesquisados, alçando-a a objeto de análise: reflexividade e posicionalidade “são termos que aludem a um pelo menos momentâneo lugar estável a partir do qual se é reflexivo e considera-se sua própria posição” (NASH, 2010, p. 141). A auto-etnografia é um método vizinho aos de reflexividade e posicionalidade, sendo usado para inserir o/a pesquisador/a no processo de pesquisa e no qual o foco do/a pesquisador/a é “no porquê, como, onde e em que contexto, assim por diante, ele ou ela experienciou uma sensação particular, e usa estes insights em

relação às suas próprias reações como uma base para o entendimento da cultura estudada” (O’BYRNE, 2007, p. 1383). Nós não podemos entender reflexividade, posicionalidade e auto-etnografia como tarefas meramente individuais: elas se colocam “além da auto-consciência narcísica como um viés conduzido durante o processo de pesquisa” (McCABE & HOLMES, 2009, p. 1519). Quando empregados na pesquisa, estes métodos podem fazer surgir perguntas sobre as condições a partir das quais a pesquisa, ela própria, emergiu, como foi planejada e conduzida. (GASTALDO & MCKEEVER, 2002).

Por quê/como nós escolhemos pesquisar os sujeitos que escolhemos? Que perguntas nós lhes fazemos? Que tipos de interações nós temos com nossos participantes enquanto coletamos os dados? Como nós somos parte da coleta de dados? Como nós organizamos, analisamos e disseminamos nossos achados? (DETAMORE, 2010, p. 169).

Junto com essas perguntas (éticas), também o arcabouço teórico usado na pesquisa deve ser colocado sob escrutínio. Apesar de “a teoria se tornar uma tentativa de ‘pensar de outro modo’, de explorar novos tipos de pensamento e de relações, novos tipos de subjetividades e de sociedades” (GOODCHILD, 1996, p. 8), diferentes conceitos potencializam ou constroem o processo de pesquisa quando empregados. Ao perguntarmos-nos sobre por que e como *essa* teoria deve ser usada e por que se emprega *esse(s)* método(s) para analisar *esse(s)* sujeitos, isso pode não apenas chamar os/as pesquisadores/as a pensar sobre suas próprias crenças pessoais sobre a produtividade da teoria que usam, mas também pode alavancar neles/as a preocupação ética sobre aqueles/as que estão sendo pesquisados/as. Isso seria o mesmo que sugerir que todo o campo teórico-metodológico a partir do qual e dentro do qual desenvolvemos nossa pesquisa é, ele próprio, elemento constituinte do sujeito-pesquisador.

A posição de pesquisador/a é, assim, um estado produzido na e pela relação entre pesquisador/a-pesquisados/as, mas também na e pela teoria, metodologia e ética empregadas no processo de pesquisa. É o que refere Denise Gastaldo (2012, p. 12) ao sugerir que “a posicionalidade do/a pesquisador/a é uma ferramenta primordial para a interpretação do que ocorre no campo e para a criação de uma narrativa”, para a reconstrução “aqui” da descrição do “ter estado lá”, conforme menciona Santos (2005), “que, longe de ser neutra, é rigorosa e engajada, permitindo propor maneiras alternativas de ver e pensar fenômenos”. Assim, ao contrapor-se à “crença na

neutralidade do/a pesquisador/a, que seria alguém separado do contexto do estudo”, sublinhada a importância de examinar essa posição assumida pelo/a pesquisador/a no processo de pesquisa, tal posição precisa ser explicitada e colocada sob escrutínio analítico, algo que “poderíamos nomear ‘sair do armário científico’” (GASTALDO, 2012, p. 9; p. 12).

Reflexividade, posicionalidade e auto-etnografia são exemplos de estratégias de pesquisa que são simultaneamente conceitos. Isso significa dizer que eles não são apenas estratégias importantes de produção de dados, mas que são também práticas concretas e ferramentas de pensamento: eles produzem pensamentos e ações durante o processo de pesquisa, sugerem procedimentos e constituem a produção de conhecimento comprometida tanto para com os/as pesquisados/as quanto para com os/as pesquisadores/as. Essas “estratégias-conceitos” exortam os/as pesquisadores/as a pensar sobre seus estados no processo de pesquisa e suas implicações nele, além de oferecer um conjunto de práticas de produção de dados e de análise. A observação participante de empreguei nesta pesquisa tem rastros de reflexividade, posicionalidade e auto-etnografia: precisamente, eu usei elementos destas “estratégias-conceitos” para problematizar minha inserção dentro do Manhunt e minha coexistência com os demais habitantes do *site*. O emprego de elementos das “estratégias-conceitos” de posicionalidade, auto-etnografia e reflexividade serviram para examinar minha própria inserção no processo de pesquisa como objeto de análise. Nessa direção, as posições assimétricas de pesquisador e pesquisados foram aqui constantemente tensionadas durante o campo na medida em que os homens habitantes do Manhunt me colocavam questões que me levavam a reconsiderar o meu *status* como pesquisador, possuindo (ou sendo possuído por) um corpo, gênero e sexualidade, tendo objetivos diversos daqueles que os demais homens tinham ao estarem *online* no Manhunt.

Por exemplo, realizei uma entrevista em profundidade com dois entrevistados simultaneamente. Ambos eram amigos: Duck e Xato, em que este convidou aquele para participar de uma conversa sobre corpo, gênero, sexualidade e internet em um dos quiosques do calçadão da Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro. Em algum momento da entrevista, Duck mencionou que sente atração por homens musculosos e sem gordura corporal em vez de se sentir atraído por alguém profundamente culto ou que tenha títulos acadêmicos – como explicitarei no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*, Duck preferia o “corpo” à “mente”. Duck afirmou que não se arrepende de

passar horas se exercitando com treinos de musculação na academia em vez de estudar ou ler livros. Ele estava sentado à minha direita e disse, apontando para mim: “quando eu tinha meus vinte e poucos anos eu era exatamente que nem você, eu não tinha corpo”. Ao dizer que eu “não tenho corpo”, Duck se referia ao fato de eu não ter um corpo esculpido por exercícios de musculação, que é o modelo de corpo que ele buscava para si próprio e que valorizava em seus parceiros. Entretanto, e exatamente por esse motivo, corpos como o meu, tais quais eles são, se apagam da rota do desejo de homens como Duck e, assim, acabam deixando de existir – no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*, explicitarei esse “apagamento” trazendo um trecho da entrevista feita com Duck no qual ele fala exatamente disso. Aqui, “não ter um corpo” significa “não ter um corpo que importa”. E, através dessa menção, Duck lançou meu próprio corpo e minha subjetividade (e meus títulos acadêmicos) para o núcleo do processo de pesquisa.

Autores como Braz (2007, 2009), Jackman (2010) e O’Byrne (2007) mostram o quanto o emprego da etnografia, por exemplo, nas pesquisas de sexualidades pode criar condições que indicam que *o corpo do/a pesquisador/a importa para a pesquisa*. Essas condições, contudo, podem fazer emergir questões importantes sobre as relações entre os participantes da pesquisa. Braz (2010) conduziu uma pesquisa etnográfica em clubes de sexo entre homens na cidade de São Paulo. Para poder entrar em um dos clubes de sexo que faziam parte do campo de sua pesquisa, o autor precisou ficar nu. Ele escreve: “No início era estranho ficar nu – só usando tênis e uma máscara que me deram na entrada” (op. cit., p. 148). E sua presença não era invisível para os demais homens que também estavam no clube e cujas práticas eram o objeto de seu estudo. “Eu percebi que muitos homens me olhavam. Eles roçavam em mim cada vez que eu passava de um espaço a outro. (...) Eles tentavam me agarrar, eu me esquivava” (op. cit., p. 148). Jackman (2010) menciona essa separação entre pesquisador e pesquisados nas pesquisas sobre sexualidade:

O que talvez seja menos aceitável é o reconhecimento de que antropólogos/as [ou qualquer pesquisador/a] são seres sexuais – que eles/as não são objetos passivos do afeto de seus/as informantes, mas que são sujeitos de desejo também. (...) Será um “não” murcho a única resposta apropriada para a expressão de interesse extra-pesquisa de um/a informante? (...) A verdade sobre as relações entre pesquisador/a e informantes que geralmente permanece abafada nas pesquisas etnográficas não é que uma subjetividade erotizada existe e constitui tais relações, mas que o campo, tal como ele é conceitualizado nas ciências sociais, requer a censura do desejo na etnografia e a negação do erotismo nos encontros do campo. (...) A maneira como o

desejo integra o alcance do/a pesquisador/a é correlata a como ele ou ela imagina os objetivos e limites da pesquisa. (p. 123; 124; 125; acréscimo nosso).

Nesse sentido, os trechos abaixo mostram de modo claro como meu próprio corpo, gênero e sexualidade estavam em jogo na ocasião das entrevistas *online*. Estes trechos, além de dispararem uma discussão sobre a importância do meu próprio corpo no processo de pesquisa, também apontam para o fato de que as temáticas pesquisadas, as perguntas feitas para os participantes e os métodos utilizados fizeram do processo de pesquisa um algo que esteve constante negociação de limites entre mim e os homens que aceitaram ser entrevistados:

Kady diz:

mas adoro falar contigo cara, e adoraria de conhecer pessoalmente

Luiz Felipe diz:

legal

vamos continuar conversando pelo MSN, quando eu tiver alguma coisa mais estruturada para fazermos uma entrevista off-line daí a gente marca.

Kady:

vai ser um prazer

e quem sabe como recompensa pelas respostas eu ganhe um beijo de um barbudinho gostoso

desculpe a ousadia¹⁴

Luiz Felipe me diz, vc é gay?

André Como assim?

Luiz Felipe isso faz diferença?

André vc é um pesquisador gay ou so um pesquisador?

Invariavelmente, em algum ponto do percurso da pesquisa, todos os homens que aceitaram dela fazer parte quiseram saber se o pesquisador também era um homem gay.

¹⁴ Todos os trechos de entrevistas *online* trazidos para a análise serão destacados em caixa de texto com bordas triplas, fonte Candara 12, espaço simples. Muitos trechos de entrevistas *online* foram inseridos no próprio texto, e não destacados em caixas.

Em grande medida, percebi essa curiosidade quando os pesquisados perguntavam se o pesquisador que conduziria a entrevista era o mesmo que aparecia nas fotografias publicadas no perfil PesquisadorDeHomens. Além disso, durante as entrevistas no *MSN Messenger*, alguns entrevistados questionavam-me sobre o que “realmente” aconteceria depois de terminada a entrevista, sugerindo que a pesquisa era um subterfúgio para que eu conseguisse parceiros sexuais dentro do *site Manhunt*. Isso demonstra que minha presença no *site Manhunt* foi efetivamente “participante”, além de atestar que, embora eu deixasse claro que aquele perfil existia para realizar uma pesquisa nesse contexto, isso era ressignificado por alguns usuários. Meu corpo – mesmo que de maneira virtual – entrou no jogo da dinâmica social do *site Manhunt*, pois era precisamente esse jogo da dinâmica social do *site* o objeto da pesquisa. Ao publicar minhas fotografias no perfil PesquisadorDeHomens, inseri meu corpo como peça no jogo da dinâmica social do Manhunt. Daí, entendo que os limites entre mim, o pesquisador, e os participantes da pesquisa precisaram ser constantemente negociados.

A fixação da minha identidade sexual se tornou algo preponderante para a criação de vínculos com os pesquisados e foi fulcral para o estabelecimento de relações entre mim e eles, sobretudo no momento em que decidi publicar fotografias minhas através do perfil *online*. “Assumir-me” como pesquisador gay, nessa pesquisa, se tornou um modo possível de me colocar no lugar de dizer “verdades”: tanto para mim, o pesquisador – que supostamente dirá “verdades científicas” sobre isso que pesquiso –, quanto para os pesquisados – que supostamente me disseram “informações verídicas” como dados de pesquisa. Foi como se, no contexto dessa pesquisa, todos os participantes precisassem “sair do armário” para fazer parte dela de alguma maneira.

Mais do que isso, me parece que a necessidade de preservação do anonimato dos pesquisados não é, efetivamente, o “problema que realmente importa” aqui. O que me parece importante é assinalar que fui “obrigado” a sair do armário junto com os pesquisados para ter acesso às suas informações. Assim, em primeiro lugar, não é precisamente o anonimato dos pesquisados, nem a veracidade das informações que interessam, mas sim o consenso, a relação consensual recíproca entre todos os participantes de pesquisa estreitamente ligada à sexualidade. Em segundo lugar, interessa entender o corpo sexuado, generificado e sexualizado do pesquisador como “passaporte”, como “visto de entrada” para a pesquisa – passaporte esse que não seria concedido a uma mulher, por exemplo, ou a um homem cujas características físicas não

estivessem dentro dos “pressupostos” corporais em cena no *site*. No limite, posso dizer que meu corpo à mostra funcionou como “isca” para os pesquisados. Nessa direção, a pergunta ética “que importa” é: um/a pesquisador/a pode se valer do seu corpo para “entrar” no seu campo de pesquisa – que, neste caso, era o País de Marlboro em que consiste o Manhunt?

A partir daí, há pelo menos dois pontos importantes a serem sublinhados: o primeiro é entender que o corpo sexuado, generificado e sexualizado do/a pesquisador/a importa e é, muitas vezes, o “passaporte” para sua entrada no campo de pesquisa. O sexo, o gênero, a sexualidade e os desejos sexuais do/a pesquisador/a podem ser solicitados pelos/as pesquisados/as como condição de possibilidade para o desenvolvimento da pesquisa. A pergunta ética que deriva desse primeiro ponto é a que interroga se é possível que o/a pesquisador/a se valha de seu corpo, em que medida e com quais implicações, para implementar a pesquisa a que se propôs. A saída ética para esse ponto é colocar o corpo do/a pesquisador/a como categoria de análise metodológica no processo de pesquisa.

O segundo ponto a ser sublinhado é que a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a pode ser balizada por isso a que dei o nome de “método do consenso”, isto é, que o/a pesquisado/a possa “consentir livre e esclarecidamente” em participar da pesquisa, ou em deixá-la em qualquer momento; que negocie com o/a pesquisador/a as perguntas feitas e as respostas dadas; que o pesquisado/a possa também fazer perguntas ao pesquisador/a e, talvez, pedir informações sobre a perspectiva teórica adotada na análise dos dados. Sobretudo, o método do consenso, no âmbito desta pesquisa, é um método em que a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a é construída principalmente em referência ao contexto no qual se desenvolve a pesquisa (seu objeto, os dados produzidos, a abordagem teórica das análises), e não somente em relação estrita a um conjunto de normas e regras prévia, externa e burocraticamente imposto, que enrijece e cristaliza os lugares, direitos e deveres tanto do/a pesquisado/a quanto do/a pesquisador/a. É precisamente esse ponto que é importante de marcar: os lugares dos pesquisados e do pesquisador, para esta pesquisa, foram tensionados e questionados a todo momento. Por essa razão, a ética metodológica nesse tipo de pesquisa precisou ser uma que privilegiasse a flexibilidade e a construção consensual de limites entre pesquisador e pesquisados. No método consensual de pesquisa, o/a pesquisador/a faz da própria ética um instrumento de pesquisa a ser construído em conjunto com o/a

pesquisado/a. Assim, procurei driblar “[a] ideia de que existe uma individualidade autônoma e discreta (...) independente das estruturas que delineiam quem tem a habilidade de consentir [em ser pesquisado] e quem não anima esta concepção” (DETAMORE, 2010, p. 176).

Dizer que eu consinto apenas significa que eu aceitei o meu lugar dentro de uma estrutura social dominante que vai me levar nas direções que eu tenho que seguir. Se eu caio fora da categoria daquele/a que “tem a capacidade de consentir”, ou se meu consentimento é de alguma forma desabilitado por causa da minha posição na sociedade (...), meu consentimento não mais importa porque meu consentimento não é meu para ser dado a alguém, ou é invariavelmente descapacitado como tal. (op. cit.).

Nessa direção, isso que estou denominando de “método consensual” de pesquisa ancora-se na ideia de que a relação entre pesquisador/a(es/as) e pesquisado/a(s) é algo que se estabelece em uma relação de poder. Nessa relação, se, por um lado, o/a pesquisador/a é visto/a com estando num polo de maior exercício de poder (por ser aquele/a que tem objetivos específicos em relação à conversação estabelecida), por outro, ele/a está “nas mãos” do/a pesquisado/a na medida em que, a cada pergunta, esse/a último/a pode simplesmente “desconectar-se” da pesquisa sem dar qualquer explicação para isso. Em outras palavras, fazer uso desse “método consensual” de obtenção de consentimento dos/as pesquisados/as é algo que não se dá apenas no momento em que eles/as dizem “sim” ao convite explícito para participar da pesquisa, mas é uma negociação, possibilitada por um jogo de poder, que se dá todo o tempo no jogo de pergunta e resposta – e de como se pergunta, com quais palavras, sobre qual temática.

Assim, embora já existam experiências de pesquisa na internet em que o/a pesquisador/a cria estratégias similares àquela de assinatura de um termo de consentimento informado, como Félix (2012), optei por entender que esse “jogo de pergunta e resposta” constitui-se como uma alternativa – que se dá ao longo de toda a pesquisa, que é negociada e consensualmente acordada entre os/as participantes – às atuais formalidades concretizadas na figura de um termo de consentimento, frequentemente aplicado no início da pesquisa e como um tipo de “garantia” ou aval que serve muito mais para o/a pesquisador/a do que para o/a pesquisado/a (ROSE N., 2007). Assim,

parece não ser necessário dizer que métodos inerentemente se conectam com questões éticas. (...) Mas se nós invertermos o paradigma (...) e dissermos que *a ética é inerentemente metodológica*, nós acabamos com um conjunto de

perguntas sobre metodologia em que a ética pode ser entendida como uma estratégia empregável. (...) Toda vez em que juntamos sujeitos humanos na pesquisa nós nos deparamos com valores, normas e formações éticas dos/as nossos/as participantes. (...) Isto significa que a habilidade de formar linhas de comunicação, fóruns de negociação, conexões de entendimentos, perspectivas sobre diferenças, reivindicações por justiça, a possibilidade de criar novos tipos de alianças comuns, e assim por diante, exigem que o/a pesquisador/a possa estabelecer confiança e relações em comum através de um conjunto amplo de termos, tanto seus próprios quanto de seus/suas participantes (DETAMORE, 2010, p. 169, grifo nosso).

Ao fazer tais colocações estou me unido ao conjunto de pesquisadores/as (McRAE & VIDAL, 2006; MINAYO, 2008; CONCONE & CERVENY, 2008; FLEISCHER & SCHUCH, 2010; OLIVEIRA, 2010; FONSECA, 2010) que têm tensionado, nos últimos anos, os modelos de pesquisa universais e que pressupõem que há apenas “uma verdade” na ciência. Cremos no necessário enfrentamento dos modelos pretensamente universais de se fazer pesquisa, não apenas porque cada um dos métodos, e cada um dos campos disciplinares nos quais tais métodos tiveram sua origem, foram aqui adaptados para a pesquisa na internet e fizeram surgir mais dúvidas do que certezas acerca do lugar do pesquisador. Mais que isso: cada método, estando ligado a seu campo disciplinar específico, desenvolve – ele próprio – “ferrolhos metodológicos” (em termos de técnicas, do como perguntar, dos limites do que se pode fazer), por assim dizer, na própria prática presencial (corpo a corpo) de pesquisa.

Isso implica no tensionamento da posição do pesquisador dentro da pesquisa que conduzi e nas relações estabelecidas com os pesquisados. Como se a escolha do objeto da pesquisa aqui em questão só pudesse ter sido feita e conduzida por um homem gay. Como se a reflexividade da pesquisa fosse mais do que um pensar sobre si próprio no contexto da pesquisa: é como se a reflexividade fosse, sobretudo, o reflexo do objeto no autor da pesquisa, e o autor da pesquisa se visse refletido no objeto ponto a ponto – como se a pesquisa fosse um reflexo especular do pesquisador. Assumir-se em uma identidade (homem gay) supostamente seria também assumir o objeto de pesquisa em mim, ao mesmo tempo legitimando-me como pesquisador apto a dizer “verdades” sobre os pesquisados – e essa pode ser uma das armadilhas de estratégias metodológicas como a do método consensual, uma armadilha que liga identidade à produção de “verdades” sobre os indivíduos.

2.3. Implicações do método ou estratégia do consenso

Afirmar-se em Uma Identidade, assumi-la, tomá-la para si e dela dizer publicamente, parecem ser processos indissociáveis não somente da nossa constituição enquanto sujeitos viáveis e inteligíveis em um contexto cultural, mas, sobretudo, da nossa legitimidade em dizer e fazer algumas coisas no processo de pesquisa. Aqui aparecem claramente as circunstâncias de fixação da identidade do pesquisador: o que está em jogo é a definição da sexualidade daquele que pesquisa como um lugar de “verdade”, ou um lugar de veridicção. Mas há mais jogos aí além do interesse sexual ou desejo por parte dos pesquisados pelo corpo do pesquisador. Por que um “pesquisador gay” é diferente de um – mero – “pesquisador”, como sugeriu um dos entrevistados ao perguntar: “você é só um pesquisador ou é um pesquisador gay”? É a fixação sobre qual é a identidade sexual do pesquisador que parece ser a fonte de confiança por parte dos demais participantes, a ponto de um deles sugerir que se eu fosse um pesquisador heterossexual seria difícil de levar adiante a entrevista.

Minha sexualidade foi, assim, solicitada a aparecer a todo o momento não apenas porque “a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa” (FOUCAULT, 2012b, p. 39) no que diz respeito aos prazeres dos corpos, mas também porque hoje está constituída uma formação discursiva em torno das identidades sexuais que sustenta e possibilita certos caminhos, certos modos de vida, certos prazeres e certas políticas – inclusive de produção de conhecimento. Por outro lado, a tentativa de definição sobre qual é a sexualidade do pesquisador também supõe localizá-lo dentro de uma “ordem do discurso” (FOUCAULT, 2009a), mas não só isso:

Muitas são as opções. Ser um escritor [ou pesquisador] gay é afirmar uma afetividade que, longe de acentuar o isolamento e alienação do homem contemporâneo, é uma forma de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano, uma ética de um sujeito plural e uma estética da existência. (LOPES, 2002, p. 38, acréscimo nosso).

Talvez seja interessante de pensar que não importa somente saber qual a diferença entre um “pesquisador” e um “pesquisador gay”, nem apenas defender que é preciso “assumir-se” gay para ser um participante da pesquisa que desenvolvi. No contexto dessa pesquisa, podemos entender que a pergunta implícita a todos aqueles homens que interrogaram minha sexualidade, a saber, “quem está conduzindo esta pesquisa e investigando minha sexualidade?”, é uma maneira de interrogar as condições de fala do lugar do pesquisador, uma forma de questionar as possibilidades que fazem

com que alguém fale o que fala e pergunte o que pergunte – no limite, que pesquise o que pesquise. Assim, a pergunta interessante é aquela que questiona os modos pelos quais a sexualidade do/a pesquisador/a torna-se algo relevante para legitimar o dizer “verdadeiro” da pesquisa, a veracidade do conhecimento produzido por ele/a. E tal pergunta torna-se relevante porque, de certo modo, no jogo político das identidades, parece que, por eu ser um homem gay, vou falar “desde dentro”, entendendo e dando voz, como parte de uma política de representação e de identidade, àqueles que querem falar através de mim.

Portanto, ao desenvolver observações participantes dentro do *site* Manhunt, precisei, de certa forma, assumir esse espaço como sendo saturado de relações que disputavam corpos, gêneros e sexualidades entre os homens habitantes do *site*, tal como o fez Braz em seu campo de pesquisa. Essa disputa é constituinte dos vínculos que emergem nesse espaço entre os homens que o habitam, e se foi minha tarefa mapear os modos possíveis de vínculos a que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos, eu precisei participar das disputas acerca de corpo, gênero e sexualidade que ali aconteciam; precisei me inserir nesse espaço como que um “camaleão”. Entretanto, por mais “camaleônica” que minha observação tenha se pretendido, tanto no apelido que criei para ser identificado *online* quanto no texto em que apresento meus objetivos dentro do *site*, eu estou claramente marcando que minha incursão ali era guiada para a consecução de um conjunto de procedimentos de pesquisa. Eu não estava *online* no Manhunt para achar parceiros para práticas sexuais, nem estava lá para encontrar um parceiro afetivo, um namorado. Mas os participantes dessa pesquisa, sim! E, por mais que eu me apresentasse como pesquisador, muitos homens insistiam em “me seduzir”, como já apontei na seção anterior.

Além disso, conforme referem Andréa Moraes Alves (2003) e Fernanda Eugenio (2003), o/a pesquisador/a jamais é totalmente “camaleão” na observação participante: a partir do momento em que ele/a se apresenta como pesquisador/a para o grupo de pesquisados/as – algo que me parece ser um princípio ético de pesquisa, a saber, informar os demais indivíduos que eles/as estão sendo pesquisados/as –, ele/a já assume em uma posição distinta dos demais integrantes do grupo a ser pesquisado a partir da qual ele/a desenvolverá a observação. Aliás, talvez a vontade de se misturar completamente com os/as pesquisados/as seja tal que sugira uma suposta capacidade de apreensão da “verdade” do campo de pesquisa – algo que é incompatível com a

perspectiva teórica adotada nesta pesquisa. Portanto, o perfil PesquisadorDeHomens, onde apresento brevemente a pesquisa, meus objetivos ao estar *online* no *site* e onde me apresento como pesquisador, funciona como uma “saída do armário científico”, conforme referiu Gastaldo (2012) – ainda que, além dessa “saída do armário científico” enquanto pesquisador, eu teria que também “sair do armário” enquanto homem gay. Foi por essas razões que investi nisso a que dei o nome de “estratégia de consenso” para a seleção dos pesquisados, isto é, através do perfil PesquisadorDeHomens eu faço um convite para os homens habitantes do Manhunt participarem da pesquisa. Ao aceitarem o convite, esses homens receberam informações acerca das temáticas que eu pretendia analisar (corpo, gênero e sexualidade) e foram novamente consultados sobre seu interesse em manter um diálogo através do *MSN Messenger*, programa através do qual realizei as entrevistas *online*.

Tal relação entre pesquisador/a e pesquisados/as, que pode caracterizar uma relação de confiança entre eles/as e que procurei manter nesta pesquisa nas entrevistas *online* e *off-line*, foi semelhante àquela desenvolvida por Eugenio (2003), que procedeu à etnografia em uma escola especializada para crianças cegas e que lhe produziu dois conflitos: “o da responsabilidade de educar [as crianças cegas], e o de ter sido convocada, sem possibilidade de recusa, a encarnar o olhar vigilante que as professoras cegas não podiam exercer sobre seus pequenos alunos” (op. cit., p. 210). Relação de confiança semelhante também àquela que Alves (2003) construiu com os/as participantes dos bailes de dança de salão: sendo uma mulher que não sabia dançar, a pesquisadora foi ensinada a fazê-lo: “[q]uando percebiam que eu não sabia dançar, tratavam logo de me dar orientações sobre postura, posição de mão, a ensinar os passos” (op. cit., p. 179). Inobstante a impossibilidade de o/a pesquisador/a adotar uma posição totalmente “camaleônica” em campo (a utopia de tornar-se indiferenciado/a de seus/suas pesquisados/as para apreender suas “verdades” e suas “essências” tal como se fosse um/a deles/as), ainda sim é possível construir relações outras com os/as pesquisados de tal maneira que através da observação participante, por exemplo, seja possível construir vínculos éticos com os/as participantes.

Ao ingressar no *site Manhunt* e convidar seus usuários a participar de um diálogo *online*, precisei assumir, de certa forma, esse espaço como sendo saturado de relações que disputavam corpos, gêneros e sexualidades entre os homens usuários do *site* e que eu fazia, enquanto pesquisador, parte desse registro. As disputas em torno dos

corpos, dos gêneros e das sexualidades são constituintes das relações que emergem entre os usuários do *site*, e se delas eu queria fazer parte para estudá-las, eu precisaria constituir uma relação ética com os participantes de pesquisa que pudesse exceder a relação normatizada pesquisador/pesquisados, já que escolhi estrategicamente prescindir da submissão do projeto a um CEP. Isso porque, a partir do modo como procurei negociar, a cada momento, a relação de pesquisa com os pesquisados, isso sinalizava para a promoção de um debate sobre ética e regulação nas pesquisas na internet sobre corpo, gênero e sexualidade. Essa relação ética com os pesquisados teria de ser uma dentro da qual eu ainda pudesse levar a cabo a pesquisa de um modo eticamente viável e que me permitisse implementar as entrevistas *online* com a segurança de que os participantes estivessem confortáveis e de acordo em responder às perguntas que eu dirigia a eles.

Além disso, tal relação ética também teria de ser uma em que eu e os homens que aceitaram fazer parte da pesquisa pudéssemos assumir nossos limites e impossibilidades; que eventualmente alguma pergunta não fosse respondida pelos entrevistados, ou que eventualmente os próprios entrevistados pudessem fazer perguntas para mim, por exemplo. Essa relação ética com os participantes de pesquisa teria de levar em conta o campo saturado de sexo (virtual) no qual ela aconteceu, tal como o campo da pesquisa de Braz anteriormente citada, e ela teria de servir de suporte para os métodos que emprego, viabilizando-os. Essa teria de ser uma relação que não se baseasse em noções prévias e institucionalmente outorgadas de “permitido” e de “proibido”, mas que pudesse oferecer espaços onde eu e os participantes “respirássemos”: essa relação ética que construímos conjuntamente diz respeito precisamente ao “método consensual” de participação em pesquisa.

“Talvez não seja necessário pontuar acriticamente a suposta erotização exacerbada dos homens gays para criticar a necessidade de ‘celibato’ em campo” (BRAZ, 2010, p. 145), já que essas são duas suposições moralistas – a erotização integral dos homens gays, que corresponde à total apreensão de suas vidas e de seus corpos em uma identidade fabricada pelo dispositivo de sexualidade, tal como Foucault já nos mostrou (2012b); e a condição celibatária do pesquisador em campo, que corresponde às necessidades positivistas de neutralidade e distanciamento do objeto. Por mais moralistas e reducionistas que essas suposições sejam, elas efetivamente funcionam como “verdades” em determinados contextos: o celibato dos/as

pesquisadores/as no campo de pesquisa raramente é desafiado ou questionado, por exemplo – está mais ou menos implícito e mais ou menos óbvio, dado de antemão, que o/a pesquisador/a não fará sexo com os/as participantes de pesquisa. Igualmente, seria fácil argumentar que, dado o volume de sedução dos corpos no espaço do *site* Manhunt, eu não teria como escapar das investidas dos entrevistados, que duvidavam da “seriedade” da minha pesquisa e dos “reais” motivos que me faziam estar ali.

Tanto a imposição de uma diferenciação asséptica entre pesquisador/pesquisado, purificando o desejo no campo de pesquisa, quanto o exercício de “sedução” dos entrevistados sobre o pesquisador podem ambas ser consideradas relações de poder que emergem no processo de pesquisa. É compreensível que se escolha uma dessas modalidades de relações entre os participantes para conduzir o processo de produção de dados, desde que tal escolha figure como decisão ético-metodológica do/a pesquisador/a e que ela própria integre a análise dos dados. Contudo, frequentemente o corpo e a sexualidade do/a pesquisador/a são entendidos como algo que não importa por parte dos próprios métodos da Ciência, ou como algo que não pode importar frente às dimensões acadêmico-científicas das quais estão revestidas a pesquisa. Quero destacar, como no caso deste estudo, que os corpos importam (dos pesquisadores/as e dos pesquisados/as), que têm efeitos no modo como se pesquisa e que é preciso colocá-los em tensionamento como parte das estratégias ético-metodológicas.

É preciso que a relação pesquisador/a-pesquisados/as seja guiada por uma reflexão ética que engloba transformar em categoria de análise os corpos, os gêneros e as sexualidades de ambos os/as pesquisadores/as e pesquisados/as, sempre levando em consideração que os/as pesquisadores/as ocupam um lugar diferenciado e “interessado” na pesquisa. Também é importante considerar que os corpos, os gêneros e as sexualidades de ambos, os/as pesquisadores/as e pesquisados/as, podem estar em jogo, na cena, “desde que o/a pesquisador/a não se utilize do sexo para a aquisição de informações” (BOLTON *apud* BRAZ, 2010, p. 149), Em outras palavras, para esta pesquisa, isso significa colocar o próprio desejo do pesquisador e dos pesquisados como categoria analítica no caso deles virem a existir durante a produção de dados. Trata-se de compreender e buscar experimentar conceitualmente “as maneiras como meu próprio corpo estava sendo materializado” (BRAZ, 2010, p. 145), sem que haja o “dever” de fazer sexo com os pesquisados, por um lado, da mesma forma com que não é desejável que eu me mantivesse neutro e imparcial em relação ao campo.

Disso se supõe que “o intelectual implicado procura não se retirar dos efeitos analisadores do dispositivo de intervenção” (PAULON, 2005, p. 24), uma vez que minha presença no *site* de relacionamento não é uma “mera” presença; no limite, é uma interpelação, uma intervenção nesses espaços: efetivamente, essa é uma observação que participa junto com os participantes. Assim, eu usei meu o corpo, mostrado através de imagens publicadas no perfil, como “passaporte” para minha entrada na dinâmica social do Manhunt e para convidar os usuários do *site* a fazerem parte da pesquisa.

Nesse sentido, a experiência corporal (...) dos sujeitos estudados e também do/a antropólogo/a [pesquisador/a] pode ser alçada à categoria de método de pesquisa. Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade de distanciamento (...), mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada aos sujeitos da pesquisa e a/ao próprio/a pesquisador/a (BRAZ, 2010, p. 145-146, acréscimo e grifo nossos).

Mesmo que eu afirme que tenha havido a possibilidade de construção de relações de confiança com aqueles homens que entrevistei, é preciso mencionar algumas diferenças importantes que experimentei entre as entrevistas *online*, feitas através do *MSN Messenger*, e as entrevistas *off-line*, feitas sem o recurso da mediação por computador conectado à internet. Durante as entrevistas *online*, eu tinha a possibilidade de entrevistar vários participantes simultaneamente, da mesma maneira com que eles poderiam manter conversas comigo e com várias outras pessoas ao mesmo tempo. A qualquer momento, se um pesquisado julgasse a entrevista “chata”, “monótona”, ou se ele estivesse envolvido em alguma atividade mais “interessante” do que participar da entrevista, esse indivíduo poderia simplesmente me bloquear no programa *MSN Messenger*, ou poderia simplesmente desconectar-se do programa, interrompendo a entrevista. Ainda, como ocorreu várias vezes, os pesquisados demoravam vários minutos para responder às perguntas que eu lhes fazia, e quando respondiam o faziam com frases rápidas, lacônicas, como estas: “porque eu gosto”, “eu acho que sim”, “talvez”, “nunca pensei sobre isso” etc. Quando eu insistia, solicitando deles respostas mais densas, foi comum esses indivíduos desconectarem-se do *MSN Messenger*, de uma hora para outra, sem oferecer justificações para a interrupção da entrevista.

Daí que foi necessário eu conversar com os pesquisados sobre “assuntos diversos”, sobre “variedades”; isto é, foi necessário que eu mantivesse conversas que não versassem necessária e estritamente sobre as temáticas da minha pesquisa para que se preservasse o interesse deles em participar da entrevista. Por isso, investi em diálogos com os pesquisados sobre o tempo (frio, calor, chuva, sol, nuvens), sobre receitas de

cozinha, sobre as últimas notícias da política brasileira, sobre suas dificuldades financeiras e sobre suas brigas de família, tudo isso para construir uma relação tal com os pesquisados que os mantivesse interessados em dialogar comigo. Por isso, há entrevistas *online* que contam com algo em torno de noventa páginas, mas apenas cerca de vinte dessas páginas versam sobre os tópicos relacionados às temáticas desta pesquisa. As outras setenta páginas foram tentativas de minha parte na direção de “seduzir” os participantes de pesquisa, por assim dizer, visto que tais tentativas tinham o intuito de fazer com que eles permanecessem interessados em dialogar comigo. Para tanto, durante as entrevistas *online* eu precisei escapar – e muito – do roteiro de perguntas que eu havia organizado previamente para guiá-las, às vezes cedendo lugar para discussões que não tinham relevância para as temáticas da minha pesquisa, mas que tinham o objetivo de criar condições para que os pesquisados se mantivessem interessados em dialogar comigo. Nessa “estratégia de sedução” dos pesquisados, articulada à “estratégia do consenso”, também desempenharam um papel importante a publicação de fotografias da minha face durante as entrevistas *online* através do *MSN Messenger*.

Portanto, durante o processo de entrevista *online*, os pesquisados tinham a possibilidade de “bloquear o pesquisador” e de interromper a entrevista abruptamente, sem explicar o porquê da interrupção. Essa experiência não ocorreu em nenhuma entrevista *off-line* que conduzi: nenhum indivíduo levantou-se e foi embora no meio do diálogo, sem dar explicações para essa atitude. A partir disso se entende que a “estratégia do consenso”, quando utilizada em métodos que dependem da mediação por computadores conectados à internet, como foi o caso das entrevistas *online* que conduzi nesta pesquisa, por um lado coloca o/a pesquisador/a “nas mãos” dos/as pesquisados/as de um modo muito mais explícito que a entrevista *off-line*, por exemplo – a relação entre pesquisador/a e pesquisados/as torna-se muito mais simétrica na entrevista *online*, pois, a despeito das estratégias de “sedução” por parte do/a pesquisador/a, o/a pesquisado/a pode “bloquear” o/a pesquisador/a a qualquer instante e por qualquer razão. Por outro lado, essa relação explicitamente mais simétrica entre pesquisador/a e pesquisado/a implica em uma “estratégia do consenso” cujo consentimento do/a pesquisado/a em participar da pesquisa precisa ser permanentemente renovado. Nessa direção, o consenso em participar da entrevista *online* precisou ser constantemente negociado e revalidado entre mim e os pesquisados através da reiteração do consenso na

relação entre pesquisador e pesquisados. Esse “consentimento contínuo” dos/as pesquisados/as (MUELLER & INSTONE, 2008), isto é, a anuência sempre renovada em relação à participação em pesquisa, é uma dimensão intrínseca à “estratégia do consenso” que empreguei na produção de dados.

Muitos homens que aceitaram consensualmente em participar de uma conversa *online* no *MSN Messenger* acabaram por nunca mais dialogar comigo. Eles deixavam de aparecer *online* no programa de conversa instantânea precisamente depois de me interrogarem acerca da pesquisa para se certificarem de que eu estava, “de fato”, fazendo pesquisa – que meu perfil PesquisadorDeHomens não era um subterfúgio criado por mim para achar parceiros sexuais e afetivos dentro do Manhunt. Um dos pesquisados, um homem de Brasília, manteve comigo algumas conversas *online*; entretanto, quando eu fui à Brasília e sugeri que nós marcássemos uma entrevista, ele respondeu: “Sim, podemos nos encontrar em um bar gay da Asa Sul, à noite”, ao que respondi dizendo que preferia um lugar mais calmo, como um café, e durante o dia, para que a entrevista pudesse ser mais bem gravada pelo gravador de voz. Esse homem disse, então: “Gravador? Vc [você] tá louco?”, “Não, eu preciso gravar a nossa conversa e depois transcrevê-la”. O homem disse: “Ah, então vc [você] está fazendo pesquisa *mesmo*?” (grifo nosso). Eu afirmei: “Sim, estou”, ao que ele respondeu, “Não quero ser entrevistado”. Essas são algumas das razões pelas quais mais da metade das entrevistas *online* acabaram sendo excluídas das análises: bastante eventualmente, na reativação constante da “estratégia do consenso”, muitos homens recusaram-se a participar da pesquisa, às vezes não mais dialogando comigo, às vezes desconectando-se do programa de conversa *online*, às vezes “bloqueando o pesquisador” no *MSN Messenger*.

Além disso, como elementos da etnografia, as entrevistas também podem prover algumas possibilidades interessantes para pensar as relações consensuais entre os/as participantes da pesquisa de sexualidades, como Gorman-Murray et al. (2010) e Nash (2010) pontuam. McCabe e Holmes (2009, p. 1523) comparam entrevistas de pesquisa com práticas confessionais, sublinhando que essas podem “se tornar um espaço em que ambos, o/a pesquisador/a e o indivíduo pesquisado, se engajam em uma reflexividade expandida”. Escrevendo sobre suas próprias experiências como entrevistador em pesquisas de sexualidades, Gorman-Murray (2010, p. 102) coloca que “ao longo das entrevistas eu geralmente me senti e me ouvi sendo constituído tanto como um ‘*expert*’ e um ‘ingênuo’, como um ‘ouvinte’ e um ‘contador de histórias’ e como um

‘confidente’ e um ‘estranho’”. Heckert (2010, p. 51), por sua vez, escreve sobre sua preocupação em dar algo para os/as entrevistados/as em vez de apenas receber informações deles/as, temendo que ele “poderia estar explorando-os por tomar suas histórias. Ela [uma participante de pesquisa] me lembrou que ao escutar eu estava dando algo a ela também”. Heckert argumenta, na mesma direção de McCabe e Holmes (2009), que a entrevista pode ser “um presente para o/a entrevistado assim como é para o/a entrevistador/a”, pois “o/a entrevistado/a deve ter a oportunidade de falar sobre o que é importante para ele ou ela, assim como é importante para o/a entrevistador/a” (HECKERT, 2010, p. 52).

Neste sentido, a entrevista serve como um veículo para o pensamento e para a ação reflexivos quando o/a participante examina seus próprios comportamentos e crenças (e os dos demais) contra um conjunto de normas pré-estabelecidas. Ao verbalizar seus sentimentos e, portanto, ao identificarem-se como certo tipo de sujeito, participantes e pesquisadores/as podem ganhar um novo entendimento (conhecimento) deles/as próprios/as, e podem usar, então, esse conhecimento para se mover em direção a uma nova forma de ser e agir (...). (McCABE & HOLMES, 2009, p. 1523).

Nessa direção, a estratégia de produção de dados, especialmente as entrevistas em profundidade, foi orientada por um acordo mútuo e consensual entre os participantes, assim como os tópicos a serem discutidos nas entrevistas e as próprias reorientações que eu fazia durante as conversas – o que não prescindiu de um roteiro prévio de perguntas semi-estruturado, bastante útil no encaminhamento das discussões.

A despeito de todos os esclarecimentos, e precisamente pela adoção da estratégia ou método do consenso, alguns homens recusaram-se a fazer parte da pesquisa, pedindo para ficarem fora da análise dos dados. Um deles mandou uma mensagem via Manhunt perguntando qual CEP havia aprovado meu projeto e como eu faria para mandar para ele o TCLE. A minha resposta foi clara: meu projeto não havia sido submetido a nenhum CEP, tampouco contava com TCLE, exatamente porque havia escolhido desenvolver uma discussão sobre aspectos éticos ao longo da condução de toda a pesquisa. Esse homem respondeu-me pedindo para não constar na pesquisa.

Outros homens realmente pediram para serem pesquisados, escrevendo parágrafos expressando suas opiniões e sentimentos sobre o que significa ser homem gay hoje, respondendo voluntariamente ao convite que faço no texto do perfil de pesquisador. Para alguns desses homens usuários do *site* Manhunt, era absolutamente inaceitável que um pesquisador estivesse conduzindo uma pesquisa como esta, enquanto

que para outros isso era excitante, estimulante e fascinante. Ambas as concepções não são apenas opiniões pessoais, mas são, de fato, o resultado de um complexo agenciamento de experiências passadas, perspectivas políticas, ideias sobre ciência e diferentes significados sobre o que é ser gay em diferentes sociedades e idades. Alguns participantes me questionaram sobre os métodos empregados na produção de dados, perguntando sobre como eu produziria um conhecimento relevante sem nenhum indicador quantitativo, e se este estudo não havia sido previamente aprovado por um CEP – nas palavras deste participante, que me enviou uma mensagem através do Manhunt: “Qual é o seu *n* de pesquisa? Qual o *software* de análise de dados você vai usar? Como você vai produzir Ciência de verdade?”. Entretanto, todos aqueles homens entrevistados que aqui aparecem identificados consensualmente permitiram usar as informações que me deram para que eu pudesse escrever esta tese e, posteriormente, publicar suas análises.

Porém, há limites que me foram impostos de forma prévia a qualquer contato com os participantes de pesquisa e que precisam ser considerados no bojo da discussão sobre ética como dimensão inerente à metodologia que adotei. Esses limites dizem respeito ao uso de imagens publicadas nos perfis dos diferentes homens que consensualmente aceitaram fazer parte desta pesquisa. É precisamente o método de análise visual aquele que me permite expor esta problematização quando da ocasião da análise das imagens publicadas nos perfis arquivados durante a observação participante.

Há dois motivos que me impedem de usar as imagens dos perfis aqui. O primeiro: no momento da criação de um perfil *online* no *site* Manhunt, é preciso concordar com os Termos de Acesso e Uso (ver Anexo II). Ali está proibido qualquer tipo de reprodução das imagens de perfis de terceiros. Isso significa que as fotografias contidas nos perfis *online* que arqueei ao longo do campo não podem ser reproduzidas aqui, uma vez que, ao entrar no Manhunt para desenvolver esta pesquisa, eu “consenti” com essa condição. O segundo motivo é o seguinte: apesar de eu me apresentar como pesquisador no perfil PesquisadorDeHomens, eu não solicitei a autorização para o uso das imagens dos perfis arquivados – ou seja, daqueles homens que visitaram meu perfil de pesquisador, mas que não consentiram consensualmente que eu usasse suas fotografias aqui. Essas razões vetam qualquer reprodução fotográfica de perfis de terceiros nesta tese.

Isso produz um limite metodológico, pois a análise das imagens publicadas nos perfis é parte importante do exame da dinâmica do *site* Manhunt, como já se pôde notar pelas figuras que mostrei até aqui. As possibilidades de publicação de fotografias dos corpos dos homens habitantes do *site* é uma das condições que constituem as formas com que este *site* será habitado, bem como é algo importante para entender as formas como vão se dar as relações entre estes homens – além de essas imagens serem constituídas por marcas contemporâneas que dizem sobre os modos possíveis de ser homem gay hoje. O apelo imagético dos corpos – o “totalitarismo fotogênico”, como menciona Denise Sant’Anna (2005a, p. 107), ou o “ocularcentrismo” da vida contemporânea ocidental (ROSE G., 2007, p. 2) – é denso dentro desse espaço. Há inclusive condições para que eu sugira que é o olho o órgão mais importante do corpo para a dinâmica do *site* Manhunt, e não o pênis, nem o peito, nem o abdome.

É por causa dessa centralidade do olhar que, apesar de eu estar impedido de usar as fotografias dos perfis *online*, precisarei lançar mão da arte (incluída aí a publicidade, como no caso das imagens da campanha de cigarros Marlboro) como saída (ou entrada) ético-metodológica para o limite da análise visual: devido a um imperativo ético da própria “estratégia do consenso” que adotei nesta pesquisa, nas análises visuais que realizarei será necessário constituir um modo outro de fazer ver aqui as fotografias publicadas nos perfis *online* que arqueei. As fotografias dos corpos dos homens habitantes do Manhunt publicadas em seus perfis serão visibilizadas aqui através do recurso a produções artísticas, como imagens de esculturas, fotografias e telas de quadros. Isso significa que não publicarei nenhuma fotografia dos perfis *online* arquivados no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos* nem no capítulo *Olhando o gênero que nos olha*; porém, buscarei elementos imagéticos de esculturas, pinturas e outras fotografias já publicadas que, por analogia, vão trazer para estas análises os modos emblemáticos de exposição dos corpos que encontrei nos perfis arquivados. Usarei imagens de arte para discutir imagens dos perfis *online* graças à intertextualidade imagética, como escreve Gillian Rose (2007, p. 142): “intertextualidade refere-se à maneira com que significados de qualquer texto ou imagem discursiva dependem não só do texto e da imagem em si, mas também dos significados carregados por outras imagens e textos”. Tentarei, assim, recriar os sentidos das fotografias dos perfis *online* associando-os a imagens de produções artísticas. Mas o recurso à intertextualidade somente funcionará se eu conseguir selecionar imagens de

produções artísticas que acionem a memória ou o repertório visual daqueles/as que veem estas imagens.

Adiantando o que será exposto nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos* e *Olhando o gênero que nos olha*, eu só poderei usar imagens do Davi de Michelangelo – imagens de fragmentos do corpo da escultura – porque eu encontro nessa produção artística a possibilidade de recriação, no contexto desta tese, das formas que eu encontrei os corpos fotografados nos perfis *online* que arqueei ao longo da observação participante. Porém, entendo que o corpo do Davi de Michelangelo, exposto como produção artística na Itália, é visto de forma distinta das formas com que são vistos os corpos dos homens habitantes do Manhunt dentro do *site*: o Davi de Michelangelo não está submetido ao “Mercado da Carne”, da mesma maneira com que os corpos no Manhunt não estão necessariamente publicados para a fruição estética como obras de arte. Há, por isso, dois regimes de visualidade distintos: um dentro do qual o Davi de Michelangelo é visto e outro dentro do qual os corpos dos homens habitantes do Manhunt são vistos.

Por visualidade, Gillian Rose expressa “a forma na qual a visão é construída de diversos modos” (op. cit., p. 2). Assim, “é possível pensar a visualidade como uma espécie de discurso também”, na medida em que “uma visualidade específica fará certas coisas visíveis e outras não visíveis” (op. cit., p. 143). Por discurso nessa formulação a autora obviamente não entende apenas textos ou os atos de fala, mas um conjunto “articulado através de toda espécie de textos e imagens, verbais e visuais, especializados ou não” (op. cit., p. 142). Se o Davi de Michelangelo e os corpos dos homens do Manhunt emergem em dois regimes de visualidade diferentes, e se eu estou impedido eticamente de usar as imagens dos perfis *online*, então usarei produções artísticas nas análises visuais que farei para recriar aqui os modos emblemáticos de exposição dos corpos que encontrei nos perfis do Manhunt. Isso será possível graças à intertextualidade imagética, mas também devido a uma reapropriação dessas produções: não suponho uma similitude ou semelhança entre as fotografias dos perfis e as imagens de produções artísticas, como o Davi de Michelangelo; suponho, sim, uma associação entre ambas as formas de visualização dos corpos. Por essa razão, o corpo do Davi de Michelangelo não será mostrado aqui em sua “integralidade”: ele será “recortado”, “seccionado”, mostrado em suas “partes” e “trechos”, tal como os corpos são exibidos nas imagens dos perfis do Manhunt. Assim, espero que as imagens das produções

artísticas que serão trazidas aqui não sejam tomadas em sua obviedade, isto é, que essas imagens não sejam circunscritas apenas àquilo que mostram: conforme explicitarei no capítulo *Olhando o gênero que nos olha*, tais imagens valem, sobretudo, por aquilo que esperamos ver nelas, mas que elas não mostram.

Nas próximas seções, parto para circunscrição do Manhunt enquanto território, apontando elementos para pensar as maneiras com que os homens habitam o Manhunt e usam de suas possibilidades técnicas para conhecer uns aos outros. Também procurarei demonstrar que o território do Manhunt é uma superfície de enfrentamentos e lutas, eventualmente de práticas de violência, entre os homens que o habitam. Mais ao fim do capítulo, caracterizei o dispositivo tecnológico e o diagrama de controle-estímulo, dentro dos quais se produzem os modos emblemáticos de exibição dos corpos dentro do *site* – que, por conseguinte, mantêm relações estreitas com as formas de vínculo a que esses homens estão dispostos a criar uns com os outros.

2.4. O território que importa

Em uma das entrevistas *online*, Kady, de 42 anos e morador de Canoas, respondeu o seguinte, quando perguntei se ele frequentava saunas, parques e banheiros públicos, cinemas pornô, videolocadoras, bares ou boates para encontrar homens parceiros sexuais além de usar o Manhunt: “eu acho saunas seguras, por isso continuo indo – menos, mas vou, até porque gosto muito. Não acho seguros os lugares de pegação, apesar de achar excitante”. Retruquei: “mas já te aconteceu alguma coisa em lugar de pegação?”. Ele respondeu: “Não, sempre foi tranquilo, mas sempre tem o risco de encontrar alguém conhecido”. Quando perguntei a Michel, morador de Florianópolis, com 24 anos, “Tu só usa o Manhunt e o *MSN Messenger* para conhecer teus parceiros?”, ele disse: “Sim, só faço isso aqui pela internet. Lá ‘fora’ eu não me comporto assim. Mas acho que é só uma ferramenta para me ajudar. Sem ela, eu não estaria pegando ninguém aí na rua, no shopping...”. Eu sugeri: “Em quais outros locais tu poderias ir em vez do Manhunt?”. Ele respondeu: “Talvez eu estivesse indo à sauna bem mais. Ter a internet possibilita você manter contatos e fica uma coisa mais discreta, principalmente. Porque você se expõe menos pra quem tá lá fora. Porque você faz isso aqui dentro de casa, você de frente pro micro [computador]. Sem ninguém conhecido por perto. Você mantém seu sigilo”. Na mesma direção, o entrevistado Wilde, de Brasília, de 32 anos, respondeu algo semelhante à mesma pergunta: “Nunca fui em

sauna, só a bares e boates [gays]. Uso a internet por uma questão de discrição (...) uma maneira de não expor a minha pessoa”.

Esse território que importa, o Manhunt, parece se constituir em relação àquilo que Miskolci referiu como “um armário para dois” (2009): um território onde dois homens discretos se encontrarão, onde a discrição é garantida, onde é possível evitar o encontro cara-a-cara com conhecidos e evitar ser reconhecido como homem gay ou como homem que faz sexo com outros homens. Mantém-se, assim, em um primeiro momento, uma relação próxima entre os *sites* de relacionamento e a figura do armário (SEDGWICK, 2007) – esse ponto será aprofundado no capítulo *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*.

Além disso, é possível estar *online* no Manhunt e permanecer dentro de casa, em frente ao computador, para conhecer outros homens. Talvez seja por essa razão que se renove a dicotomia dentro–fora: estando dentro de casa, *online* no Manhunt, mas ainda podendo conhecer outros homens (que, por sua vez, também poderão estar dentro de suas casas); enquanto que “estar fora” significa, efetivamente, sair de dentro de casa para ir à rua, mover o corpo para o espaço público e aí circular. Assim como na definição de armário, que só existe mediante “uma relação distintivamente indicativa entre homossexualidade e mapeamentos mais amplos do segredo e da revelação, do público e do privado” (op. cit., p. 26), ganha reforço a ideia de que, se um homem quer encontrar outros parceiros afetivos/sexuais, ele não precisa “ir pra fora”, sair de casa, circular pelo espaço público. Como refere Kady, a vulnerabilidade à violência nos lugares de pegação – como saunas, parques e banheiros públicos, cinemas pornô e videolocadoras de filmes eróticos – também desencoraja a circulação de indivíduos nesses locais. De certa maneira, entretanto, todos esses excertos sugerem que a internet, em especial os *sites* de relacionamento por ela oferecidos, são territórios importantes para esses homens, pois é aquele ao qual eles recorrem com maior frequência e com exclusividade, para alguns.

Há outras possíveis condições para a habitação de *sites* como o Manhunt que se articulam à desejada discrição e à temida violência. Quando perguntei para o entrevistado Daydreamer, um homem de 23 anos, morador de Brasília, se ele circulava em outros espaços além da internet, ele respondeu o seguinte: “geralmente saio com grupos grandes de amigos... até que conheço gente por aí, mas o Manhunt é mais uma forma”. Eu o questionei: “o Manhunt é mais um espaço dentre outros, é isso?”, e ele

respondeu: “é, de certa forma sim. Claro que é mais específico, e por isso mesmo, mais complicado conhecer alguém... porque grande parte tá interessada só no sexo mesmo”. Repliquei: “bom, mas uma boate ou um bar gay também são específicos...”. E ele sugere: “sim, sim. Mas tem gente que vai [para boates ou bares gays] pra conversar, pra trabalhar, pra se pegar, pra dançar, pra beber. O Manhunt é mais focado em sexo, até por causa do nome... é uma rede de ‘paquera’... Mas eu encontrei gente ali que às vezes não era tão seguro da própria sexualidade pra ir a uma boate gay. E usava o Manhunt pra encontrar outros gays e socializar”. Isso sugere que há um “foco” específico que o Manhunt oferece para os homens que o habitam, qual seja, o de encontrar outros homens para serem parceiros sexuais. Esse objetivo específico de estar *online* no *site* coloca, em primeiro lugar, os corpos desses homens como centro articulador dos vínculos aos quais eles estão dispostos a criar uns com os outros – ao fim deste capítulo e nos próximos três, aprofundarei essa ideia.

Em segundo lugar, remetendo aos trechos de entrevistas *online* com os quais abri esta seção que mostram que os *sites* de relacionamento, e o Manhunt em especial, são os “lugares” principais, e às vezes exclusivos, que esses homens habitam para encontrar outros homens, é possível sugerir que aí se caracteriza um ambiente altamente saturado de “caça”. Portanto, podemos pensar que o Manhunt é um espaço, ou um território, que importa para homens que estão *online*, que buscam uns aos outros para estar juntos e criar vínculos entre si – tendo seus corpos como instrumento e veículo para tanto. É preciso, então, fazer uma diferenciação entre espaço e território: o território é um “espaço-processo” disputado e habitado através de relações de poder (HAESBAERT, 2008, p. 21).

(...) território nasce com uma dupla conotação (...), pois etimologicamente aparece tão próximo da *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. (HAESBAERT, 2008, p. 21).

De maneira mais contundente, “o[s] território[s] (...) devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m)” (op. cit., p. 20-21). Estando imerso em relações de poder entre aqueles/as que disputam pelo seu controle, o espaço se territorializa: ele se torna um campo de batalha, um campo de

lutas, talvez de medo e terror como a etimologia da palavra sugere. Sobretudo, é no território em que se dá o enfrentamento pela sua habitação e pelo seu controle. Assim, o Manhunt é território de caça: uma superfície delimitada dentro da qual acontecem relações de disputa que têm como vórtice articulador o corpo generificado dos homens que ali estão.

Segundo Daydreamer, o *site* Manhunt tem um “foco”, uma proposta, um público-alvo: é um *site* de encontros sexuais que procura dar oportunidades para homens gays praticarem sexo. Como se aí eles pudessem “experimentar” algo em relação às suas sexualidades, aos seus gêneros e aos seus corpos que, em outros ambientes, eles não poderiam. E aí, nesse território alternativo em que se constitui o *site* de relacionamentos Manhunt, é onde algumas experiências relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades vão poder emergir para esses homens.

Mais importante ainda é Daydreamer dizer que há homens gays que usam o espaço do Manhunt não apenas para “caçar homens”, como o nome do *site* sugere, mas, sobretudo, para “socializar”, ou seja, para estar junto de outros homens gays. É como se houvesse um escape ao “foco” preciso e circunscrito que o Manhunt propõe: procura-se sexo, sim, mas, simultaneamente, procura-se por algo além e aquém de sexo, ou algo através do sexo. E esse algo além, aquém e através das práticas sexuais entre homens é que pode ser chamado de “sociabilidade”, como Daydreamer sugeriu. Esse algo além, aquém e através das práticas sexuais entre homens é o “estar junto” de outros homens gays; como se os usuários do Manhunt fossem levados a habitar seu espaço como forma de pertencer a um grupo mais amplo. Precisamente aí se encontra isto que chamei no *Capítulo Guia* de disponibilidade virtual para “estar junto”: homens gays usando o *site* Manhunt como território para conhecer outros homens gays e com uma disposição em potencial para o encontro e para a construção de vínculos.

Daydreamer ainda diz o seguinte durante sua entrevista *online*: “na minha adolescência a internet era como a praça da cidade onde todo mundo se encontrava”. Se tomarmos a internet como “uma praça”, ou mesmo como uma cidade sem superfície física, como uma metrópole sem solo concreto, como um espaço que desdobra diferentes distâncias graças à possibilidade de presença remota, como um labirinto de múltiplas entradas e de múltiplas saídas, como um espaço de coexistência e de coabitação de diferentes grupos de pessoas, a internet se torna, assim, um território de

enfrentamento. Um desses enfrentamentos acontece porque, para alguns homens habitantes do Manhunt, o *site* é tido como “neutro”, isto é, fora do circuito tradicional de sociabilidade entre homens gays, não sendo, portanto, um ambiente do “meio gay” na concepção de alguns:

Passivo discreto [...] fora do meio gay [...] Procuo por: cara com menos de 40 anos, ativo, discreto, fora do meio gay.

*

Eu sou um cara macho pra caralho (jeito e voz de homem), bissexual (tinha namorada), boa pinta. Não frequento lugares GLS¹⁵.

Esses homens dizem, portanto, estar fora de territórios habitados por pessoas não heterossexuais; não obstante, mantêm perfis *online* no Manhunt, o que pode sugerir que, para esses homens, o Manhunt não se encaixa na concepção estrita de “meio” ou “lugar” gay. É também nessa direção que alguns entrevistados referem que a internet é um território que eles podem habitar sem ser reconhecidos ou, pelo menos, sendo reconhecidos de modos outros que não permitam que pessoas associem suas práticas sexuais e afetivas com homens às suas “identidades reais”. É esse aspecto do “sigilo” e da “discrição”, algo que a internet supostamente garante, que talvez leve esses homens a entendê-la como um território não-marcado, “neutro”, que não pode ser chamado de “lugar gay” como uma boate, um bar. Porém, tal concepção produz reações como esta, apresentada no texto escrito de um perfil:

Site de pegação também é MEIO GLS [...] Quem não frequenta o meio frequenta os cantos.

Ora, se um homem que está no território do *site* de relacionamento Manhunt diz que não frequenta o “meio gay” e solicita conhecer outros homens que estão igualmente “fora do meio gay”, é fácil supor que esse homem não entende o Manhunt como parte do “meio gay”. Existe a suposição de que a internet, talvez por emprestar certo anonimato às relações, é território de discrição e sigilo, estando fora do circuito mais tradicional de sociabilidade entre pessoas não heterossexuais. Entretanto, como o terceiro trecho de perfil *online* atesta, “*site* de pegação também é meio ‘GLS’”, e com um aviso: “quem não frequenta no meio frequenta nos cantos”. Essa proposição é desafiadora, pois reinsere na disputa pela habitação do território do Manhunt

¹⁵ Sigla que aludia a “gays, lésbicas e simpatizantes”.

precisamente os modos complexos de relações entre o territorial e o sexual. Isto é, reinsere no seio do enfrentamento entre os homens habitantes do *site* os termos que definirão, por um lado, a sexualidade daqueles homens que ali estão, e, por outro, a marcação desse território como “meio gay”. Ainda, ao opor “meio” e “canto”, esse usuário também opera com diferentes modos de fazer-se visível dentro desse território, diferentes maneiras de colocar-se dentro do *site* enquanto “gay” – “frequentar os cantos” refere às tão reivindicadas “discrições” e aos “sigilos” em relação às sexualidades não heterossexuais neste contexto.

Sendo “meio” ou “canto”, esses trechos de perfis indicam que o território a ser habitados importam para esses homens. “Os espaços que nós atravessamos e nos quais nós vivemos – aos quais nós nos adaptamos, que nós criamos, e que às vezes reconstruímos – têm grande importância no modo como nós nos expressamos”, sugere Ingram (1997, p. 27) referindo-se à relevância da habitação de espaços públicos e privados, espaços de encontro e de troca, de construção de redes de sociabilidade para pessoas não heterossexuais. Assim, é possível dizer que os espaços atravessados, vividos, criados e reconstruídos compõem uma linha do processo de produção de subjetividades: os espaços nos constituem na mesma medida em que nós os constituímos (cf. MURDOCH, 2006; LEAP, 1999). Igualmente, os modos com que “o espacial e o sexual constituem um ao outro” (BELL & VALENTINE, 1995, p. 2) são importantes para analisar as experiências de sexualidades não heterossexuais. Isso porque, quando o espacial e o sexual se imbricam e possibilitam experiências de sexualidades através do encontro de pessoas não heterossexuais, tal constituição mútua expõe disputas em torno dos corpos, dos gêneros e das sexualidades. É precisamente através da imbricação entre o espacial e o sexual em que emerge o Manhunt, caracterizado aqui como um território, como o País de Marlboro. Assim, reformulando a colocação de Bell e Valentine, é bem possível que o Manhunt, enquanto território do País de Marlboro, seja onde o territorial e o sexual constituam um ao outro mediante disputas e enfrentamentos que têm os corpos como veículo e ferramenta para as batalhas – e é isso que eu espero deixar claro até o final destas análises.

As disputas e os enfrentamentos que caracterizam o Manhunt como o território do País de Marlboro podem bem sugerir relações de violência entre aqueles que o habitam – ponto que aprofundarei na próxima seção. Entretanto, esse território, no qual corpos de homens entram em batalha, também pode ser caracterizado pelo movimento

de agrupamento e aglutinação de indivíduos que ali se encontram – e que ali eventualmente disputam, que ali eventualmente se enfrentam –, mas que ali têm possibilidades de produzir experiências. O Manhunt, como País de Marlboro, ao mesmo tempo em que é um território de enfrentamentos, é também um plano de produção de subjetividade para os homens que o habitam. Como sugerem Ingram, Bouthillette e Retter (1997, p. 55-56):

Assim como há atos sexuais e identidades pessoais relacionadas a eles, há mapas que descrevem a geografia física de uma paisagem e mapas mais subjetivos que existem nas “nossas mentes”. Na experiência *queer*¹⁶, esse mapa de “sentido do lugar” desempenha um papel-chave, afetando como as pessoas vivem suas vidas pessoais e como elas interagem em redes sociais. *Ele define pontos onde amigos, amantes, parceiros sexuais em potencial e aliados podem ser encontrados, e onde o perigo pode existir. (...) O mapa de cada pessoa é usualmente em parte uma autobiografia, parte uma mitologia e em parte uma incorporação de tensões relativas a formas de marginalidade, como as políticas sexuais, gênero, raça, etnia ou cultura. Mas, em vez de representar uma Gestalt fielmente completa, cada mapa constitui uma página no atlas contínuo da vida individual e da história em comunidade. Ele contém dimensões emocionais, políticas e econômicas e envolve tanto indivíduos como grupos. Apesar de a dinâmica sexual sempre figurar nessas cenas, os papéis da sexualidade, e como eles são desempenhados no espaço e através do tempo, variam enormemente. (grifos nossos).*

Portanto, os mapas que trago em excertos de perfis *online* ou de entrevistas não são apenas individuais: eles contêm aspectos profundamente políticos e históricos, sendo produtos de um momento particular que compõem uma “página do atlas contínuo” do tempo presente. Aqui, a analítica das formas com que os homens habitam o Manhunt procura investigar “as percepções, ideias e prioridades que caracterizam cada comunidade e sua relação com o ambiente”, com os territórios habitados e disputados, sendo “pré-requisitos necessários para a construção de ‘afinidades efetivas’, que, por sua vez, podem levar a novas alianças entre lésbicas, homens gays, bissexuais, transexuais e outros grupos de ‘minorias sexuais’” a desafiar ou desestabilizar a matriz heterossexual dentro da qual os corpos, as subjetividades e, inclusive, os territórios são constituídos (INGRAM, BOUTHILLETTE & RETTER, 1997, p. 4). Como indicam os trechos grifados na citação anterior, os mapas subjetivos aqui apresentados não são essencialmente individuais, mas carregam traços de mapas mais amplos das relações de

¹⁶ Aqui, os/as autores/as usam a palavra *queer* para referirem-se às pessoas não heterossexuais, englobando homens gays, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros e intersexuais. Nesta “tradução” perde-se muito, contudo. Pois a palavra “*queer*”, em inglês, tem força dupla: como um estranhamento, uma excentricidade, mas também, e sobretudo, como um xingamento pesado e desmoralizante (cf. LOURO, 2004, p. 33-34; BUTLER, 1993, p. 226-230). Talvez fosse o caso de sugerir “experiência *puto*” como tradução possível, para manter o teor de xingamento e de violência correspondente em português.

poder que funcionam na produção de subjetividades e de sexualidades. Ainda, tais mapas individuais mostram traços e rastros das relações que ligam um indivíduo a outro, que ligam um indivíduo a um grupo, relações essas através das quais também opera a produção de subjetividade.

O primeiro trecho que trago, na direção de exemplificar esses mapas individuais e coletivos, é da entrevista feita com Nonix, no qual discutíamos as dificuldades de locomoção dentro da cidade de Brasília e como essas dificuldades constroem o acesso a determinados espaços de sociabilidade de homens gays:

Luiz Felipe: Até a localização das boates na cidade já determina um pouco.

Nonix: Aham, tem isso também. Porque lá [a boate Drop's] ficava do lado da rodoviária, onde desemboca qualquer um. Na [boate] Blue Space não é bem assim, lá tem no máximo metrô e você vai ter que andar uma meia hora até entrar na boate se você for de metrô. Metrô também não abarca todo mundo, apesar de pegar duas das maiores cidades do Distrito Federal, das mais pobres também, né, mesmo assim tem essa limitação. A Festa da Lili agora acontece no Setor de Clubes Sul, lá não passa ônibus. A festa começa às 23h, só vai ficar boa à 1h30min da manhã. Ou seja, uma bichinha pobre pra chegar lá no sábado, ela vai ter que pegar ônibus 9 e pouco da noite pra chegar perto de um clube desse e sair de lá depois das 7h [da manhã], quando a festa geralmente acaba, pra poder pegar um outro ônibus, e no domingo, que o dia seguinte é domingo, é uma raridade de passar [ônibus]. Táxi, uma fortuna. Então tem essa seleção que acontece. E Brasília seleciona muito as pessoas por causa disso. Tem ônibus pra onde tem lugar de emprego, pra lugar de diversão não tem ônibus, não tem. Pobre não tem lazer aqui. Então, se ferra um pouco.

[...]

Nonix: Se satélite é discriminado, 'entorno' é o quê? É a escória.

Luiz Felipe: 'Entorno' é além das cidades satélites?

Nonix: Além do quadradinho do Distrito Federal.

Luiz Felipe: Ah, isso é o 'entorno'.

Nonix: Isso é o 'entorno'. Aí dá 3 milhões e 200 mil em volta do quadradinho. Aí entra Valparaíso, Luiziânia, Jardim Ingá, Jardim ABC, tem uma tal de Mercaria, nem sei pra onde vai, Pedregal, Santo Antônio Descoberto, Águas Lindas, que é um lugar super perigoso. Então as bichinhas que moram ali, coitadas. São as mais discriminadas. Geralmente elas desembocam todas aqui no... como é o nome do bar que tem no Parque da Cidade? O Bar Ulho.

Luiz Felipe: Eu fui no Bar Ulho!

Nonix: Ele é bem o exemplo do que não é desejado. [Risos]

Luiz Felipe: O Bar Ulho, por quê?

Nonix: Não s... é porque ele é o estereótipo daquilo que as bichinhas de Brasília não gostam. Bichinha pobre, poc-poc. Ou cafuçu bombado junto com travestis, sapatão grosseira, tudo junto, tudo ao mesmo tempo. [...] Achei terrível, achei medonho, baixo nível mesmo. Porque é podre, podre, podre, podre.

Esse trecho da entrevista com Nonix mostra que a circulação de pessoas dentro do tecido urbano, bem como sua localização dentro das cidades, é constrangida por uma série de fatores que vão desde a própria localização dos espaços de sociabilidade, o oferecimento do serviço de transporte público, os diferentes meios de transporte público e, em última instância, até o próprio local onde essas pessoas residem. Estas diferentes formas de habitar e de circular pelos espaços urbanos são também fortemente atravessadas pelo pertencimento de classe e poder aquisitivo: “Tem ônibus pra onde tem lugar de emprego, pra lugar de diversão não tem ônibus. Pobre não tem lazer aqui”, como diz Nonix.

Não obstante, as dificuldades de circulação no tecido urbano acabam por promover a habitação de outros espaços, como aqueles mais próximos das grandes estações de metrô ou perto da Rodoviária de Brasília, como mostra esse trecho de entrevista. Nonix diz que a boate Drop's é habitada por pessoas diferentes daquelas que frequentam a boate Blue Space ou a Festa da Lili porque a Drop's “ficava do lado da rodoviária, e lá desemboca qualquer um”. O Bar Ulho, que fica localizado no Parque da Cidade em Brasília, local de relativo fácil acesso devido à sua centralidade e gratuidade, “é bem o exemplo do que não é desejado”. Quando Nonix usa a expressão “entorno”, por exemplo, para se referir às cidades que ficam “além do quadradinho do Distrito Federal”, ele fala de uma política espacial urbana que cria centros e, em contrapartida e simultaneamente, cria margens. O “entorno” é aquilo que circunda o centro. Segundo sua narrativa, a marginalidade do “entorno” é literalmente incorporada em indivíduos como “bichinha pobre, poc-poc. Ou cafuçu bombado junto com travestis, sapatão grosseira”, em que a expressão “poc-poc” designa homens gays sem grande poder aquisitivo e geralmente afeminados; e a palavra “cafuçu” geralmente se refere a homens que fazem sexo com outros homens, mas que não se identificam como gays, tendo um

emprego considerado “braçal”. Ambas as expressões, “poc-poc” e “cafuçu”, têm uma forte valoração moral e se conectam com hierarquizações de classe e de gênero no uso comum e cotidiano do “vocabulário gay”.

Mesmo assim, o “entorno” invade o centro eventualmente, com toda sua densa presença não desejada. Através dessa presença, o “entorno” cria um espaço imprevisto dentro de um parque público da Capital Federal onde os/as não desejados/as, “tudo junto, tudo ao mesmo tempo”, habitarão. Todavia, o “entorno” não deixa de ser “entorno” só porque adentra o espaço urbano central. Aqueles indivíduos não deixam de ser marginais ao incursionar das margens ao centro: eles e elas não são assimilados/as porque deixaram as margens, mesmo que momentaneamente. No limite, sua densa presença concentrada no espaço do Bar Ulho reforça seu status como indesejados e indesejáveis ao mesmo tempo em que contribui para que espaços como os da boate Blue Space e da Festa da Lili sejam ocupados pelos “desejados” e “desejáveis”. Portanto, trata-se de investigar as condições que impedem alguns indivíduos de habitar alguns espaços, mas que justamente por isso produzem como efeito a criação de outros espaços, talvez espaços imprevistos, que supostamente os indivíduos “não desejados” habitarão. Além disso, será importante mais adiante de analisar as reações violentas produzidas pelo borramento da separação entre “desejados” e “desejáveis” dentro do território do Manhunt.

O segundo trecho de entrevista, que também versa sobre a constituição dos mapas individuais e coletivos sobre os territórios habitados por homens gays, foi aquela feita com MadeInBrazil:

Luiz Felipe: Como é que tu começou a usar a internet?

MadeInBrazil: A internet foi um boom na época, acho que foi em 96 ou 97. E era uma internet meio fraquinha, né? Não tinha esse barato de sala de bate-papo ainda, eram poucos sites, depois de uns meses abriu o UOL, ou AOL. E comecei lá... lento. E comecei aí. Eu frequentava muito a noite ainda. Eu ainda sou daqueles que prefiro sair e conhecer alguém.

Luiz Felipe: Prefere isso à internet?

MadeInBrasil: Prefiro. Ali [na internet] é tudo muito rápido. Cê não gasta dinheiro. Tem as vantagens e as desvantagens [risos]. Se você sair pra algum lugar aqui, cê vai gastar dinheiro. Estacionamento, cê vai num bar tem que pagar entrada, na boate também. Aí tem todo aquele ritual. Tem troca de olhar, eu acho muito

gostoso isso, de cê olhar, cê paquerar. E na internet cê perde isso. Tem as vantagens e as desvantagens. Tem o lado bom que cê não gasta nada. Cê paga \$30 por mês e luz. ‘Vamos encontrar?’, acho que essa é a vantagem: imediatismo. Diferente de 15 anos atrás. [...] Aí cê vai numa sauna, que eu não frequento. Eu fui uma vez, depois nunca mais, eu não sabia como é que era. Na sauna cê vai, pá, pum. Cê tá com toalhinha, que eu entrei uma vez, sei muito bem como é que é. Bateu a química? Rolou? Vamos ver qual é que é, não sabe nem o nome. [...] Por isso que eu to te falando, eu to numa, eu não tenho muito dinheiro. Não posso me dar ao luxo de ir pra uma balada. Pagar \$50, \$60, não posso. Se é pra ir, eu prefiro tá investindo em outra coisa. Num curso, num material que eu vou comprar, que não é barato. Entendeu? Então, pra mim, a alternativa é a internet. Eu te falei: cê não gasta. Gasta o mínimo possível. [...] Às vezes cê quer sexo. ‘Vamos?’. Aí começa sempre a colocar obstáculo: ‘mas cê mora longe, tatata’.

Luiz Felipe: Dizem isso pra ti na internet?

MadeInBrazil: Sim. Eu também falo. Vila Maria, zona leste, nem sei onde ficar isso, cara, nunca fui na zona leste, não sei onde que é isso. Mas cê quer sexo, vai pra internet. Cê quer um meio mais rápido? Vai numa sauna. Cê tá me entendendo?

MadeInBrazil traz outro argumento para explicar, pelo menos em parte, sua adesão à internet como território de sociabilidade. É porque supostamente a internet seria um território barato de habitar, ao contrário das boates de São Paulo, que faz com que ele participe de *sites* de relacionamento para homens gays. MadeInBrazil elenca aspectos financeiros desfavoráveis que inviabilizam sua circulação em outros territórios de sociabilidade para homens gays além da internet: preço da entrada da boate, estacionamento – e podemos supor uma série de gastos prévios a estes, como a própria aquisição de um carro, sua manutenção, e, inclusive, a compra de roupas tidas como adequadas para frequentar determinados territórios. Talvez todas as dificuldades apontadas por Nonix no que diz respeito à circulação e habitação de territórios nas cidades também se encaixem no argumento de MadeInBrazil: a internet é a saída, ou a entrada, para um novo território, supostamente mais barato e supostamente mais acessível que outros mais tradicionais, como as boates. Não é preciso usar transporte público nem ter um carro para habitar a internet; é preciso ter um computador e pagar os serviços de acesso à rede mundial. Eventualmente, como argumentarei no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*, sequer roupas são necessárias para usar a internet como território de sociabilidade. De qualquer modo, parece que a internet pode ser “transterritorial”, por assim dizer, pois conecta pessoas que habitam lugares

diferentes sem que elas precisem se deslocar fisicamente. Um dos usuários do Manhunt escreve em seu perfil: “Distância? Isso se resolve com alguns litros de gasolina e boa vontade”.

MadeInBrazil também traz um elemento importante que é a coexistência da internet com outros territórios de sociabilidade, dizendo claramente que ele prefere “sair e conhecer alguém”. Embora “sair e conhecer alguém” seja algo que a internet também possibilite – e talvez esse seja o principal objetivo dos *sites* de encontro *online* – quando MadeInBrazil usa essa expressão ele se refere aos territórios tradicionais de sociabilidade que não contam com a mediação de computadores e tecnologias digitais. Ao dizer que prefere “sair e conhecer alguém”, MadeInBrazil está dizendo que prefere territórios de sociabilidade tradicionais como boates, bares e cafés, inseridos dentro do espaço físico urbano, ao espaço da internet, *online*.

Mesmo que o território do Manhunt possa ser pensado como uma saída, ou uma entrada, para as dificuldades de circulação e habitação dos territórios tradicionais de sociabilidade para homens gays, ele ainda tem seus constrangimentos. MadeInBrazil diz que o obstáculo de “morar longe” impede que ele conheça outros homens dentro da própria cidade de São Paulo depois de encontrá-los no *site*. Ele diz “Vila Maria, zona leste, nem sei onde ficar isso, cara, nunca fui na zona leste, não sei onde que é isso”, e a oportunidade de efetivamente fazer sexo com alguém que mora na Vila Maria, zona leste de São Paulo, é abortada. O imediatismo com que se procura por sexo através do território do Manhunt reestabelece distâncias: esse imediatismo circunscreve e delimita outros territórios. Daí que provavelmente a internet não seja tão transterritorial quanto se pensa, pelo menos não para todos os usos.

Tanto Nonix quanto MadeInBrazil relacionam a circulação e a habitação territoriais com diferentes temporalidades: o tempo é algo também importante, junto com os territórios. Nonix fala sobre a dificuldade de circulação em determinados espaços da cidade em diferentes momentos do dia, relacionando-as ao oferecimento dos serviços de transporte público: “A festa começa às 11h, só vai ficar boa 1h30min da manhã. Ou seja, uma bichinha pobre pra chegar lá no sábado, ela vai ter que pegar ônibus 9 e pouco da noite pra chegar perto de um clube desse e sair de lá depois das 7h [da manhã], quando a festa geralmente acaba”. MadeInBrazil, por sua vez, fala de uma outra dimensão temporal, o imediatismo das relações, que supostamente é facilitado

pela internet. As ditas rapidez e instantaneidade dos encontros proporcionados *online* são elementos temporais importantes que se relacionam com a forma territorial que a internet ganha. A internet bem pode ser considerada um território sem espaço físico bem delimitado, operando em um tempo que é sempre o tempo presente, o atual, o agora, o já. Mas, por outro lado, essa mesma instantaneidade que a internet provê também pode reconfigurar dimensões de território, pois, como diz MadeInBrazil, se é sexo imediato o que se quer através da internet, a distância física entre dois ou mais corpos dentro das cidades ainda é relevante.

Essas análises mostram algumas condições que contribuem para a habitação do Manhunt como um território para a sociabilidade para homens gays. Podemos ver que a circulação de indivíduos dentro do tecido urbano depende de várias condições, entre elas a qualidade e a forma dos serviços de transporte público, bem como pertencimentos de classe. Essas mesmas condições também propiciam que diferentes territórios na internet (como salas de bate-papo e *sites* de relacionamento) sejam uma alternativa válida como espaços “mais barato”, mais acessíveis, às vezes mais diretos, que dão possibilidades para os homens gays se encontrarem. Sobretudo, a internet oferece possibilidades para os indivíduos estarem junto de outros homens gays, podendo encontrá-los ou simplesmente ver seus perfis *online*, um “estar junto” que é também uma das condições de habitação e de ocupação da internet e, especificamente, o Manhunt – algo que, para esta pesquisa, é a principal condição.

2.5. Terror no território

Entretanto, é preciso lembrar que o “estar junto” e a disponibilidade virtual para a criação de vínculos são constituídos por disputas, enfrentamentos e tensões. É também essa disputa que caracteriza o Manhunt como o território do País de Marlboro: corpos de homens se enfrentando no “jogo agonístico” da caça. Trago, a seguir, um excerto de um perfil *online* que mostra os conflitos que o “estar junto” produz entre os homens que estão dentro do espaço do Manhunt:

Leio o perfil de muita gente aqui nesse site e fico as vezes assustado e impressionado com as demonstrações de preconceito e intolerância. Quanta incompreensão! Não tenho receio e nem restrição com nada e com ninguém. A vida me ensinou que cada um é cada um. Que a riqueza do mundo é a diversidade. Não tenho nada contra gordos, afeminados, passivos, velhos e travestis. O mundo já me discrimina por ser gay e se estão aqui nesse site também deveriam se sentir assim.

O trecho acima, publicado em um dos perfis *online*, traz vários elementos para pensarmos os aspectos violentos que emergem no território do *site*. Em primeiro lugar, o trecho menciona enfrentamentos importantes entre os habitantes do Manhunt, questionando a qualidade do “relacionamento” entre eles. Tais enfrentamentos são ditos como “demonstrações de preconceito e de intolerância” que, no limite, se traduzem em “receio” e “restrição”. A crítica formulada por este usuário remete às dimensões de violência, que acabam se tornando um elemento constituinte dos próprios “relacionamentos” proporcionados pelo *site* de relacionamentos habitado por esses homens gays. Como refere Appadurai (2009, p. 33), em suas análises sobre as dinâmicas políticas e culturais da globalização nos dias atuais, o que o trecho do perfil recém trazido mostra é um sinal microfísico e micropolítico de como o cotidiano dos homens habitantes do Manhunt “organiza-se em torno do fato ou da possibilidade da violência” na medida em que “[o] terror (...) procura instaurar a violência como princípio regulador central da vida cotidiana”. Aparecem aí indícios de terrorismo no País de Marlboro.

O autor propõe essas ideias no bojo de amplas análises acerca das relações entre violência e constituição de *ethnos* nacionais, sobretudo no contexto pós-11 de setembro – e da guerra a partir daí deflagrada –; portanto, um contexto virtualmente bastante distante dos perfis *online* que encontro no Manhunt. Porém, o próprio Appadurai também menciona (op. cit., p. 13-17) que as incertezas, as ansiedades e as incompletudes são marcas constituintes da nossa época histórica, e que, por isso, são inseparáveis dos modos com que construímos as concepções de “nós” e de “eles”, de “eu” e de “outro”, e indissociáveis dos modos com que nos relacionamos com todo o tipo de “diferenças”. Appadurai sugere:

maiorias numéricas podem se tornar predatórias e etnocidas em relação aos pequenos números precisamente quando algumas minorias (e seus pequenos números) lembram àquelas maiorias a pequena brecha que existe entre sua condição de maiorias e o horizonte de um todo nacional imaculado, um *ethnos* nacional limpo e impuro. Essa sensação de incompletude pode levar maiorias a paroxismos de violência contra minorias (...). (APPADURAI, 2009, p. 17).

O autor propõe a oposição entre maioria e minoria não apenas se referindo a quantidades numéricas de indivíduos que comporiam as minorias, mas também enquanto grupos de indivíduos alijados da possibilidade de intervenção nos processos culturais e políticos através dos quais, precisamente, são considerados minorias.

Sobretudo, o que está em jogo são os próprios termos que definem os “desejáveis” e os “indesejáveis” dentro de um dado território, que demarcam a separação entre os “elegíveis” e os “inelegíveis”, os “limpos” e os “impuros”. É exatamente na relação de poder que opõe dois grupos dentro de um território a partir da qual entendemos os “paroxismos de violência” que aí encontramos. Além disso, Appadurai também alude às conexões entre corpo e violência quando sugere que “o excesso de raiva, o excesso de ódio produz incontáveis formas de degradação e violação tanto do corpo quanto do ser da vítima”, através de palavras ou atos físicos (op. cit.). Aí está aquilo que o autor diz ser “o medo ao pequeno número”. Retomarei parte dessas discussões ao fim do capítulo *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*, no momento das discussões sobre o conceito de “face” para Judith Butler.

Quando o usuário escreve naquele trecho de perfil “não tenho nada contra gordos, afeminados, passivos, velhos e travestis”, podemos sugerir que ele está designando aqueles que habitaram as fronteiras indesejáveis de um mapa bastante preciso dentro do qual se criam os vínculos e os relacionamentos a que os homens que usam o *site* Manhunt estão dispostos a construir uns com os outros. Pelo contexto em que esses sujeitos são designados no perfil daquele usuário, supõe-se que são eles os alvos do “preconceito” e da “intolerância” no contexto do *site*. A designação desses “outros”, alheios e avessos a determinadas conformidades corpóreas, geracionais e de gênero, acaba por produzi-los como deformidades: eles são aqui o “pequeno número” e estão sujeitos à violência. Aqui, tal listagem é importante para sinalizar o aspecto central da violência das relações entre os homens gays habitantes do *site* de relacionamento Manhunt. No trecho de perfil *online* anteriormente trazido, aquele usuário ainda sugere que “o mundo me discrimina por ser gay” e exorta os demais: “se estão aqui nesse *site* também deveriam se sentir assim”.

O apelo para uma “tomada de consciência” soa ingênuo neste contexto. Esse apelo não tem efeito em um contexto em que as próprias relações criadas entre os indivíduos têm aspectos violentos, como mostram alguns textos *online* abaixo:

Não curto esses falsos moralistas do caralho que ficam por aí pregando sua pseudo-masculinidade reprimida, viadinhos, promíscuos, burros (!) e malucos.

*

Criterioso? Sim, eu sou. Mas impor mil exigências e pagar de perfeito é desculpa pra inseguranças, pra não levantar a bunda da cadeira e não dar a cara a tapa. Se teu ego precisa de um site de caça pra se construir, NÃO mande mensagem.

*

NÃO FAÇO PROGRAMA, NÃO CURTO PAGAR, NÃO CURTO RELAÇÕES DE PODER (só brincadeiras). NÃO ME XINGUE, PORRA! Não curtiu? Achou abusado e cheio? IGNORE.

*

Não procuro nada... Não curto gordos... Nem gordinhos... Nem efeminados e não to a fim de ficar com gente casada. E se não aceita um “não” como possível resposta, NÃO entre em contato... Gosto de educação.

*

Não curto bichinhas, afeminados, fashionistas, fãs de Madonna, prepotentes, arrogantes, pessoas abaixo de 18 e acima de 29 anos. Se você não tem foto, não vou responder. Todos os demais são bem-vindos...

A retórica do “NÃO”, ou o Grande Não, conforme indiquei no *Capítulo Guia*, consiste na definição negativa e excludente daquilo e daqueles que estão fora do campo de possibilidades dentro do qual as relações e os vínculos entre esses homens podem surgir. Tal retórica marca com força os elegíveis e os inelegíveis para tais relações. Ela também incide nos modos como essas relações vão surgir: parte-se do pressuposto de que primeiro é preciso delimitar as exclusões para criar vínculos com aqueles que por elas passarem (sendo considerados, então, “aptos” para o vínculo). A retórica do “NÃO” é um modo essencialmente violento de praticar a divisão entre os elegíveis e os inelegíveis para as relações que podem emergir dentro do País de Marlboro em que se constitui o Manhunt.

Porém, é importante assinalar que tal retórica somente tem função em um território onde coexistem múltiplos indivíduos. Então, é provável que a retórica do “NÃO”, objetivando a circunscrição da linha que separa os elegíveis e os inelegíveis, nos indique que “a violência em si mesma é uma das maneiras como a ilusão de identidades fixas e plenas é produzida” (APPADURAI, 2009, p. 16). Se um homem solicita que os demais não o xinguem, é porque já o fizeram antes. Se um homem despreza “as mil exigências” de outros homens dentro do Manhunt como forma de insegurança, é porque já lhe foram feitas mil exigências. Se um homem precisa dizer que não quer se relacionar com gordos, gordinhos, viadinhos, bichinhas, burros,

malucos, efeminados, fashionistas, prepotentes e arrogantes, é bastante provável que isso seja um indicativo de que todos esses coexistem dentro do território do Manhunt. Ao operar através da retórica do “NÃO”, mais do que sugerir que aspectos de violência nas relações aí criadas, os trechos desses perfis evidenciam a dimensão agonística das relações estabelecidas entre os homens habitantes do Manhunt, caracterizando esse território como uma superfície de disputas e enfrentamentos habitada por indivíduos que se entendem como fundamental e incomensuravelmente diferentes entre si.

“As vizinhanças [*neighbourhoods*] *queer* são refúgios efetivos contra a homofobia, ou são apenas lugares onde há muitas mulheres lésbicas e homens gays?”, perguntam-se Ingram, Bouthillette e Retter (1997, p. 14). Essa questão é pertinente aqui, mas também apresenta problemas: ela coloca a homofobia como um vetor fundamental para a ocupação de determinados territórios, concebidos como “refúgios efetivos” contra ela. É uma aposta que pessoas não heterossexuais se uniriam para defender-se mutuamente contra este tipo de violência, construindo ou reivindicando um lugar delimitado que pudesse protegê-las de modo eficaz. Ainda, a homofobia aqui é concebida como um inimigo coeso e comum, desde sempre exterior ao espaço e ao grupo de pessoas não heterossexuais. Em segundo lugar, se formulada desta maneira, a pergunta toma as sexualidades não heterossexuais como dadas de antemão, deixando de explorar, por exemplo, as relações entre a ocupação de determinados territórios com os processos que forjam as próprias sexualidades gay e lésbica. É como se a conformação, ou identificação, de um indivíduo como gay ou lésbica fosse a causa primária da habitação de alguns territórios. Ou seja, as sexualidades gay e lésbica seriam supostamente constituídas em algum momento e algum lugar anterior à habitação de certos territórios – como os bairros, os “guetos”, as ruas, os bares, os cafés, as boates, as videolocadoras de filmes eróticos, os cinemas pornôis, as saunas; enfim, como se as sexualidades já estivessem em alguma medida “prontas” antes de os indivíduos habitarem toda a tessitura de territórios voltados para o público de homens gays, por exemplo.

Os excertos das entrevistas com Nonix e MadeInBrazil, além dos trechos de perfis anteriormente citados esboçam, primeiramente, algumas das cisões que existem dentro do próprio grupo de homens gays e que fazem com que talvez não seja tão óbvio que esses homens se unam para se defender mutuamente contra uma suposta violência externa – e este ponto parece já ter ficado claro depois da menção de algumas das

formas como se dão os vínculos entre os homens dentro do Manhunt, conforme mostram os trechos de perfis recém trazidos. A ameaça de violência externa não é por si só responsável para catalisar um processo de formação de uma coletividade baseada em experiências de sexualidades não heterossexuais. É o que Nonix diz a respeito do Bar Ulho, em Brasília, um lugar que, segundo ele, é “o exemplo do que não é desejado; terrível; medonho; baixo nível mesmo; é podre, podre, podre, podre”. Pode-se supor que não há em Nonix um sentimento de pertencimento a esse território, nem ao grupo de pessoas que o frequenta, dada a valoração moral que ele atribui ao Bar Ulho.

O mapa subjetivo da geografia física, para pessoas não heterossexuais, “define pontos onde amigos, amantes, parceiros sexuais em potencial e aliados podem ser encontrados, e onde o perigo pode existir”, como sugerem Ingram, Bouthillette e Retter (1997, p. 55). Isto é, no argumento desses/as autores/as, isso acontece graças à constituição de um mapa subjetivo e singular que permite e estimula a circulação e a ocupação de determinados territórios por pessoas não heterossexuais. Ainda, segundo os/as autores/as, a constituição desse mapa subjetivo está ligada à produção de experiências com o corpo, gênero e sexualidade que são, desde sempre, marginalizadas, o que exige que diferentes territórios sejam marcados, distinguidos e habitados segundo critérios relacionados precisamente a tal marginalidade. É por isso que, por mapa subjetivo de geografias físicas, os/as autores/as expressam um mapa, ao mesmo tempo individual e coletivo, cujos pontos a serem habitados ou a serem evitados são definidos pelas possibilidades da vida em grupo e também pela chance de experimentar algum tipo de violência. Portanto, a construção desse mapa é altamente instável e a todo momento disputada.

Assim, no mapa subjetivo dos homens habitantes do Manhunt, o território do *site* figura como um ponto em potencial onde amigos, amantes, parceiros sexuais e parceiros afetivos podem ser encontrados. Muitos homens procuram, e outros muitos querem ser achados, dentro do País de Marlboro. Porém, os modos como se dá a procura e as formas com que alguns homens querem ser achados adquirem contornos por vezes violentos, discriminatórios e segregativos – frequentemente estanques, isto é, os pré-requisitos da “procura” são bastante inflexíveis. Tais contornos discriminatórios se relacionam, sobretudo, aos corpos e aos gêneros: por exemplo, homens obesos e homens afeminados serão excluídos do campo de possibilidade de relacionamentos de muitos outros homens que, aparentemente, não se apresentam nem como obesos, nem

como afeminados em seus perfis. Esses pontos serão densamente analisados nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*, *Olhando o gênero que nos olha* e *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*.

Feitas essas análises, é possível também sugerir que a violência expressa através de “preconceitos” e “intolerâncias” em relação às sexualidades não heterossexuais é, ela própria, um elemento constitutivo das “matrizes de afinidade” entre pessoas não heterossexuais. Ingram, Bouthillette e Retter (1997, p. 14), por exemplo, apresentam a homofobia como um vetor importante para constituição de territórios habitados por pessoas *queer*, sugerindo que tais territórios deveriam ser, ou poderiam ser idealmente, “refúgios efetivos contra a homofobia”. Muito embora a constituição de territórios urbanos habitados majoritariamente por pessoas não heterossexuais (como bairros, ruas, bares, boates, saunas, parques etc) tenha desempenhado um papel fundamental na organização política dos movimentos de afirmação das identidades sexuais, as análises que venho fazendo dos mapas subjetivos dos participantes de pesquisa mostram que a ideia de que os territórios sabidamente habitados por homens gays (como é o caso do Manhunt, por exemplo) sejam livres da homofobia é, em alguma medida, uma ficção. Ao sugerir isso, indico que os trechos de perfis e de entrevistas aqui trazidos sinalizam, justamente por serem não apenas individuais mas, sobretudo, coletivos, que a violência está, de certa maneira, incorporada na dinâmica social que encontro no Manhunt. Dentro desse território encontro mecanismos de separação e de exclusão que, longe de constituírem o Manhunt como um “refúgio efetivo contra a homofobia”, acabam por torná-lo uma superfície de luta e tensão entre aqueles que, supostamente, seriam atravessados por uma mesma identidade (a identidade gay) – sendo que tal identidade comum e compartilhada seria, também supostamente, a condição primeira para a recusa de quaisquer tipos de exclusões, separações ou violências entre esses indivíduos, já que é em nome dessa identidade que esses indivíduos podem eventualmente ter experiências de discriminação em outros contextos.

A história comumente narrada acerca dos levantes de *Stonewall* contam episódios desencadeados por uma reação extrema dos frequentadores do bar contra as investidas violentas dos policiais naquele espaço. Foi no dia 28 de junho de 1969 quando o grupo de homens gays e mulheres lésbicas frequentadores do bar *Stonewall Inn* se revoltou contra as constantes investidas, por muitas vezes violentas, da polícia da cidade naquele local. “Os levantes de *Stonewall* foram a primeira ‘reterritorialização’

coletiva [de pessoas não heterossexuais] que foi reconhecida pela grande mídia” (INGRAM, 1997, p. 46, acréscimo nosso), pois ali houve condições que fizeram emergir uma dimensão de união entre os frequentadores do bar para se opor à violência e à intimidação infligida a eles. No entanto, por mais singular que o levante de *Stonewall* tenha sido, ele não foi um evento isolado:

Confrontações similares, porém sensivelmente menos militantes, com a polícia tinham acontecido por muitos anos, especialmente em Los Angeles e São Francisco. Stonewall incorporou uma resistência dura porque houve uma percepção de que as batidas [policiais] eram parte de uma tentativa renovada de “jogar as bichas pra fora da *Village*”. Os levantes de *Stonewall* continuaram violentamente por mais duas noites e não terminaram abruptamente. Uma semana depois de *Stonewall*, houve manifestações públicas mostrando visibilidade consciente (...). Nos guetos gays de Manhattan, as confrontações com a polícia continuaram por mais de um ano em resposta àquilo que a coalização de grupos de gays e lésbicas feministas designaram como “crescentes intimidações policiais e assédios” e “ataques públicos por fanáticos heterossexuais”. (op. cit., p. 46)

A história do levante de *Stonewall* mostra o quão importante foi o papel da violência contra pessoas não heterossexuais na catalisação de um pertencimento coletivo. Ao mesmo tempo, tal história sugere que talvez a violência seja um elemento constitutivo das relações criadas em territórios como o Manhunt, além de mostrar as correlações ambíguas entre visibilidade e violência: precisamente por saber que homens gays se reuniam no bar *Stonewall Inn*, a polícia da época investia em abordagens policiais violentas neste local. O deslizamento, virtualmente sempre presente, entre segurança e perigo, cidadania e invisibilidade, no que diz respeito aos modos com que os territórios são habitados e visibilizados por pessoas não heterossexuais parece ser um espectro constante. Talvez seja possível dizer que a violência não é um inimigo externo, desde sempre exterior ao grupo de homens que habitam o Manhunt, mas que talvez a violência tenha se tornado, ela própria, um aspecto naturalizado nas relações que esses homens mantêm uns com os outros. Não obstante sua ambiguidade, os territórios marcadamente não heterossexuais dentro das cidades, os chamados bairros gays, as *gay villages*, as ruas onde acontece a aglomeração de pessoas não heterossexuais para busca de amigos/as e parceiros/as, os parques ou banheiros públicos que possibilitam práticas sexuais não heterossexuais, todos tiveram e têm importância na contestação da heterossexualidade compulsória dos espaços urbanos, na criação de políticas identitárias e na produção de subjetividades.

2.6. Dispositivo tecnológico

Dadas as porcentagens sobre o uso da internet trazidas na primeira seção deste capítulo, parece que estamos vivendo um momento absolutamente inaugural e inédito, em que está em jogo a atuação de um regime de verdade “sobre a força de tais ‘novas tecnologias’ de comunicação e informação e seus efeitos na construção de ‘novas’ subjetividades” (FISCHER, 2006, p. 68). Mas, como já sugeri, é preciso fazer cintilar a vida que anima aqueles números, que lhes dá consistência e peso de “verdade”: é preciso pensar nas máquinas e nas tecnologias como sendo produtos das sociedades das quais fazem parte, assim como é preciso levar em conta tais números para se ter em mente que as próprias possibilidades de acesso e uso das tecnologias de informação e comunicação já estabelecem um recorte, uma linha divisória, entre aqueles/as que poderão usufruir de suas benesses e aqueles/as que estarão, desde já, excluídos/as dessa utilização.

O território do Manhunt é diferenciado de outros territórios já existentes antes do surgimento da internet: podemos dizer que esse território, e os modos com que é habitado pelos indivíduos que dele fazem parte, são produtos culturais do nosso tempo, como que um trecho microfísico de relações de poder mais amplas e atuantes hoje. “Mesmo supondo que realmente existam três entidades – técnica, cultura e sociedade”, no lugar de insistirmos no aspecto inaugural e originário das “novas” tecnologias, “poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p. 22), sendo elas linhas ou elementos que compõem um dispositivo mais amplo – porém bastante preciso – de produção de modos de ser e de estar no mundo e da qual os *sites* de relacionamento, como o Manhunt, fazem parte microfisicamente.

Os números mostrados no início deste capítulo, portanto, são o que se pode chamar de um rastro numeral ou de resquícios calculáveis que atestam o funcionamento de um dispositivo tecnológico (FISCHER, 2006; SIBILIA, 2002): um complexo não-homogêneo “que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais” (FOUCAULT, 1984, p. 244), algo que não se restringe apenas aos discursos (o dispositivo não se restringe apenas às palavras, àquilo que é dito, ao enunciável), mas que também se refere ao conjunto de condições que possibilitam com que algo ou alguém possa aparecer e se fazer ver (o dispositivo se refere às coisas

materiais, mas também às vidas das pessoas, aos seus corpos, àquilo e àquele/as que são visíveis) (DELEUZE, 2005; 2007).

Da mesma forma, a produção do dispositivo se refere aos jogos através dos quais alguns discursos, algumas palavras, algumas vidas e alguns corpos são estrategicamente colocados na borda no invisível, na borda no indizível, no limbo da não-existência: o processo de funcionamento do dispositivo supõe também processos de exclusão. Dispositivo, como um emaranhado de relações de força, que, “por um lado, formará matérias visíveis e, por outro, formalizará funções enunciáveis”, de modo que “não é exagero dizer que todo dispositivo é um mingau que mistura o visível e o enunciável” (DELEUZE, 2005, p. 47-48); dispositivo que é “um tipo de formação histórica que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1984, p. 244); dispositivos que são “aparelhos que produzem e regulam os costumes, os hábitos e as práticas produtivas” (HARDT & NEGRI, 2006, p. 42): produzem subjetividades, com a mesma força com que produzem discursos, silêncios, arquiteturas, tecnologias, instituições, programas políticos, corpos, opiniões, “verdades” e “falsidades”, visibilidades (o que se pode ver) e dizibilidades (o que se pode dizer). O dispositivo produz vida e modos de viver a vida.

Convivemos com um complexo e diversificado aparato tecnológico que nos permite saber mais de nós e do mundo, e que corresponde, também, a uma vigilância e a um olhar anônimos, incontroláveis, em sua força de extensão. Mais do que isso, trata-se de um aparato que cada vez mais se sofisticava, no sentido de orientar, cuidar, instruir, formar. *De subjetivar, enfim. O importante é que, no interior de todas as práticas nascidas das novas tecnologias de informação e comunicação, há produções de subjetividade que escapam dos poderes e saberes de um determinado dispositivo (no caso, tecnológico), para colocar-se nos poderes e saberes de outro dispositivo (...).* (FISCHER, 2006, p. 71, grifo nosso).

Daí que se chama de dispositivo tecnológico essa rede de discursos que vem ganhando densidade em torno das e sobre as tecnologias digitais, com seus números, porcentagens, estatísticas, previsões, contagens e gráficos. Não só isso: também compõem as linhas do dispositivo tecnológico as máquinas e seus aparatos físicos (computadores, *notebooks*, *desktops*, modems, fios, cabos, antenas, telas, monitores, lâmpadas, *lasers*, CD's, DVD's, conectores, *chips*, aparelhos de telefonia etc.), mais todo o conjunto industrial que produz esses materiais físicos. Também fazem parte do

dispositivo tecnológico as próprias proposições legais¹⁷, tratados comerciais, produções teóricas e filosóficas sobre a rede mundial de computadores. E, o mais importante: os/as trabalhadores/as que exercem profissionalmente funções de criação, implementação e manutenção de tecnologias digitais, bem como os/as usuários/as das possibilidades trazidas por essas tecnologias, são a linha mais viva e atuante do dispositivo – enfim, toda a força vital e produtiva que está aí imersa, que constitui (e institui) o dispositivo tecnológico. Tal dispositivo estaria “se infiltrando nos aparelhos de normalização e nas instituições disciplinares para derrubar seus muros, explodir sua ordem e inaugurar uma nova lógica de poder” (SIBILIA, 2002, p. 29): o dispositivo tecnológico seria, assim, uma alavanca no deslizamento de um modo de funcionamento do poder para outro; o dispositivo tecnológico participaria da instituição de um novo diagrama de poder.

Percebe-se que, nesta concepção, o dispositivo é “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (DELEUZE, 2007, p. 344), que não apenas se referem a um objeto ou a um sujeito, mas que, sobretudo, os formam. Daí que se diz que um dispositivo contém linhas de subjetivação, e uma “linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está para se fazer na medida em que o dispositivo deixe ou torne possível” (op. cit., p. 345). Ou seja, é a partir da e no interior da atuação de um dispositivo que se produz subjetividade (WEINMANN, 2006).

Aqui se entende que a concepção de subjetividade não se refere à oposição indivíduo–sociedade, nem à oposição interioridade–exterioridade, mas enfatiza “cada vez mais a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais” sendo “de fato, plural, polifônica” (GUATTARI, 1992, p. 11): a subjetividade como um processo de fazer-se, como um movimento, como uma mediação contínua (DELEUZE, 2008a, p. 93); é aquilo que se produz nos embates, nos choques, por mais ínfimos e micro possíveis, contra os poderes e os saberes que têm por objetivo nos tornar sujeitos a algo; a curvatura do lado de fora que constitui o lado de “dentro”, ou isso a que damos o nome de “interioridade” (DELEUZE, 2005, p. 101-104). É somente a partir daí que se pode dizer que “as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas

¹⁷ Sobre produção de leis a respeito da rede mundial de computadores no âmbito brasileiro, ver o debate sobre a construção do Marco Civil da Internet no Brasil: <http://culturadigital.br/marcocivil/>, acessado em 22 de novembro de 2012.

no seio de suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos” (op. cit., p. 14).

É importante sinalizar, mais uma vez, que “as transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade”, ao mesmo tempo em que também abrem espaço para “uma tendência heterogênea, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes” (op. cit., p. 15). Elas podem ser chamadas de resistências, escapes e de articulação com as linhas de fuga produzidas pelo dispositivo tecnológico ao qual pertencem os *sites* de relacionamento, a internet como um todo, os computadores e mais todas as tecnologias de informação e comunicação, dispositivo esse no qual estão imersos os indivíduos que usam essas tecnologias, no qual se atravessam os discursos que o produzem e as regulações que regem os usos (e abusos) dessas tecnologias.

Para começar a pensar as condições de aderência, ou de adesão, por assim dizer, ao *site* Manhunt por aqueles homens que o habitam – e também para começar a dar pistas sobre que formas adquirem os vínculos aí criados entre eles –, sugiro começar a analisar as imagens e palavras publicadas nas diferentes capas do *site*. Cada novo acesso ao endereço do *site* exibe uma nova capa, nas quais se leem diferentes textos e se veem diferentes imagens – ou seja, há várias capas, que se atualizam a cada novo acesso ao endereço do *site*. As imagens de capa do Manhunt, apresentadas a seguir, interpelam os homens a habitarem o *site* e podem ser entendidas como “meras” peças publicitárias que pretendem divulgar os serviços do *site* de relacionamento e arrematar usuários. Nesse sentido, tudo ali funcionaria como um *trailer* de um filme, ou como as “cenas dos próximos capítulos” de uma telenovela, cujo objetivo é seduzir a audiência e chamá-la a assistir ao filme e à telenovela. As capas do Manhunt também podem funcionar como um mostruário que pretende exibir o que está supostamente disponível dentro do *site*, prometendo uma correspondência entre aquilo (e aqueles) que está posto nas capas também lá “dentro” do *site*, entre os perfis *online* dos homens que o habitam. Sobretudo porque, em algumas das capas, aparecem pequenas “legendas” no canto inferior esquerdo dizendo “modelo membro do Manhunt”, o que sugere que o homem que serve de modelo para tal capa é também habitante do *site*.

Por isso que as chamadas de capa do Manhunt podem ser *outdoors*, grandes blocos públicos cuja superfície é uma provocante mistura de imagens e palavras que procuram captar/capturar o olhar de quem passa na rua (de quem navega na internet) para divulgar, vender, anunciar um “produto”. É possível sugerir, ainda, que as capas do Manhunt articulam imagem e texto em uma estratégia de *fishing*, que visa a “fisgar” os indivíduos a participarem do *site* – mas não quaisquer indivíduos: o Manhunt, como o próprio nome diz, oferece um território, e um conjunto de possibilidades técnicas a ele ligadas, em que homens podem “fisgar” outros homens através de seus perfis *online*. Isto é, as capas do Manhunt são “endereçadas” ao público de homens que fazem sexo com homens; essas capas miram, buscam, convocam, pretendem atingir os homens que fazem sexo com homens para convencê-los a participar do *site*. Tais chamadas podem, assim, funcionar como a manchete e a fotografia de capa de um jornal ou de uma revista: a manchete de um jornal procura referir-se ao assunto mais produtivo do dia e sua fotografia tende a ser a mais impactante. As capas do Manhunt podem, ainda, funcionar como um resumo de um artigo/tese: elas podem apresentar os elementos mais importantes de texto, a proposta de análise, os conceitos com que se trabalha, e sugerem considerações finais.

Sugiro que todas essas suposições sejam cabíveis, sobretudo, porque as imagens de capa do Manhunt funcionam em consonância com o diagrama controle-estímulo que venho descrevendo. Isto é, são articulações de texto e imagem que incitam, estimulam, provocam, seduzem, convidam, chamam indivíduos a participar do *site*. Essa mesma articulação entre imagem e texto que mostrarei nas capas do Manhunt será retomada no momento das análises das fotografias dos perfis *online* arquivados durante o campo de pesquisa, em que imagens de produções artísticas me servirão para recriá-las no âmbito deste trabalho, nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos* e *Olhando o gênero que nos olha*. Da mesma forma, algumas poses, alguns olhares e alguns modos de exibir os corpos dos homens que aparecem na capa do *site* também reaparecerão nas fotografias dos perfis *online*. Mais que isso, as capas do Manhunt, além de exibir, mostrar e convocar através de elementos imagéticos e textuais, também operam no apagamento, silenciamento e obscurecimento de alguns outros elementos que aí não aparecem. Portanto, nas imagens que trarei a seguir, há rastros dos modos de exibição dos corpos dos homens habitantes do Manhunt que me servem, aqui, para dar início às análises sobre como esses homens fazem aparecer seus corpos em seus perfis *online*.

Nessas imagens também há rastros de alguns corpos, por exemplo, que são empurrados para as bordas do visível, isto é, corpos que são chamados, convocados e impelidos e não se mostrar e a não se exhibir – algo que mencionarei mais ao fim deste capítulo e que aprofundarei nos próximos três capítulos. Nas próximas páginas, me deterei em descrever somente as imagens das diferentes capas do Manhunt para, mais adiante, apresentar um quadro com os textos escritos em cada uma delas.



Figuras 8 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt (fonte: Manhunt.Net).

Nessas duas figuras, os corpos aparecem aí polarizados na parte esquerda de ambas as imagens, em frente a faixas em tons de cinza, preto, azul e amarelo – aliás, é importante sublinhar que, dentro do Manhunt, todas as áreas têm um fundo azul-petróleo, como mostram as figuras 2 a 7, anteriormente trazidas para caracterizar o *site*. As peles dos corpos, extensamente visíveis, contrastam com as faixas de cores do fundo da imagem: essas são peles que facilmente classificaríamos como “brancas”. Suas peles só são extensamente visíveis porque os corpos estão seminus: há pouco a ser “escondido” nas suas exibições, e mesmo que esse pouco permaneça “escondido” nas imagens, ainda sim supomos que ali esteja “por debaixo dos panos”, literalmente. E mesmo aqueles pedaços de tecido que “escondem” partes desses corpos, esses panos, ou seja, as cuecas/sungas dos modelos, são de cores bastante contrastantes com as das faixas do fundo da imagem, o que também exalta suas presenças aí. As peles dos corpos parecem homogêneas, e sua homogeneidade só é quebrada justamente pelas cores das cuecas/sungas.

Parece não haver dúvidas de que os corpos aí mostrados são “de homem”, pois, embora não se visualizem os pênis desses corpos, os supomos ali debaixo dos volumes das cuecas/sungas. Parece imperativo convencer-mos de que esses corpos são “de

homem” mesmo sem ver seus pênis (tampouco conferir sua genotipagem cromossômica, por exemplo), pois o gênero masculino açambarca esses corpos e se impregna em toda sua superfície. Nesses corpos, tudo parece ser “de homem”: o volume de seus músculos, o formato de suas faces, as poses que fazem, as partes que não são dadas ao olhar, mas sempre ali supostas em uma região corporal que, sendo abaixo da linha da cintura, pode ser chamada de região “austral” ou “meridional” dos corpos. Vemos e supomos o gênero masculino em todas as partes dos corpos, inclusive, e, sobretudo, nessas partes “austrais” não mostradas. Essa “certeza” acerca do gênero dos corpos a partir daquilo que mostram (e daquilo que vemos ou supomos ver neles) é a mesma do personagem de *Confissões de uma Máscara*, da epígrafe deste capítulo, que via as ilustrações de Joana D’Arc e tinha “certeza” de que ela era *ele*, um cavaleiro – e qual não seria o golpe que sentiríamos, a “vingança da realidade”, tal qual aquele personagem, se caso fôssemos levados/as a saber que esses homens são *elas*. Depositamos muito “peso de verdade” em tudo o que vemos, e derivamos muitas “certezas” daquilo que somos capazes de olhar, sobretudo no que diz respeito aos corpos. Nesse sentido, no contexto das imagens das capas do Manhunt, “menos roupa” é “mais roupa”: embora *seminus*, aqueles corpos estão convincentemente vestidos com seu gênero masculino. O mesmo acontecerá com as próximas imagens de capa do Manhunt que exibem corpos.

O corpo do modelo da figura, à esquerda, tem o torso levemente inclinado e seus braços acompanham o perfil de seu tórax até seus dedos polegares engancharem na borda superior da sua cueca/sunga verde com detalhes pretos, fazendo suas mãos pesar sobre essa borda elástica e deslizando o tecido em seus quadris, sugerindo um movimento de “tirada” da cueca/sunga. O modelo usa um acessório em torno do pescoço, que cai exatamente no centro de seu peito. O tom da sua pele parece homogêneo.

Já o corpo do modelo da figura à direita, exhibe em sua pele algo que poderíamos reconhecer como um tom de bronze produzido pela exposição ao sol, pois esse modelo também faz deslizar sua cueca/sunga cor laranja com a mão direita, exibindo um trecho de pele não tão bronzeado quanto a pele de seu abdome – além, é claro, de deslizar a cueca/sunga suficientemente para exhibir uma parte de seus pelos pubianos, em um movimento que provoca, ainda mais, a expectativa de tornar visível “aquele membro” ali suposto, “aquela parte” que significa o corpo como um todo. Seu braço e antebraço

esquerdos erguem-se até a sua cabeça, onde, por trás, ele faz passar sua mão esquerda, em uma posição que contrai seu bíceps e o adensa, por assim dizer, na imagem.

Só enxergamos pelos na superfície desses corpos em suas cabeças (cabelo e sobrancelhas), à exceção do modelo da esquerda, que mostra seus pelos pubianos. Sobre a pele dessas faces não há barba, nem é possível visualizar pelos nos peitos, nos abdômes nem nos braços – e é difícil de enxergarmos pelos na axila do modelo da imagem à esquerda. Só é possível ver uma parte de suas coxas, e não se veem suas pernas, nem seus pés. Ambos os modelos sorriem e olham diretamente para a lente da câmera que os fotografa – ou diretamente para nossos olhos, que, eventualmente, os fitam.



Figuras 9 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt II.

Já as figuras do conjunto acima apresentam outras duas chamadas de capa do *site*. Há continuidades aqui em relação àquelas duas primeiras: os corpos localizam-se na parte esquerda de ambas as imagens, como que contrapondo a coluna de textos na direita. Continuamos supondo esses corpos como sendo corpos “de homem”, e esses corpos continuam não mostrando a mesma região “austral”. Os corpos também persistem em sua “seminudez”: o modelo da imagem da esquerda aparece abaixando (ou levantando) as calças, mostrando uma cueca/sunga preta com detalhes em branco – e parece também contrair o abdome, o que produz um relevo em sua barriga que marca as curvas dos seus músculos abdominais. Poderíamos dizer que seu corpo é “definido”, isto é, através da superfície de sua pele podemos enxergar as curvas salientes dos músculos fortes, sendo que entre sua pele e seus músculos, principalmente em seu abdome, há pouca gordura – quanto menos gordura entre a pele e os músculos, e quanto mais fortes os músculos, mais “definido” é o corpo. O corpo do modelo da imagem da

direita pode ser considerado menos “definido” que o da imagem da esquerda, além de não mostrar cueca/sunga – mas, assim como os modelos das figuras do conjunto 8, seus braços perfilam seu tórax e esse modelo também faz pesar as mãos no cós de sua calça. Porém, ao contrário dos corpos dos modelos das figuras do conjunto 8, aqui se exibem pelos visíveis sobre a superfície de seus peitos, abdômes e braços – e, no caso do modelo da figura à direita, também podemos ver a barba que cobre sua face. O modelo da direita também exhibe um acessório em torno do pescoço. Ambos os modelos fitam o/a visualizador/a da imagem; nenhum dos dois sorri.



Figura 10 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt III.

Aqui, o modelo da imagem à direita parece estar tirando as calças, exibindo uma cueca branca, enquanto que o modelo da figura à esquerda parece estar usando apenas um *short* preto. Mais uma vez, como também apareceu nas quatro imagens anteriores, os braços dos modelos levam suas mãos para um ponto abaixo de seus ventres, localizado entre seus quadris e seus abdômes: a tal região “meridional”. Não podemos ver suas coxas, pernas e pés. O modelo da imagem à esquerda parece apertar algo dentro de seu *short* preto, enquanto que o modelo da imagem à esquerda parece querer deixar cair sua calça. Poucos são os pelos visíveis sobre suas peles – peles essas, aliás, que também podem ser consideradas “brancas”, como as dos quatro modelos que os precederam. O modelo da esquerda tem um volume corporal talvez menor que o volume corporal do modelo da imagem à direita, pelo menos quando comparados os volumes dos músculos dos braços à mostra de ambos os modelos. Os braços semiflexionados do modelo da imagem à direita contraem seus músculos, ressaltando-os, assim como a pose do modelo da imagem à esquerda também o possibilita tensionar seu abdome: em ambas as imagens, é possível ver a “definição” dos músculos, que não encontram

grandes camadas de gordura até a superfície das peles “brancas” para que se façam visíveis. Assim como os modelos anteriores, esses estão seminus e olham fixamente para o/a visualizador/a das imagens. Eles não sorriem.



Figura 11 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt IV.

Novamente, há continuidades nas figuras do conjunto 11, trazidas acima, em relação àquelas que as precederam. Os corpos continuam polarizados no canto esquerdo de ambas as capas, sugerindo uma contraposição (ou complementaridade) em relação à coluna de textos, polarizada na parte direita de ambas as capas. O modelo da figura à direita, assim como os modelos das imagens anteriores, também leva as mãos para à tal região “meridional” de seu corpo, fazendo escorregar a borda superior da sua cueca/sunga branca até mostrar os pelos pubianos – e a calça jaz talvez entreaberta, deslizando por sobre suas coxas que, assim como nas imagens anteriores, não são totalmente visíveis, nem o são seus pés. Em ambas as imagens, os corpos estão seminus; em ambas as imagens, há modelos usando um acessório, ao estilo de uma corrente, em torno do pescoço (um dos modelos, da figura à esquerda, exhibe uma daquelas correntes de identificação usadas por soldados, e sua calça, ou bermuda, é estampada “à moda militar”). Ostensivamente, veem-se pelos na superfície do corpo da figura à direita: seus pelos pubianos, pelos nos seus braços e na sua face; esse modelo também tem, a exemplo dos que o precederam, aquilo que poderíamos chamar de corpo “definido” e forte, a julgar pelas curvas de seus braços e pelo volume de seus peitorais. Ele olha para baixo, dando a impressão de que o/a visualizador/a da imagem está abaixo da linha da sua cintura, mirando-o, aí, de baixo para cima, como se estivesse a seus pés, talvez de joelhos. Dos três corpos que aparecem nessas imagens, estamos convencidos/as de que se tratam de corpos “de homens”.

Porém, há novos elementos nessas imagens, nesses corpos, que até aqui tinham sido invisibilizados nas capas anteriores. O tom das peles desses corpos é algo descontínuo em relação às imagens precedentes: já não podemos mais dizer que suas peles são “brancas” como, talvez, pudéssemos rapidamente dizer dos corpos mostrados anteriormente. Mesmo que essas imagens não tenham sido produzidas no Brasil, de acordo com as categorias vigentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁸ em relação à “cor ou raça”, quais sejam, “branca”, “parda”, “preta”, “amarela”, “indígena” e “sem declaração”, talvez ficássemos um tanto confusos/as sobre em quais dessas localizaríamos aqueles corpos. Será mesmo que alocaríamos facilmente os dois corpos da figura à esquerda na categoria “preta”? Ou na categoria “parda”? Talvez a categoria “parda” fosse mais adequada ao corpo da figura à direita, mas por que razão? Por causa do tom da sua pele – que pode bem ser um tom de bronze da exposição ao sol, assim como o tom de pele do corpo da figura à direita no conjunto 8? Ou por causa dos traços da sua face, seus lábios grossos, da conformação do seu nariz? E quanto aos dois corpos da figura à esquerda, vemos que a cor da pele do corpo que está levemente de costas é mais clara que a cor da pele do corpo que o está enlaçando pelo quadril – vincularíamos, por isso, esses dois corpos em duas categorias de “cor e raça” distintas?

Essas perguntas não estão aqui para ser respondidas, mas para iniciar uma interrogação acerca das categorias através das quais olhamos os corpos e os acomodamos em “lugares” (sociais, políticos, culturais) específicos. A pele, ou mais exatamente os diferentes tons de pele compõem uma dessas categorias, que são altamente escorregadias e difíceis de definir. Além disso, esses diferentes tons de pele parecem ligar-se a diferentes identidades étnico-raciais, instituindo um modo de vida para os indivíduos cujas peles têm diferentes tons. O mais importante, contudo, é isto: que aquilo que é visível em um corpo corresponde, em grande parte, àquilo que é possível dizer sobre ele. Vemos diferentes tons de pele nos corpos e acreditamos haver categorias descritivas sobre os tons que enxergamos em suas peles; vemos o gênero masculino disseminado em toda a superfície do corpo, mesmo não vendo seu pênis nem

¹⁸ Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab3.pdf, acessado em 15 de dezembro de 2012.

lendo seus cromossomos, porque estamos informados/as previamente sobre quais são as características masculinas dos corpos.

Retomemos as duas figuras do conjunto 11. Pelo menos mais duas “novidades” aí: na figura da esquerda, aparecem dois corpos, e não apenas um, como todas as demais – e as que virão a seguir – mostraram até agora. Temos, então, um corpo em relação com outro, e não apenas um corpo sozinho; esses corpos olham-se mutuamente, fazendo do/a visualizador/a da imagem um/a espectador/a externo/a, e não mais um/a interlocutor/a visual dos modelos que olham para quem olha a imagem. Os olhares, na figura à esquerda, se fecham no par. Nessa imagem, ambos os corpos estão seminus, sem camisa; um modelo está de frente para o outro; vemos boa parte da superfície das costas de um, e boa parte do tórax do outro; suas testas se tocam; o modelo que está de frente olha para a face daquele que o toca e sorri levemente, enlaçando-o pelo quadril, talvez sedutoramente, e pousando sua mão esquerda sobre as nádegas do outro. O modelo que está de costas encosta sua mão no quadril daquele que está de frente, parecendo estar de olhos fechados. Um dos modelos da figura à esquerda e o modelo da figura à direita exibem tatuagens em suas peles: aquele mostra o braço direito e o pescoço tatuados; este exhibe uma tatuagem no peito. Peles marcadas com tinta à custa de sangue, algo que não aparecia nos corpos anteriores, que, aparentemente, tinham peles tão imaculadas. Dos três modelos, daquilo que se pode ver nas imagens, apenas um parece esboçar um sorriso.



Figura 12 – Corpos anunciados/anunciantes do Manhunt V.

Eis que, nas figuras do conjunto 12, os corpos dos modelos já não estão mais seminus: estão vestidos, usando jeans, cinto e camisetas manga curta de cores discretas. Os tons de pele dos dois modelos são diferentes, mas seus tipos físicos parecem ser semelhantes: ambos são magros. Já não podemos mais tão rapidamente sugerir que eles

têm corpos “definidos”, como eu indiquei nas imagens anteriores, já que esses corpos estão mais cobertos por tecidos do que os demais. O modelo da figura à esquerda, cruza os braços sobre o peito, deixando entrever uma grande tatuagem sobre sua pele “não-branca” do braço esquerdo, e olha para o/a visualizador/a da imagem. O modelo da figura à direita, põe a mão esquerda no bolso, flexiona o antebraço direito até a nuca e inclina a cabeça para a esquerda, também olhando para o/a visualizador/a da imagem. Veem-se poucos pelos na pouca superfície de pele exibida; não há pelos nas suas faces. Acreditamos que ambos sejam corpos “de homem”, contudo. Nenhum dos dois sorri.

Até aqui, mostrei dez imagens de diferentes capas do Manhunt, com onze diferentes corpos. Descrevi as imagens procurando enfatizar semelhanças e diferenças entre os corpos, além de mapear algumas das categorias através das quais olhamos esses corpos – e também a trajetória dos nossos olhares em relação aos olhares dos modelos. A maioria deles olha diretamente para o/a visualizador/a da imagem, à exceção do par de modelos que têm suas faces uma em frente à outra. Um dos modelos olha para baixo, sugerindo que o/a visualizador/a da imagem está de joelhos à sua frente. Mas qual a qualidade desses olhares, isto é, o que esses olhares exprimem? Alguns podem sugerir “olhares oblíquos, de cigano, dissimulados”, no melhor estilo machadiano, como os olhares dos modelos das figuras do conjunto 9: olhares que prometem algo para o/a visualizador/a, que convidam, mas que também adiam e suspendem a possibilidade de alcance desses corpos, tornando-os algo a ser permanentemente buscados. Ou, ainda, olhares de caça, como um dos modelos do par da figura à esquerda do conjunto 11, que fecha seus olhos com a testa encostada na testa do outro modelo: fechar os olhos, deixar de enxergar, não seria, naquele contexto, uma forma de entregar-se ao outro? Penso que predominam olhares de caçador: olhares atentos, de olhos bem abertos, observadores, capazes de apreender todo o movimento da caça, estudá-la em sua dinâmica e prever o momento certo para o bote. Nessas imagens, todos os corpos mostram suas faces – e essa é uma informação importante sobre as imagens publicadas no Manhunt para as posteriores análises que farei dos perfis *online*, sobretudo no capítulo *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*.

Nenhum dos modelos tem cabelo comprido; alguns são carecas, outros apostam em um estilo moicano ou em uma franja de maior comprimento. Mas nenhum exhibe um “rabo-de-cavalo” ou corte “Chanel”. É impossível determinar suas idades, mas aposto – sem muita certeza, contudo – que os modelos estão dentro da faixa etária que vai dos 25

aos 40 anos. Os corpos que rapidamente classificaríamos como “brancos” não exibem tatuagens visíveis; somente são “marcados” com tatuagens visíveis os corpos que nós, igualmente, “marcaríamos” com características racializadas. Quase todos os modelos, com exceção dos dois últimos, estão seminus, ou vestindo apenas jeans, ou deixando cair os jeans e mostrando as cuecas/sungas, ou, ainda, fazendo deslizar a borda superior das cuecas/sungas para exibir seus pelos pubianos.

No quadro a seguir, trago os textos escritos que se polarizam nas partes direitas das imagens de capa anteriormente trazidas.

MANHUNT

65,823 MEMBROS ONLINE AGORA¹⁹

Navegar. Chat. Conectar.

Crie uma conta gratuita.

Tá online? Tá no Manhunt.

*

Adquira o plano completo

Com o acesso completo do MANHUNT você pode ter até 1000 membros na sua lista de amigos.

*

Encontre-o num piscar de olhos

Alto, baixo, ativo, versátil... seu homem está a um clique de distância quando você usa a busca do Manhunt.

*

Quer saber mais?

Faça um tour [pelo site].

*

Tem alguém pra você.

Há mais de três milhões de homens cadastrados no Manhunt.

¹⁹ Essa chamada refere-se à figura 2.

*

O MANHUNT tem orgulho

MANHUNT está presente nos eventos Gay Pride no mundo todo.

É precisamente o corpo que é demandado através dessas chamadas: “piscar de olhos”, “Alto, baixo, ativo, versátil... seu homem está a um clique de distância”, por exemplo, são frases que produzem efeito de interpelação precisamente através do corpo. Porque elas se articulam ao corpo, tomando-o como seu veículo, e o corpo, por sua vez, as faz instrumento de sua visibilidade; essas são proposições que atravessam os corpos publicados em imagens, incitando-os a se exhibir e a se mostrar.

Podemos estar sujeitos não mais a uma relação de controle-repressão do corpo, posto que não é mais apenas suficiente que o corpo seja dócil – “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2006b, p. 118), ainda que a docilidade do corpo seja uma condição para o seu controle – mas que, agora, subsiste uma relação com o corpo (através do corpo), muito mais insidiosa e contínua, menos negativa, pois não proíbe diretamente, e produtiva, pois incita e provoca continuamente: o controle-estimulação (FOUCAULT, 1984, p. 147; DELEUZE, 2008a).

Isso porque, se articularmos os textos escritos dessas chamadas e às imagens de corpos que são publicadas junto com elas, e pensando que o “corpo é visto cada vez mais como um instrumento para atingir modelos identitários que nada diferem de imposições sociais difundidas pelos mais diversos meios de convencimento: da educação à mídia” (MISKOLCI, 2006, p. 682; cf. SANT’ANNA, 2005a; 2005b), podemos igualmente pensar no corpo – o meu, o seu, os deles, os nossos corpos – como sendo instrumento e veículo de uma nova rede de relações de poder bastante contemporânea. Os textos e imagens que trouxe até aqui, quando articulados, indicam que o corpo já não é mais docilizado e disciplinado, como foi outrora, segundo Foucault (2006b). Agora subsiste um modo de funcionamento do poder muito mais insidioso, sensivelmente diferente daqueles das disciplinas.

Essa relação de controle-estimulação pode ser aquela que produz as frases de ordem “cadastre-se!”, “encontre-o!”, da mesma forma com que tenta a sedução e cooptação através das sugestões “seu homem está a um clique de distância quando você

usa a busca do Manhunt” e faz promessas do tipo “tem alguém pra você”. Ainda, a relação de controle-estimulação é aquela que efetivamente captura os homens gays que fazem uso dos serviços do *site* de relacionamento *online*, recrutando-os para integrar a horda dos mais de sessenta e cinco mil homens *online*. Nessa captura e nesse recrutamento, estão em jogo o corpo, o gênero e a sexualidade como eixos do controle e da estimulação. Assim, cabem pelo menos três perguntas a esse respeito: quem é capaz de deixar de clicar nos *sites* que prometem “o seu homem a um clique de distância”? Quem perfaz o clique no *mouse*, quem é o “o homem a um clique de distância”? Sobretudo: que relações se estabelecem através do clique de quem busca aquele “alguém pra você”?

A relação de controle-estimulação aqui mostrada não pode ser pensada como sendo uma configuração solitária e simplória que constitui relações restritas de um indivíduo com outro, nem apenas como uma estratégia de *marketing* publicitário de um *site* de relacionamento. Ela compõe um mapa de relações de forças muito mais amplo e ramificado; ela é, talvez, a extensão mais capilar e sutil de uma rede de relações de poder que dão consistência a um diagrama das relações de poder na nossa sociedade que já não é mais o diagrama das disciplinas.

Segundo Deleuze, trata-se de um diagrama o mapa de relações de poder de uma sociedade (DELEUZE, 2005). Deleuze refere que o diagrama é “a cartografia coextensiva a todo o campo social (...). É a exposição das relações de forças que constituem o poder” (op. cit., p. 44-46). Assim, esse diagrama apresenta certa estabilidade que dá condições para que seja traçado o mapa das relações de força num dado momento. Entretanto, “sua configuração é permanentemente desestabilizada e subvertida pelos feixes de forças sobre os quais exerce e poder” (WEINMANN, 2006, p. 21), de modo que a estabilidade do diagrama está em constante deslizamento pela fulguração de novas possibilidades dentro dele próprio, graças a “resistências [que], por mais minúsculas e infames que sejam, são o que torna possível transpor as linhas diagramatizadas do poder” (op. cit.). Isso porque o diagrama não é uma estrutura: as relações de força que lhe dão rosto “tecem uma rede flexível e transversal (...) definem uma prática, um procedimento ou uma estratégia (...) e formam um sistema físico instável, em perpétuo desequilíbrio” (DELEUZE, 2005, p. 45).

Michel Foucault (2006b; 2010a; 2009b) apontou elementos cruciais para pensarmos as relações entre os espaços arquitetônicos e os processos de subjetivação que forjam os modos de existência nas sociedades Ocidentais. Com a descrição pormenorizada do panóptico, idealizado por Jeremy Bentham, sua arquitetura, seus usos, seus propósitos e suas implicações enquanto uma máquina de ver e ser visto dentro da prisão, Foucault demonstrou como distribuições arquitetônicas – articuladas a contabilizações temporais e a regimes discursivos –, como a do panóptico, são capazes de inscrever relações de poder nos indivíduos, relações de poder essas que os subjetivam. Uma torre de observação circundada por uma construção em forma de anel que seria dividida em celas com janelas voltadas para o interior (a torre) e para o exterior (que permite a iluminação da cela). “Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (FOUCAULT, 2006b, p. 166). Materialização arquitetônica do poder de um indivíduo sobre muitos indivíduos com o intuito de vigiá-los e controlá-los: no panóptico “a visibilidade é uma armadilha” (op. cit.).

O próprio Foucault escreve: “O Panóptico (...) deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento, uma maneira de definir as relações de poder com a vida cotidiana dos homens” (op. cit., p. 169-170). Mas, precisamente porque o panóptico é uma forma cristalizada e exemplar das correlações entre poder, arquitetura e subjetivação, essa é a razão que faz com que ele se torne o ponto denso que expressa as relações microfísicas de poder encontradas também em outras instituições, como na escola, na fábrica, no exército e no hospital. A função-mestra do panóptico não está apenas e diretamente ligada à prisão: ela também aparece em outras instituições. “Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder”, para assim fazê-las “funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição” (op. cit., p. 168).

O panoptismo, portanto, concretiza de forma exemplar a política arquitetônica dos espaços de confinamento típicos da sociedade disciplinar. Assim, é importante sublinhar que, nas disciplinas, procede-se “à distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, 2006b, p. 122), não por um princípio de clausura constante, mas pelo princípio que diz: “[c]ada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo” (op. cit., p. 123). Daí também deriva a exigência de “[e]vitar as distribuições por grupos;

decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias” (op. cit.), pois, para as disciplinas, a coletividade de um grupo de indivíduos que se reconhecem como pertencendo a um determinado grupo é um problema a ser evitado.

Nesse sentido, “mesmo se os compartimentos que ele [o panoptismo] atribui se tornam puramente ideais, o espaço das disciplinas é sempre, no fundo, celular” (op. cit.): a multiplicidade, a coletividade, as aglomerações grupais são um perigo para o funcionamento das relações de poder microfísicas das sociedades disciplinares. Para domar e organizar uma multiplicidade, que é vista aí como um obstáculo, empregam-se “lugares determinados [que] se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper comunicações perigosas, mas também para criar um espaço útil” (op.cit., 123). “Que o poder, mesmo com uma multiplicidade de homens a controlar, seja tão eficaz como se exercesse sobre apenas um” (FOUCAULT, 2010a, p. 112): é esse o resumo do panoptismo, em que um único vigia posicionado na torre central, possa produzir efeito de vigilância e controle sobre uma multiplicidade de outros indivíduos posicionados no anel periférico à torre.

Se houve um tempo, sobretudo em algum momento entre os séculos XVIII e o XX, que as disciplinas caracterizavam o diagrama das sociedades ocidentais (FOUCAULT, 2006b) e, antes dele, era a soberania que exprimia outro diagrama de outra sociedade (FOUCAULT, 2012b; 2006a), podemos dizer contemporaneamente estamos experimentando (vivendo, produzindo, fazendo operar) um diagrama diverso: o controle-estímulo.

Devemos entender a sociedade de controle (...) como aquela (que se desenvolve nos limites da modernidade e se abre para a pós-modernidade) na qual mecanismos de comando se tornam cada vez mais democráticos, cada vez mais imanentes ao campo social, distribuídos por corpos e cérebros dos cidadãos. (...) O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação etc.) e os corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas etc.) (...). A sociedade de controle pode, dessa forma, ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização de disciplinariedade que animam internamente nossas práticas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, *esse controle estende bem para fora os locais estruturados de instituições sociais mediante redes flexíveis e flutuantes.* (HARDT & NEGRI, 2006, p. 42-43, grifos nossos).

O diagrama controle-estímulo não deve, contudo, ser entendido como um descarte dos diagramas que o precederam. “Não se abdicou (...) do castigo medieval e

soberano ou da disciplina moderna”, pois suas estratégias e procedimentos são, de certa forma, integrados à nova configuração das relações de poder, de modo que “agora se investe, cada vez mais, com outros modos e outras tecnologias, sobre o corpo controlável: menos força física, menos argumentos e mais equipamentos” (ROCHA, 2006, p. 84). Se na sociedade disciplinar havia espaços de confinamento institucionalizados como variáveis independentes umas das outras – o indivíduo passava da família para a escola, da escola para a caserna, da caserna eventualmente para o hospital e, às vezes, para a prisão –, na sociedade de controle pós-disciplinar (DELEUZE, 2008a) os controlatos sobrepõem-se aos internatos – não os descartam, mas os açambarcam, os englobam, os intensificam – e se tornam variações inseparáveis e contínuas – o indivíduo está *online* na empresa, *online* para um grupo de amigos através de um programa de troca de mensagens, também pode comprar produtos em lojas virtuais, assistir a vídeos, ouvir música, tudo ao mesmo tempo usando um computador com acesso à internet ou um telefone celular que disponha do mesmo serviço. Os mecanismos de atuação do poder, no diagrama controle-estímulo, “se sofisticam, alguns se intensificam e outros mudam radicalmente” (SIBILIA, 2002, p. 29). “Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação”, ou seja, atuam ininterruptamente sobre o indivíduo, “como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante” (DELEUZE, 2008a, p. 221).

Vai perdendo força a velha lógica serial, mecânica, descontínua, fechada esquadrinhada, geométrica, progressiva e analógica das sociedades disciplinares vencidas pelas novas modalidades digitais, contínuas, fluidas, ondulatórias, abertas, mutantes, flexíveis, autodeformantes que se espalham aceleradamente pelo corpo social. Assim, a lógica de funcionamento associada aos novos dispositivos de poder é total e constante, opera velozmente e em curto prazo. Desconhece fronteiras: atravessa todos os espaços e todos os tempos engolindo o “fora”. (SIBILIA, 2002, p. 29).

Se, na sociedade disciplinar, distribuições territoriais fixas como a casa, a escola, o exército, o asilo, o hospital, a fábrica ou a prisão eram instrumentos essenciais para a implementação das relações de poder microfísicas que disciplinavam, docilizavam e normalizavam os indivíduos, na sociedade pós-disciplinar o controle-estímulo das condutas, dos corpos e a produção capitalística de subjetividades, conforme referem Guattari e Rolnik (2010), vai rearranjar os modos com que os indivíduos vivem suas vidas e reconhecem a si próprios como sujeitos. Nesse âmbito, quando um homem participa do dispositivo tecnológico, criando para si um perfil *online* no Manhunt, por

exemplo, esse homem passa habitar o dispositivo e, simultaneamente, a ser produzido por ele.

Estar *online* permanentemente vem a ser uma das maneiras de ser mais bem controlado no contexto do diagrama controle-estímulo. Mostrar o corpo não é mais um escândalo: “como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... Mas seja magro e bronzeado!’” (FOUCAULT, 1984, p. 147). É por essa razão que, se quisermos tomar a internet como o “panóptico do tempo presente”, será preciso uma reformulação do modelo poucos-veem-muitos, preconizado pelo panoptismo de Bentham: poucos vigias habitando a torre central do panóptico e fazendo funcionar um poder de vigilância e controle sobre muitos outros indivíduos encerrados no anel periférico. Ao que tudo indica, parece que agora se conserva o princípio disciplinar da visibilidade como armadilha, mas devemos virar o panoptismo do avesso: não mais poucos-que-veem-muitos, mas agora muitos-que-veem-muitos, ou muitos-que-podem-ver-muitos – isso, pelo menos, em uma primeira abordagem acerca dos modos com que os corpos são expostos dentro do Manhunt.

Em algum aspecto, parece que há uma reconfiguração do modelo poucos-veem-muitos, na medida em que, imersos no diagrama de controle-estímulo pós-disciplinar, os habitantes do *site* Manhunt são chamados a se expor através de textos e fotografias em seus perfis *online*, possibilitando a sugestão de que muitos-podem-ver-muitos porque muitos-se-expõem-para-muitos. Aqui, o princípio de visibilidade é comum a todos, muito embora as visibilidades desses “muitos” sejam distribuídas diferenciadamente: não é qualquer um que se mostra através de textos e imagens nos perfis *online* do Manhunt, posto que há restrições em relação a quais corpos serão dignos de exposição, conforme argumentarei no próximo capítulo, *Mercado da carne: os caçadores de corpos*. Tampouco os modos de exposição serão homogêneos: se há muitos-que-podem-ver-muitos, pois há muitos-que-se-expõem-para-muitos, nem todos veem ou são vistos da mesma forma. Para dar um exemplo, que será mais bem explorado no próximo capítulo, nas fotografias dos perfis *online* dos homens habitantes do Manhunt é comum o deslocamento da exposição da face, da parte da frente da cabeça, para a exposição do peito, do abdome, do pênis ou das nádegas. A face é recortada do corpo, talvez porque alguns homens não queiram ser reconhecidos pelas partes da frente de suas cabeças. As diferentes formas de exposição de “muitos”

implicam em diferentes modos de se tornar visível para “muitos” e em diferentes modos de olhar outros “muitos”.

De qualquer forma, independentemente dos modos como se dá a exposição dos corpos nesse modelo muitos-que-podem-ver-muitos, é importante salientar que tal modelo se articula com o controle-estímulo característico das sociedades pós-disciplinares. Além disso, é preciso que entendamos também o caráter conflitivo deste modelo.

Procurarei mostrar nos próximos três capítulos que há disputas acerca dos modos de exposição dos corpos através de imagens, e que tais modos de exposição dos corpos são como que expressões emblemáticas de algumas formas de relação que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos a criar uns com os outros. Como sugeri no *Capítulo Guia*, a constituição das relações e dos vínculos que os homens gays participantes desta pesquisa estão dispostos a criar depende de uma série de condições. Uma dessas condições é precisamente as formas com que esse modelo muitos-podem-ver-muitos será negociado entre os habitantes do Manhunt, potencializando ou constringendo as relações que podem emergir entre os indivíduos que ali coexistem.



3 Mercado da Carne: os caçadores de corpos

“Aqueles que vão além da superfície assumem um risco ao fazê-lo”

Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray* (2012, p. 6).

Como os corpos dos homens habitantes do Manhunt são expostos através de imagens no modelo muitos-podem-ver-muitos que vigora no *site*? Como os corpos-que-importam, aqueles exibíveis e mostráveis através de imagens, se relacionam com os anticorpos, aqueles que são compelidos a não se mostrar e a permanecer na borda no visível?

O objetivo principal deste capítulo é analisar os modos com que os corpos dos homens habitantes são mostrados através de imagens e descritos através dos textos dos perfis *online*, mencionando as possíveis implicações que tais modos têm na criação de vínculos entre esses homens. É preciso articular as formas que diferentes regulações encarnam nos corpos com as maneiras através das quais se dá a exposição dos corpos no Manhunt – além, é claro, de delimitar dentro de que regime de visualidade tais corpos poderão se tornar visíveis. Por “regulações que encarnam” os corpos eu sugiro as normas de sexo-gênero-sexualidade, de adequação estética e geracional, de cor de pele e pertencimento étnico, até mesmo de formação educacional e cultural, que tomam os corpos e os acomodam na polarização que eu aqui proponho: entre os corpos-que-importam e os anticorpos. O sucesso na materialização das “regulações da carne” tornará um corpo mostrável e exibível no regime de visualidade do Manhunt através de imagens: um corpo-que-importa, e o corpo-que-importa será considerado elegível para a disponibilidade virtual para o vínculo. Escapes à materialização dessas mesmas “regulações da carne” impor-se-ão como obstáculos na empreitada de fazer-se visto dentro do regime de visualidade que vigora no *site*: criam-se os anticorpos, empurrados para as bordas do visível nesse contexto, sendo considerados, em grande medida, como corpos inelegíveis para a disponibilidade virtual para o vínculo.

Será neste e no próximo capítulo que usarei a arte como saída (ou entrada) ético-metodológica para desenvolver tópicos da análise visual, que é algo central para entendermos os modos de exposição dos corpos-que-importam – e das tentativas de apagamento dos anticorpos – dentro do modelo muitos-que-podem-ver-muitos que funciona no *site* Manhunt. Os modos de exposição dos corpos-que-importam – e as tentativas de apagamento dos anticorpos – constituem a disponibilidade virtual para a

criação de relações entre os homens habitantes do *site*, o que faz das imagens algo relevante no âmbito deste trabalho. É nesse sentido que procurarei dialogar com produções artísticas trazendo-as para as análises, apostando na intertextualidade das imagens, como sugere Gillian Rose (2007, p. 2; p. 143).

Por um impedimento ético que me impossibilita de publicar as fotografias que encontrei nos perfis *online* arquivados, precisarei recriar aqui os modos emblemáticos de expor os corpos existentes nas fotografias dos perfis arquivados. Isso será feito precisamente através de produções artísticas que serão inseridas no contexto das análises que seguem. No que diz respeito aos recursos visuais deste e do próximo capítulo, tentarei usar a arte como ferramenta para fazer aparecer aqui os corpos-que-importam e também os anticorpos do Manhunt. Nesse sentido, tomo emprestada uma observação de Michaud (2008, p. 541) quando o autor diz: “a arte do século XX nos mostra do corpo aquilo que as técnicas de visualização permitiram ver umas depois das outras”: assim como os homens habitantes do Manhunt, valer-me-ei de fotografias de produções artísticas variadas (esculturas, telas) para presentificar os corpos dentro das análises.

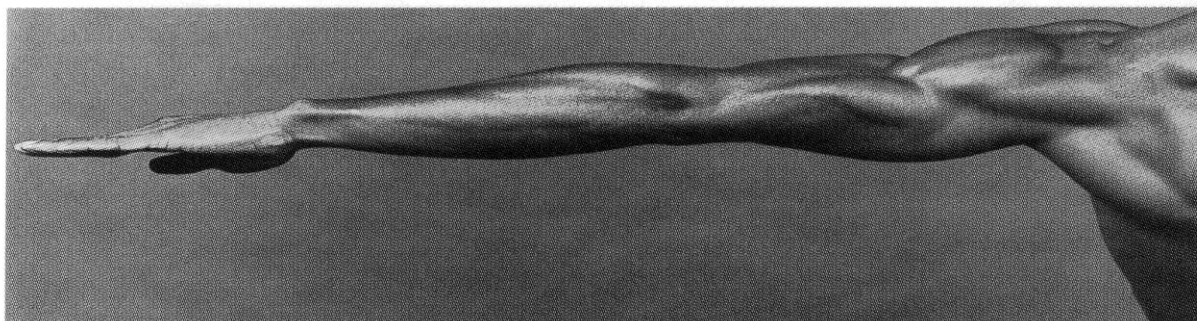


Figura 13 – Black Book, Foreword, Robert Mapplethorpe. 1986.

Assim, trata-se de entender o olhar – os modos de olhar, os modos de ser olhado, os modos de não-olhar ou de não-se-dar-ao-olhar – como um aspecto fundante da experiência do corpo dentro do espaço do *site* Manhunt. No segundo prefácio de *Gender Trouble*, escrito em 1999, Judith Butler escreve o seguinte a respeito dos modos com que olhamos os corpos e derivamos desse olhar as supostas “realidades de gênero” dos corpos:

Se alguém acha que vê um homem vestido como uma mulher, ou uma mulher vestida como um homem, então esse alguém toma o primeiro termo de cada

uma destas percepções como sendo a “realidade” do gênero. (...) Em tais percepções em que uma realidade ostensiva é associada a uma irrealidade, nós achamos que sabemos o que a realidade é, e tomamos a aparência secundária do gênero como um mero artifício, um jogo, uma falsidade e uma ilusão. Mas qual é o sentido de “realidade de gênero” que funda a percepção desse modo? Talvez nós achemos que nós sabemos qual é a anatomia da pessoa (...). Ou nós derivamos esse conhecimento das roupas que essa pessoa usa ou de como as roupas são usadas. Este é um conhecimento naturalizado, mesmo que seja baseado em uma série de inferências culturais, algumas das quais são altamente errôneas. Na verdade, se trocarmos o exemplo da *drag* para a transexualidade, então não é mais possível derivar um julgamento sobre uma anatomia estável a partir das roupas que cobrem ou articulam o corpo. (...); até mesmo “ver” o corpo pode não responder à questão: pois *quais são as categorias através das quais alguém vê?* (BUTLER, 2008a, p. xxiii-xxiv, grifo da autora).

O que Butler sugere nessa passagem é que a “realidade de gênero” não está somente encerrada na suposta materialidade do corpo que é olhado, por mais que essa “realidade” esteja implícita em, ou que seja derivada de, inferências culturais. A autora põe em suspensão a própria materialidade dos corpos que são vistos ao inserir o exemplo da transexualidade: se vemos o corpo de um homem transexual, como mostrarei adiante, derivamos imediatamente uma “realidade de gênero” desse corpo baseada em quê? Ou não derivamos “realidade” alguma, se acharmos que esse corpo, ele próprio, interroga quaisquer “realidades de gênero”? É assim que Butler também coloca em profunda relação a materialidade dos corpos que são dados a ver com as próprias categorias através das quais os olhamos e presumimos seu gênero; as categorias através das quais olhamos os corpos e presumimos sua “realidade de gênero”; as categorias através das quais olhamos os corpos e os acomodamos em um campo de inteligibilidade. Podemos entender essas categorias como constituintes do próprio regime de visualidade que nos permite olhar para os corpos.

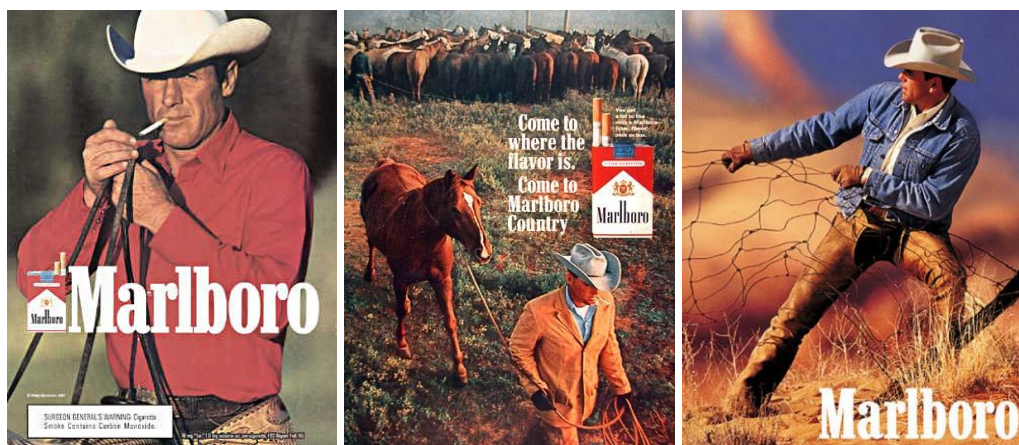
Portanto, isso que chamo aqui de regime de visualidade dos corpos são as categorias através das quais vemos os corpos e deles derivamos, produzimos e fazemos funcionar conhecimentos pertinentes para sua inteligibilidade. Igualmente, será preciso supor que essas mesmas categorias através das quais vemos os corpos, que constituem um regime de visualidade, são as mesmas que trabalham na tentativa de in-visualizar outros corpos – os anticorpos, que escapam às regulações que con-formam a carne – constituindo, assim, um regime de in-visualidade como seu próprio avesso. O exemplo de Butler diz respeito às categorias de reconhecimento e aferição do sexo e do gênero coerentes aos corpos. Neste capítulo, eu mencionarei a importância da coerência sexo-gênero-sexualidade para o regime de visualidade dos corpos dentro do Manhunt, mas

não a analisarei exaustivamente. No próximo capítulo, *Olhando o gênero que nos olha*, eu enfocarei precisamente as marcas e as constituições de gênero dos corpos nos perfis *online* publicados no site.

Nesse modo de olhar os corpos, ou nesse modo de não-olhar, é preciso fazer aparecer as marcas que os constituem como corpos-que-importam dentro desse contexto: corpos exibíveis, corpos mostráveis através de fotografias publicadas nos perfis *online*. Os corpos-que-importam, assim, emergem dentro do regime de visualidade que vigora no *site* na mesma medida em que são construídos aí os anticorpos, sendo esses últimos compelidos a não aparecer e a não se mostrar. Portanto, é preciso também fazer aparecer as marcas que constituem os anticorpos dentro do Manhunt. As relações de poder que produzem os corpos-que-importam constroem, ao mesmo tempo, os anticorpos – aqueles corpos que não se conformam às regulações da coerência entre sexo-gênero-sexualidade, de geração, de morfologia corporal, de estética, de raça/etnia, entre outras. As relações negociadas entre os homens habitantes do Manhunt dentro do Mercado da Carne que aí existe trans-formam os corpos, polarizando-os radicalmente em corpos-que-importam e anticorpos: o País de Marlboro no qual se constitui o *site* conta, pelo menos no Mercado da Carne, com corpos-que-importam, corpos exibíveis, e também com anticorpos, corpos empurrados para as bordas do visível.

Também sugiro, como o fiz no *Capítulo Guia*, que a violenta expulsão dos corpos de alguns homens, caracterizados como anticorpos e, portanto, inelegíveis para a criação de vínculos, constitui, ela própria, uma modalidade de relação entre os homens habitantes do Manhunt. Violentamente expulsos como inelegíveis para relações, os anticorpos policiarão os limites dos corpos mostráveis e visíveis, ameaçando-os, mantendo com eles relações de proximidade tensa, porém produtiva. Na tentativa de fazer a assunção dos corpos-que-importam, os anticorpos serão evocados como seu exterior; entretanto, é precisamente através dessa evocação que os anticorpos ganharão força e far-se-ão inteligíveis no regime de visualidade do Manhunt.

3.1. Preâmbulo – a relevância das imagens dentro do Manhunt



Figuras 14 – Campanhas de Marlboro.

Conforme introduzi no *Capítulo Guia*, as imagens acima fizeram parte das campanhas publicitárias da marca de cigarros Marlboro em diferentes momentos. Nas imagens, veem-se homens domando ou montando cavalos, vestidos com roupas de couro e jeans, usando chapéu, quase sempre fumando ou acendendo um cigarro. Algumas dessas imagens mostram homens em exercício de força e sempre solitários. As frases da campanha dessa marca de cigarros dizem o seguinte: “Venha para onde o sabor está. Venha para o País de Marlboro”, provavelmente aludindo ao sabor do cigarro. Ainda, tais frases, articuladas àquelas imagens, podem também sugerir que o homem de Marlboro, ele próprio, tem um sabor, e um sabor forte.

É possível dizer que somos convidados/as pelas imagens e pelos textos dessas campanhas publicitárias a sentir o sabor do corpo do homem de Marlboro. Não é estranho, por isso, que no Brasil muitas pessoas se refiram ao cigarro Marlboro, especialmente aquele da embalagem vermelha, como “Marlborão”: é comum ouvir frases do tipo “eu só fumo Marlborão” ou “meu pai fumava um Marlborão”. O aumentativo “ão” procura traduzir o sabor do cigarro, mas também se articula às noções de masculinidade encarnadas pelos homens que aparecem nas imagens das campanhas publicitárias do cigarro. O homem do País de Marlboro é um homem “ão”, aumentativo, com sabor forte, com força física, domador e montador de cavalos, solitário. Quando alguém diz “eu só fumo Marlborão” ou “eu fumava Marlborão”, esse alguém também está dizendo algo da sua própria força, do seu próprio corpo, um corpo capaz de degustar o sabor forte do “Marlborão”. As campanhas publicitárias arregimentaram muitos/as fumantes fiéis da marca Marlboro, tanto homens quanto mulheres: talvez eles

e elas desejassem, cada um/a a seu modo, ser, ter e saborear o homem do País de Marlboro.

Outrora eu mencionei o homem do País de Marlboro como um ícone de masculinidade culturalmente sedimentado. Em grande medida, tal sedimentação se deveu ao sucesso da campanha publicitária do cigarro. Como mostram as peças trazidas no *Capítulo Guia* e repetidas aqui, as campanhas articulam imagem e texto de forma poderosa, estratégia que tem como vórtice articulador o próprio corpo. Os corpos dos homens que aparecem nas imagens são corpos densos, fortes, cuja força é sugerida pelas posições em que os corpos são fotografados (corpos de homens montando e domando cavalos, arrastando cercas, encarando a lente fotográfica ao acender um cigarro ao mesmo tempo em que seguram rédeas). O texto das imagens é aquele mencionado no parágrafo anterior: evoca o sabor, o sabor do cigarro, mas talvez também o sabor do homem do País de Marlboro, aquele sabor do cigarro que permanece na sua boca que, em última instância, é o próprio sabor daquela masculinidade.

A imbricação potente das imagens com o texto que encontramos nas peças dessas campanhas publicitárias é também aquela imbricação poderosa que encontramos nos perfis *online* do *site* Manhunt, em que texto e imagem se articulam para produzir efeitos. A articulação entre texto e imagem na campanha de Marlboro produz efeitos em quem vê e lê, e um desses efeitos é a própria materialização de um modo específico de ser homem e de viver o gênero masculino, um modo específico de encarnar no corpo o gênero masculino. O “País de Marlboro” é o espaço dessa masculinidade de sabor forte, habitado por esse corpo de homem que encarna a força, caracterizado por esse modo de viver uma masculinidade que é solitária em si mesma, talvez porque poucos possam arcar com a dureza que ela demanda. Dado o efeito da articulação entre imagem e texto presente na campanha de cigarros, que opera no sentido de construir uma masculinidade específica, sugiro que a articulação entre imagem e texto presentes nos perfis *online* do Manhunt também busca produzir o mesmo efeito: o de fazer do *site* um “País de Marlboro” habitado apenas por homens específicos, e que são idênticos entre si, tentando expulsar desse espaço aqueles outros homens que aí não se encaixam – ou que são impedidos de aí se encaixar.

Antes de começar efetivamente uma análise da relevância das imagens dentro do *site* Manhunt, eu gostaria de mencionar uma experiência rápida, porém marcante, em

que eu pude comparar a dinâmica do Manhunt – dinâmica essa que, aliás, é bastante similar a de outros *sites* de relacionamento voltados para homens gays, como o Disponível.com, o Gaydar.co.uk e o Disponível.com – com a dinâmica de um popular *site* de relacionamento voltado para pessoas heterossexuais. Essa experiência aconteceu quando eu construí um perfil de pesquisador no *site* eHarmony (www.eharmony.com.br). Na capa do *site* há o seguinte texto:

Muito mais do que um classificado com fotos

Na eHarmony, diferente dos sites de namoro online, *você não precisa procurar quem combina com você no meio de milhares de perfis, fazemos esse trabalho para você.* Só a eHarmony apresenta pessoas disponíveis com base em 29 Dimensões® de Compatibilidade, como personalidade, humor e valores, que são conhecidas por preverem relacionamento de longo prazo bem-sucedido.

Determinar a compatibilidade através dos métodos convencionais de namoro pode levar meses ou mesmo anos de interação entre você e seu parceiro. Na eHarmony, você recebe muito mais do que perfis de solteiros. A eHarmony apresenta quem realmente combina com você. Nos comprometemos a apresentar pessoas realmente compatíveis com você, nos níveis mais profundos, o que gerará uma melhor experiência no site e fora dele. A eHarmony gera mais segundos encontros do que qualquer outro site da categoria. Essa é uma das muitas razões pelas quais a eHarmony é o site mais confiável dos EUA.

Não estamos falando de compartilhar gostos e hobbies, *compatibilidade para a eHarmony está na essência de cada ser humano. As 29 Dimensões® de Compatibilidade que analisamos* para indicar pessoas compatíveis são: Caráter, Paixão Sexual, Energia Física, Energia Emocional, Adaptabilidade, Rebelia, Autonomia, Sociabilidade, Dominância, Gentileza, Auto-imagem, Paixão Artística, Humor, Curiosidade, Intelecto, Paixão Romântica, Estado Emocional, Empreendedorismo, Presença, Estilo de Comunicação, Controle da Raiva, Temperamento, Objetivos e situação familiar, Experiência Familiar, Altruísmo, Ambição, Tradicionalismo, Diplomacia e Escolaridade.

(Acessado em 25 de setembro de 2012. Grifos meus)

Eu não vou me ater aqui em uma análise detalhada das semelhanças e diferenças entre o eHarmony e o Manhunt. Aqui eu apenas gostaria de mencionar que o eHarmony funciona de modo absolutamente distinto do Manhunt, e de outros *sites* de relacionamento voltados para homens gays, no que diz respeito à centralidade das imagens dos corpos de seus/suas habitantes. O eHarmony se apresenta como “muito

mais que um classificado com fotos”, deslocando a importância das fotografias dos corpos dos/as seus/uas usuários/as para suas personalidades “nos níveis mais profundos”: são analisadas “29 Dimensões de Compatibilidade” que são prospectadas ao preenchermos extensos questionários com perguntas de múltipla escolha sobre cada uma das “29 Dimensões de Compatibilidade” – note-se o símbolo ®, que significa marca registrada como patente, isto é, o conjunto de questionários que compõem as 29 dimensões de compatibilidade é um produto patenteado. Esse trabalho extenso e intenso de produção de um perfil de compatibilidade está a serviço da sondagem minuciosa e precisa da “essência de cada ser humano”. É claro, se o objetivo é perfilar a compatibilidade entre as essências dos seres humanos que recorrem ao eHarmony, encontros fortuitos, ocasionais, eventualmente anônimos e com o fim exclusivo de praticar sexo não estão entre as modalidades de relacionamento estimuladas por esse *site*. O que se quer, e o que se tenta assegurar, é a constituição de relacionamentos de “longo prazo e bem-sucedidos”.

O *site* eHarmony se apresenta como uma tradicional agência matrimonial. Se o contrastarmos com o Manhunt, fica clara a diferença dos termos que constituem os vínculos que cada *site* se propõe a oferecer: o primeiro parece perscrutar a “essência do ser humano”, a ser extraída pela aplicação de questionários sobre 29 dimensões de compatibilidade, com o objetivo de proporcionar relacionamentos de “longo prazo e bem-sucedidos”. O segundo supostamente se propõe a estimular o jogo da caça e a exposição dos corpos de seus habitantes, centrando-se em proporcionar vínculos que sejam desde sempre associados diretamente aos seus corpos e seus prazeres, através do maior número de encontros possível entre eles, com o objetivo de proporcionar práticas sexuais ocasionais. Como mostrei no capítulo *O território da caça*, na figura 7, em que exponho a listagem de perfis *online* que fica à mostra para todos os habitantes do *site*, ali se constitui isso que chamo de Mercado da Carne: os corpos dos homens habitantes do Manhunt ficam expostos através de fotografias em seus perfis, e seus perfis ficam expostos em uma listagem *online*, a partir da qual outros homens poderão “escolher” com quem manterão vínculos e relações. O Mercado da Carne é isto: a exposição dos corpos dos usuários – mas não quaisquer corpos, como mostrarei neste capítulo. Essa classificação generalista não é suficiente para explicar as relações e os vínculos que podem ser criados entre os habitantes do Manhunt, entretanto. Isso porque, conforme

explicitarei no capítulo *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*, o Manhunt também é, a seu modo, uma agência matrimonial.

Por ora, eu gostaria de voltar a destacar que as relações e os vínculos possibilitados pelo eHarmony procedem de forma diversa àquela possibilitada pelo Manhunt. No eHarmony, não são seus/suas habitantes que se escolhem mutuamente a partir de uma lista de perfis disponíveis com fotografias dos seus corpos e alguns poucos textos escritos. A compatibilidade é produzida externamente, por terceiros ou por um *software* específico, somente depois do preenchimento exaustivo de vários questionários cujas respostas serão cruzadas e um índice de compatibilidade será calculado a partir delas. Não gostaria de supor aqui que imagens dos corpos dos/as habitantes do eHarmony são totalmente irrelevantes em seu contexto, mas gostaria de assinalar que tal importância é deslocada de forma significativa quando comparamos as formas de estímulo à criação de vínculos do eHarmony e do Manhunt. Neste último, conforme argumentarei a seguir, as imagens são fundamentais para entendermos as possibilidades de criação de relações entre os indivíduos.

No limite, a oposição entre as diferentes dinâmicas dos dois *sites* pode sugerir que o eHarmony está preocupado com as essências e que o Manhunt está preocupado com as aparências – constatação que não é de todo descabida, mas que também não é de todo frutífera. Há claramente aqui uma oposição entre profundidade e superficialidade, em que se supõe a “essência de cada ser humano” como profunda (ou como aquilo que não é exibível) e a aparência como superficial (ou como algo que é mostrável). São óbvias as correlações com a oposição cristã-cartesiana mente/alma X corpo/carne: o eHarmony estaria preocupado com os primeiros termos, enquanto que o Manhunt estaria focado nos segundos. Conforme mostrarei neste e no próximo capítulo, os homens habitantes do Manhunt também querem essências, além de aparências. Algumas essências, no Manhunt, são visíveis na pele dos corpos, literalmente.

Da mesma forma, seria ingênuo supor que os/as habitantes do eHarmony têm menos liberdade em escolher seus/uas parceiros/as, posto que não são eles/as quem escolhem uns aos outros, já que suas compatibilidades são cruzadas graças ao “Processo Científico de Compatibilidade do eHarmony”²⁰. Seria ingênuo supor que os homens

²⁰ Na capa do *site* há a seguinte descrição de tal Processo, que será retomado no capítulo “Os caçadores de marido: a agência matrimonial”: “A eHarmony é mais do que um site de encontros. O Processo Científico de Compatibilidade da eHarmony (eHarmony Compatibility Matching System™) mede sua compatibilidade com as

habitantes do Manhunt são mais livres e autônomos porque eles próprios escolhem, por “espontânea vontade”, os outros homens com quem querem manter algum tipo de comunicação ou vínculo a partir de uma lista visível para todos. Nesse sentido, o modelo muitos-que-podem-ver-muitos, típico do diagrama pós-disciplinar do controle-estimulação, funciona de modo diferenciado para os/as habitantes do eHarmony e de modo mais insidioso para os habitantes do Manhunt. Para esses últimos, o modelo muitos-veem-muitos é constituído dentro de relações de poder que incitam a exposição constante dos corpos, o que nos permite pensar que não há, portanto, uma maior liberdade aqui do que no eHarmony. Esse modo de “escolha autônoma de corpos disponíveis”, típico do Manhunt, pode se revelar como a extensão mais capilar de um refinado funcionamento de controle e confisco dos corpos, das subjetividades – e é isso que espero deixar claro ao fim deste e do próximo capítulo.

Assim, ao contrapor a dinâmica do Manhunt com a dinâmica do eHarmony, eu quero sublinhar a relevância das imagens na presentificação dos corpos naquele primeiro. Aqui eu quero sugerir que, para os homens habitantes do Manhunt, as suas subjetividades não apenas excedem os seus corpos, mas são também, e sobretudo, coincidentes com seus corpos, transformando-os em corpos-currículo, conforme argumentarei mais adiante neste capítulo.

3.2. Retratos de Dorian Gray do nosso tempo

Conforme eu apresentei no capítulo *O território da caça*, os perfis *online* no Manhunt são constituídos de uma parte escrita, na qual os homens podem escrever informações pertinentes sobre si, e também uma parte imagética, na qual podem publicar fotografias de seus corpos. As correlações entre texto e imagem são importantes na construção dos perfis, bem como na criação de vínculos entre esses homens.

peças disponíveis para apresentar aquelas com as quais você compartilha níveis profundos de compatibilidade. Enquanto outros sites o obrigam a procurar através de milhares de perfis, a eHarmony indica pessoas com base em 29 Dimensões® de Compatibilidade como personalidade, intelecto, senso de humor e até mesmo planos futuros. Nosso objetivo é ajudar a formação de relacionamentos de sucesso duradouros. Sabemos que a única coisa mais difícil do que encontrar alguém quem realmente combine com você é conhecer essa pessoa. Especialistas nos campos de psicologia e relacionamentos humanos fundaram a eHarmony e desenvolveram um processo que ajuda durante essa fase – de maneira divertida e completamente segura. A opção de Comunicação Passo a Passo da eHarmony permitirá que você se concentre no prazer de conhecer quem combina com você sem se preocupar com o constrangimento das primeiras comunicações”.

Alguns homens publicam os seguintes textos: “Tenho 1.83m, 86 kg, sou malhado, 21 cm, HIV – (HIV negativo), enfim, algumas fotos estão aí”, em que o homem fornece uma lista escrita de características corporais e as remete para as fotografias publicadas, como que para legitimá-las, em que o texto reforça as imagens e as imagens, o texto; “[sou] Gatão Pauzudo, como na foto, mas não se prenda a isso”, em que o homem se refere ao tamanho de seu pênis no texto escrito e cuja imagem está publicada no perfil, também apostando em uma relação de legitimação entre texto e imagem, mas também sugere que o leitor/visualizador não se prenda a isso, dando a entender que há mais informações sobre si do que a imagem mostra; “E se quiser que destravemos nossas fotos, por favor destrave as suas primeiro! Assim como quem faz um convite...”, em que o homem se refere às fotografias publicadas em seu perfil que estão bloqueadas para exposição pública, sugerindo que os demais homens que nele se interessarem desbloqueiem suas próprias fotografias como forma de convite para um possível vínculo.

Outro homem escreve: “só tem peito aqui nas minhas fotos, mas se você reparar bem, atrás dele tem um coração, tá?”, em que o usuário alude à parte de seu corpo publicada nas suas imagens (seu peito), mas sugere que há algo que excede essas imagens ou algo que não pode ser apreendido pelas imagens, algo que não passível de exibição ou de visualização através de imagens; “apesar das fotos bastante ordinárias (porque isso é o que a galera quer ver mesmo!), não curto fast foda”, em que o homem menciona as fotografias publicadas em seu perfil como sendo “ordinárias” – nelas ele aparece nu com o pênis ereto –, mas as contrapõe dizendo que, apesar das imagens “ordinárias” que sugerem uma disponibilidade exclusiva para prática sexual, ele não curte “sexo rápido”, ou “fast foda” (um jogo de linguagem com a expressão “*fast-food*”, comida rápida, que alude à prática sexual ocasional), o que indica uma relação de oposição entre imagem e texto nesse perfil.

Em outro perfil, lê-se: “QUER QUE EU DIGA + QUE AS FOTOS?”, em que o homem lança uma pergunta sobre aquilo que excede as imagens publicadas em seu perfil e, então, passa a listar no texto escrito de seu perfil as especificações sobre traços de sua personalidade e formas com que gosta de praticar sexo, o que indica uma relação de complementaridade entre texto e imagem. Finalmente, um dos homens habitantes do Manhunt escreve: “SEM FOTO, SEM CHANCE!!! SEM FOTO, SEM CHANCE!!! SEM FOTO, SEM CHANCE!!!”, três vezes e em letras maiúsculas, em tom de

exclamação, atestando a importância fundante das imagens para a criação de quaisquer vínculos com outros homens. Ora: no Mercado da Carne, a carne precisa estar exposta e fazer-se visível.

É importante ressaltar que, na maioria das vezes, essas fotografias são registradas graças aos aparelhos celulares atuais, que são simultaneamente câmeras digitais. A suposta facilidade e popularização de aparelhos capazes de fazer registros de imagens são algumas das condições de possibilidade desse tipo de imagem que encontro nos perfis *online* do Manhunt. É preciso também sublinhar que as câmeras digitais trazem outro diferencial técnico: diferentemente de outrora, quando era necessário levar o filme fotográfico a uma loja especializada para sua “revelação” para, então, ter a fotografia impressa em um papel especial, hoje as imagens são produzidas, publicadas e manipuladas digitalmente. Isso significa que, por exemplo, os homens habitantes do Manhunt produzem imagens de seus próprios corpos com seus aparelhos celulares ou câmeras digitais, transferem essas imagens para seus computadores ou *notebooks* e as publicam naquele *site* de relacionamento quase que instantaneamente. As imagens dos corpos nus não precisam ser tratadas quimicamente em lojas especializadas na “revelação” de filmes fotográficos, como acontecia em anos passados. Hoje, a produção de imagens de corpos, tais como as encontro no Manhunt, é feita instantânea, anônima e independentemente. As possibilidades técnicas dos aparelhos de produção e visualização de imagens estão, por isso, ligadas de maneira estreita às formas como se dão a exposição e exibição dos corpos no Manhunt.

Esses aparelhos permitem que se vejam novos aspectos do corpo. São poderosos: difundem imagens até aqui raras (imagens médicas, pornográficas, criminosas, esportivas). Tornam-se novas extensões, próteses ou órgãos do corpo, inclusive no sentido do corpo social: o aparelho fotográfico, a câmera de vídeo, inicialmente reservados ao repórter ou ao cineasta, passam às mãos do turista e, enfim, às mãos de todo mundo. São olhos a mais para verem e se verem. No fim do século XX, o anel se fechará: o que se vê e o visto estão constantemente em espelho e não há quase nada que aconteça que não tenha logo a sua imagem. (...) Enfim, os aparelhos de visão se tornaram onipresentes e invasivos e não deixam mais nada “fora da vista”. Nada mais é escondido. (MICHAUD, 2008, p. 546).

Nada mais é escondido *supostamente*. Meu argumento é que alguns corpos são mostráveis e exibíveis, como se a sua exibição fosse seu direito. Outros corpos serão chamados a não se mostrar e a não se exhibir, sendo empurrados para a borda do visível. Procuro mostrar o quanto esses últimos são fundamentalmente importantes para a constituição dos primeiros.

Isso fica bem expresso na entrevista *off-line* feita com Nonix, quando ele falava sobre a dificuldade que encontrava em conhecer outros homens em locais “tradicionais” de sociabilidade, como boates. Segundo esse participante de pesquisa, ele se sentia inseguro em relação aos olhares dos outros homens nesses espaços, nunca tendo a certeza de que era realmente desejado por aqueles que o olhavam. Além disso, ele referiu que não percebia as demonstrações e investidas de outros homens, ao que atribuiu à falta de atitude dos homens gays de Brasília.

Luiz Felipe: Não tomam atitude?

Nonix: Não. Então na internet às vezes é mais fácil porque aí o cara já olha a foto e diz “não, não gostei”, então tá beleza.

Luiz Felipe: E é por causa da tua insegurança aquelas fotos no teu perfil?

Nonix: Também.

Luiz Felipe: É pra facilitar?

Nonix: É, porque o que importa ali é isso. [...]

Luiz Felipe: E tu já teve alguma outra foto do teu perfil diferentes dessas?

Nonix: As fotos são antigas, estão lá desde o carnaval, já tão batidas. O próprio Manhunt sugere pra fazer isso: “mude as fotos”. O pessoal não lê nick [apelido], o pessoal não lê texto. O pessoal vê foto. Então se aquela foto tá lá há muito tempo, cansou. Mude as fotos e você recebe mais mensagens, recebe mais atenção. Inclusive, um cara que eu ficava, ele mandou já mensagem pra mim três vezes e eu respondi ‘mas a gente já se conhece’. Ele ‘sério? De onde?’. Eu ‘pega esse meu telefone e liga’, ele ‘ah, verdade’. Então tem isso, a mesma pessoa com que cê já ficou, já te conhece e tá mandando mensagem de novo.

[...]

Luiz Felipe: Qual é a foto que recebe mais mensagem?

Nonix: Corpo. Quando eu não era tão maior... Se bem que naquelas fotos ali eu tinha tomado um pouco de anabolizante. Não fez muito efeito, mas... Essas fotos do carnaval, eu tirei as fotos em Floripa. Inclusive eu publiquei elas durante o carnaval de Florianópolis. Aquelas fotos são todas do banheiro do hotel. E aí quando eu cheguei em Brasília eu recebi muita mensagem. Agora eu já não recebo mais tanta porque tá um pouco velho, mas se eu botar outra acho que já vai aumentar de novo. Mas quanto mais corpo aparece, peito e abdome, aí chama a atenção. Essas são bem boas.

Há vários elementos interessantes nesse trecho de entrevista *off-line* sobre as diferentes funções imagéticas para a criação de vínculos e relações entre os homens

habitantes do Manhunt. Em primeiro lugar, Nonix menciona certo pragmatismo a que as imagens podem servir: “o cara olha a foto e diz: ‘não, não gostei’, então tá beleza”. Como se as imagens servissem para decidir sobre a possibilidade de continuar algum tipo de comunicação ou não; como se as imagens tivessem a função estratégica de filtragem dos indivíduos. Isso porque, segundo ele, “é isso que importa ali”: a imagem, a fotografia, imagens e fotografias de corpos de homens. Ele reitera “o pessoal não lê texto. O pessoal vê foto”. Mas não vê qualquer fotografia, nem qualquer imagem: elas precisam ser imagens do corpo, e de um corpo-que-importa – “quanto mais corpo aparece, peito e abdome, aí chama mais atenção”, ele diz. Além disso, essas imagens precisam ser atualizadas, fotografias do corpo-que-importa no presente, no agora, e jamais fotografias antigas ou “batidas”, como ele sugere. Nonix diz que o próprio *site* Manhunt estimula e incita os homens a trocar o quanto possível as imagens publicadas em seus perfis. Nonix relata brevemente um episódio de quando enviou fotografias suas para outro habitante do Manhunt e não foi reconhecido por ele – supostamente porque havia atualizado as imagens de seu corpo publicadas em seu perfil *online*. De qualquer forma, Nonix atesta a função estratégica das imagens publicadas nos perfis, qual seja, o de aumentar as possibilidades de comunicação entre os indivíduos, possibilidades de criação de vínculos que aumentam proporcionalmente com a publicação de imagens – atualizadas – dos corpos – que-importam.

MadeInBrazil traz outra dimensão, embora semelhante a de Nonix, acerca das funções das imagens nos perfis. Durante nossa entrevista, falávamos sobre os critérios que ele usava para selecionar suas fotografias e publicá-las em seu perfil *online*. Ele respondeu:

MadeInBrazil: Coloquei minhas fotos atuais, de um ano atrás, da última viagem que eu fiz. De um ano atrás. Como eu não to saindo muito, não tenho recentes, de festas de algum lugar que eu for. Então, tento ser o mais verdadeiro possível. [...] Mesmo assim ainda vou lá e digo: quando eu vou mandar uma mensagem privada pra pessoa eu falo “olha, essas fotos são de mais ou menos um ano”, porque tá misturado, tem umas de mais ou menos um ano e outras que não têm, tem umas de sunga, falo “ó, tem fotos de 8, 10 meses, cê engorda 6 quilos, parei de malhar”, eu explico.

Luiz Felipe: Tu explica?

MadeInBrazil: Explico.

Luiz Felipe: Por que tu explica?

MadeInBrazil: Porque eu sou verdadeiro. Não vou vestir personagens. Eu tento fazer isso pra quê? Pro cara também ser verdadeiro comigo. Não gosto de mentiras, não gosto disso. Então eu tento passar isso. Espero que tenha de volta. Toda relação é troca, não adianta. Há interesse, tudo é interesse. Eu to passando isso pra você me devolver pelo menos igual. Falo “ó, sou baixinho, tenho 1,64 metros, não tenho 61 quilos, tenho 66 – 67 agora – estou ficando calvo, to com barriguinta”.

Luiz Felipe: Tu diz tudo isso?

MadeInBrazil: Falo mesmo, falo “não sou lisinho, sou peludinho, não to mais malhado, to com a bunda do tamanho do Brasil”. Dou minhas medidas, todas, né? Todas. Todas. Eu sou legal. Falo meu nome em primeiro lugar. “Olá, tudo bem? Meu nome é [MadeInBrazil], prazer”.

Enquanto Nonix estabelece uma relação entre a publicação de determinadas imagens do seu perfil com a maior possibilidade de criar vínculos e manter comunicação com outros homens dentro do Manhunt, MadeInBrazil menciona outra função de suas fotografias: a relação com a “verdade” de seu corpo. Tanto Nonix quanto MadeInBrazil aludem à necessidade de atualização constante das imagens publicadas em seus perfis, imagens que serviriam para capturar o corpo em seu hoje e em seu agora. A demanda por imagens atualizadas, ou seja, por imagens dos corpos que correspondam àquilo que o corpo é hoje e agora, de certo modo é uma demanda pela “verdade” do corpo: a “verdade” do corpo é aquilo que o corpo é no tempo presente.

Assim, a demanda por imagens atualizadas a serem publicadas nos perfis *online* constrói um laço que liga a “verdade” do corpo à sua identidade no tempo presente: é preciso que o corpo seja idêntico a si mesmo nas imagens publicadas, hoje e agora, e tal identidade supostamente atestaria sua “verdade”. Fotografias de oito, dez meses, um ou três anos atrás, são consideradas imagens desatualizadas do corpo, portanto “falsas”, imagens “mentirosas”, pois não correspondem à “verdade” atual da identidade do corpo de hoje e de agora. O corpo é, assim, encurralado em um espaço temporal estreito, que é o tempo presente constante. Nessas condições, corpo é igualmente enclausurado por um “totalitarismo fotogênico”, em que se exorta “que tudo no corpo seja preparado para ser visto, exposto, colocado em pose: até mesmo o que é considerado avesso a toda pose e a toda exposição começa a ser coagido a aparecer” (SANT’ANNA, 2005a, p. 107), como mostra a figura 15. É importante acrescentar, contudo, que nesse mesmo processo haverá também a coação a esconder alguns corpos, conforme mostrarei em seguida.



Figura 15 – O totalitarismo fotogênico. (Fonte: Google Imagens).

Submetido a um “totalitarismo fotogênico”, em que toda parte do corpo é chamada a aparecer através de imagens sempre atuais para legitimar sua “verdade”, o corpo-que-importa é igualmente dissociado de si próprio. O princípio do “totalitarismo fotogênico sempre atualizado”, com sua demanda pela “verdade” sempre atualizada do corpo capturado através de imagens, simultaneamente desarticula o corpo-que-importa em si mesmo. Pois se o corpo “verdadeiro” é apenas aquele atualizado, ligado à sua “verdade” pela identidade atualizada entre corpo e imagem, o corpo de ontem é feito “falso”, ou não mais “verdadeiro”; o corpo de ontem não é mais idêntico ao corpo de hoje. O corpo de ontem é outro corpo, diferente do corpo de hoje, a ponto de um homem não reconhecer Nonix quando ele atualizou suas fotografias em seu perfil. É assim que se faz uma das modalidades do corpo-que-importa no Manhunt: o corpo-que—importa atual, desde sempre submetido à atualização constante, fazendo do corpo “o ponto de ancoragem, a testemunha que permite constatar, registrar e medir com objetividade desencantada, sinistra ou indiferente, as mudanças, as transformações e as tensões induzidas pela reflexividade social” – e é assim que “o tempo que continua passando no eterno presente do atual” (MICHAUD, 2008, p. 564), influenciando no corpo.

A dissociação do corpo-que-importa, neste contexto, é a seguinte: dada a exigência pela atualização de imagens do corpo, que supostamente o ligam à sua “verdade”, pode-se admitir que o corpo não é uno, nem coerente, nem unificado, tampouco idêntico a si mesmo ao longo do tempo. O corpo muda mais do que pensamos, e certamente muito mais do que queremos, e certamente muito mais rápido do que gostaríamos. Exatamente porque se sabe que o corpo está em fluxo contínuo, daí a exigência de atualizações constantes das imagens do corpo. O corpo concebido como em constante mutação é aquele que era um ontem, e que é diferente hoje de forma tão radical a ponto de o corpo de ontem ser o corpo “falso” e o corpo de hoje ser o “verdadeiro” – ou, ainda: o corpo do passado é o anticorpo do corpo do presente, e o corpo do presente é o corpo-que-importa (desde que satisfeitas outras regulações da carne, conforme mostrarei em breve).

Exigir imagens sempre atualizadas do corpo é também um modo de admitir a rapidez da transformação do corpo, como se o corpo de ontem fosse sempre um anticorpo do corpo de hoje. Exigir imagens sempre atualizadas do corpo presente é também negar que o corpo do passado, o anticorpo, é idêntico ao corpo do presente. O corpo do passado é anticorpo, irretratável e inexibível (a menos que se forneçam explicações sobre essa desatualização, como o faz MadeInBrazil); o corpo do presente é diferente do corpo do passado, e sua “verdade” atualizada se faz em imagem – como em um retrato de Dorian Gray do nosso tempo. No romance de Oscar Wilde, Dorian Gray revolta-se com a constatação de que seu corpo envelheceria sempre, mas que seu retrato conservar-se-ia sempre jovem:



Figura 16 – O Retrato de Dorian Gray. Ivan Albright, 1946 (Fonte: Flickr).

“Como é triste!”, murmurou Dorian Gray, com os olhos ainda fixos no próprio retrato. “Como é triste! Eu vou ficar velho, horrendo e medonho. Ele jamais envelhecerá além deste dia de junho... Se fosse diferente! Se eu pudesse ser sempre jovem, e o retrato envelhecesse!... Por isso, por esse milagre, eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto para dar em troca. Daria minha alma por isso!” (WILDE, 2012, p. 35).

Cessa aqui a identidade temporal do corpo, tendo sido inserida uma descontinuidade bruta no corpo em relação ao seu passado e ao seu presente. A identidade do corpo, que legitimaria sua “verdade”, passa a estar atrelada à determinação temporal do corpo no presente, estabelecendo um rompimento com o seu passado. A identidade e a “verdade” do corpo estão também enclausuradas no hoje e no

agora do tempo presente, sendo o passado o guardião do corpo “falso”, do corpo não-idêntico, uma das formas de anticorpo dentro do Manhunt.

A individualização das aparências produzida a partir da valorização por vezes exacerbada de imagem transformada em performance tem levado os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro de identidade, o *locus* a partir do qual cada uma diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos. Num tempo onde a individualização do eu se faz premente, ser único é sustentar uma inconfundível visibilidade, um eu localizado no visível do corpo. Um eu construído a partir de referências inscritas e prescritas em diversas instâncias culturais, através das quais, a todo e qualquer momento, é possível mensurar o ineditismo de nós mesmos, da nossa singularidade e individualidade. (GOELLNER, 2005, p. 39).

Repito: corpo atualizado em imagens idênticas a si próprio é *uma* das modalidades de corpo-que-importa, e o corpo não-idêntico a si próprio, desatualizado, é *uma* das formas de anticorpo dentro do Manhunt. Há outras. Eu quero chamar a atenção para a coação imposta aos corpos para se descolarem do seu passado através do registro imagético sempre atualizado do estado do corpo do presente. É possível que o corpo fique mais magro com o passar do tempo, ou mais bonito; é possível que com o passar do tempo o corpo engorde, que a calvície surja, que a bunda se torne “do tamanho do Brasil”, como diz MadeInBrazil. Assim, a imagem sempre atualizada do corpo exige um trabalho sobre ele que é o de melhoramento constante, a fim de que a cada registro fotográfico atualizado do corpo supere o anterior, sempre. Os dois trechos de entrevistas deixam claro que esse trabalho intermitente de *upgrade* sobre o corpo é da ordem da estética, da forma, da redução de gordura, da maximização dos músculos, da eficiência, da potência, da beleza, da sedução e, no limite, a da juventude (SANT’ANNA, 2005a). O corpo de hoje é coagido a ser sempre mais belo e, paradoxalmente, mais jovem que o corpo de ontem. Muitos indivíduos, talvez a maioria deles, não conseguem acompanhar essa exigência de melhoramento e rejuvenescimento constante. Os dois participantes de pesquisa entrevistados sugerem isso: Nonix era “maior” no passado porque tomou anabolizantes; MadeInBrazil era mais magro e tinha mais cabelo.

Essa formulação de uma primeira modalidade de anticorpo que encontro nas formas de exibição dos corpos nos perfis *online* do Manhunt também me permite apresentar outra possível modalidade de anticorpo que, no limite, torce e põe do avesso a primeira: a do anticorpo que é inexoravelmente tomado pelo tempo, envelhecido, o anticorpo velho. A torção entre as duas formas de anticorpo aqui é a seguinte: como um corpo que é coagido a ser sempre mais belo e jovem hoje do que foi ontem administrará a passagem do tempo em si, posto que hoje ele será sempre mais velho do que ontem? E

se muito velho, esse corpo se torna anticorpo no Manhunt: limites rígidos de idade constroem as possibilidades da disponibilidade virtual para a criação de relações entre os homens habitantes do *site* e também podem constroer as possibilidades de exibição dos corpos mostráveis, exibíveis e visíveis. Abaixo seguem alguns trechos de perfis *online* que indicam a relevância geracional para os vínculos talvez criados dentro do Manhunt:

Quero um amigo [...] que seja jovem e que curta um mulato quarentão. [...] Ah! Sou eu mesmo na foto, e é recente.

*

SOU [...] UM QUARENTÃO USADO E EM BOM ESTADO.

*

Gente... falando de cara... não é querer ser chato... mas não curto afeminados, negros, velhos (ACIMA DE 30) e gordos... [...] SÓ PRA DEIXAR BEM CLARO: acima de 30 NUNCA; entre 25 e 30 TALVEZ; menos que 25 muito bom, menos que 20 A PERFEIÇÃO. ENTÃO NÃO INSISTA.

*

Apenas quero um HOMEM [...] e espero que esse cara tenha entre 20 e 40 anos [...]

*

Gosto de homens a partir dos vinte anos até os 45.

*

Procuro apenas garotos/rapazes [...] de 18 a 30 anos [...]

*

[Somos] Um casal de namorados [...] DAMOS PREFERÊNCIA AOS ATIVOS DOTADOS DE 18 A 35 ANOS.

*

Limitações (porque sem elas vira bagunça): Não curto caras com idade acima de 30 anos, pessoas de pele negra, afeminados ou aqueles que querem ser mulher, gordos ou quem está acima do peso, pessoas com pelos ou “ursinhos” e drogados de forma geral. ... Tudo uma questão de tesão, que não tenho por estas pessoas.

Esse último trecho de perfil mostra a função de ordenança que as mais diversas limitações desempenham no território do Manhunt – e que, na sua radicalidade, se constituem em práticas de exclusão: o anticorpo envelhecido, junto com outros, é aqui trazido em uma proximidade perigosa na circunscrição excludente daqueles indivíduos

que não são elegíveis para os vínculos. E, segundo diz o texto, a distribuição das limitações se dá mediante parâmetros de “tesão”, de desejo sexual e prazer corpóreo. Em nome do desejo e do prazer, posso sugerir que há tentativas de expulsão dos anticorpos envelhecidos inclusive do regime de visualidade dos perfis *online* dentro do *site*: a distribuição de limitações também é uma distribuição de modos de não-olhar para esses anticorpos. É assim que os anticorpos velhos, por exemplo, permanecerão na borda do visível, posicionados como aqueles não desejados, não procurados, não olhados – mas ainda assim necessários como corpos exemplares daquilo que não é desejado, daquilo que não é procurado, daquilo que não se quer ver. Anticorpos fronteiriços do País de Marlboro, absolutamente indispensáveis para o policiamento e circunscrição de suas fronteiras.

A demanda por imagens atualizadas do corpo procura congelar o corpo em seu presente instantâneo. É uma tentativa de apreender o corpo em seu hoje, descolando-o de seu passado. Por outro lado, a demanda por juventude guarda em si mesma sua ruína. Pois o anticorpo do passado é também sempre mais jovem que o corpo do presente – é isso o que aprendemos com Dorian Gray. O corpo do presente está submetido a uma passagem de tempo que caminha sempre em direção ao envelhecimento do corpo. O corpo de hoje será sempre mais velho que o corpo de ontem. Parece tola a exigência de imagens atualizadas do corpo de hoje, e estranha a restrição geracional para a criação de vínculos entre os habitantes do Manhunt: a suposta inexorabilidade da passagem do tempo corrói e faz erodir qualquer congelamento do corpo através de imagens. Um dos habitantes do *site* escreve em seu perfil: “Conduz-te sempre com a mesma prudência como se fosse observado por dez olhos e apontado por dez dedos, pois com a idade que tenho e já bem vivido não me troco por três de 25”.

O anticorpos envelhecidos resistem, contudo. E, além de serem evocados como inelegíveis para os vínculos, ou como invisíveis dentro do regime de visualidade do Manhunt para aqueles homens amantes da juventude, eles podem ser também “alvo de caça” para outros. Limitações geracionais não funcionam apenas na faixa 20-30 anos:

Preferência: 30 a 50 anos.

*

[Dou] preferência para maduros acima dos 35-40 anos.

*

Para machos de 30 a 60 anos! Sexo em primeiro lugar... [...] Só para GATOS MAIS VELHOS e com pelos!! [...] Procuo homens peludos [...] de 30 a 55 anos para sacanagem e amizade!!

*

Jovem procura homem com mais de 35 anos.

*

Rapaz curte maduros. Gosto de caras mais velhos [...].

As tentativas de expulsão violenta dos anticorpos envelhecidos, tanto como objetos de desejo e prazer quanto da possibilidade de serem olhados dentro do regime de visualidade do Manhunt, não são exaustivas. As delimitações rígidas de geração dentro da faixa 20-30 anos, que caracteriza os indivíduos elegíveis para os vínculos são, sem dúvida, numericamente maiores que aquelas delimitações de geração da faixa 30-40 ou 40-50 anos: entre aqueles 302 perfis arquivados que publicavam no seu perfil a preferência de faixa etária que desejam, havia 25 para aquela entre 20-30 anos e cinco para a faixa 40-50. Quatro homens habitantes do Manhunt, dentre esses 302 perfis arquivados, se diziam com mais de 50 anos de idade. Entre eles, havia o perfil de um casal de homens, que diziam ter respectivamente 54 e 58 anos, que exibia uma única fotografia pública em que suas faces estavam cobertas por uma tarja preta e em que eles apareciam *seminus*. Os outros três perfis de homens que diziam ter mais de 50 anos apresentavam fotografias de corpos completamente vestidos. Nenhum deles mostrava o rosto. Em um perfil *online*, um homem escreveu: “IDADE? Nem pergunte, porque não vou dizer. Esse negócio de querer saber logo a idade é uma mania chata do mundinho virtual. Ninguém que acaba de conhecer uma pessoa vai logo perguntando: idade? As informações estão todas aí, as fotos também. Use a imaginação”. Nas informações de seu perfil, no campo “Idade”, esse homem preferiu informar que tem 99 anos.

Na próxima seção, procurarei explorar precisamente a dimensão contida na frase “as informações estão todas aí, as fotos também”, ou seja, em que medida os perfis se tornam uma grade de publicação de informações relevantes e pertinentes sobre os homens habitantes do Manhunt e sua articulação com a publicação de imagens de corpos nestes perfis. É possível sugerir que cada perfil *online* é um currículo de cada um desses homens, mas as imagens de seus corpos, essas sim, literalmente encarnam currículos peculiares sobre eles.

3.3. Uma breve história de um corpo-que-importa

Vemos que os corpos dos homens habitantes do Manhunt, presentificados nas imagens sempre atualizadas publicadas em seus perfis *online*, fazem passar através de si uma importante maneira de concretizar a disponibilidade virtual para a criação de vínculos entre eles. Seus corpos, a presença de seus corpos através de imagens, são elementos importantes nas práticas de criação de relações entre esses homens. Porém, como venho mostrando desde o *Capítulo Guia*, nem todos os indivíduos são elegíveis para o vínculo: há expulsões violentas de determinados indivíduos considerados inelegíveis para relações. Tais expulsões, como já venho mostrando, estão estreitamente ligadas aos corpos e às diferentes maneiras de expor e descrever os corpos nas fotografias e nos textos dos perfis *online*. Existem, pois, diferentes regulações da carne que tornam os corpos em corpos-que-importam e em anticorpos.

A exigência de imagens atualizadas dos corpos, na tentativa de fazer das imagens a sua “verdade”, e a exigência da juventude como objeto de desejo sexual, expulsam os corpos de ontem e os corpos envelhecidos, construindo-os como anticorpos nesse contexto. Supostamente, devido à violenta expulsão desses anticorpos, podemos pensar que não haverá nenhum tipo de relação criada com eles, tidos como corpos inelegíveis para o vínculo. Eu aposto que os anticorpos são aqui evocados e construídos em uma proximidade e uma dependência radicais em relação aos corpos-que-importam, não existindo uma distância abissal entre eles como se poderia supor em um primeiro momento. Os anticorpos são aqui construídos como ponto de apoio e de sustentação na construção de corpos viáveis, elegíveis, mostráveis e exibíveis. É nesse sentido que não se pode perder de vista a proximidade e dependência radicais entre os corpos exibíveis e mostráveis e os anticorpos habitantes das bordas do visível (que são compelidos a não mostrar-se, que são chamados a esconder-se). Assim, pois,

será igualmente importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos *não* são construídos e, além disso, perguntar, depois, como os corpos que fracassam em se materializar fornecem o “exterior” – quando não o apoio – necessário para os corpos que, ao materializar a norma, qualificam-se como corpos que pesam. (BUTLER, 2007, p. 170, grifo da autora).

Na citação acima, Judith Butler menciona a construção dos corpos adequadamente sexuais, isto é, corpos cuja inscrição de um dos sexos (macho ou fêmea) é viável culturalmente e que os permite existir como corpos verdadeiramente

humanos. Discutirei mais detidamente essa formulação no próximo capítulo, mas proponho aqui uma pré-apresentação. Eu a antecipo para alargar a discussão sobre a construção cultural dos corpos dentro do Manhunt, pois ela me é útil para examinar as maneiras através das quais os homens habitantes do *site* apresentam seus corpos como corpos viáveis nesse contexto e, ao mesmo tempo, tornam inviáveis outros corpos, os anticorpos, que funcionarão como seu exterior e ponto de apoio. Os diferentes modos de exibir os corpos-que-importam, de mostrá-los através de fotografias, além das diferentes maneiras de nomear e descrever os corpos-que-importam, serão simultaneamente maneiras de produzir os anticorpos neste contexto. Assim, a “não construção” acaba se tornando uma construção, efetivamente: uma construção de anticorpos com o objetivo de mantê-los em posição de “não importância”, de “não identificação” ou de “não eleição para o vínculo”.

Se nem todos os corpos, nem todos os indivíduos, são elegíveis para o vínculo, e se é através dos corpos (ou para os corpos) que muitos vínculos se criam dentro do Manhunt, cabem as perguntas: que marcas precisam constituir os corpos viáveis na disponibilidade virtual para a criação de relações entre os homens habitantes do Manhunt? Como se dá a construção do corpo viável para o vínculo? “Se o corpo é um construto cultural e histórico, portanto político, de que corpo estamos falando?” (ZAGO, 2010, p. 3). Parte dessas respostas já foram discutidas nas seções anteriores. Aqui, tomando como base o excerto que se segue, sugiro mais algumas.

Duck: Eu posso falar porque eu era muito magro! Eu vim pro Rio, eu pesava 55 quilos. Eu era muito, muito magro.

Xato: E hoje ele tira a camiseta na boate!

Luiz Felipe: Tu tira a camiseta na boate?

Duck: Eu tiro, eu tiro.

Luiz Felipe: Por que tu tira a camiseta na boate?

Duck: Ah, porque eu gosto. Porque hoje eu tenho o corpo que eu sempre quis ter.

Segundo o trecho recém trazido da entrevista com Duck, tirar a camiseta na boate é uma das maneiras de exibir o corpo-que-importa, assim como outros homens publicam imagens atualizadas de seus corpos em seus perfis *online*. Ele justifica: “hoje eu tenho o corpo que eu sempre quis ter”. Mas o que pode significar querer/desejar ter um corpo? Qual é o corpo desejado – aquele que alguém alega sempre ter querido ter –

e qual é o corpo desejante – esse corpo que existe, que ainda não é o corpo que sempre se quis ter, mas que de qualquer forma é o corpo que se tem? Parte-se do pressuposto de que “não se tem um corpo”, ou que esse que se tem não vale, não conta como corpo, que esse não é um corpo-que-importa. O anticorpo do qual nos fala Duck é o corpo magro. Aqui é importante ressaltar a relação de proximidade e dependência radicais entre corpo-que-importa e anticorpo: é possível partir de um anticorpo, como o corpo magro, e investir em um projeto de mudança ou construção de outro corpo, um que importe – que possa ser exibido em uma boate, que possa ser fotografado e exposto em fotografias de perfis *online*. De toda forma, Duck sugere que o anticorpo pode ser condição, senão o trampolim, para a construção do corpo viável, do corpo exibível. Além disso, Duck também menciona a importância do modelo muitos-veem-muitos na legitimação deste corpo-que-importa: tirar a camiseta na boate pode significar um modo de ser visto que é também um modo de implorar pelo olhar. Os corpos-que-importam, os corpos viáveis para o vínculo no Manhunt, e os corpos exibíveis em boates imploram ser olhados porque precisam do olhar do(s) outro(s). Do contrário, eles perdem seu sentido: sem o escrutínio do olhar do(s) outro(s), dentro de um determinado regime de visualidade, os corpos-que-importam perdem sua importância.

Por outro lado, se os corpos-que-importam imploram pelo olhar do(s) outro(s), eles também contam com um modo de olhar para o(s) outro(s) que tem “cegueiras estratégicas”. Como referiu Duck em sua entrevista:

Duck: [...] Pras pessoas que têm um corpo legal, malhado, aquela pessoa que não tem, ela não existe. Se chegar na boate, por exemplo, e olhar uma dessas pessoas, ela simplesmente apaga. Porque você não vê! Essa pessoa é apagada, é apagada. A maioria dos caras sarados eles apagam mesmo. Eles apagam as pessoas pra não ver. São invisíveis. Agora o outro lado é pra criticar mesmo, dizendo que quem malha não é inteligente, é fútil...

É esse apagamento, essa “cegueira estratégica” que invisibiliza alguns corpos e que, no limite, apaga todo um conjunto maciço de indivíduos que não ocupam a categoria de corpos-que-importam; tal “cegueira” se dá de maneira concomitante à exibição que implora pelo olhar do(s) outro(s). É curioso notar que esse(s) outro(s), que é chamado a olhar os corpos-que-importam como sua plateia, geralmente não é visto por eles. Como diz Duck: “essa pessoa é apagada”. Nesse jogo e nessa disputa de olhares, há vários conflitos que envolvem as significações atribuídas aos corpos atualmente.

Duck diz que é corrente a crítica de que “quem malha não é inteligente, é fútil”, o que aponta para uma atualização da separação cartesiana entre mente e corpo – ponto que será aprofundado mais ao fim deste capítulo. Aqui é importante assinalar que os corpos-que-importam, além de implorarem pelo olhar alheio, também apagam aqueles anticorpos alheios do seu campo de visão, em uma “cegueira estratégica” que demonstra precisamente a força que empurra os anticorpos para as bordas do visível.

O ato de implorar pelo olhar do(s) outro(s) é literalmente *incorporado* e *encarnado*, por exemplo, nas poses e nas flexões de membros dos corpos que são fotografados e publicados nos perfis *online* do Manhunt. Flexões de membros como os braços e as pernas, tais quais elas aparecem na figura 17, são poses importantes para aferir a força dos músculos – para fazê-los pesar nas imagens, para torná-los densos nas imagens. Essas poses que adensam os corpos nas imagens fazem parte da “nova moralização das práticas corporais” que visam a “vencer no mercado das aparências; obter sucesso, beleza, autoestima, ou eficiência; efetuar uma boa performance física e, sobretudo, *visual*” (SIBILIA, 2009, p. 34). Vencer no mercado das aparências significa, também, não ir muito além das aparências – pois, como adverte Oscar Wilde na epígrafe deste capítulo, quem vai além das superfícies assume o risco ao fazê-lo.

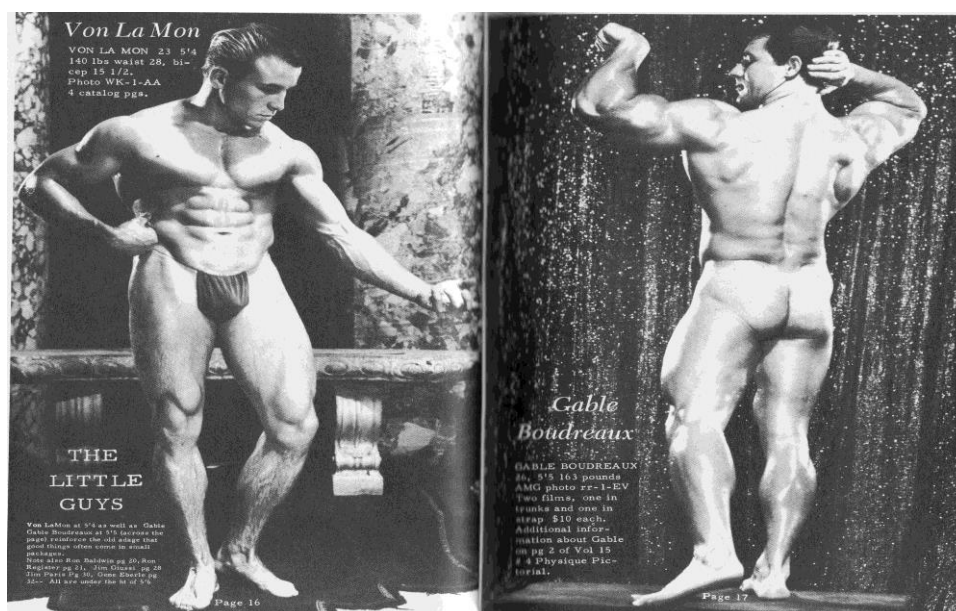


Figura 17 – A força feita em imagem. (Fonte: Physique Pictorial, 1997)

As imagens acima foram publicadas na revista *Physique Pictorial*, revista de nu masculino voltada para o público de homens gays, que se manteve ativa em publicação

e circulação nos Estados Unidos entre novembro de 1951 e setembro de 1990. Seu fundador foi Bob Mizer, um fotógrafo gay que, na metade dos anos de 1940, começou a registrar em imagens os corpos dos *body builders* que habitavam *Venice Beach*, na Califórnia. À época, a praia californiana era internacionalmente conhecida como “um país das maravilhas arenoso”, e era lá “onde Bob tomava sol enquanto criava incomparáveis belas imagens do físico masculino musculoso” (STANLEY, 1997, p. 9). Ao fundar a *Physique Pictorial*, em 1951, “Bob começou a criar e a experimentar dentro do campo da fotografia de luta [*wrestling*²¹]”: muitas de suas fotografias eram cenas de luta, atividade que o fotógrafo via como “o perfeito veículo para o *contato físico* ‘natural’ e ‘masculino’ entre dois (e mais tarde três, quatro e cinco) corpos masculinos atleticamente compostos” (op. cit., p. 17). A *Physique Pictorial* foi, durante muito tempo, a revista de nu masculino mais popular dos Estados Unidos, sendo a precursora de muitas outras publicações do gênero. O nu frontal masculino, em que os pênis dos modelos aparecem desnudos para o olhar da câmera fotográfica, somente passa a existir na revista no volume XVII, do ano de 1978.

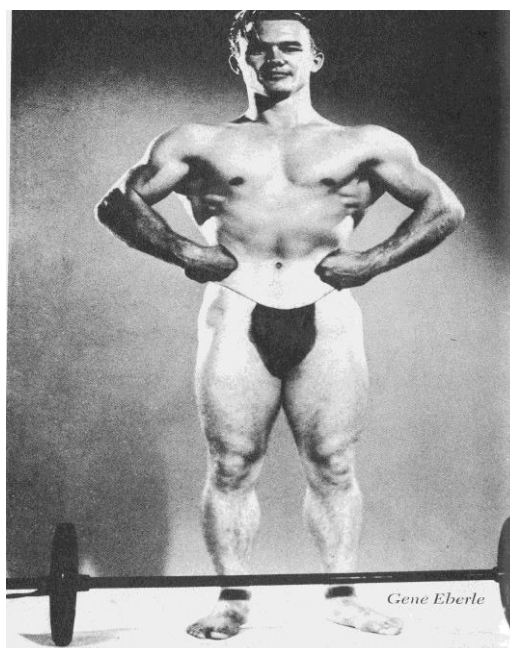


Figura 18 – O corpo forte de homem (Fonte: Physique Pictorial, 1997)

²¹ “*Wrestling*” é também “luta greco-romana”. A palavra difere de “*fight*”, a simples luta, porque não objetiva infligir danos físicos e dor ao adversário, mas quer dominar o adversário através de técnicas de arremesso, agarramento e imobilização do seu corpo. Sua origem remonta à Grécia Antiga.

A figura trazida é a última imagem em que um corpo de modelo da *Physique Pictorial* aparece seminú, com o pênis coberto. A partir do número XVIII da revista, todos os modelos serão fotografados exibindo seus pênis, sem nenhuma peça de roupa. É possível supor que as imagens publicadas na revista traziam a força dos corpos de homem como categoria através da qual tais imagens eram olhadas. Mais que isso, a própria pose dos corpos faz crescer os músculos, tensionando-os e estufando-os, fazendo com que eles se adensem nas imagens. O corpo forte de homem já era o corpo mostrável e exibível na *Physique Pictorial* e ele prescindia da exibição do pênis para fazer-se forte, para fazer-se homem. O corpo-que-importa é um corpo cuja carne se impõe ao olhar e faz funcionar as categorias através das quais vemos e aferimos o gênero deste corpo enquanto seu princípio de inteligibilidade. “Um corpo de homem, se é musculoso, jamais está verdadeiramente nu” (COURTINE, 2005, p. 96).

Daí que o processo de produção do corpo mostrável, da movência a partir de um anticorpo em direção a um corpo-que-importa, como aquela investida por Duck, demanda a adesão a um processo de transformação da materialidade da carne que se traduz numa fabricação disciplinada e controlada de um (novo?) corpo. Nessa adesão, cuja fiança deve ser renovada sucessivas vezes, estão sendo negociadas não apenas as constituições orgânicas da carne que tornam o corpo exibível (seu relevo e profundidade, sua pele, seu tônus muscular, sua voz, seu rosto e sua face), mas também um determinado modo de ser homem gay contemporaneamente.

É que o desejo de ter um corpo – de partir de um corpo em direção a outro, fabricando-o para si – é o estopim para uma prática bioascética: “um deslocamento de um tipo de subjetividade para outro tipo, a ser atingido mediante a prática ascética” (ORTEGA, 2005, p. 141). Um trabalho de si sobre si mesmo, “um influir sobre si com o objetivo de voltar a se formar” (ORTEGA, 1999, p. 57) ao partir daquilo que se é para, num exercício de desprender-se do que se era, seguir em direção àquilo que se quer ser. É o mesmo movimento ensejado pela demanda de atualização das imagens do corpo: que o corpo atualizado das imagens do presente seja sempre mais belo e mais jovem que o corpo do passado. A construção bioascética mira no corpo, na adesão a um projeto de construção de uma nova carne: uma carne que importa, partindo de um anticorpo inexibível para construir um corpo mostrável. O mais interessante desse processo de construção da carne que importa através das práticas bioascéticas é que se supõe que mudando o corpo também se mudará a subjetividade – como se a carne e a

subjetividade coincidisse exatamente. Mudando a carne mudar-se-ia, também, o caldo subjetivo no qual emerge o “eu”, o “*self*”.



Figura 19 – Selfportait, Robert Mapplethorpe. (Fonte: Flickr).

Luiz Felipe: Mas tu tem um investimento pra isso...

Duck: Ah, sim, eu vou à academia todos os dias. Eu malho pra caramba, entendeu? Eu tomo alguma coisa também, pra poder ter mais energia, pra poder pegar mais força. Não é bomba, entendeu?

Luiz Felipe: Sim, sim, suplementação mesmo.

Duck: Sim, suplemento. E é muito interessante, assim, essa mudança...

Luiz Felipe: Fez diferença pra ti?

Duck: Fez muita diferença pra mim. Muita! Você não tem noção a diferença que fez. Porque quando você é magro, algumas pessoas se interessam por você. Mas quando você fica forte, com corpo legal, que você pode tirar a camisa na boate, quem olhava pra você continua olhando e você desperta o interesse de outras pessoas que nunca olharam pra você.

Luiz Felipe: Então não se perde nada, só agrega...

Duck: Não se perde nada. É importantíssimo, importantíssimo.

(...)

Luiz Felipe: Mas ficar com alguém que tem músculo e ficar com alguém que não tem músculo faz toda a diferença?

Duck: Hm, não. A não ser que seja uma pessoa que não cuide muito. Muito magro, esquelético, aí também não vou ficar, entendeu? Gordo, em hipótese alguma. E eu até tentei, tá?

Luiz Felipe: Tentou o quê? Ficar com gordinho?

Duck: Eu já tentei, já fiquei. Já fiquei com um ex-gordo, era ex-gordo, mas assim... o corpo era bem despencado. Mas eu fiquei mais pra me testar mesmo, pra ver realmente o que eu sentia.

Um forte investimento temporal e nutricional é demandado para a construção do corpo-que-importa. Assim como Nonix também deixou entrever no último trecho de entrevista aqui trazido, Duck faz uso de suplementação alimentar, que auxilia na construção do seu corpo exibível. Um corpo como aquele mostrado na figura 19, para o regime de visualidade do Manhunt, deve permanecer nas bordas do visível – um corpo como aquele é apagado através de uma “cegueira estratégica”. Associando exercícios físicos à suplementação alimentar, Duck e Nonix investem em um intenso trabalho sobre o corpo na academia de ginástica sete dias por semana. A própria entrevista que fizemos, em um sábado à tarde, teve de ser interrompida porque Duck estava atrasado para sua sessão diária de exercícios físicos. Uma disciplina augusta é exigida daqueles que querem transformar sua anatomia construindo uma nova carne: um forte “investimento na musculatura masculina” (FRAGA, 2000, p. 135). A suplementação alimentar e a rotina diária de exercícios físicos dentro de uma academia de ginástica também implicam, além de um investimento temporal e orgânico na construção da carne de importa, um investimento financeiro: há de se pagar pela academia, há de se pagar pela suplementação. O corpo exibível tem um preço, mas o que se ganha com sua exibição é supostamente a reiteração de sua força: “[o] músculo é um rótulo de vigor e de saúde, isto é, de força moral” (COURTINE, 2005, p. 96).

Fabiano Gontijo (2000; 2007) sugere, “hipoteticamente” (2007, p. 58), que a emergência da epidemia de HIV/Aids no início dos anos 1980 potencializou a “estigmatização negativa dos travestis e homossexuais afeminados em geral e [à] supervalorização dos corpos saudáveis” (op. cit.). Isso porque, através de imagens dos corpos doentes de aids, ou através imagens dos “corpos desterrados” pelo HIV, como sugere Santos (2006, p. 50), articulou-se a magreza/fraqueza do corpo de homens gays à ideia de contaminação pelo vírus da imunodeficiência humana. A infecção do corpo dos homens gays pelo vírus tornou-se visível pelas suas “chagas” (as marcas do sarcoma de Kaposi que produziam manchas escuras na pele) e também pela sua fraqueza muscular, pela sua magreza exagerada, pelos sulcos na face devido à perda de massa corporal.

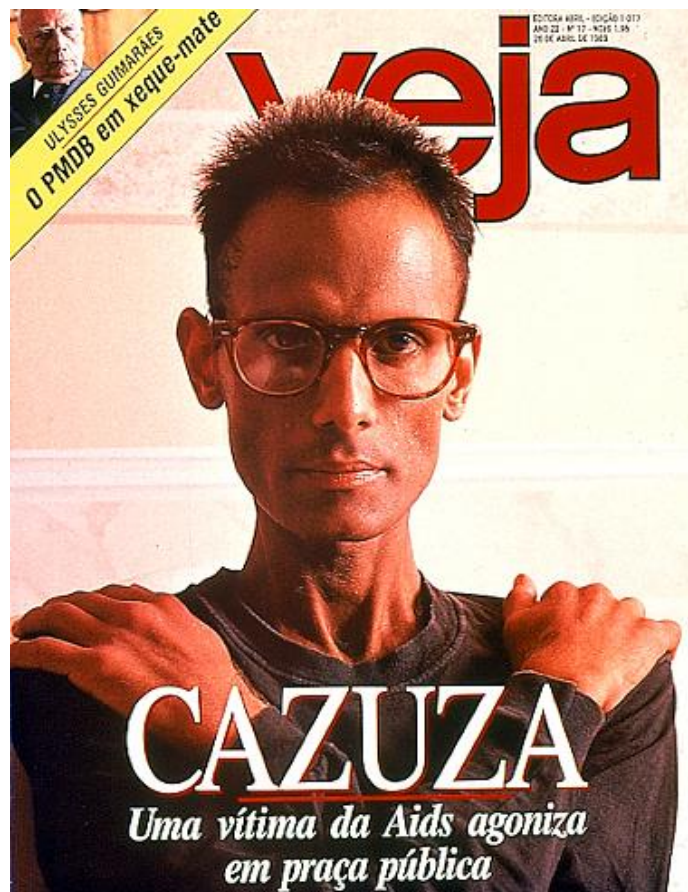


Figura 20 – Cazuzza, capa da revista Veja de abril de 1985. (Fonte: Google Imagens).

A fotografia de Cazuzza estampada na capa da revista *Veja* em 1985 (figura 20), articulada ao texto da manchete, pode ter a força em construir a imagem do corpo magro de um homem gay como um corpo “infectado”, “maculado”, “contaminado”: a magreza exibível do corpo faz dele um anticorpo nesse contexto. Novamente, vemos aqui uma imbricação poderosa entre imagem e texto, tal qual sublinhei na campanha de cigarros Marlboro. Entretanto, a imagem e o texto associados ao corpo magro/fraco constroem um anticorpo que é potencialmente associado ao conjunto de todos os homens gays, enquanto que as imagens e os textos da campanha de Marlboro constroem um corpo que é um corpo-que-importa para o conjunto de todos os homens – talvez compulsoriamente tomados como heterossexuais. É bastante provável que os anticorpos sejam construídos através de relações de poder tão intensas quanto aquelas que constroem os corpos-que-importam. Ao vermos a fotografia de Cazuzza na capa da revista *Veja* somos também levados/as a supor que o anticorpo foi coagido a aparecer, e não a se esconder, e nessa exibição ele desempenha sua função de “polícia aduaneira da fronteira” que nenhum outro corpo deve cruzar.

Em uma reação às imagens dos “corpos desterrados” pela epidemia de Aids, começa haver “um maior interesse, por parte de jovens e menos jovens, pelos cuidados com o corpo (...). A juventude dourada (...) se entrega a práticas esportivas para fabricar corpos cada vez mais sadios” (GONTIJO, 2007, p. 57). É importante ressaltar, contudo, que o corpo-que-importa forte, para homens gays, não era uma novidade à época da emergência da epidemia de Aids. É isso que nos mostram as figuras 17 e 18 dos modelos da *Physique Pictorial*: a força e os músculos dos corpos de homem já os constituíam como corpos mostráveis e exibíveis havia algum tempo e, conforme Courtine, essa proveniência data do final do século XIX (COURTINE, 2005). Portanto, os corpos-que-importam fortes não foram uma simples reação frente aos corpos fracos/magros vivendo com HIV, pelo menos não para os homens gays. À época da emergência da epidemia de HIV/Aids, os corpos-que-importam fortes podem ter sido reconduzidos ao *status* de saudáveis, além de belos; os corpos-que-importam fortes podem ter sido re-vestidos por uma moral da exibição da carne, e do olhar para a carne, em que seus músculos legitimariam sua saúde e não-infecção pelo HIV. Mais do que em qualquer outro momento, o corpo passou a ser o “mostrar verdadeiro” do indivíduo, como que a insígnia primeira e última da sua saúde, da sua moral, do seu lugar social.

Essa pequena digressão histórica tem mais função de sugerir algumas possíveis rupturas e continuidades nos modos como os corpos de homens gays têm sido mostrados, vistos e valorados do que propriamente indicá-las como acontecimentos históricos. São mais especulações do que análises, propriamente. Entretanto, essas especulações me ajudam a constituir uma provável proveniência dos diferentes modos de olhar e exibir corpos de homens gays como aqueles que encontro no regime de visualidade do Manhunt. Aí, podemos supor que o corpo-que-importa é o corpo forte, que encarna um ideal específico de força – não necessariamente a força “laboral”, talvez usada para o trabalho, mas fundamentalmente a força “estética” (ou “ociosa”), encarnada para definir os músculos e fazê-los crescer a ponto de saturar o olhar de quem o olha. O corpo-que-importa é um corpo “útil esteticamente”, “esteticamente laboral”, e seu anticorpo é o corpo magro, supostamente fraco, não-denso, “esquelético”, que não “preenche” nem “pesa” no olhar de quem o olha. Por essa razão, alguns homens precisam “confessar-se” enquanto “magros” em seus perfis, como um que escreve: “sou BONITO, mas sou ‘magrelo’”; e outro que publica o seguinte em seu perfil: “JÁ

ADIANTO QUE SOU MAGRO NÃO DEFINIDO, PORÉM SIMPÁTICO E MUITO AMIGO”.

Retomando o trecho de entrevista com Duck, ainda é possível fazer aparecer outro anticorpo a partir daí. De nada adianta um corpo “preencher” ou “saturar” o olhar com a opulência de sua gordura: Duck diz “gordo, em hipótese alguma”. Além do anticorpo magro-esquelético, também o anticorpo gordo se produz na relação com o corpo-que-importa forte. E, mesmo assim, o corpo-que-importa forte, de Duck, foi “testar-se” com um anticorpo gordo (mas esse não era tão anticorpo, pois como conta Duck, já era um ex-gordo, mas ainda era “despencado”), “só para ver realmente o que sentia”, como diz esse participante de pesquisa. Nessa situação, o anticorpo gordo, ou ex-gordo, funciona como limite fronteiro do prazer: ele ensina o corpo-que-importa até onde seu desejo vive e faz sentido. O anticorpo gordo parece estar fincado em uma das fronteiras não ultrapassáveis pelos corpos-que-importam. Porém, assim como acontece com o anticorpo envelhecido, há também aqueles homens no Manhunt que aí buscam precisamente esse anticorpo obeso. Um deles escreve em seu perfil: “curto os fortes, gordinhos, gordos etc... de magro já basta eu”. Um anticorpo gordo pode bem ser objeto de desejo, e não apenas ser abjeto no desejo. Da mesma forma como pode ser o anticorpo negro: um homem publica em seu perfil “CURTO SEXO COM NEGROS, MAS NÃO DISPENSO UM MORENO, OU ATÉ MESMO UM BRANCO GOSTOSO”. Mesmo de maneira menos recorrente, os anticorpos são também desejados no Mercado da Carne.

Se o corpo exibível e mostrável tem um preço, esse preço não é apenas monetário. Esse preço é, sobretudo, visual. Paga-se, e paga-se um preço alto, para fazer este corpo exibível. Eis o triunfo do corpo-que-importa: agregar olhares em si, fazer convergir olhares para si, exhibir-se para o olhar do(s) outro(s): o indivíduo que constrói pra si um corpo-que-importa “não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como objeto imponente” (COURTINE, 2005, p. 82). A adesão ao projeto de construção do corpo-que-importa, seja pela frequência às academias de ginástica, seja pela ingestão de suplementação alimentar, nunca tem como objetivo fazer o corpo fechar-se em si mesmo ou esconder-se do mundo. Não: o corpo mostrável demanda o(s) outro(s), o olhar do(s) outro(s); o corpo exibível existe em função do e em relação ao olhar do(s) outro(s) – o corpo-que-importa implora para ser visto, seja tirando a camiseta na boate, seja publicando fotografias do corpo no perfil *online* do Manhunt. O corpo-que-importa

quer “[i]mpor-se, pesar no olhar alheio (...). O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias” (COURTINE, 2005, p. 82-83). O corpo-que-importa emerge e ganha sentido precisamente na relação do olhar do(s) outro(s) sobre ele.

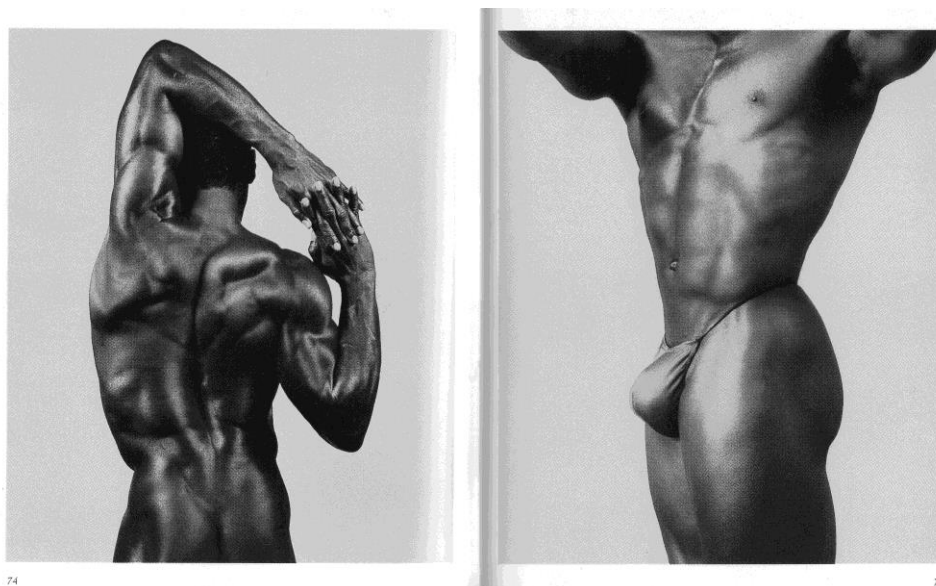


Figura 21 – Black Book, Robert Mapplethorpe, 1986.

Luiz Felipe: Tu disseste que tomou anabolizante...

Nonix: Sim, em janeiro.

Luiz Felipe: E deu resultado?

Nonix: Vi pouca diferença. Minha amiga falou: “é porque você se vê no espelho e não vê diferença”. Ela viu diferença, falou “tá um pouco diferente”, mas na balança mesmo aumentou 1 kg.

Luiz Felipe Mas e hoje, tu usa creatina, tu me disse...

Nonix: É, não, mas isso é suplemento. É WheyProtein²² e creatina. É suplemento, isso aí vende normal, não é ilegal.

Luiz Felipe: De segunda à sexta...

Nonix: Eu malho.

Luiz Felipe: Das 6h às 7h da manhã.

²² *WheyProtein* é um suplemento alimentar oferecido à venda em farmácias e lojas especializadas. É um pó feito principalmente de proteínas do leite e do ovo, e que por isso tem alto valor proteico. Pessoas que investem em exercícios de musculação geralmente tomam essa suplementação de proteína para recompor o tecido muscular depois das práticas físicas. Sumariamente, os objetivos são tanto aumentar a força, ajudar a reconstituir o músculo e, assim, fazê-lo aumentar de tamanho.

Nonix: É. Das 6h às 7h.

Luiz Felipe: E mais suplemento?

Nonix: É, o suplemento cê toma depois que cê malha.

O projeto de construção desse corpo passa pelo investimento financeiro e temporal de pagamento de serviços e produtos que possibilitarão tal construção. É importante de assinalar que tanto Duck quanto Nonix investiam em sessões diárias de exercícios físicos e, associadas a elas, também investiam em suplementações alimentares como parte importante do projeto de construção da “nova” carne de seus corpos. Daí que é preciso mencionar que o corpo-que-importa não é feito tão “naturalmente”: para fazer-se, esse corpo precisa de muito trabalho, muita disciplina e muito controle: ele exige a adesão à pastoral do suor (COURTINE, 2005).

Além disso, é indispensável uma “ajuda externa”, artifícios químicos industrializados hibridados com o corpo, produtos que podem potencializar a construção e o desenvolvimento da sua força, que será elemento constituinte de sua masculinidade: as “drogas de Apolo” (SABINO, 2007). Para o projeto de construção do corpo-que-importa, talvez seja preciso ir mais longe e recorrer a substâncias ilegais, como fez Nonix ao tomar anabolizantes esteroides: o corpo-que-importa pode também precisar transgredir a lei para existir. No limite, essa hibridação do corpo com artifícios químicos industrializados é a própria condição de possibilidade da construção do corpo-que-importa: para suportar as sessões de exercícios de musculação diárias – e provavelmente pesadas –, esse corpo precisa, necessita, implora por elementos artificiais, dos quais ele não dispõe “naturalmente”, para poder construir-se. Esse corpo pede por exercícios físicos, pede por suplementações alimentares e hibridações orgânicas; esse corpo pede pelo olhar do(s) outro(s): o corpo-que-importa é, desde sempre, um corpo que implora.

Luiz Felipe: E qual foi a guinada, a mudança do magro pro forte?

Duck: Eu tinha vergonha! Eu tinha vergonha de me imaginar indo pra academia e todo mundo ficar me olhando. Porque eu era muito magro! Imagina, 55 quilos, entendeu? Eu era demais, demais, era horrível. Aí... um dia eu tive coragem, eu falei: ‘eu vou!’. Eu vou, tenho que ir. Eu tinha um amigo lá do interior que sempre falava: ‘cê tem que malhar, cê tem que malhar!’, Aí eu fui, falei: ‘vou ver qual é’. Comecei a ir, no início eu quase morri de vergonha. Pegava aqueles pesinhos ridículos, e eu achava que tava todo mundo olhando pra mim... Aí fui. E depois de um tempo coloquei meu irmão e meu tio pra malhar também.

MadeInBrazil: Eu não vou [à sauna gay], não ia porque eu era magrinho, eu tinha vergonha. Tirar a roupa, ficar com aquela toalhinha, magrinho, 55 quilinhos [risos]. É, aquele monte de homem musculoso. Eu tinha vergonha! [...] Então eu ficava sem jeito. Por isso que eu nunca mais fui. Por causa disso, vergonha mesmo.

Luiz Felipe: Vergonha do teu corpo?

MadeInBrazil: [Sim com a cabeça]. Cê vê o estereótipo gay. Tem que ser bonito, malhado e rico [gargalhadas].

Também parece fazer-se necessária a criação de uma pastoral da carne rija, além da pastoral do suor, pois há sinais de formação de um rebanho para compor as massas seguidoras das práticas bioascéticas: Duck mostra isso ao dizer, com certo orgulho, que trouxe o tio e o irmão para a malhação diária. Entretanto, tanto Duck quanto MadeInBrazil também falam da experiência de uma vergonha profunda por outrora saberem-se anticorpos fracos. Seria a vergonha, talvez, a experiência *par excellence* de ser/ter um anticorpo e saber-se como um anticorpo? Não me interessa responder a essa pergunta: o que interessa sublinhar da história de Duck é que a experiência do anticorpo pode ser o trampolim para uma viagem em direção ao corpo mostrável e exibível. Duck “era magro, pesava 55 quilos, era demais, demais, era horrível”, e partiu desse corpo magro em direção à construção permanente da carne que importa, da carne exibível até sentir-se no direito de tirar a camiseta na boate. Assim sendo, o anticorpo pode perfeitamente fazer parte do corpo-que-importa: o anticorpo pode constituir a história do corpo-que-importa, a experiência de ter/ser um anticorpo pode estar contida na experiência de ser/ter um corpo-que-importa.

No caso de MadeInBrazil, é possível sugerir que os anticorpos talvez sejam impedidos ou desencorajados a se mostrar e a circular em determinados territórios precisamente porque não correspondem ao corpo-que-importa ou porque não aderem ao projeto de construção do corpo-que-importa – algo que, nas palavras do entrevistado, é o “estereótipo gay”. Reside aí a coação a esconder-se que recai sobre os anticorpos; aí se mostra o movimento que empurra os anticorpos para as bordas do visível: a experiência da vergonha. O “estereótipo gay” funciona, sobretudo, no, através do e para o corpo, como se o corpo-que-importa fosse a assunção de tudo aquilo que é pertinente de ser mostrado, e como se os anticorpos fossem a materialidade que precisa ser subsumida e escondida enquanto algo que não pode, nem deve, ser conhecido.

3.4. Corpo-currículo

Na exposição e na exibição do corpo-que-importa, é a carne, a materialidade corpórea produzida através das práticas bioascéticas que avalizará de maneira mais fiel a qualidade corpo que pode ser mostrado em imagens. E as imagens, sempre atualizadas do corpo do tempo presente, se tornam fiadoras do corpo, legitimando sua “verdade”. Daí que se produz cada vez mais “indivíduo[s] responsável[eis] que orienta[m] suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos” (ORTEGA, 2005, p. 156, acréscimos nossos). Um corpo feito através da

(...) formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna. Uma característica fundamental dessa atividade é a *autoperitagem*. O eu que se pericia tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade. (...) O autogoverno e a formação de bio-identidades se dão através de toda uma série de recursos reflexivos e de práticas de bio-aceite (manuais, terapia, *fitness*). A reflexividade é o processo de taxação contínua de informação e peritagem sobre nós mesmos (op. cit., p. 155, grifo do autor).

Assim, é possível dizer que o corpo exibível através de imagens, construído nas disciplinadas práticas bioascéticas, exige também certo tipo de subjetividade que se articula a ele. Além disso, o corpo mostrável ganha, senão almeja, como prêmio final o próprio “totalitarismo fotogênico”: esse totalitarismo, para os corpos-que-importam, não é tido como um princípio de submissão. Pelo contrário, é tido como recompensa justa pelos investimentos de toda ordem na partida do anticorpo em direção à construção do corpo mostrável. Submeter-se ao princípio geral do modelo muitos-veem-muitos, o da visibilidade constante, é uma conquista, e, como tal, ela precisa ser exaustiva. É preciso mostrar o corpo-que-importa, publicá-lo na maior parte do tempo, através de várias fotografias, de vários perfis *online* em vários *sites* de relacionamento para as centenas de amigos e seguidores; é preciso descrevê-lo da maneira mais completa e objetiva possível através de textos escritos e medidas quantitativas. E tudo isso acontece não apenas porque se está submisso ao “totalitarismo fotogênico”, mas porque supostamente é direito do corpo exibível fazer-se exibido: assim, para o Mercado da Carne no qual se constitui o Manhunt, o pior cego não é aquele que não quer ver, mas é aquele que não quer se mostrar. É isso que se lê nos trechos de perfis a seguir:

Carioca da ZO [zona oeste], atlético, nível superior [procura por] Caras que cuidem do corpo, da mente e da alma, afinal o ser humano é um ser completo e indivizível

[sic], pra amizade e quem sabe algo mais sério, tudo muito discreto e maduro. [...]
[Sou] Mais do dia que da noite, muito pouca bebida alcoólica, mais ligado em coisas saudáveis. Afeminados, gordos, peludos, desculpe, não curto: procuro e me atraio por homem...

*

[Estou] Praticando exercícios diariamente; apesar de ter muitos pelos, me aparo... Não a travestis, afeminados, muito gordos ou anoréticos! SEM preconceito, mas não rola!

*

[...] Realmente, tenho 1.93m, olhos verdes/azulados, cabelo castanho claro e não sou gordo nem magro. Gordos, mais de 24 anos [...], negros e [perfis] sem fotos serão ignorados. Não sou muito exigente, só se tu for MUITO FEIO...

*

Aviso p/ [para] a galera

Respeito kem [quem] gosta mas eu Ñ [não] curto:

-gordos

-véios [velhos]

-fumante

-drogados

-peludos

-barbudo

-bigodudo

-piercing

[...]

*

“Os homens de poucas palavras são os melhores” EU: 1,86mt... 80 kg... 21 anos...
Cursando Engenharia Ambiental... Socialmente hetero... Exigente... Objetivo... e Simplão!

*

Exigente? Eu? Só to pedindo exatamente o que tenho a oferecer... [Procuro por]: Prefiro peito liso natural ou com pouco pelo, e no resto do corpo natural; não rola com peito, barriga, bunda ou pernas raspados, depilados ou aparados, com máquina ou tesoura. (Ou seja: onde não tem, não tem; onde tem, deixa ficar – como homem normal). Curto garoto/homem que mantém a postura de um hetero normal, sem hábitos e esteriótipos [sic] típicos de viado como: - cu raspado/depilado... – confunde higiene e vaidade com veadagem [sic] – unha e sobrancelha feitas – lentes de contato coloridas – pintosinha louca pelas divas pop – chapinha no cabelo – adora óculos escuros enormes – acha que pra ter personalidade tem que ser diferente dos heteros.

*

GORDINHOS NÃOOOOOOOOOO!!!!!! Leiam por favor!! Quero um amigo, um lance especial mas sabendo que tudo começa no sexo. Gosto de gente calma, tranquila E SEM GORDURA. Gosto de caras magros. Não precisa ser sarado, mas se for também é show de bola. Que seja jovem e que curta mulato quarentão enxuto.

*

Procuro carinhas SARADOS, bonitos, lisos e de bom papo. Peludos, gordos, afeminados e magrelos não insistam. [...]

*

[...] Não me atraio por afeminados e nem nada que lembre feminilidade (nada contra mesmo, pessoal, é apenas questão de atração física) não curto idoso, gordos ou magrelos demais... [...]

*

Hoje estou um pouco acima do peso devido à falta de tempo para fazer exercícios, mas em breve voltando à ativa e ao corpo original.

*

[...] Depois de ter perdido 35 kg ainda ouço: ih, vc [você] é gordo. To nem ai pros outros. Importante é que me sinto bem malhando de 2ª a 6ª fazendo natação 2 x na semana, um dia serei definido, aí os outros que falavam que eu era gordo vão querer ficar comigo e eu não irei querer mais.

*

Aqui tudo se resume em: “autocomtemplação” e “distanciamento estéril”. No fundo nos apaixonamos por nossa imagem refletida no outro, por nós mesmos... (mensagem enviada para o perfil PesquisadorDeHomens através do Manhunt.net)

Mesmo para aquele anticorpo que já aderiu ao projeto de construção do corpo-que-importa, mas que ainda é visto como sendo um anticorpo, como atesta o penúltimo texto do quadro acima, o corpo-que-importa mantém-se como objetivo final, como o estado desejado/desejável da carne. Ou, ainda, o corpo-que-importa “sem gordura” é tido como um “corpo original”, como o estado original da carne – e se por acaso, “por falta de tempo para fazer exercícios”, o corpo deixa de ser “original” e se transforma em anticorpo “acima do peso”, é preciso confessar a não-originalidade do corpo no perfil *online* do Manhunt. Assim, o corpo-que-importa, mesmo não existindo em carne, regula a morfologia estética ideal do corpo exibível dentro do Manhunt. O Narciso apontado pelo último texto, expresso na “autocontemplação (...) da nossa imagem refletida no outro”, conforme referiu um homem habitante do *site*, indica um sujeito que “é ponto de partida e chegada do cuidado de si” (COSTA, 2005, p. 185), algo que parece reinar nos modos de exibição do corpo dentro do *site* – discussão que aprofundarei na última seção deste capítulo. Aqui é relevante marcar que esses corpos-que-importam são produzidos mediante práticas intensas e contínuas: “são práticas destinadas a demonstrar uma integração às normas corporais em vigor, a fornecer um testemunho da comunhão com a cultura do corpo. O músculo é um modo de vida” (COURTINE, 2005, p. 85).

(...) o bem-estar psicológico (*feeling good*) é entendido como uma consequência da forma física (*being in shape*). Esta última expressão deve também ser tomada ao pé da letra (da mesma maneira que “sentir-se bem na própria pele”): o sentimento de prazer provém de uma aplicação, de um trabalho sobre a forma do corpo que tende a se confundir (...) com uma virtude pública. (COURTINE, op. cit., p. 101).

“A bio-acece exige uma enorme disciplina dirigida para a reeducação de hábitos insalubres, predatórios ou poluidores” (COSTA, 2005, p. 191), já que constatamos que o corpo está em jogo na definição sobre quem nós somos, agora não mais como mero veículo de uma interioridade psicológica, mas como a própria coincidência e exteriorização da nossa subjetividade (BEZERRA JR., 2002). E parece que estamos vivendo “um grande movimento de mutação subjetiva, que empurra paulatinamente os eixos do *eu* em direção a outras zonas: do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto próprio para as telas de vidro [dos computadores]” (SIBILIA, 2008, p. 90-91, grifo da autora, acréscimo nosso). É nesse contexto em que “o *eu* passa a se estruturar em torno do corpo. Ou, mais precisamente, da imagem visível que cada um é” (op. cit., p. 111, grifo da autora). Trata-se, portanto, de uma relação consigo que visa a traduzir

na carne as informações pertinentes sobre si mesmo: o corpo é a grade de saberes mais relevantes sobre aquilo que somos, *o corpo é currículo*.

O que venho mostrando até aqui ao longo das seções deste capítulo é precisamente o quanto os corpos dos homens habitantes do Manhunt se constituem em seus currículos dentro desse território. É o que Nonix menciona no trecho de entrevista: “o que importa é o corpo”. Mas não é qualquer corpo-que-importa: a carne exibível nos perfis *online* do Manhunt é uma bastante específica, construída através da e simultaneamente à construção de anticorpos que são compelidos a esconder-se. A carne que importa no Mercado da Carne do Manhunt é a carne rija, sem gordura, jovem, máscula, de classe média, branca – é isso que o corpo-currículo ensina nesse contexto. Os anticorpos, que habitam a borda do visível, são os corpos flácidos, obesos, magros, envelhecidos, pobres, efeminados, negros.

É uma redundância afirmar isso, contudo. Ou pelo menos não traz nada de novo para discussão, na medida em que denuncia atravessamentos de estética, classe, gênero, raça/etnia e geracionais como sendo causa e justificativa para as exclusões que encontro entre os homens habitantes do Manhunt. Além disso, é sempre um perigo mencionar os tipos de anticorpos que podem existir, pois “as tipologias são exatamente o modo pelo qual a abjeção é conferida” (PRINS & MEIJER, 2002, p. 161), isto é, as tipologias são o modo através do qual os próprios anticorpos são construídos. Dar exemplos de anticorpos faz com que “os exemplos se [tornem] normativos de todo o resto (...) e [acabem] por produzir suas próprias exclusões” (op. cit., p. 162). Como já sugeri no *Capítulo Guia*, é importante mostrar o quanto os corpos exibíveis do Manhunt precisam, necessitam e imploram pelos anticorpos, posicionando-os como seu exterior constitutivo, trazendo-os para uma proximidade e dependência radicais. Os corpos mostráveis constroem-se simultaneamente à construção dos anticorpos, compelindo-os a não se mostrarem. Ao expulsar violentamente os anticorpos através de nomeações e designações nos textos escritos em perfis *online*, como mostram os excertos anteriores, esses anticorpos são evocados e presentificados no seio mesmo dos corpos-que-importam. Portanto, quando nomeio alguns anticorpos nessas análises, eu o faço para procurar mostrar a proximidade e dependência radicais entre eles e os corpos-que-importam, enfocando a relação mútua que os faz existir.

É assim que a disponibilidade virtual para a criação de vínculos assume uma de suas formas: a do não vínculo, da expulsão violenta. Poderia parecer que os anticorpos são brutalmente expulsos de qualquer possibilidade de vínculo dentro do Manhunt, e é possível pensarmos que os homens que escrevem em seus perfis os textos trazidos no último quadro realmente não manterão nenhum tipo de relação “concreta”, “prática”, “real”, “sexual”, “fraternal” com aqueles nomeados e classificados como anticorpos. Porém, não me interessa fazer nenhum tipo de observação nesse sentido. Não me interessa conferir se, através do Manhunt, haverá possibilidade de relações “concretas”, “reais” e “práticas” entre um homem que se diz musculoso e outro que é visto como obeso – essa dimensão de “realidade” pode ser relevante, mas de modo algum é o que eu busco mapear aqui. O que analiso são os modos de posicionamento dos corpos-que-importam em relação às distribuições de anticorpos, que lhes servirão de limite fronteiriço. O que quero sublinhar é que o mecanismo de expulsão dos anticorpos é um exercício essencial para a assunção dos corpos-que-importam dentro do Manhunt. Sendo um exercício essencial, eu sugiro que o mecanismo de expulsão constitui um vínculo importante entre corpos-que-importam e anticorpos nesse contexto.

Nesse sentido, é preciso considerar os corpos-que-importam como corpos-currículo dentro do Manhunt. Sendo corpos-currículo, eles fazem de sua carne a grade de conhecimentos pertinentes sobre si próprios: o relevo de sua carne, as formas de sua carne, a densidade de sua carne são conhecimentos necessários sobre os corpos mostráveis e exibíveis do *site* através de imagens. Exibir os corpos através de imagens publicadas em perfis *online* constitui um modo de conhecer os corpos-currículo, um modo de dar a ver o conhecimento que se traduz em carne. Entretanto, se há uma relação de proximidade e dependência radicais dos corpos-que-importam e dos anticorpos, e se os corpos-que-importam são corpos-currículo (mais adiante procurarei sugerir que os anticorpos são, igualmente, anticorpos-currículo), talvez seja importante “estranhar o currículo” (LOURO, 2004, p. 55). Talvez seja importante tomar os corpos-currículo e “passar [de seus] limites, atravessar-se, desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto, colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele ‘corpo de conhecimentos’”, isto é, partir dos corpos-currículo não para superá-los ou para denunciá-los em sua tirania, mas para “fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento” (op. cit., p. 64) trazido por eles em sua carne exibível.

A ideia é pôr em questão o conhecimento (e o currículo), pôr em questão o que é conhecido e as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou a desconhecer) outras. (...) [Trata-se], mais apropriadamente, de pôr em questão a ideia de que se disponha de um corpo de conhecimentos mais ou menos seguro que deva ser transmitido (...); trata-se, ainda, e fundamentalmente, de questionar sobre as condições que permitem (ou impedem) o conhecimento. Isso me remete (...) à ideia de que há *limites* para o conhecimento: nessa perspectiva, parece importante indagar o que ou quanto um dado grupo *suporta conhecer*. (LOURO, 2004, p. 65, grifo da autora).

É por isso que os corpos-currículo, enquanto “corpos de conhecimento”, carregam ignorâncias, pois “a ignorância pode ser compreendida como sendo produzida por um modo de conhecer, ou melhor, que ela é, também, uma forma de conhecimento. (...) um resíduo do conhecimento, como o efeito de um jeito de conhecer” (op. cit., p. 68). Lá nos limites do conhecimento encarnado pelos corpos-currículo, está a ignorância residual que lhes é constitutiva, que lhes é fronteira. O corpo-currículo quer ensinar um saber que está encarnado na sua própria materialidade enquanto corpo-que-importa, mas essa materialidade também é feita de “praias vazias” que lhe margeiam: a ignorância, ou o anti-saber e o anticonhecimento limítrofes, a anticarne e o anticorpo que permanecem ali colados à pele do corpo-que-importa, à espreita, senão já dentro dele.

O conhecimento encarnado dos corpos-currículo e a ignorância produzida como um de seus efeitos nos ensinam algo, isto é, os corpos-currículo têm função pedagógica. No contexto do Manhunt, eles ensinam sobre modos de mostrar os corpos e também sobre modos de construir os corpos exibíveis que imploram pelo olhar do(s) outro(s). Os corpos-currículo funcionam pedagogicamente quando tentam fazer funcionar uma distribuição de posições dos corpos-que-importam (que supostamente têm o direito de mostrarem-se e de exibirem-se através de imagens) e a correlativa distribuição fronteira dos anticorpos (que são chamados a esconder-se, a habitar a borda do visível). Em sua função aduaneira, os anticorpos são aí construídos como resíduos do conhecimento dos corpos-currículo, como um anticonhecimento que é necessário para a definição do conhecimento pertinente do currículo da carne dos corpos-que-importam. Tornam-se, assim, anticorpos-currículo, anticorpos que também funcionam pedagogicamente. As relações estreitas entre corpos-que-importam (com toda sua “força curricular”) e anticorpos (posicionados como anticonhecimento) constituem a própria carne, tanto a carne que importa quanto a carne que desimporta, ora como um currículo, ora como um anticurrículo; nesta e naquela possibilidade, a carne é a “grade” de

conhecimentos pertinentes sobre os indivíduos – ou a “grade” que encarcera as subjetividades.

A reificação da centralidade do corpo, dos corpos-que-importam e dos anticorpos, produz atitudes reativas. Um homem escreve em seu perfil, com letras maiúsculas: “NÃO SOU DOTADO, NÃO TENHO BUNDÃO. NÃO MOSTRO MEU CORPO PORQUE NÃO QUERO ME RESUMIR A ISSO, UM CORPO”. Esse homem pode saber, ou intuir, que se subsumir ao corpo pode ser uma das grandes armadilhas do nosso tempo. Além disso, ele também aponta para as ignorâncias do corpo-currículo. “Nunca (...) havíamos imaginado que a forma corporal pudesse ser garantia de admiração moral” (COSTA, 2005, p. 192). A “personalidade somática do nosso tempo” (op. cit., p. 185) aposta plenamente nas sensações físicas que o corpo pode oferecer. “O truque da moral das sensações é fazer crer à maioria que a obediência à nova disciplina do corpo sempre traz vantagens e jamais atribulações” (op. cit., p. 194).

Novo deslize: corpos-que-importam e anticorpos são perecíveis, estão submetidos a uma grandeza que lhes excede e que os toma: o tempo. Nenhum corpo importa para sempre: se a regulação geracional da carne se preservar, podemos entender que, com o passar do tempo, o corpo-que-importa acabará se tornando um corpo que desimporta, um anticorpo. É assim que a aposta na carne como encarnação de um currículo guarda em si mesma sua ruína. Pois se essa carne é plástica o suficiente para aderir a um projeto de construção de um corpo-que-importa a partir de um anticorpo, como fez Duck, sua plasticidade funciona igualmente no retorno ao anticorpo pela passagem do tempo através da carne, como acontece com Dorian Gray.

3.5. Neocartesianismo²³

Nesta direção, há um discurso reativo – não necessariamente de resistência – à voga do corpo exibível e mostrável, do corpo-que-importa. Ele se constitui na ode à mente, na reificação daquilo tudo que é invisível nas imagens e intangível aos olhos: há vários nomes para isso, entre eles “personalidade”, “inteligência”, “perspicácia” e até “cultura”. Isso que chamo de *neocartesianismo* exalta a mente (a “cultura”, a

²³ As análises trazidas neste trecho da pesquisa fazem parte de uma grande reportagem escrita usando a entrevista de Xato e Duck, daí seu tom e formato sensivelmente diferentes daqueles que venho empregando ao longo deste trabalho. A grande reportagem da qual derivou este trecho da tese foi publicada na revista *online* Anticorpo com o título “Sonhando anticorpos”. Ver [HTTP://anticorpo.com](http://anticorpo.com)

“educação”, o “intelecto” de um indivíduo) como aquilo que supostamente não envelhece, que não se degrada com o passar do tempo, como aquilo que não pode ser tirado dos indivíduos ou dilapidado deles, nem pode ser consumível instantaneamente. Em detrimento do corpo²⁴, a mente reaparece como valor universal, blindada contra o tempo.

Luiz Felipe: Isso é interessante porque normalmente se tem a ideia de que pra homens gays a internet...

Xato: ... É só pra putaria...

Luiz Felipe: ... Como se fossem monstros sexuais...

Xato: Ah, tem putaria, né? Mas não é só isso, entendeu? Entro em sites americanos, eu leio as coisas que eu quero, eu vou ver as informações que eu quero, se eu quero saber de alguma coisa eu vou pesquisar, fóruns de internet é outra coisa que me interessa, eu uso a internet *full time*.

Entre muitos usos possíveis da internet, está a “putaria”. Uma sociabilidade ensejada pelo prazer e pelo desejo sexual, em que os corpos se produzem como fulgurações: os corpos não são apenas o fim, não são apenas o objetivo das relações e dos vínculos. Eles são também o veículo do prazer e do desejo, objeto e instrumento de exposição dentro do modelo muitos-podem-ver-muitos.

No entanto, a exposição densa dos corpos produz uma tensão entre aquilo que é visto, aquilo que é exposto, e aquilo que não é possível de fazer-se visível ou exibível. Nos perfis *online* do *site* Manhunt, aquilo que escapa às imagens às vezes é coincidente com aquilo que escapa aos corpos: se há algo que não pode ser mostrado nos e através dos corpos, isto escapa do regime de visualidade, cai fora da possibilidade de registro imagético. Na entrevista realizada com Xato e Duck simultaneamente, emergiu ali um verdadeiro embate entre o corpo e a mente, sendo que a mente era precisamente aquilo que escaparia, excederia e sobreporia o corpo. Xato advogava a preponderância da mente sobre o corpo, enquanto que Duck preferia as delícias do tato às da intelectualidade.

²⁴ Ian Hacking propõe que graças à engenharia genética, à indústria farmacêutica, às intervenções cirúrgicas e aos recentes estudos sobre DNA, tem arrefecido a ideia de que mente e corpo são absolutamente distintos e que o corpo é apenas o lugar da consciência; daí que ele propõe, igualmente, a ideia de “estamos nos tornando mais cartesianos no século XXI” (HACKING, 2006, p. 13).

À época da entrevista, Xato estava separado do ex-namorado, de quem ainda falava com certa reprovação mesmo depois de quase um ano do fim do relacionamento. “O [ex-namorado] era um cara lindo, era um cara malhado, mas ele era inteligente?”, perguntou Xato para Duck. O próprio Xato respondeu: “A gente vivia às turras porque eu era o inteligente, e ele era o bonito”. Duck tentou argumentar em favor do ex-namorado do amigo, alegando que ele é alguém que cursa Mestrado em uma célebre universidade federal brasileira – logo, ele não é alguém que poderíamos chamar de burro – e que mesmo que o ex-namorado em questão não fosse alguém que se pudesse chamar de culto, ele ainda tinha valores familiares que poderiam ser valorizados.

Porém, Xato se manteve irredutível quando disse que “muita coisa que ele [o ex-namorado] aprendeu na vida fui eu quem ensinou”, aludindo a uma competição que supostamente existia entre ambos “porque ele [o ex-namorado] sempre foi ‘o’ bonito, ‘o’ gostoso, e tal. E eu já sou mais intelectualizado, e dou valor a essas coisas”. O campo de disputas e de lutas acontecia no seio mesmo da relação, onde Xato era a “mente” e o ex-namorado era o “corpo”. “Então ele vinha, assim, com a beleza dele pra me jogar, e eu falava: ‘você pegue essa sua beleza e enfie no rabo’, porque beleza a gente compra, inteligência, não”. Xato inspirou longamente o ar que atravessou seu cigarro e, ao soltá-lo, disse estas palavras, ditas entre a fumaça do tabaco: “Ele [o ex-namorado] não lia um livro, passou a ler jornais depois que começou a namorar comigo, porque ele não sabia nada do que estava acontecendo em lugar nenhum. Esse negócio de criar os outros eu acho meio chato, mas eu tive que dar uma criada nele”. Xato precisou criar a mente do ex-namorado, já que o corpo, pelo que vimos, já estava bem criado.

Assim como o corpo é feito, a mente também é produzida: nesse caso, um antagoniza o outro numa série permanente de argumentos e contra-argumentos que culminam com a ideia de que o corpo é perecível, corrompível, algo que caminha invariavelmente para o envelhecimento e para a morte; mas que, em contrapartida, a mente é supostamente inarruinável, inviolável, insubstituível. “Conheço gente que faz o seu corpo, e eu posso fazer, entendeu?”, falou Xato, “Isso é muito simples. Agora isso aqui, não [apontando para a cabeça]. Isso aqui não tem dinheiro que compre, não tem nada que substitua isso aqui. Cabeça nada substitui. É isso que eu valorizo mais, o resto é tudo mutável”.

Em tempos como os de hoje, em que as intervenções para mudança corporal são tão democratizadas (vide multiplicação de espaços para corridas-caminhadas-exercícios nas cidades, oferecimento de mudanças corporais radicais que abundam nos programas de televisão [ganhe um novo corpo e, de brinde, um novo *eu*]), ao passo que os processos educativos formais e o acesso à informação vêm sendo cada vez mais elitizados (custam caro!) e estrangulados (são poucos!), conceber e sustentar a velha dicotomia corpo X mente, privilegiando essa última, significa também marcar um lugar sócio-econômico tanto quanto configurar uma postura ético(moral?)-estética. Talvez seja possível de sugerir que hoje os processos de produção do corpo ideal estão mais disponíveis a um maior número de indivíduos do que o fomento à produção cultural e acesso à informação pelos diversos grupos sociais.

Duck, por sua vez, não nutria mágoas, mas cultivava certa ansiedade. Havia nele uma urgência em viver as sensibilidades do tato, como que para recuperar um tempo perdido, já que Duck havia experimentado o corpo de outro homem aos 24 anos. “Foi de 23 pra 24 que eu descobri que eu era gay”, “mas antes não tinha nenhuma suspeita de que tu gostava de homens?”, eu perguntei. “Não, tinha... mas era assim... Não tinha coragem”. Um rapaz aos 24 anos sem nenhuma experiência sexual com outro homem? “Tinha pouquíssima coisa. Pouquíssima. E nem chamo de experiência, era brincadeirinha. Aí eu comecei a viver minha adolescência mesmo com 24 anos, entendeu?”.

Ele continuou: “Eu acho que chega numa fase da idade que as coisas têm que mudar. Meu foco hoje em dia é a academia, é o meu corpo, é pegação, é conhecer... Hoje, entendeu?”, disse Duck, sublinhando a importância do tempo presente. Sobre o futuro ele disse “Quando eu tiver, sei lá, 45, 50 anos, talvez meu foco, acredito, talvez vai ser estudar mais, ler livro, entendeu? Porque a parte cultural pra mim pesada, que você [Luiz Felipe] vive hoje, essa parte eu pretendo utilizar lá no futuro”. Estabeleceu, assim, o tempo presente como o tempo do corpo e o tempo futuro como o tempo da mente. Duck afirmou “Hoje em dia eu quero mais... sair, zuar”. De maneira decidida e segura, sem precisar molhar a garganta com café, como eu precisei, nem inspirar nicotina como Xato, Duck olhou para mim através das lentes dos seus óculos e afirmou: “Então eu tô vivendo o corpo. Então quando eu tiver lá pelos 40 e muitos, vai ser mesmo a parte intelectual”. Primeiro, um (urgente) uso do corpo; depois, uma (derradeira) chance para a mente.

Xato não sentia com tranquilidade a passagem do tempo pelo seu corpo, do tempo afetando o seu corpo, já que ele afirmou que o envelhecimento “é um pouco aterrorizante”. Ele disse em algum momento: “Eu só não gostaria de ficar doente, assim... Ficando normal...”. Normal?, eu perguntei. “Lúcido”, ele disse. “Quando eu ficar velho, eu quero assim ir pra um asilo maravilhoso, tem um aqui em Copa [Copacabana] que eu acho uma delícia. Aqui em Copacabana tem um asilo, que não é só pra gays, mas tem um ali na Constante Ramos. E aí eu vou pra lá, tem muita biba [bicha]”. Mas eis que os limites da idade se impõem, e o reconhecimento da inexorável capacidade do tempo em apropriar-se da materialidade orgânica da carne estabelece novas escolhas, novos abandonos, exige novas estratégias. Envelhecer, sim; mas “dentro da minha vida, do meu espaço, refinando, lendo, produzindo. De repente não vai dar mais pra trepar; tudo bem, eu já trepei tudo que foi possível”. Porém, essa tranquilidade em relação ao processo de envelhecimento é circundada por alguns medos; Xato sugeriu o seguinte: “Agora, eu não sei as consequências psicológicas que isso vai me trazer, né? Mas eu confesso que a idade me assusta. Quando eu fiz 30 eu não fiquei nervoso, não. Mas quando eu fiz 31 já tava na minha cara”. Duck se manifestou: “Comigo já é ao contrário”. Para Duck, envelhecer não se colocava como algo pensável no momento da entrevista. “Eu penso em não viver muito mesmo... Mas por uma questão física. Eu não quero ver meu corpo envelhecendo, entendeu? Eu não gostaria de ver isso. Agora a cabeça... Se eu tiver a cabeça de hoje, eu acho que vou sofrer muito”. Duck acenou com a possibilidade da morte precoce quando disse: “Eu acho péssimo envelhecer. Eu vou morrer cedo pra não envelhecer, eu sempre falo isso”.

A juventude necessária aos corpos-que-importam produz uma ansiedade que está relacionada à passagem do tempo, ao envelhecimento e, no limite, à morte. A ode ao corpo, ao corpo sempre atualizado, ao corpo sempre jovem e belo, e também a retórica hedonista do “instante” – isto é, que a vida é “aqui e agora” e que, portanto, merece ser aproveitada a cada instante com o máximo de prazer – acabam por fazer com que o processo de envelhecimento e a morte física do corpo sejam trazidos para uma proximidade assustadora, compondo um horizonte que, longe de ser conjurado, está permanentemente à espreita de toda juventude, de toda beleza e de todo prazer que o corpo pode oferecer. Pensa-se na morte com uma precocidade talvez nunca antes experimentada, e deseja-se morrer também precocemente – para não ter de passar pelas doenças relacionadas ao processo de envelhecimento, para não ver o declínio físico do

corpo, nem a ruína da carne, nem a flacidez da pele. Talvez, antes da morte física do corpo, para aqueles que vivem intensamente as práticas bioascéticas contemporâneas (como muitos homens habitantes do Manhunt) haverá também uma morte simbólica do corpo, quando o corpo passar a não importar mais – isto é, quando o corpo tiver se desprendido de todos os termos a partir dos quais se definem e se instituem os corpos-que-importam: beleza, juventude, saúde, força.

É nesse contexto que a mente, supostamente inarruinável, emerge como refúgio possível (e perene) ao corpo perecível. “E acho também que essa coisa da beleza e do corpo... ela dura uma semana. Se não tiver um mínimo de conteúdo, não dura, não”, opinou Xato. Já Duck, cujos desejos e prazeres do tato e da visão começaram mais “tarde”, esclareceu que não era aquele o momento de pensar sobre velhice porque aquela era a hora de ele aproveitar as delícias trazidas pelo corpo, um corpo que sempre quis ter. “Mas eu sei que isso uma hora vai acabar, entendeu? Porque a idade...”. E é a idade que vai botar um ponto final nessa fase?, perguntei novamente a Duck. “A idade vai pôr um fim no próprio corpo. Pra mim é. Eu vejo umas pessoas na academia com 50 e poucos, 60, lá, malhando, eu acho assim do caralho, entendeu”.

Na intersecção entre corpo e tempo, a beleza? “E a beleza você compra!”, afirmou Xato. Se o tempo passar e, com ele, a beleza se for... “Daí eu vendo meu carro, vou numa clínica, eu me lipo todo, eu me esculpo todo”, sugeriu ele. “Essa coisa do corpo, se eu achar absurdamente necessário, eu vendo meu carro e faço uma cirurgia plástica de grande porte e acabou. O [amigo] fez cada gomo da barriga dele [olhando para Duck]...”. “Quem?”, “O [amigo]. Da época que o [amigo] tava saradão, que eu acho que foi antes de você conhecer ele, cada gomo daquela barriga foi esculpido numa mesa de cirurgia, e ficou perfeito. Isso existe, essa beleza você compra”. Daí que o projeto de adequação corpórea não quer somente a intervenção na carne, mas também visa à intervenção no tempo – pelo menos no tempo enquanto biologia concreta, o tempo enquanto carne vital. As intervenções cirúrgicas no corpo também procuram restaurar a juventude perdida no (ou vampirizada pelo) decorrer do tempo. Poucos/as podem contra o tempo – contra essa drenagem vital do corpo que só pode ser dissimulada por procedimentos cirúrgicos de alta precisão.

Mas e isso que o Duck falou, sobre as pessoas de 50, 60 anos fazendo academia?, perguntei a Xato, tu não faz academia? Foi Duck quem primeiro interveio:

“O Xato, olha, não adianta falar... Tem que ignorar.” Por quê? “Eu entrei [na academia de ginástica] ano passado, paguei o ano inteiro e não fui.” Duck emendou, “Seis meses ele pagou, foi dois dias.” “Pior, fui dois dias.” Tu disse que é uma coisa que te incomoda, né?, perguntei a Xato. Ele respondeu: “Não é uma coisa que me dá prazer. Aí eu chego em casa, eu começo a olhar pros meus livros, eles começam a olhar pra mim... [...] E acho também que essa coisa da beleza e do corpo... ela dura uma semana. Se não tiver um mínimo de conteúdo, não dura, não. [...] Mas eu vejo que isso é mais importante pra algumas pessoas, sim. E eu acho que, lógico que você não pode generalizar, mas as experiências de vida que eu tenho me sinalizam que este é um grupo que, em grande parte, tem um déficit cultural, até porque não sobra muito tempo pra que essas pessoas invistam. Porque elas têm que malhar demais, que gente que malha mesmo, malha, puxa ferro mesmo, têm de ter tempo...” “E dinheiro...”, eu complementei. “E dinheiro...”, Xato concordou.

Mais uma vez: “Fique nu... Mas seja magro, bonito e bronzeado!” (FOUCAULT, 1984, p. 147). Mas não são todos que podem estar nus, nem todos podem ser magros, bronzeados e bonitos: é possível apenas para poucos ser tudo isso em um só corpo e a um só tempo. Em uma reação, e não numa resistência, a mente se amotina contra o corpo magro, bonito e bronzeado – a mente se amotina contra o corpo-que-importa, a mente é o extracorpo: aquilo que excede o corpo e que, ao contrário dele, não se arruína com o passar do tempo. Mas como se visibiliza a mente? Posto que a visibilidade dos corpos é tão importante para dizer de si, sobra a pergunta: nesse neocartesianismo, como dar relevo à mente, como fazê-la aparecer, através de que estratégias, já que ela se coloca contra o corpo, já que a mente é um extracorpo no neocartesianismo?

Não é certo que a “cultura”, a “intelectualidade”, a “educação” sejam capazes de destituir o peso de “verdade” do corpo-que-importa, tampouco é certo que essas sejam categorias que permitam a “inclusão” de indivíduos “excluídos” pelo imperativo bioascético: elas próprias não estão acessíveis para todos e não põem em xeque os modos pelos quais se produz e se institui a diferença entre os “bons” e “maus” indivíduos, ou entre aqueles que terão ou não terão o direito de ser mostráveis e exibíveis. A tentativa de esvaziar o protagonismo dos corpos através da ode à mente nos mostra que, assim como no caso dos corpos, não é qualquer mente que importa. As posturas reativas do neocartesianismo, que fazem da mente (da intelectualidade, da

cultura, da educação) a parte mais importante dos indivíduos, acabam por operar nos mesmos termos excludentes através dos quais funcionam as práticas bioascéticas da pastoral da carne rija, magra, branca, máscula, agora também intelectualizada.

Ω

4 Olhando o gênero que nos olha

“Orlando transformava-se em mulher – não há que negar. Mas, em tudo o mais, continuava precisamente o que tinha sido. A mudança de sexo, embora alterando o seu futuro, nada alterava sua identidade. Seu rosto permanecia, como mostram os retratos, praticamente o mesmo”.

Virgínia Woolf, *Orlando* (1978, p. 77).

Quais são os modos exemplares de olhar os corpos e quais são as partes que se fazem visíveis dos corpos no Manhunt? Como o gênero faz inteligíveis os corpos-que-importam e os anticorpos dentro do regime de visualidade do *site*? Em que medida o gênero marca e constitui as relações estabelecidas entre os homens habitantes desse território?

Procurei mostrar no capítulo anterior que a construção dos corpos-que-importam dentro do Manhunt acontece, sobretudo, através da negação dos anticorpos, que são coagidos a se esconder, sendo não elegíveis na disponibilidade virtual para a criação de vínculos entre os homens habitantes do *site*. Procurei mostrar, também, que essa negação se torna, ela própria, uma modalidade de relação entre esses homens; o que me possibilitou sugerir que corpos-que-importam e anticorpos existem em proximidade e dependência radicais uns dos outros. Por essa razão, também sugeri que os anticorpos eram plenamente inteligíveis dentro do regime de visualidade que vigora no Manhunt: embora coagidos a se esconder, esses anticorpos mantêm-se dentro de um campo de inteligibilidade exercendo funções de polícia aduaneira das fronteiras daquilo que é mostrável, exibível e desejável dentro do *site*. Daí a sua importância fundamental em relação aos corpos-que-importam.

Neste capítulo, eu gostaria de explorar precisamente a condição que faz inteligíveis os corpos-que-importam *e também* os anticorpos dentro do Manhunt. Assim, eu sugiro que subjaz ao regime de visualidade do Manhunt um campo de inteligibilidade dos corpos (dos que-importam e dos anticorpos) que aí aparecem. Eu gostaria de sugerir que, na constituição de um regime de visualidade inteligível em que alguns corpos são exibidos e, da mesma forma, outros corpos são coagidos a se esconder, o sexo e o gênero coerentes dos corpos serão feitos nas e através das imagens publicadas nos perfis *online*. E é exatamente essa coerência entre sexo e gênero que mantém a inteligibilidade dos corpos-que-importam *e também* dos anticorpos no Manhunt. Aqueles indivíduos e aqueles corpos que “caem fora” do campo de

inteligibilidade que subjaz ao regime de visualidade do *site* são aqueles que apresentam quaisquer discontinuidades entre seu sexo e seu gênero. Mesmo os anticorpos obesos, fracos, envelhecidos e não-brancos podem ser coerentemente sexuados e generificados, e por isso eles permanecem dentro do campo de inteligibilidade dos corpos no Manhunt – mesmo que sua obesidade, sua fraqueza, sua velhice e sua raça/etnia de certo modo os tornem “menos homens”, ou, pelo menos, não façam deles “homens-que-importam”.

Corpos afeminados, entretanto, gozam de um status diferenciado: esses não são apenas anticorpos, mas são sujeitos a uma “forclusão”, na concepção que Judith Butler lhe dá (1993, 2004, 2007, 2008a, 2008b). Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), a expressão “*forclusion*” foi introduzida na linguagem psicanalítica por Jacques Lacan “significando, literalmente, ‘exclusão forçada’” (p. 60). Dentro da perspectiva psicanalítica lacaniana, Silva sugere que forclusão é diferente de recalque, uma vez que esse último significa a integração, de diversas maneiras, de acontecimentos e sentimentos insuportáveis no inconsciente dos indivíduos, ao passo que forclusão significa a relação através da qual os acontecimentos e sentimentos insuportáveis são desde sempre impedidos de chegar à integração inconsciente (op. cit.). O que é forcluído mantém-se em uma posição exterior radical, “de fora” do consciente e do inconsciente através da sua exclusão brutal, pois é algo insuportável.

Por sua vez, Butler reintroduz o emprego do termo forclusão para reelaborar o tabu do incesto, na teorização lévi-straussiana, e para reelaborar o complexo de Édipo, na teorização psicanalítica lacaniana. Tanto em *Gender Trouble* (2008a) quanto em *Bodies That Matter* (1993), a autora menciona a forclusão para se referir aos modos através dos quais o desejo heterossexual se constitui como Lei, ao mesmo tempo instituindo uma série de posições-de-sujeito, precisamente pela expulsão brutal do desejo homossexual (2008a, p. 52-77). Butler (2007, p. 162) também utiliza forclusão para assinalar a expulsão mais-que-violenta daqueles corpos que “fracassam” em se fazer “homens” ou “mulheres” adequados/as, daqueles corpos que “falham” em ser sexuados e generificados em consonância com a matriz heterossexual. Nas formulações de Butler, os corpos que “fracassam” em sua materialização coerentemente sexuada e generificada, e que por isso são sujeitos à forclusão, constituem o domínio da abjeção (BUTLER, 1993, 2007; PRINS & MEIJER, 2002). A forclusão é “um repúdio que cria a valência da ‘abjeção’” (BUTLER, 2007, p. 156). Entretanto, a própria autora sugere o seguinte: “o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e

heteronormatividade”, pois “[r]elaciona-se a todo tipo de corpos cujas ‘vidas’ não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é tida como ‘não importante’” (PRINS & MEIJER, 2002, p. 161). Portanto, a forclusão é o processo de expulsão mais-que-violenta através do qual algumas vidas passam a não ser consideradas “vidas” e alguns corpos passam a “não importar”, tornando-se desimportantes.

Em uma breve, porém densa, passagem em *Gender Trouble*, Butler delinea a brutalidade característica da forclusão. Fazendo uma rápida narrativa das experiências pessoais que a fizeram pensar nas perturbações ou problemas de gênero, ela diz o seguinte: “Eu também vim a entender algo da violência da vida forcluída, *aquela que não consegue ser nomeada como ‘vivível’/‘vivida’, aquela cujo encarceramento implica na suspensão da vida ou em uma pena de morte continuada*” (BUTLER, 2008a, p. xxi, grifo nosso). A forclusão é, portanto, mais que uma negação: é uma expulsão mais-que-violenta daquilo e daqueles que são da ordem do insuportável, e tal expulsão mais-que-violenta confisca a própria viabilidade da vida e da humanidade dos corpos e dos indivíduos sobre os quais ela atua. Eu sugiro, aqui, que os corpos de homens afeminados e obesos, os corpos de homens afeminados e fracos, os corpos de homens afeminados e envelhecidos, inclusive os corpos de homens fortes, jovens, brancos, “mas afeminados”, serão forcluídos do campo de inteligibilidade existente no Manhunt. Qualquer toque, menção ou incorporação de feminilidade nos corpos desses homens são da ordem do insuportável nesse território do País de Marlboro – e, enquanto insuportáveis, serão tidos como abjetos, estando sujeitos à forclusão.

No País de Marlboro em que se constitui o Manhunt, corpos-que-importam e anticorpos são ambos inteligíveis dentro do regime de visualidade dos corpos porque preservam uma conexão arbitrária e contingente de coerência entre sexo (macho) e gênero (masculino), que se expressa através de determinadas imagens de seus corpos. Corpos-que-importam e anticorpos coerentemente sexuais e generificados atestam sua inteligibilidade mostrando-se como corpos de homem e corpos de macho através de fotografias e de textos. É por essa razão que, assim como fiz no capítulo anterior, continuarei recorrendo a produções artísticas para fazer aparecer aqui as imagens que encontro nos perfis *online* do *site*. Será igualmente importante fazer aparecer aqui a forclusão do feminino, de qualquer traço de feminilidade, de qualquer “corruptela” do masculino engendrada pela presença do feminino – forclusão essa que encontro nos perfis do Manhunt. O que eu encontro nos perfis *online* do Manhunt é uma imensa falta,

uma imensa ausência, que procurarei fazer aparecer aqui. Reservo esse capítulo para analisar um pouco mais de perto as relações forçadas entre feminilidade e masculinidade pelos homens habitantes do Manhunt. O personagem do Grande Repúdio desses homens não é apenas os anticorpos, não é apenas os homens obesos, os homens fracos, os homens envelhecidos e os homens não-brancos. Sobretudo, o Grande Repúdio dos homens habitantes do Manhunt (tanto dos corpos-que-importam quanto dos anticorpos) é a feminilidade, a Mulher, o gênero feminino. A Mulher é forcluída do Manhunt; a Mulher “cai fora” do campo de inteligibilidade do *site*. Abrem-se as portas do reino viril, porém morno, monótono e monotemático do País de Marlboro.

Na próxima seção, procuro analisar um dos modos recorrentes de exposição dos corpos adequadamente sexuados e generificados dentro do Manhunt. Procurarei extrair desse primeiro modo recorrente de exibição dos corpos também uma modalidade de relação que talvez se crie entre os homens habitantes do *site*: uma relação que supõe a identidade integral daqueles que dela participam, uma relação especular quase-narcísica que não tem apenas o espelho como seu objeto. Ela tem, sobretudo, o corpo coerentemente sexuado e generificado como alvo.



Figura 22 – Um trecho do Narciso, de Caravaggio. (Fonte: Google Imagens).

4.1. Os meninos – o Rosto de gênero.

Há um modo de retratar os corpos que é emblemático nos perfis *online* do *site* de relacionamento do qual fiz parte para desenvolver essa pesquisa. E é emblemático não tanto pela sua recorrência, mas pelo seu significado contundente dentro do mapa de relações e conflitos que se constrói entre os homens habitantes do Manhunt. Nas fotografias nas quais os corpos aparecem, esse modo emblemático de retratar os corpos distribui olhares e não-olhares e tenta fixar posições entre os corpos que aparecem nas

fotografias (que chamo nesta seção de corpos-modelo) e aqueles que veem as imagens (que chamo nesta seção de espectadores). Os corpos-modelo não são exatamente os mesmos que os corpos-que-importam do capítulo anterior: aqui, os corpos-modelo podem bem ser anticorpos, pois os anticorpos também usam desse modo específico para se retratarem.

O tipo de imagem que aparece no Manhunt não é algo que se restringe a esse *site*: tais imagens estão também disseminadas por várias outras redes sociais da internet. Mas aqui, especialmente, elas têm uma função. Essas imagens *constituem-se de fotografias de reflexos dos corpos em espelhos*. Aqui as apresento e analiso o jogo de olhares que elas instauram, na tentativa de esboçar um modo de vínculo característico que parece constituir a disponibilidade virtual para as relações dos homens habitantes do Manhunt. Esta modalidade de relação que analisarei nas páginas seguintes parece ser aquela exemplar do País de Marlboro em que se constitui o Manhunt.

Na construção das análises, apoio-me na introdução de *As Palavras e As Coisas* – *Uma arqueologia das ciências humanas*, o texto *Las Meninas*, em que Foucault dissecou os diferentes modos de ver instaurados pela tela homônima de Diego Velásquez. Parece-me produtivo recorrer a esse texto, pois sublinharei que as imagens podem se articular aos textos, mas que um é irreduzível ao outro; e que aquele indivíduo que se pensa plenamente representado pela sua própria imagem refletida no espelho, e que com ela mantém uma relação de identificação, pode bem ocupar um lugar vazio e lacunar.



Figura 23 – Figure Writing Reflected in Mirror, de Francis Bacon. (Fonte: Google Imagens)

Ao contrário da pintura de Bacon, nenhum corpo-modelo das imagens dos perfis do Manhunt está de costas. Os corpos-modelo estão de frente, *seminus*, alguns com os torsos levemente inclinados para esquerda ou direita. Eles estão de frente para espelhos e atrás de máquinas de tecnologia digital de captura de imagem.

Há sombras que delineiam as curvas dos corpos negociando com a luz, de modo suave e constante, quais superfícies vão emergir à vista e quais ficarão imersas no breu. As inclinações dos torsos *seminus* contraem alguns músculos dos abdômes, que ocupam o centro da cena: inclinações, contrações, flexões, cortes, luz e sombra produzem os corpos a partir de um centro ideal em torno do qual as linhas e volumes corpóreos se distribuem, se abrem.



Figura 24 – Man in Mirror, Justin Kim. (Fonte: Google Imagens)

Alguns deixam um dos braços alongados rentes ao corpo, enquanto que outros levam uma de suas mãos aos seus primeiros Rostos– o Rosto aqui não é o mesmo que a face, conforme mostrarei em seguida – que correspondem ao ponto médio dos corpos, em algum lugar na zona de junção dos membros inferiores com o tronco, aquilo que chamei no capítulo *Território da caça* de zona “austral” ou “meridional” dos corpos, zona essa que respalda os corpos. Todos têm ao menos um dos braços flexionados, segurando em uma de suas mãos alguma máquina de tecnologia digital de captura de imagem: essas são máquinas de fazer-olhar e de fazer-ser-visto, próteses de corpos híbridos, maquinações do olho, agenciamentos retina-lente, olhos sem Rosto. É a partir dessas máquinas que se produzem as perspectivas da cena: as máquinas de captura de

imagem estão quase sempre na altura das faces dos modelos (a face é a parte da frente das cabeças, nossos segundos Rostos) ou na altura de seus ombros e, de maneira desafiante, têm suas lentes focadas em nós, os espectadores²⁵. “Acolhidos sob esse olhar, somos por ele expulsos, substituídos por aquilo que desde sempre estava lá, antes de nós: o próprio modelo” (FOUCAULT, 1999, p. 5). Não somos nós que aparecemos capturados pela imagem – ou deveríamos ser?



Figura 25 – O reflexo especular do homem. (Fonte: The Little Book of Big Penis, 2012, p. 26).

Mesmo que não sejamos nós, nem nossos corpos, nem nossas faces, que se fazem aparecer na imagem, não obstante somos capturados por aqueles olhos sem Rosto que miram seus focos em nós, os espectadores, que contemplamos a cena: há algo de nós nessas imagens, somos também capturados pelas máquinas de fazer-ver que “aceita[m] tantos modelos quanto espectadores lhe[s] apareçam; nesse lugar preciso mas

²⁵ Aqui, prescindirei do recurso “/a” e “/as”, para contemplar também mulheres visualizadoras das imagens. Isso porque a relação especular que pretendo analisar é precisamente aquela que instaura visualmente a forclusão do feminino nesse âmbito e, portanto, tenta tornar compulsório o gênero masculino “do espectador” das imagens.

indiferente, o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente” (FOUCAULT, 1999, p. 5). Não cabe objetar que nós vemos mais do que somos vistos: a imagem produz tanto o modelo quanto o espectador.

Algumas faces estão cortadas da imagem dos corpos-modelos dos perfis *online* do Manhunt que venho descrevendo. Não vemos essas faces porque elas habitam algum ponto exterior à imagem e que é anterior às máquinas digitais. Essas faces têm olhos que olham para algo que nós não podemos saber o que é. Contudo, podemos supor que os olhos dessas faces que nós não vemos podem nos ver; e frequentemente também veem mais toda a cena capturada: veem o que se desdobra acima, abaixo, à direita e à esquerda, à frente e atrás das dimensões da imagem. Faces mudas, externas à imagem, anteriores às máquinas digitais, que miram potencialmente tudo, a todo instante, de um lugar que não conhecemos: face “obstinadamente invisível, impede que seja alguma vez determinável ou definitivamente estabelecida a relação dos olhares” (op. cit. p. 6).

Outras faces nos encaram explicitamente, grandes olhos rostificados que se fixam em nós através da imagem capturada. Esses olhos olham para nós e, ao mesmo tempo, miram a si próprios refletidos em espelhos, como na figura 25. Tais olhos rostificados são aqueles das máquinas digitais que capturam o reflexo dos espelhos nos quais aparecem os corpos-modelo, corpos esses colocados atrás das máquinas digitais (que têm olhos sem Rosto). Nós, os espectadores, estamos em um lugar invisível, em algum lugar atrás dos espelhos, num ponto em que parece haver a confortável condição da simples observação, num ponto exterior da cena que parece nos impedir de acessá-la em sua totalidade e parece nos impedir de estarmos implicados nela, num lugar onde a linha que nos conecta aos modelos é a da relação visual com a imagem que nos é dada pelas máquinas digitais. Essas máquinas “fixa[m] atualmente um lugar que, de instante a instante, não cessa de mudar de conteúdo, de forma, de Rosto, de identidade” (op. cit.), pois elas olham permanentemente para nós, os espectadores, e nós vamos revezando-nos nessa posição com nossas milhares de faces e com nossos milhares de corpos que nunca coincidem com aqueles corpos-modelo da imagem refletidos no espelho. Talvez o primeiro Rosto dos modelos corresponda ao nosso, mas isso não é certeza. Já os modelos, os corpos-modelo, são capturados pelas máquinas digitais e pelos espelhos através da imagem de seus reflexos. Mas não o são suas faces: elas estão fora de quadro, escamoteadas do reflexo no espelho.

Enquanto espectadores, podemos estar colocados em algum lugar atrás dos espelhos. Mas devido ao jogo de olhares, somos chamados a ser também os próprios modelos. Isso porque também podemos ser capturados pelas máquinas de tecnologia digital: estamos potencialmente sob o controle constante dos seus olhos sem Rosto. Vórtices das imagens: os espelhos e as máquinas de tecnologia digital. Porque para vermos essas mesmas imagens sem as máquinas, precisaríamos estar na frente dos espelhos e atrás dos modelos (para vermos o reflexo do espelho, precisamos estar diante dele). E nesse caso, faríamos parte da imagem refletida nos espelhos, seríamos corpos disputando com os modelos pelo reflexo nos espelhos. Para vermos essas mesmas imagens sem os espelhos, precisaríamos ser os/as autores/as do registro fotográfico: nós segurariamos as máquinas digitais em nossas próprias mãos, colocando-nos atrás delas, e disparariamos o *flash* de luz sobre os corpos-modelo, produzindo um modo de olhá-los.

Se tomarmos os espectadores como estando atrás do espelho, o espelho pode significar o fechamento do processo de significação da imagem na medida em que está destinado, inexoravelmente, a capturar sempre a imagem que aí aparece refletida, e que é capturada pela máquina digital, à sua frente. O espelho pode retirar o espectador da imagem. Se tomarmos os espectadores como ocupando exatamente o lugar dos espelhos (nem atrás e nem à frente deles, mas *no lugar deles*), como ocupando o lugar para onde miram as lentes das máquinas digitais, lugar que reflete a imagem dos corpos-modelo, o processo de significação da imagem mostra sua sutil função de captura: os espectadores deveriam refletir os modelos, os corpos-modelo, tão compulsoriamente como o faz qualquer espelho. Aí o espelho adquire sua *função-espelho*, que parece relançar o espectador dentro da imagem, interpelando-o e fazendo com que o espectador mantenha uma relação com o corpo-modelo que é bastante específica. Todos os espectadores que se demoram a observar essas imagens são chamados a ocupar o lugar dos espelhos, são chamados a refletir os corpos-modelo, sendo capturados pelos olhos sem Rosto das máquinas digitais. Pelo modo de retratar os corpos que aparece nesse tipo de imagem, os espectadores das imagens são chamados a ser como os corpos-modelo.

Obedecendo a um determinado jogo, aqui é engendrada uma complexa rede de olhares subsidiada por tecnologias, espaços, corpos e subjetividades: as máquinas de tecnologia digital capturam os reflexos dos espelhos – e poderiam, potencialmente, devido à suas posições, capturar os próprios espectadores; os espectadores estão atrás

dos espelhos (talvez no lugar deles) e contemplam as imagens refletidas nele e que são capturadas pelas máquinas de tecnologia digital, que por sua vez, lhes devolvem os reflexos; os espelhos “olham” para as máquinas e para os modelos, mas não “olham” para os espectadores; os espectadores veem os modelos, mas não são vistos por eles; os espectadores veem as máquinas digitais; os modelos veem seu próprio reflexo nos espelhos, mas não veem os espectadores; as faces dos modelos veem toda a cena da imagem (a máquina digital, o espelho, a parede ou o móvel onde está o espelho, os móveis dos ambientes onde as imagens foram capturadas, as luzes que compõem as cenas), mas as faces dos modelos não são vistas nem pelas máquinas, nem pelos espelhos, nem pelos espectadores, nem pelos próprios modelos. *Todos olham para os corpos-modelos, inclusive eles próprios.*

É de dar tontura as idas, vindas, voltas e ricocheteios que os parágrafos anteriores produzem no/a leitor/a. Da mesma maneira, é de dar tontura os jogos e as artimanhas da modalidade de vínculo entre os homens habitantes do Manhunt que essa relação especular expressa: um vínculo que supõe sempre um reflexo integral do corpo-modelo, um vínculo que implica não a alteridade, mas a identidade, um vínculo que supõe e exige a imagem de si no outro. Nessa breve análise de imagens, vemos operando um modo de olhar para um determinado conjunto de corpos, dentro de certos espaços, registrados por certa classe de máquinas, visto por um determinado número e tipo de espectadores, no nosso momento histórico: hoje. O que esse modo de olhar diz do campo de inteligibilidade dentro do qual emergem os corpos no Manhunt?

Entre a presença absoluta dos corpos-modelo e a ausência absoluta da face dos corpos-modelo, há uma série de relações que abre tal modo de olhar, que vaza suas tentativas de fechamento. Esse modo de olhar se propõe a dizer algo, se propõe a dar a conhecer algo: os corpos que param à sua frente são corpos-currículo, é bem possível, mas também são algo mais que isso. Esse modo de olhar, que existe em um conjunto emblemático de imagens publicadas nos perfis *online* do Manhunt, também dá a conhecer uma modalidade exemplar de relações criadas entre os homens habitantes do *site*. É uma relação quase-narcísica em que esses homens dizem buscar outros homens que com eles se pareçam, tal como um reflexo especular. O(s) outro(s) que muitos homens habitantes do Manhunt dizem buscar no *site* parece ser o si mesmo representado no(s) outro(s), o si mesmo como condição de emergência do(s) outro(s) como alguém visível. É o que aparece nos trechos de textos escritos de perfis *online* a seguir:

Sou um cara tranquilo [...] procurando outros [...] para bons tempos de putaria e cumplicidades sexuais entre machos. De preferência procuro machos que curtam putaria sem frescuras como eu também curto [...].

*

Cuido do corpo e procuro homens machos entre 28 e 46 anos, como eu. Busco: *cara autêntico, equilibrado, objetivo, saudável mental e fisicamente, másculo com postura e conduta masculina. [...] Dispensar: *Quem se diz “discreto”, pois apenas disfarça o que é na verdade; *Passivões que se dizem versáteis para aparentar masculinidade; *Casados, enrolados e quem diz ter namorada ou noiva pra vender uma imagem de que é macho. [...]

*

Quero conhecer alguém com as mesmas características que eu para ver o que pode rolar.

*

Busco alguém parecido comigo, mesmo nível cultural, afinidades.

*

Procuro caras com perfil e jeito semelhante ao meu.

*

Sou honesto, bacana, aberto a uma relação mais séria com outro cara homem, macho como eu.

*

Nada contra (questão de gosto mesmo), mas prefiro os caras masculinos igual a mim.

*

CARA JOVEM ATLETA MACHO QUE SÓ CURTE OUTROS MACHOS.

*

PROCURO HOMENS [...] DE COMPORTAMENTO HÉTERO, COMO EU.

*

Antes de você me escrever verifique se você tem pelo menos um desses quesitos: BOM SENSO, DICIONÁRIO, RESPEITO, ESPELHO.

*

Eu me vejo de um jeito diferente do jeito que você me vê. Portanto, sou aquilo que seu olhar permitir que você descubra sobre mim, caso queira me conhecer.

E, como refere esse último trecho de perfil *online*, é precisamente o olhar de quem vê que permite e impede algumas descobertas e vínculos possíveis sobre o(s) outro(s). Esse olhar de quem vê está reduzido e encarcerado pelo modo de olhar especular expresso na função-espelho. A captura aí existente é aquela que quer preservar a coerência entre sexo e gênero, coerência essa que é coercitiva e reiteradamente imposta pela matriz heterossexual. É isso que se lê em vários trechos de perfis *online* em que os homens habitantes do Manhunt descrevem o(s) outro(s) que buscam através do *site* como “homens machos másculos”. Se o espelho é um requisito básico, ele significa um princípio de reflexo em que o(s) outro(s) só passa a existir se coincidir com aquilo que está refletido no espelho: que esse(s) outro(s) talvez tenha o mesmo corpo, mas que, sobretudo, seja tão “homem macho másculo” quanto aquele que posa em frente ao espelho.

As fotografias de corpos refletidos na superfície de espelhos não são apenas um tipo de imagem mais ou menos recorrente que é publicada nos perfis *online* do Manhunt: elas exprimem um modo de olhar a si próprio, um modo de se exibir e, mais que isso, exprimem também um modo de olhar para o(s) outro(s) e um modo de se relacionar com o(s) outro(s). Tal modo de se relacionar com o(s) outro(s) parece ser exemplar e constituinte da disponibilidade virtual para o vínculo entre os homens habitantes do *site*. Esse também é um modo de fazer aparecer os corpos dentro do regime de visualidade do Manhunt que igualmente delimita o campo de inteligibilidade que lhe subjaz: esses são corpos sexuados e generificados em consonância com a matriz heterossexual, e qualquer ruptura com tal matriz será razão para forclusão. Eis a razão pela qual a função-espelho tem uma dimensão de captura. O homem do País de Marlboro só enxerga e só convive com outros homens que lhe são idênticos. É uma relação quase-narcísica, que só não é totalmente narcísica porque muitos homens não retratam nem publicam suas faces, e aí falta ao Narciso precisamente a parte de seu corpo pela qual ele se apaixona no reflexo na lâmina de água do lago – esse tópico será analisado de maneira aprofundada no capítulo seguinte.

Lembremos: as faces dos corpos-modelos jamais são vistas. Não obstante, supomos essas faces sempre ali presentes, pairando fora das imagens, prometendo olhar

para nós – ou nos ameaçando, sinalizando algum perigo em olhar diretamente para elas. É que as faces dos corpos-modelo, as partes da frente de suas cabeças, não coincidem com seus Rostos: “a subjetivação não existe sem um buraco negro onde aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias” (DELEUZE & GUATTARI, 2008, p. 31). Os Rostos dos corpos podem ser vários, pois “a mão, o seio, o ventre, o pênis e a vagina, a coxa, a perna e o pé serão rostificados” (op. cit., p. 35). O Rosto de um corpo, ou o Rosto de vários corpos (vários corpos podem ter um só Rosto), o Rosto de uma geração ou o Rosto de uma época, só surge quando há a formação de um buraco negro que a tudo suga e envolve: “o rosto é um mapa, mesmo se aplicado sobre um volume [como o corpo], envolvendo-o, mesmo se cercado e margeando cavidades que não existem mais senão como buracos” (op. cit., acréscimo nosso). Daí que os modelos, ao levarem as mãos às suas regiões genitais, que chamei aqui de zonas “austrais” ou “meridionais” que respaldam os corpos, também levam a mão a um de seus Rostos: exatamente o *Rosto de seu gênero*, o Rosto que permite e legitima a inteligibilidade desses corpos, conforme mostrarei nas duas seções a seguir. Os corpos-modelos não têm face, não dão a ver suas faces; contudo, os corpos-modelos têm um Rosto, que é forçosamente reivindicado porque lhes garante inteligibilidade.

Quero alguém que saiba ser discreto na rua e agir como homem entre quatro paredes.

*

[Sou] Um cara tranquilo e discreto que curte outros caras tranquilos e discretos.

*

Sou um cara tranquilo, reservado, discreto e bem resolvido. Procuo alguém semelhante.

*

SOU HOMEM MESMO E SÓ CURTO CABRAS MÁSCULOS.

*

Dispenso afeminados, somente curto caras másculos e discretos como eu.

É curioso de notar que os pênis dos corpos desses “homens macho másculos” não necessariamente aparecem nas fotografias de reflexos especulares. Imagens dos pênis dos corpos, às vezes em foco, são efetivamente publicadas, mas em outros tipos

de fotografias dos perfis *online* – e essas serão analisadas na próxima seção. Aqui, nas fotografias de reflexos de espelhos, é importante notar que a ausência dos pênis nessas imagens não implica no desaparecimento do Rosto de gênero: os abdômes, os peitorais, os braços dos corpos-modelo são também rostificados pelo seu gênero, da mesma forma como acontecia com os corpos dos modelos publicados nas imagens das capas do *site*. Os abdômes, os peitorais, os braços dos corpos refletidos nos espelhos, mesmo sem mostrar seus pênis, são também envolvidos e açambarcados pela inteligibilidade de seu gênero. O pênis, eu diria, é o ponto denso do sexo de macho dos corpos-modelo; porém, todo o resto dos corpos está também envolvido pela inteligibilidade do gênero masculino. O Rosto do gênero encapsula o corpo tornando-o inteligível. Isso acontece porque “quando o corpo, incluindo a cabeça, se encontra descodificado e deve ser *sobrecodificado* por algo que denominaremos Rosto” (DELEUZE & GUATTARI, 2008, p. 35). Todas as partes dos corpos deverão passar pelo buraco negro do Rosto do gênero, sendo por ele *sobrecodificadas*. O que vale ressaltar aqui é que o Rosto do gênero não está, nunca, para sempre definido ou completo, e que sua coerência é coercitivamente imposta. A rostificação da integralidade do corpo pelo gênero masculino somente acontecerá através da forclusão da feminilidade – forclusão essa que produzirá uma imensa fenda, lacuna ou vazio na rostificação do gênero masculino.

Então “talvez valha a pena fixar de vez a identidade das personagens presentes ou indicadas” (FOUCAULT, 1999, p. 11) nas imagens, sem que nos prolonguemos demasiado nesse jogo de reflexos e capturas que pode seguir ao infinito. Também é preciso tentar escapar da cilada de tentar definir o que caracteriza a rostificação do gênero masculino, como aparecem nos trechos trazidos. Por outro lado, é importante perseguir as margens do buraco negro do gênero, que tudo fixa em seu interior, mencionando os corpos que convergem para ele e os que dele escapam, mapeando os modos de sutura que pregam nos corpos aquilo que eles serão (muito antes de eles próprios desejarem ser): “machos” e “masculinos”.

Nessa direção, poderíamos dizer que as imagens recriadas aqui através da figura 25 são fotografias digitais tiradas de corpos de homens, e que esses textos são trechos de perfis *online* desses homens. Poderíamos dizer que esses homens publicam tais fotografias e tais textos em seus perfis *online* em um *site* de relacionamento chamado Manhunt que existe na rede mundial que conecta computadores de todo mundo, e que essas fotografias e esses textos tentam definir os homens usuários do *site* ou tentam

descrevê-los e apresentá-los a outros homens que também usam o *site*. Poderíamos dizer que nesse processo são usadas câmeras fotográficas digitais, através das quais é possível capturar imagens e transferi-las para um computador, e que neles é possível editá-las e publicá-las, desde haja conexão com a internet. Paralelamente, na tentativa de definir os homens que “caçam” outros homens na internet e através de *sites* como o Manhunt, publicando na rede mundial de computadores textos e imagens que descrevem e exibem seus corpos com o objetivo de se aproximarem de outros homens, poderíamos dizer que esses se tratam de “homossexuais” ou homens gays. Eles podem ser assim definidos porque buscam parceiros afetivo-sexuais do “mesmo sexo”. Desse modo, também poderíamos definir os espectadores das imagens como sendo homens gays. Aliás, poderíamos definir o próprio Manhunt como um *site* gay, feito para e por homens gays.

Mas todas essas palavras definidoras e definitivas multiplicam perguntas sobre elas próprias, sobre as imagens, textos e pessoas que elas tentam definir. Qual é a especificidade de um corpo de homem? Qual é a especificidade de um corpo de homem gay? O que é um homem gay? O que é o “sexo do corpo”? Como definir “o mesmo sexo”? Como reconhecer nesses corpos seus gêneros e suas sexualidades? Qual a qualidade das conexões estabelecidas entre os computadores, ou entre os sujeitos que animam os computadores? No que a imagem de um corpo se diferencia do corpo em si? No que implica a captura de uma imagem do corpo sem publicá-la, e no que implica a captura da imagem do corpo com o objetivo de publicação? O que é um *site* de relacionamentos? Qual a particularidade de um *site* de relacionamentos gay? Quais homens gays podem “caçar” que outros homens gays – ou todos estão habilitados, pela terminologia que lhes é atribuída, a se caçarem mútua e livremente? Todo homem que for espectador de uma imagem do corpo de outro homem será compulsoriamente considerado como – ou suspeito de ser – gay? Se sim, por quê? Se não, quais as condições e circunstâncias que marcam um homem como sendo gay?

Essas perguntas não servem como questões a serem respondidas ao longo deste capítulo, mas mostram que por mais que a palavra tenha vontade de definição de um significado, ela sempre traz consigo um vazamento, um adiamento em relação àquilo que pretende definir. E, também, é preciso assinalar a irredutibilidade entre palavra e imagem, isto é, que palavras não se reduzem a imagens, nem que imagens fazem aparecer o que as palavras dizem; e mesmo que palavras e imagens mencionem ou

remetam umas às outras, as relações que se estabelecem entre ambas são mais complexas e heterogêneas que a simples correspondência.

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. Ora, o nome próprio, nesse jogo, não passa de um artifício: permite mostrar com o dedo, quer dizer, fazer passar sub-repticiamente do espaço onde se fala para o espaço onde se olha, isto é, ajustá-los comodamente um sobre o outro como se fossem adequados. (FOUCAULT, 1999, p. 12).

O que se mostra nas imagens dos perfis *online* jamais se aloja plenamente naquilo que se diz de tal imagem, de modo que a própria relação quase-narcísica e especular que se tenta estabelecer entre os homens habitantes do Manhunt – em que o(s) outro(s) somente passa a existir quando se torna um reflexo idêntico do corpo-modelo – seja através de imagens como através de textos, essa é uma relação que está sempre indefinida e, em certa medida, esvaziada. Há uma ausência constante nas palavras, da mesma forma com que há uma ausência naquelas imagens – as faces dos corpos-modelo estão fora do quadro das fotografias – e uma ausência nesses corpos – eles só são inteligíveis como masculinos porque forcluem a feminilidade. Mas tais ausências dão o que dizer e proliferam as possibilidades de dizê-lo – as faces não estão aí, mas os Rostos do gênero masculino estão, pulsam e vibram, buracos negros que a tudo significam e que expulsam mais-que-violentamente qualquer traço de feminilidade. Um dos homens publica em seu perfil: “(...) prezo pela masculinidade sempre! Não me atraio por afeminados e nem nada que lembre feminilidade (nada contra mesmo, pessoal, é apenas uma questão de atração física)”.

É preciso sublinhar que o campo de inteligibilidade que permite a exposição dos corpos coerentemente sexados e generificados também atua na produção do desejo sexual que se dirige exclusivamente aos “homens machos másculos” do Manhunt. Assim como o homem que publicou em seu perfil o trecho acima, outros homens também usam da mesma estratégia em seu perfil para dizer de seu desejo sexual, expressa na fórmula “não tenho nada contra ... só não sinto atração”, sinalizando a impossibilidade de atração física por homens afeminados.

Não curto afeminados, nada contra, somente estou dizendo o que busco.

*

Não sou nada afeminado, porém não tenho nada contra quem seja, apenas não curto.

*

Não curto afeminados (...) não é preconceito... é questão que não me dá tesão.

*

Não curto (...) caras afeminados (...) tudo uma questão de tesão, que não tenho por essas pessoas.

*

NÃO SOU AFEMINADO E TAMBÉM NÃO CURTO CARAS ASSIM... [NADA CONTRA, MAS NÃO ME EXCITAM].

*

Descarto: (...) afeminados (Não tenho preconceitos, só não rola tesão...)

*

NÃO CURTO (...) afeminados não fazem o meu gosto, sou como todos, respeito as preferências e gostaria que respeitassem as minhas, porém nada contra.

*

(Não curto afeminados, questão de gosto)

*

Nada contra os afeminados (...), mas não rola.

*

ODEIO a conversa clássica “não suporto afeminados, não sou afeminado”. (...) Vira hétero, então!

O homem que publica em seu perfil esse último trecho parece não participar da forclusão constituinte disso que poderia levar o nome de “desejo homossexual”. Com isso, sugiro que o desejo por pessoas “do mesmo sexo” só se constitui através da expulsão “do outro sexo”: eis aqui um totalitarismo do sexo coerente com o gênero, um fundamentalismo do “homem macho másculo” que, definindo a si mesmo enquanto indubitavelmente masculinizado, desejará sexualmente apenas aqueles que são “homens machos másculos” tanto quanto ele próprio, como que seu reflexo. O desejo

heterossexual é que reivindica a complementaridade dos “sexos opostos”, como que em um encaixe “natural”, e é precisamente essa aparência de naturalidade, que é ensejada pela matriz heterossexual, que impõe coercitivamente a coerência relacional entre os sexos e os gêneros e impõe, também, a inteligibilidade dos corpos.

Na mesma direção, a matriz heterossexual oferece o campo dentro do qual o desejo homossexual pode ser definido como “o desejo pelo mesmo sexo”. Pois desejo homossexual requer e exige uma identidade tirânica entre o corpo desejante (de “homem macho másculo” coerentemente sexuado e generificado) e o corpo desejado (também de “homem macho másculo” coerentemente sexuado e generificado). Essa identidade do desejo homossexual é tirânica porque somente pode emergir mediante a forclusão do “sexo oposto”, do “sexo que não é o mesmo”. Aqueles corpos que escapam dessa relação especular, que demanda desejos sexuais que se espelham mutuamente nos termos da coerência de sexo (“macho”) e gênero (“másculos”), caem fora não apenas do “tesão” ou da “atração física”: no limite, aqueles corpos caem fora do próprio campo de inteligibilidade dentro do qual um corpo pode se tornar desejável, também caem fora do campo em que corpo é considerado corpo, propriamente. O “homem macho másculo”, o genuíno homem do País de Marlboro, existe graças a um fundamentalismo de gênero que só emerge apoiando-se na forclusão da feminilidade.

A estratégia do “nada contra ... só não sinto atração” procura absolver aqueles homens que a empregam, simplesmente mencionando uma preferência da ordem do desejo e da atração física. Truque formidável: os homens afeminados, além de não serem corpos desejáveis, são também expulsos das possibilidades de vínculos de namoro e de amizade que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos a construir. No próximo capítulo, *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*, farei mais clara essa asserção. Neste momento, é preciso sublinhar que a estratégia acima referida é profundamente falaciosa, pois os homens afeminados não são apenas expulsos enquanto objeto de desejo sexual, como também não se tornam objeto de desejo romântico nem de desejo fraternal. Os homens habitantes do Manhunt têm tudo contra os homens afeminados: não os querem como parceiros sexuais, nem como parceiros afetivos, nem como amigos. Algo que posa apenas e tão somente como uma “preferência” da ordem do “prazer” e da “atração” é, de fato, a extensão mais sutil da forclusão da feminilidade, impedida de existir em quaisquer modos de expressão.

A relação especular, portanto, é mais do que apenas um modo de retratar os corpos que vejo publicados em fotografias nos perfis *online* do Manhunt. As fotografias de corpos refletidos no espelho são também uma metáfora para entendermos o princípio quase-narcísico de busca de outro(s) indivíduo(s) que somente passam a existir enquanto reflexo, e também nos permite perceber a identidade tirânica e totalitária de uma forma de desejo sexual pelo “mesmo sexo”. Ao contrário do personagem Orlando, homem que se transforma em mulher no romance homônimo de Virgínia Woolf – cujo trecho emblemático serve de epígrafe deste capítulo –, no âmbito do Manhunt quaisquer “mudanças de sexo” implicam em uma profunda e decisiva mudança de identidade: se, para Orlando, seu rosto permanece o mesmo após a transformação do homem em mulher, para os homens habitantes do Manhunt tal cruzamento das fronteiras de gênero é fortemente negado precisamente porque seus efeitos alteram de maneira radical a inteligibilidade produzida pelo Rosto de gênero.

Assim, aquele que aí se crê representado plenamente, nas palavras e nas imagens dos perfis *online*; aquele que aí se vê e que aí se retrata, cujas imagens e palavras prometem dizer dele próprio; aquele que se reconhece no espelho e que se pensa autor da imagem capturada pela máquina digital; aquele que exhibe seu corpo através de imagens, e que em seguida usa as palavras para definir seu corpo; aquele que só vê o si mesmo representado no outro através da clausura de qualquer alteridade no princípio de identidade especular; “aquele para quem a representação existe, e que nela representa a si mesmo, aí se reconhecendo por imagem ou por reflexo, aquele que trama todos os fios entrecruzados da ‘representação em quadro’” sugere Foucault, “*esse jamais se encontra lá presente*” (FOUCAULT, 1999, p. 424-423, grifo nosso). Portanto, a tentativa de forjar isso que poderíamos chamar de representação

intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos, com suas imagens, os olhares aos quais ela se oferece, os Rostos que torna visíveis, os gestos que faz nascer. Mas aí, nessa dispersão que ela reúne e exhibe em conjunto, por todas as partes um vazio essencial é indicado: o desaparecimento necessário daquilo que funda – daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo – que é o mesmo – foi elidido. (op. cit., p. 20-21).

Foucault obviamente não falava, nesse trecho, da constituição do “macho absoluto” do Manhunt, aquele que fotografa a si próprio refletido no espelho e que deseja encontrar outros homens tão “absolutos” quanto ele próprio através do *site*. Foucault indicava a impossibilidade d’O Homem ser o sujeito fundador de todo o saber

moderno Ocidental, saber esse que versa precisamente sobre seu autor: esse Homem, universal e consciente de si, que tenta representar-se através do conhecimento da sua língua (linguística), de seu trabalho (economia política) e da sua materialidade orgânica (biologia). Segundo Foucault, o conhecimento das “ciências do homem”, produzido pelo próprio Homem, só existe graças ao “desaparecimento necessário daquilo que funda”: o sujeito-objeto do conhecimento da ciência (DELEUZE, 2006, p. 123).

Aqui, eu tento torcer levemente esse emprego da “analítica da finitude” (op. cit., p. 125) do sujeito-objeto universal e consciente de si para sugerir a finitude do “homem macho e másculo” que povoa os perfis *online* do Manhunt. Eu sugiro que o modo de olhar e de se exibir expresso na relação especular, ou seja, nas fotografias de reflexos dos corpos em espelhos, pode servir como ferramenta para entendermos um tipo de vínculo que surge entre os homens habitantes do *site*: aquele vínculo que busca “o mesmo sexo”, o gênero idêntico, que busca a representação de si no(s) outro(s), e que por isso toma a si mesmo como medida de qualquer relação. Contudo, o “homem macho másculo” nunca está plenamente representado no espelho: a finitude do “homem macho másculo”, do homem do País de Marlboro, é-lhe outorgada a partir do momento em que, para constituir-se, esse “homem” precisa valer-se da expulsão mais-que-violenta de qualquer traço de feminilidade, tida como insuportável. Assim, o “homem macho másculo” depende não apenas do espelho para emergir e para afirmar-se: se ele precisa forcluir a feminilidade, expulsa como abjeção, ele só pode emergir e afirmar-se mediante sua ausência, mediante o vazio da sua ausência. Essa é a imensa falta, a imensa ausência dos perfis do Manhunt, falta e ausência essas que impedem qualquer “absolutismo” da presença e da existência do “homem macho másculo”, tão viril e também tão ameaçado.

4.2. Corpos do avesso I – a presença através da “falta”

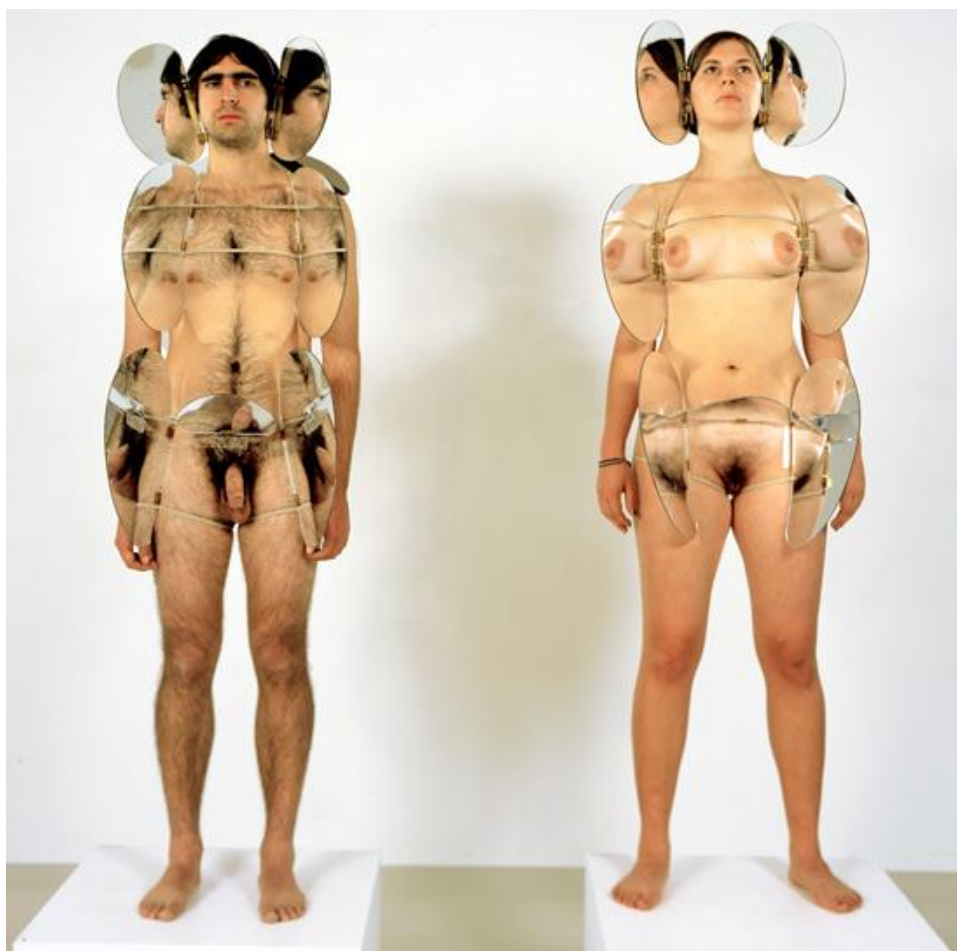


Figura 26 – Mirror Costume, Bohyun Yoon. (Fonte: Google Imagens).

A imagem especular constitui o regime de visualidade discutido no capítulo *Mercado da Carne: caçadores de corpos*, pois fotografias de corpos refletidos em espelhos são emblemáticas entre as imagens publicadas nos perfis *online*. Além disso, as imagens de reflexos de espelhos também extrapolam aquilo que se exhibe e que se mostra, sendo também exemplares do campo de inteligibilidade dos corpos que aí aparecem: esses são corpos coerentemente sexuados e generificados de acordo com a matriz heterossexual, marcados integralmente pelo Rosto de seu gênero coerente, que somente reconhecem o(s) outro(s) quando esse aparece com o Rosto de gênero coerente como se reflexo fosse – algo parecido com aquilo que sugere a obra “*Mirror Costume*”, da figura 26. Ainda, as fotografias de corpos refletidos em espelhos também expressam a relação quase-narcísica que os homens habitantes do Manhunt estabelecem uns com os outros, pois podemos também entender que tais imagens atestam um vínculo interessado em preservar como importante apenas aquele corpo que posa em frente ao

espelho. O(s) outro(s) deixa de existir enquanto alteridade radical e passa a fazer sentido apenas enquanto o reflexo daquele que posa em frente ao espelho – pois “Narciso acha feio o que não é espelho”. Tal como em “*Mirror Costume*”, o corpo e o desejo sexual se fecham em reflexos do “mesmo sexo” e do gênero idêntico, condições essas imprescindíveis para a inteligibilidade do(s) outro(s) no contexto do Manhunt.

Ainda há mais um tipo de imagem emblemática nas fotografias dos perfis *online* do Manhunt. Na próxima seção, apresentarei imagens que procuram trazer para dentro das análises precisamente aquilo que é expulso das fotografias publicadas nos perfis do *site*, aquilo que não aparece (que não pode aparecer) nas fotografias *online* dos homens habitantes do Manhunt. É como se, nas próximas imagens, eu trouxesse o filme negativo do que encontro nos perfis. Esmiuçarei, assim, as discussões acerca de sexo e gênero dos corpos enquanto condições para a inteligibilidade dos corpos que emergem dentro do regime de visualidade do *site*.



Figura 27 – Mister 2005, Loren Cameron. (Fonte: Google Imagens).

O que vemos, o que esperamos ver e o que deixamos de ver no corpo da figura anterior? “O momento em que as percepções culturais sensatas e usuais de alguém falham, quando esse alguém não pode ler com certeza o corpo que vê”, sugere Judith Butler, é “precisamente o momento quando alguém não está mais certo se o corpo

encontrado é de um homem ou de uma mulher. A própria vacilação entre as categorias constitui a experiência do corpo em questão” (BUTLER, 2008a, p. xxiv). Eu tomo “a experiência do corpo em questão” tanto como aquela experiência do/a visualizador/a das imagens dos perfis no Manhunt – ou do/a visualizador/a das imagens que trago nesta seção – quanto do publicador das fotografias colocadas nos perfis *online* que tenho arquivados. Assim, eu me volto para as formas de funcionamento do campo de inteligibilidade que permitem que alguns corpos (os que-importam e os anticorpos) apareçam no regime de visualidade das imagens publicadas nos perfis *online* do *site*.

Portanto, trata-se de indicar quais são os atributos, características ou imagens adequadas de homens que existem dentro do regime de visualidade do Manhunt como parte importante de análise – algo que, em parte, já fiz no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*. Também é preciso mostrar o gênero masculino como algo construído cultural e politicamente através de práticas que são incorporadas, de forma literal, e que acabam sendo mostradas em imagens nos perfis *online*. Mas é preciso ir além e tentar sublinhar que os diferentes modos de construção de gênero se fazem mediante tentativas de expulsão mais-que-violenta daquilo e daqueles que ameaçam sua coerência, pois a construção de gênero que busca a estabilidade da coerência entre sexo-gênero-sexualidade funciona também para perfazer a inteligibilidade cultural e política de humanidade. Uma vez perturbadas a coerência e a estabilidade do gênero, seja por experiências sexuais ou pela anatomia do sexo, é a própria humanidade dos indivíduos que é posta em xeque.

Butler sugere que “para que o gênero seja regulado, não se trata simplesmente que o gênero apareça sob a força exterior de uma regulação” (BUTLER, 2004, p. 40). Por isso, não se trata de entender o gênero como se ele existisse antes da sua regulação, que lhe seria imposta através de vários meios e mecanismos de um poder mais amplo (op. cit.). A autora se pergunta, já sugerindo uma possível resposta: “existe um gênero que preexista a sua regulação, ou é o caso de, em sendo sujeito à regulação, o sujeito generificado emerge, produzido na e através dessa forma particular de sujeição?” (BUTLER, 2004, p. 41). “Não é a sujeição o processo pelo qual as regulações produzem o gênero?” (op. cit.).

O que Butler formula, assim, é uma concepção de gênero que “requer e institui seu próprio regime disciplinar e regulatório característico” (op. cit.), escapando da ideia

de que gênero seria mais uma modalidade, entre outras, de operação regulatória de um poder mais amplo sobre os corpos. A autora está preocupada em circunscrever o conceito de gênero como uma norma que funciona de modo compulsório e que demanda, simultaneamente, uma incorporação. Butler pensa gênero como uma norma que governa a inteligibilidade do corpo, inteligibilidade essa que será reiterada e retomada, de maneira altamente regulada, através do tempo em atos performativos definidos como “femininos” e “masculinos” e que será, igualmente, o princípio de humanidade dos indivíduos. “A norma governa a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações se tornem reconhecíveis como tais”, ao mesmo tempo em que impõe “uma grade de legibilidade sobre o social e [define] os parâmetros do que aparecerá e do que não aparecerá dentro do domínio do social” (BUTLER, 2004, p. 42).

Reivindicar que gênero é uma norma não é exatamente o mesmo que dizer que existem perspectivas normativas de feminilidade e de masculinidade, apesar de tais perspectivas normativas claramente existirem. Gênero não é exatamente o que alguém “é”, nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o dispositivo através do qual a produção e a normalização do masculino e do feminino tomam lugar junto de intersticiais formas hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume. Assumir que gênero sempre e exclusivamente significa a matriz de “masculino” e “feminino” é precisamente perder o ponto crítico de que essa produção do binário coerente é contingente, que ela vem a um custo, e que aquelas permutações de gênero que não se encaixam no binário são tão parte do gênero quanto o são suas mais normativas instâncias. Fundir a definição de gênero com sua expressão normativa é reconsolidar normativamente o poder da norma em constranger a definição de gênero. Gênero é o mecanismo através do qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o dispositivo através do qual tais termos são desconstruídos e desnaturalizados. (op. cit.).

Assim, gênero é “a forma de um poder social que produz o campo inteligível dos sujeitos, e [é] um dispositivo através do qual o binarismo de gênero é instituído” (op. cit., p. 48). É por essa razão que procuro distinguir o regime de visualidade e o campo de inteligibilidade dos corpos no *Manhunt*: o primeiro é um regime dentro do qual os corpos-que-importam e os anticorpos são vistos, exibidos e mostrados, ora mediante a coação a aparecer, ora mediante a coação a se esconder. Esse regime de visualidade respeita a inteligibilidade dos corpos (dos que-importam e dos anticorpos), funciona graças a ela e atua no seu reforço, não se contrapõe a ela, nem a desafia: os corpos vistos e os corpos coagidos a se esconder são ambos inteligíveis para esse regime de visualidade. Pois os anticorpos são tanto coagidos a se esconder pela maioria dos homens habitantes do *Manhunt* quanto podem igualmente ser objeto de desejo por alguns outros poucos homens, como mostrei no capítulo *Mercado da Carne: os*

caçadores de corpos. Há também aqueles poucos homens que se “confessam” enquanto anticorpos, “avisando” aos demais que são obesos, fracos, não-brancos ou envelhecidos. Porém, em nenhum dos mais de trezentos perfis *online* arquivados eu li alguma “confissão” do tipo “aviso a todos: sou afeminado”; em nenhum dos mais de trezentos perfis *online* arquivados eu li algum texto do tipo “procuro por afeminados”. Isso excede o campo de inteligibilidade no qual se fazem inteligíveis tanto os corpos-que-importam quanto os anticorpos dentro do Manhunt. A afeminação é da ordem do insuportável nesse território e é sempre mencionada como algo que é objeto de uma expulsão mais-que-violenta: a afeminação é uma completa abjeção no País de Marlboro.

É preciso, contudo, mencionar que durante uma primeira incursão no Manhunt para explorar o *site* e observar perfis, fotografias e imagens, ainda antes da redação do Projeto de Tese em 2011, tive a oportunidade de arquivar o perfil de um homem que se apresentava como alguém que gostava de praticar sexo vestindo calcinhas. Nas imagens do perfil, aparecia o reflexo no espelho do corpo de um homem musculoso, de pele negra, vestindo uma calcinha rosa. Aqui, esse tipo de imagem se constituiria em um contraponto, ou um vazamento, à forclusão reiterada da feminilidade no âmbito do Manhunt. Entretanto, penso ser importante mencionar que durante o campo de pesquisa, ao longo do ano de 2011, não verifiquei nenhum tipo de imagem parecida com essa entre os 302 perfis arquivados – e acredito que esse “desaparecimento” seja um dos efeitos da expulsão mais-que-violenta de qualquer traço do gênero feminino no âmbito do *site*.

A imagem do corpo de Loren Cameron, conforme mostrado na figura 27, seria (quase) perfeitamente cabível dentro do regime de visualidade do Manhunt. O corpo de Loren Cameron tem (quase) tudo para ser um corpo que importa no Manhunt: é forte, é musculoso, é jovem, é branco, é viril, é masculinizado, marcado artisticamente com grandes tatuagens, fazendo pose de força que adensa os músculos que pesam na imagem. Esse seria um corpo desejado e desejável pela maioria dos homens do Manhunt, pois esses homens desejam poses masculinas e masculinizantes, corpos viris e virilizados, “atitudes de macho”, músculos densos envolvidos por peles brancas que deixam entrever a “definição” dos músculos sem camadas de gordura, como alguns escrevem em seus perfis. É possível supor que a imagem do corpo de Loren Cameron traz a reboque todas as características desejadas e desejáveis para um homem fazer-se “homem”. Tem-se aí um corpo viril, masculinizado, como aqueles que importam no

site: o desejo de homens por outros homens é precisamente a ênfase em “atitudes masculinas”, algo que a pose performática de Loren Cameron encarna e incorpora naquela imagem.

Entretanto, esse corpo extrapola o campo de inteligibilidade dos corpos, pois há aí algo que embaralha a coerência estável entre seu sexo, seu gênero e, talvez, sua sexualidade. Nesse corpo não há um pênis, há uma vagina. E os homens habitantes do Manhunt também desejam um pênis anexado a um corpo de homem, além de “atitudes masculinas”; um pênis de preferência robusto e forte, longo e grosso, que sature o olhar de quem o olha tanto quanto o corpo-que-importa masculinizado: um pênis-que-importa. Entretanto, um pênis-que-importa no corpo de uma travesti, por exemplo, também não é aquilo que é desejado e desejável por esses homens. Como aponta Larissa Pelúcio (2010, p. 77), “as pessoas, em geral, no Brasil não conseguem definir o que seria de fato ser travesti. Essa dificuldade em localizá-las em uma definição segura de gênero e de orientação sexual e as faz fascinantes e perigosas”, isso porque a existência de corpos como os das travestis encarnam “o fato de não atender às expectativas do binarismo de gênero” (op. cit., p. 76). Por sua posição ambígua em relação ao binarismo de gênero, Pelúcio diz que a indeterminação (de gênero) das travestis “é sempre entendida como perigo” (op. cit.), estando elas sujeitas à violência – talvez uma violência bastante próxima àquela que menciono aqui como forclusão.

Os homens habitantes do Manhunt não desejam apenas “atitudes masculinas” em um corpo de homem, nem apenas um pênis em um corpo de macho. Pois, se assim fosse, o corpo de Loren Cameron seria desejado e desejável tanto quanto o corpo de uma travesti bem dotada – algo no qual apostam as travestis que se prostituem na Europa, “esse sexo excepcional, isto é, com alguém que pode oferecer pênis e peito, ativo e passivo, o ânus, como um luxo que romperia a medida dada pelo sexo ‘natural’, heterossexual e procriativo” (PELÚCIO, 2011, p. 84). Não há sinais, porém, de nenhum desejo relacionado a esse “sexo excepcional” entre os homens habitantes do Manhunt. O que esses homens desejam, o que eles buscam, o que eles valorizam e o que constitui o cerne do seu “desejo pelo mesmo sexo” é a relação estável, porém contingente, de coerência que se estabelece forçosamente entre sexo (macho) e gênero (masculino) e mais todas as “atitudes de macho” que estão ligadas a essa coerência contingente, que a reforça e que a polízia, que perfazem, encarnam e incorporam o “homem macho másculo” do País de Marlboro.

É por essa razão que gênero precisa ser entendido aqui como a norma que governa a inteligibilidade dos corpos. Gênero também regula a inteligibilidade do desejo sexual dos homens habitantes do Manhunt. A linha coerente que conecta os pênis dos corpos, as marcas masculinizantes dos corpos, as “atitudes masculinas” dos homens e o desejo sexual pelo “mesmo sexo” é uma produção do gênero, um mecanismo que forçosamente naturaliza essa linha coerente e que faz dela um princípio de inteligibilidade para os corpos e para os indivíduos. Os corpos inteligíveis são aqueles que exibem seus pênis através de imagens, mas que também exibem (incessantemente, através de poses) traços masculinizantes de seus corpos. Quaisquer incoerências ou descontinuidades nessa linha – aliás possibilitadas pelo mesmo dispositivo que enseja sua coerência e continuidade – serão sujeitas à forclusão, à expulsão mais-que-violenta sugerida no início deste capítulo. Uma dessas incoerências, contudo, é precisamente um desejo sexual que não é heterossexual: o desejo pelo “mesmo sexo”, o prazer através de práticas não procriativas. Daí que os homens habitantes do Manhunt já estão, de antemão, perturbando a linha supostamente estável e coerente entre sexo (macho), gênero (masculino) e sexualidade (supostamente heterossexual).

É assim que procuro abordar as condições de exibição de imagens e referências nos textos dos pênis dos corpos dos homens habitantes do Manhunt em seus perfis *online*. Estas exibições imagéticas e referências textuais não são exatamente relevantes pela sua expressão numérica, ou seja, não me refiro especificamente a um número impressionante de perfis *online* em que há pênis expostos e descritos. Eu faço a problematização da exibição e descrição do pênis baseado no número de fotografias de pênis publicadas nos perfis que arqueei, mas também baseado em pesquisas anteriores que realizei sobre relações entre homens gays na internet (ZAGO, 2006; 2009). Nessas pesquisas eu me refiro à “rostificação do pênis” (ZAGO, 2009, p. 99-100), sugerindo que a face dos corpos de muitos homens que usavam *sites* de relacionamento não era mostrada nas imagens de seus perfis, mas que seu pênis era – e de modo exaustivo. Encontrei esse modo de exibição dos corpos também em vários perfis arquivados no Manhunt na pesquisa atual.

Seria insuficiente dizer que essa porção do corpo é submetida ao “totalitarismo fotogênico” do modelo muitos-veem-muitos como o é qualquer outra parte do corpo, ou simplesmente dizer que os pênis são exibidos porque a proposta principal do *site* é a de “caça” de parceiros para práticas sexuais casuais. Não nego essas possibilidades, mas

procuro enfatizar algo que as excede e que, no limite, as constituem: o pênis se torna um referente carnal da “realidade do gênero” desses homens. O pênis precisa ser mostrado exaustivamente através das imagens, ou sugerido por elas de forma sucessiva, porque é através de imagens dos pênis que se tentará re-estabilizar certa inteligibilidade perturbada na sequência sexo-gênero-sexualidade pelas práticas sexuais entre homens que o Manhunt possibilita e nas quais seus habitantes se engajam. Além disso, um homem nu que exhibe seu pênis através de fotografias publicadas em seu perfil *online* não está totalmente nu: seu corpo está, também, integralmente “vestido” com o Rosto do seu gênero masculino, com seu sexo “macho”.



Figura 28 – O pênis de Davi. (Fonte: Google Imagens).

Procuro compreender “algo do terror e ansiedade que algumas pessoas sofrem em ‘tornar-se gay’, o medo de perder seu lugar em gênero ou de não saber quem será se dormir com alguém ostensivamente do ‘mesmo’ gênero” (BUTLER, 2008a, p. xi). Isso levanta as questões: “como práticas sexuais não normativas põem em xeque a estabilidade do gênero como categoria de análise? Como algumas práticas sexuais compelem a pergunta: o que é uma mulher, o que é um homem?” (op. cit.). Eu sugiro que essa dúvida ou suspensão da estabilidade explicativa e descritiva do gênero produzida por práticas sexuais não heterossexuais é condição para a exibição de imagens dos pênis dos homens habitantes do Manhunt em seus perfis *online*, bem como condição para afirmações de masculinidades absolutas, como até aqui já se pôde entrever. Nesse sentido, a dúvida ou suspensão da “realidade do gênero” dos homens habitantes do *site* é, ela própria, parte do campo de inteligibilidade dos seus corpos nesse contexto, e ela os ameaça de forma constante. Se a “realidade do gênero” desses corpos não estivesse suspensa, ou de certo modo comprometida, os pênis e as asserções de masculinidades absolutas não se presentificariam tão densamente através de imagens e descrições textuais nos perfis *online*. A densa presença dos pênis de corpos de “macho” através de fotografias exibidas nos perfis *online* é uma das tentativas de reconduzir o gênero masculino desses corpos à continuidade da matriz sexo-gênero-

sexualidade perturbada pelas práticas sexuais não heterossexuais nas quais se engajam os homens habitantes do Manhunt.



Figura 29 – Loren Cameron, Sword. (Fonte: Google Imagens).

As descontinuidades entre sexualidade e gênero, sobre como práticas sexuais não heterossexuais podem provocar uma desestabilização ou vacilação da coerência dos gêneros, talvez possam ser parecidas com as descontinuidades entre sexo (macho e fêmea) e gênero (masculinidade e feminilidade). Em outras palavras, questionamentos acerca de corpos sexuados, que podem não ser um terreno seguro para gêneros que lhes seriam contínuos e coerentes – como as fotografias aqui trazidas de Loren Cameron sugerem –, talvez possam se aproximar de interrogações sobre como práticas sexuais não heterossexuais podem ameaçar o gênero. Se a exibição das figuras 28 e 29 pode produzir um embaralhamento no/a visualizador/a devido à descontinuidade entre sexo e gênero naquele corpo – pois Cameron posa nu, exibindo uma vagina e, ao mesmo tempo, um corpo masculinizado que poderia bem ser o de um homem do País de Marlboro –, eu proponho que tal sensação de embaralhamento pode ser análoga àquela sensação de embaralhamento produzida pela descontinuidade entre sexualidade e gênero, em que práticas sexuais não heterossexuais, ou não normativas, na terminologia de Butler, teriam o poder de suspender a “realidade de gênero”.

É importante reiterar que as imagens usadas neste capítulo foram selecionadas por mim na tentativa de recriar modos emblemáticos através dos quais o campo de inteligibilidade dos corpos atua de forma subjacente ao regime de visualidade que funciona no âmbito dos perfis *online* do *site* Manhunt. Isso se deve, como já expliquei no capítulo *O território da caça*, a um impedimento ético de reprodução das fotografias que encontro exibidas nos perfis arquivados ao longo do desenvolvimento do campo de pesquisa. As imagens aqui trazidas, produções artísticas, fotografias de arte e campanhas publicitárias, são ferramentas possíveis que eu encontrei para tornar visíveis os modos emblemáticos de exposição dos corpos que encontro nas imagens dos perfis *online* arquivados. As imagens de produções artísticas são, no âmbito deste trabalho, instrumentos éticos de visualização daquelas outras imagens que estou impedido eticamente de mostrar.

Porém, devo sublinhar que pouco adiantaria trazer produções artísticas em que se visualizassem corpos de homens exibindo seus pênis (eretos) para tentar recriar aqui, “*ipsis litteris*”, os modos de exibição dos corpos tais quais eu os encontro nos perfis – essa seria a opção mais fácil, mais palatável e mais didática de fazer ver aquilo que eu não posso mostrar aqui: os pênis dos homens habitantes do Manhunt. Essa seria a opção que respeitaria, de forma obediente, a matriz heterossexual que impõe uma coerência entre sexo-gênero-sexualidade nos corpos, matriz essa que é exatamente o que eu procuro estranhar. Portanto, seria, sim, didático trazer produções artísticas que reproduzissem aqui imagens de corpos de homens que exibissem seus pênis de “macho” eretos, tal como os encontro nos perfis do *site*; contudo, isso seria, igualmente, repetir a operação de poder que investe os corpos e que faz do gênero a norma que governa sua inteligibilidade. Dessa forma, ao inserir imagens de Loren Cameron e de Thomas Beatie (o “homem grávido”, da figura 30), eu estou trazendo imagens de corpos que são precisamente o avesso do que eu encontro nos perfis. Isto é, o que apresento aqui é o “filme negativo” dos corpos exibidos nas imagens que encontro nos perfis. Através das imagens do corpo de Loren Cameron, por exemplo, eu tento fazer aparecer nelas uma parte dos corpos dos homens habitantes do Manhunt que está invisibilizada nessa pesquisa, e procuro fazê-la aparecer precisamente pela sua ausência no corpo de Loren Cameron: o pênis de “macho”. A ausência do pênis no corpo viril e masculinizado de Loren Cameron, portanto, tenta fazer aparecer a presença do pênis que encontro nos corpos exibidos nos perfis *online* do Manhunt.



Figura 30 – O homem grávido, Thomas Beatie.(Fonte: Google Imagens).

Entretanto, dizer que no corpo de Loren Cameron há uma ausência do pênis seria, igualmente, ser servil a um modo de ver que é ele próprio heteronormativo – freudiano na sua pior acepção. Quando olhamos um corpo como o de Loren Cameron e constatamos (como se isso fosse apenas uma constatação) que “falta” ali um pênis, nosso olhar se revela imbuído pela matriz heterossexual: o que vemos é a “falta” do pênis, mas não vemos a “presença” da vagina. Essa revelação, contudo, é também um dos motivos que me fez escolher essas imagens para aparecerem aqui: elas foram estrategicamente colocadas no contexto dessa discussão sobre corpo, gênero, sexo e sexualidade para elucidar o campo de inteligibilidade constituinte do nosso regime de visualidade, isto é, inteligibilidade que subjaz às categorias através das quais nós vemos alguns corpos e que, ao mesmo tempo, funcionam para tornar ininteligíveis alguns outros corpos.

Então, direi que a presença da vagina no corpo de Loren Cameron rompe com a presumida continuidade entre sexo-gênero-sexualidade com que nossos olhos se obcecaram em querer ver todos os demais corpos. A presença da vagina é performativa nesse contexto: ela faz aparecer os pênis que encontro exibidos nas fotografias dos perfis *online* justamente através da presença da vagina nos corpos de Loren Cameron e Thomas Beatie, trazidos aqui. E suponho que essa é uma presença subversiva nas imagens desses corpos porque a coerência sexo-gênero-sexualidade se interrompe, ou é suspensa, evidenciando a contingência das categorias através das quais olhamos, e deixamos de olhar, os corpos: nem a vagina de corpos de fêmea precisa oferecer a

garantia de feminilidade, nem corpos construídos como masculinos precisam oferecer a garantia da existência de um pênis.

Essas análises são pertinentes para mostrar a matriz heterossexual atuando como condição de inteligibilidade do regime de visualidade dos corpos, indicando o caráter desde sempre heteronormativo das categorias através das quais olhamos os corpos. Contudo, tais análises se centram nas relações de continuidade e descontinuidade entre sexo-gênero, deixando de explorar as correlações entre sexo-sexualidade e gênero-sexualidade que, na minha argumentação, são imprescindíveis para investigarmos as condições de exibição dos corpos dos homens habitantes do Manhunt. Isso acontece, em parte, porque práticas ou desejos sexuais não estão inscritos nos corpos dos mesmos modos com que estão inscritos os sexos dos/nos corpos.

Mesmo assim, experiências sexuais podem igualmente erodir definições estáveis de gênero. “A ideia de que a prática sexual tem o poder de desestabilizar o gênero (...) [procura] estabelecer a noção de que a sexualidade normativa fortifica o gênero normativo” (BUTLER, 2008a, p. xi). Assim, “sob as condições da heterossexualidade normativa, o policiamento do gênero é às vezes usado como forma de assegurar a heterossexualidade” (op. cit., p. xii). Especificamente para os homens habitantes do Manhunt, para quem a heterossexualidade normativa não se coloca como prática possível, o gênero masculino normativo é ainda reinante. Entretanto, mesmo não sendo uma prática sexual concreta para esses homens, a heterossexualidade ainda se preserva enquanto norma inteligível de gênero. A heterossexualidade pode não ser praticada, mas conserva e redobra sua força ao colocar-se como norma de inteligibilidade *inclusive* para pessoas não heterossexuais.

Seja qual for a opinião dos biólogos sobre esse assunto, encontramos, pelo menos em estado difuso, não somente na psiquiatria, na psicanálise e na psicologia, mas também na opinião corrente, a ideia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais. (...) Porém, continuamos a pensar que algumas [práticas] insultam “a verdade”: um homem “passivo”, uma mulher “viril”, pessoas do mesmo sexo que se amam. Talvez haja a disposição de admitir que isso não é um grave atentado à ordem estabelecida, porém estamos sempre prontos a acreditar que há nelas algo como um “erro”. Um erro entendido no sentido mais tradicionalmente filosófico: uma maneira de fazer que não é adequada à realidade; a irregularidade sexual é percebida, mais ou menos, como pertencendo ao mundo das quimeras. (...) Despertai, jovens, de vossos gozos ilusórios; despojai-vos de vossos disfarces e lembrai-vos de que tendes apenas um verdadeiro sexo! (...) No fundo do sexo, a verdade. (FOUCAULT, 2006a, p. 84-85).

Nosso contexto histórico, político e cultural é aquele que “introduz, organiza [a partir da sexualidade] todo um dispositivo complexo no qual se trata da constituição da individualidade, da subjetividade, em suma, a maneira pela qual nos comportamos, tomamos consciência de nós mesmos” (FOUCAULT, 2006a, 76, acréscimo nosso). Esse dispositivo tem claramente funções de produção de subjetividade e, de forma simultânea, de produção de corpos – mas não de quaisquer corpos. Esses corpos precisarão ser coerentemente sexuados, estavelmente generificados e adequadamente sexualizados, obedecendo ao princípio de coerência da sequência sexo-gênero-sexualidade. Qualquer ruptura entre qualquer um dos três termos dessa sequência provoca uma desestabilização da própria inteligibilidade dos corpos e da humanidade dos indivíduos: “como presunções sobre gênero e sexualidade normativos determinam antecipadamente o que qualificará como ‘humano’ e [vida] ‘vivível’?” (BUTLER, 2008a, p. xxiii). Por exemplo, a imagem do corpo de Thomas Beatie, transhomem grávido da figura 30, suspende a inteligibilidade da coerência estável que o dispositivo de sexualidade presume instaurar.

Esse sexo genital, porção do corpo, está, nessa perspectiva, centrado no vórtice de uma rede de significações históricas, construídas, transformado assim em categoria, expandindo seu alcance para muito além de amplexos e carícias. O sexo, dessa forma, é um significado social, o sexo-significação (...) que se institui em pedagogias sociais, na confluência de tecnologias políticas de incitação e proliferação da sexualidade. De fato, não seria o sexo um ponto biológico sobre o qual se apoiariam as diferentes práticas sexuais, *mas um agregado constituído pelo dispositivo de sexualidade, que produz e induz ao desejo do sexo.* (SWAIN, 2008, p. 394, grifo nosso).

A coerência entre os sexos, macho ou fêmea, e os gêneros, masculino ou feminino, é produto do dispositivo de sexualidade, e é nesse sentido que, ao historicizar essa tal coerência, sugere-se que ela não foi sempre e constantemente a fonte da verdade sobre nós. Thomas Laqueur (2001) mostra como as formas de compreensão das anatomias dos corpos de macho e fêmea mudaram no limiar da Modernidade. Tais compreensões passaram de um regime em que “mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa” (p. 16) para um regime, atuante até os dias de hoje, em que “não só os sexos são diferentes, como são diferentes em todo aspecto concebível do corpo e da alma, em todo o aspecto físico e moral” (op. cit., p. 17), tornando-se essencial a distinção macho ou fêmea. O que hoje vigora em nosso tempo e em nossa cultura é o que o autor chama de “dimorfismo radical, de divergência biológica” em que “[u]ma anatomia e fisiologia da incomensurabilidade substituiu uma

metafísica da hierarquia na representação da mulher com relação ao homem” (LAQUEUR, 2001, p. 17). Assim, para que um gênero exista como um gênero efetivamente legítimo, será preciso expulsar “o outro gênero”, o “sexo oposto”.

Assim, o dispositivo de sexualidade não “funda” ou “descobre” os sexos, mas, mais precisamente, estabelece um princípio de continuidade entre sexo-gênero-sexualidade que outrora não funcionava. Foucault (2012b, p. 151-152) assinala que o dispositivo de sexualidade passou a funcionar como articulador entre a “anátomo-política dos corpos” e a “bio-política das populações”. Isto é, a continuidade entre sexo-gênero-sexualidade é produto contingente de um arranjo político-social característico do Ocidente, cuja constituição é recente, e que está ligado a múltiplas técnicas de repressão, controle, vigilância e, mais recente, de estímulo e incitação dos corpos e das subjetividades. Nesse sentido, Foucault menciona a emergência da *scientia sexualis*, do estudo “científico” dos corpos que converteu as “fraudes procriativas” em categorias médicas (FOUCAULT, 2012b, p. 62-63); a extensão da prática da confissão para os consultórios médicos e psicanalíticos como instrumento de “extração” e produção da verdade sobre a sexualidade dos indivíduos (op. cit. p. 24-25); o reforço da sexualidade do “casal malthusiano”, encerrada dentro do quarto do casal e cujo prazer legítimo estava diretamente ligado à reprodução da espécie (op. cit., p. 45). Todos esses procedimentos, ainda segundo Foucault, eram técnicas anátomo-políticas atuando sobre os corpos como forma de atuação daquilo que o autor chamou de “bio-poder” que visa a “investir sobre a vida, de cima a baixo” (op. cit., p. 152). “De fato, o sexo faz a ponte entre o corpo e a população, a tal ponto que o que era a sociedade do sangue, correspondente ao poder de soberania, na era do biopoder torna-se a sociedade do sexo” (PELBART, 2009, p. 58).

Assim, o que se produz pela atuação específica do biopoder não é mais apenas o indivíduo dócil e útil, mas é a própria gestão da vida do corpo social. Compreende-se por que o sexo se tornou o alvo de toda uma disputa política: ele se tornou o foco de todo um controle disciplinar do corpo individual, ao mesmo tempo em que está diretamente relacionado aos fenômenos de regulação das populações, conferindo um acesso do poder à vida da própria espécie. A sexualidade, tal como produzida por toda uma rede de saberes e poderes que agem sobre o corpo individual e sobre o corpo social, isto é, o sexo como produto do dispositivo de sexualidade, será então a chave para a análise e para a produção da individualidade e da coletividade. (DUARTE, 2008, p. 49).

Um dos modos com que o biopoder toma os corpos é precisamente através da produção, manutenção e preservação da continuidade sexo-gênero-sexualidade

instituída pela matriz heterossexual – isso que aqui chamo, junto com Butler, de princípio de inteligibilidade. Conforme sugere Laqueur (2001), esse princípio de inteligibilidade não funcionava outrora nos mesmos termos através dos quais ele funciona hoje. “Esse escândalo particularmente moderno sugere pela primeira vez que o sexo não é um aspecto contingente e arbitrário da identidade, mas que não pode haver uma identidade sem o sexo”, ou seja, que não pode haver vida inteligível em corpos sem que o sexo (ou um ou outro) seja neles produzido, inscrito e reproduzido performativamente para sempre, de modo que “*é precisamente através de sermos sexuados que nos tornamos inteligíveis como seres humanos*” (BUTLER, 2008b, p. 91, grifo nosso): eis a importância fulcral da inteligibilidade instituída pelo dispositivo de sexualidade no sentido de funcionar como suporte e veículo para a atuação do biopoder. Enquanto poder sobre a vida, como sugere Foucault, o biopoder atua produzindo vida, produzindo vida inteligível, e a vida inteligível depende da retomada contínua da coerência entre sexo-gênero-sexualidade. “O escândalo histórico mais impressionante é que nem sempre fomos um sexo” (op. cit., grifo da autora).

Ainda, outra torção proposta pelo dispositivo de sexualidade sugere que o vetor comumente aceito e invocado para conceber a sexualidade – em que “o ‘sexo’ é entendido lógica e temporalmente como precedendo a sexualidade e funcionando, se não como sua causa primária, então pelo menos como sua necessária pré-condição” (op. cit., p. 98) – precisa ser posto ao contrário: é preciso ver que uma sexualidade normativa, fabricada dentro de uma rede de saberes, poderes e jogos de verdade, “toma os corpos como seu instrumento e objeto, o lugar em que ela consolida, enreda e estende seu poder” (op. cit.). Daí que as supostas realidades visíveis e orgânicas de macho ou fêmea, os modos inteligíveis e adequados de viver como homem ou mulher e a coerência entre esses termos são instituídos no e pelo dispositivo de sexualidade.

Como regime regulador, a sexualidade opera primeiramente investindo os corpos com a categoria do sexo, isto é, fabricando corpo como os suportes de um princípio de identidade. Afirmar que os corpos são de um ou de outro sexo parece a princípio ser uma afirmação puramente descritiva. (...) no entanto, essa afirmação é, em si mesma uma legislação e uma produção de corpos, uma demanda discursiva, por assim dizer, de que os corpos se tornem produzidos de acordo com princípios de coerência e integridade heterossexualizante, inequivocamente como macho ou fêmea. Onde o sexo é tomado como um princípio de identidade, ele é sempre posicionado num campo de duas identidades mutuamente exclusivas e completamente exaustivas; *é-se macho ou fêmea, nunca os dois ao mesmo tempo, e nunca nenhum dos dois* (BUTLER, 2008b, p. 98-99, grifo meu).

Assim, “o conceito de gênero enfatiza a pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2005, p. 17), e é também preciso dizer que os gêneros, quando entendidos como sendo os modos culturais, históricos e políticos pelos quais se constroem as várias formas de masculinidade e de feminilidade, precisam problematizar os sexos, macho ou fêmea, não os relegando a um incômodo lugar a-histórico, a-cultural e a-político. Butler (2008a, p. xxii) alude a formas descritivas de abordagem do gênero – que estariam preocupadas em investigar o que torna os gêneros inteligíveis – e abordagem normativas de gênero – que procuram dizer quais as expressões de gênero são aceitáveis e em que contextos. Ela diz que “[a] questão, entretanto, do que se qualifica como gênero é ela própria já uma questão que atesta a infiltrante operação normativa do poder” (BUTLER, 2008a, p. xxii), isto é, mencionar as formas pelas quais se constituem as características masculinas ou femininas no campo de uma determinada cultura e, posteriormente, as formas como elas se expressam nos e através dos corpos já é uma operação de poder que regula normativamente concepções de gênero. “Assim, a própria descrição do campo do gênero não é em nenhum sentido anterior à, ou separável da, questão de sua operação normativa” (op. cit.).

Com isso, é possível sugerir que dizer que os gêneros normativos são social e culturalmente construídos em processos linguísticos e relações de poder é uma parte importante da tarefa, mas não é a única. Enquanto tais, os gêneros normativos são produtos do dispositivo de sexualidade, e teorizá-los somente como construções históricas sobre corpos que serão distinguidos entre corpos masculinos e corpos femininos mantém os sexos, macho ou fêmea, intactos e previamente tidos como materialidade orgânica sobre a qual se irão construir as masculinidades e as feminilidades. O fazer-se homem ou mulher é um “processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais”, mas é importante de assinalar, também, que “o ato de nomear o corpo acontece no interior de uma lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2004, p. 15). Pois se os gêneros são performativamente constituídos, entendidos como “uma estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de um quadro regulatório altamente rígido que se solidifica com o tempo para produzir uma aparência de substância” (BUTLER, 2008a, p. 45), é preciso chegar a pensar nessa repetição

performativa como produzindo um núcleo sedimentado de gênero – o sexo – que é sempre socialmente constituído mediante normas altamente reguladas que constroem e conformam tais repetições.

Luiz Felipe: E essa coisa macho, macho, macho, “eu gosto de macho”... Te agrada essa coisa assim?

Xato: Sim e não. [...] Porque tem gente que quer representar isso, e eu não acho que seja uma questão de representação. Eu acho que é ou não é. E aí o grande problema que a gente tem nesses sites é o das pessoas quererem representar este papel quando elas não dão conta disso. [...] Mas homem não precisa ter texto; homem precisa ter contexto.

É bastante interessante a formulação de Xato: quando ele propõe que “homem não precisa ter texto, homem precisa ter contexto”. De certa maneira, ele está se referindo a um conjunto complexo de atributos, comportamentos, atitudes, conformações corpóreas que fazem “um homem” e que não são da ordem da representação teatral, como se pode querer acreditar quando se afirma que o gênero é uma repetição estilizada de atos. De modo algum se supõe um ator por detrás de uma encenação, atuando como um personagem. Por performatividade de gênero, enquanto algo repetido ao longo do tempo e enquanto um conjunto complexo de estilizações do corpo que são altamente reguladas e que têm efeito de sedimentação, sugere-se que esse conjunto complexo de atributos, comportamentos, atitudes, conformações corpóreas constituem isso que chamamos de “um homem”. De acordo com os trechos de perfis *online* abaixo listados, sugiro que os homens habitantes do Manhunt entendem bastante bem que a masculinidade é da ordem da ação, da ação estilizada e repetida, da ação feita por si mesmo, para si mesmo, pelo(s) outro(s) e para o(s) outro(s): uma espécie de “socialidade particular que pertence à vida corpórea, à vida sexual e ao tornar-se generificado/a (que é sempre, em certa medida, tornar-se generificado/a *para outros/as*)” (BUTLER, 2004, p. 25, grifo da autora):

Busco uma pessoa que tenha atitudes de um homem, assim como eu.

*

Gosto de homens, se tiver um tcham a mais melhor ainda, machos com jeito e voz de homem.

*

PROCURO CARAS COM ATITUDE DE HOMEM E COM COMPORTAMENTOS DE HOMEM (...) TENHO VOZ GROSSA, NÃO SOU AFEMINADO E TAMBÉM NÃO CURTO CARAS ASSIM.

*

Condições indispensáveis: (...) DISCRIÇÃO E SIGILO ABSOLUTOS; (...) FREQUENTAR AMBIENTES E TER ATITUDES DE UM HOMEM NORMAL; NÃO ANDAR, FALAR OU GESTICULAR FEITO UMA “GAZELA”; SER DISCRETO TAMBÉM NO MODO DE VESTIR.

*

Homem que é homem confia no seu taco... e conquista... e como eu sou um HOMEM eu conquisto, sacou?

*

Não tenho voz de pato fanho, não curto as divas pop, não falo me requebrando. (...) Não é pelo fato que curto homem que deixo de ser e agir como um.

*

CURTO TESTOSTERONA, E QUEM SEJA E SE PORTE COMO UM HOMEM.

*

Sou um cara sem características de gay, até dizem que não pareço. (...) E se suas cordas vocais são afinadas e se você mia quando deveria falar... to fora! Se você sempre compra revista CONTIGO para ler o horóscopo do dia perceba que lá diz “pule para o próximo perfil”, se chegar falando “oi” e virando o pé, hummm, deu mole, quero não.

*

Eu sou um cara macho pra caralho (jeito e voz de homem).

*

Procuo um cara que seja HOMEM (pense, fale, se comporte e se vista como um).

Esses trechos evidenciam o caráter eminentemente performativo do gênero masculino: ser homem é ter/fazer determinadas atitudes, é portar-se e comportar-se de determinadas formas, é gostar (ou não gostar) de determinadas músicas, é andar, falar, olhar, enfim, estilizar o corpo de acordo com um repertório altamente regulado de práticas corpóreas que acabam por sedimentar a “realidade de gênero” no corpo. É importante sublinhar essa dimensão intensamente performativa que as descrições de masculinidade adquirem nos perfis *online*: muitos homens aludem, por exemplo, ao tom de voz como sendo uma marca inegável de masculinidade, como aquela marca que

legítima e subscreve a masculinidade coerente de um homem. Um homem não apenas diz que é homem (e, ao que parece, o diz em um tom de voz específico): ele age como tal, perfazendo a todo instante e em todo seu corpo sua masculinidade. É essa a dimensão da performatividade de gênero, em que estilizações do corpo produzem efeitos de naturalização do gênero que está sendo incorporado precisamente pela repetição exaustiva dos gestos atribuídos a um determinado gênero.

Em outras palavras, atos, gestos e desejos produzem o efeito de um núcleo interno ou substância, mas os produzem *sobre a superfície* do corpo, através do jogo de ausências significativas que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como uma causa. Tais atos, gestos, encenações, geralmente interpretados, são *performativos* no sentido de que a essência ou identidade que eles outrora intentam expressar são *fabricações* produzidas e mantidas através de signos corpóreos e outros meios discursivos. Que o corpo generificado é performativo, isso sugere que ele não tem status ontológico em separado dos vários atos que constituem sua realidade. (...) Em outras palavras, atos e gestos, desejos articulados e encenados criam a ilusão de um núcleo de gênero interior e organizador, uma ilusão discursivamente mantida a propósito da regulação da sexualidade dentro do campo obrigatório da heterossexualidade reprodutiva. (BUTLER, 2008a, p. 185-186, grifos da autora).

MadeInBrazil: Se você perceber, cê vai ver em muitos perfis a melhor foto, o cara super gostosão, malhadão, mas tem muitos que não estão mais assim. E eles falam “quero cara malhado, quero cara macho, não afeminado”. Eles deixam bem claro. Chega lá [pra conhecê-los]: “oi” [com voz anasalada]. Falando com vizinha de Pato Donald. Uma vez eu discuti com um cara, ele todo malhado, ele se depila todo, ele falou “cê não é cara que faz a sobrancelha, né?”, falei “faço. Faço minha sobrancelha”. Se eu deixar ela muito grande, vai ficar com cara fechada. Eu tiro aqui no meio, tiro o excesso, senão fica pesado o rosto. Isso aí é coisa de estética. A moça no salão que fez pra mim, ficou bonitinho. Ele falou “ah, coisa de viado”, falei “meu, cê depila o corpo todo e tá achando ruim que eu tiro aqui no meio da sobrancelha?”. “Ah, não tem nada a ver”, falei “como não tem nada a ver? Cê se depila todo, a bunda, o ânus, cê só tem pelinho lá embaixo, pelo pubiano, cê tá falando da minha sobrancelha?”. Achou ruim!

Luiz Felipe: Ele falou isso em tom crítica em relação à tua masculinidade?

MadeInBrazil: Me criticando, é. Ele falou “mas eu não gosto de cara que faz a sobrancelha”, isso no MSN. Aí a gente abriu a cam e viu. Eu falei “faço”. E eu perguntei, “mas você se depila?”, ele falou “sim”, falei “cara, peraí, não to entendendo. Cê tá parecendo uma mulherzinha assim todo depilado”. Pra mim masculinidade é pelo no corpo... Na verdade, não é isso pra mim, foi só pra dar... Mas eu quis atingir ele, cutucar ele. E ele ficou puto da vida, começou a me ofender, falei “vai à merda”, bloqueei ele.

A performatividade de gênero, como vemos no trecho de entrevista com MadeInBrazil, é forçosamente incorporada no sentido de produzir efeito de

naturalização e, sobretudo, é objeto de disputa entre os indivíduos. Mais uma vez aparece a voz do corpo de homem como um marcador importante do gênero coerente desse corpo: a voz anasalada, aguda, “vozinha de Pato Donald”, é algo que destoia em um corpo que se pretende coerentemente sexuado e generificado. E, mais que isso: a distribuição de pelos no corpo de homem e a sua administração, por assim dizer, através de técnicas de depilação, também acabam se tornando tópicos de disputa e contestação de masculinidade. O questionamento lançado por MadeInBrazil é deveras interessante: por que motivo um homem que depila a sobrancelha é menos homem, enquanto que um homem que depila o peito ou o ânus supostamente não perturba a coerência estável de seu gênero? Tratam-se, pois, de diferentes estilizações do corpo que acabam por produzir diferentes efeitos de “realidade de gênero”: a presença ou ausência de pelos no corpo de homem, e a distribuição estratégica desses pelos (se no peito, nas pernas, no rosto, nas costas ou nas nádegas), assim como o tom de sua voz, as roupas que esse homem veste, o seu modo de andar, de gesticular as mãos, as expressões linguísticas que esse homem usa para se comunicar, a forma de olhar; todo gesto e aparência do corpo de homem precisa estar em consonância com a linha sutil que liga o sexo “macho” ao gênero masculino. Em suma, um conjunto de exercícios árduos, exaustivos, que demandam atenção ininterrupta e repetição constante no sentido de fazer um homem coerente – e, para os habitantes do Manhunt, um homem inteligível.

O gênero performativamente incorporado está ligado ao sexo do corpo e ao desejo sexual pela coerência heterossexualizante do dispositivo de sexualidade. O dispositivo de sexualidade, além de instituir uma sexualidade normativa como forma de desejo apropriada aos gêneros adequadamente construídos como masculinos e femininos, produz, mediante a sua atuação, um regime de inteligibilidade muito mais insidioso sobre os indivíduos: o dispositivo de sexualidade institui as correlações entre a sedimentação dos sexos, a construção dos gêneros e as práticas sexuais como princípio de humanidade. “Enquanto que a ‘identidade’ é assegurada através de conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade”, um princípio de humanidade encontra aí também seu veículo de funcionamento: “a própria noção de ‘pessoa’ é posta em xeque pela emergência cultural daqueles/as seres generificados ‘incoerentes’ ou ‘descontínuos/as’” (BUTLER, 2008a, p. 23). Olhamos para as imagens de Loren Cameron e Thomas Beatie, mas há algo de perturbador nelas, pois esses são corpos “que aparecem sendo pessoas, mas que fracassam em se conformar às normas

generificadas da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas” (BUTLER, 2008a, p. 23).

Assim, um corpo jamais será apenas um corpo: ele será desde sempre um corpo apropriadamente sexuado, e que somente depois de apropriadamente sexuado poderá se constituir como território de vida viável. É por isso que Butler afirma que “se o caráter imutável do sexo é contestado, talvez este construto chamado ‘sexo’ seja culturalmente construído como gênero”, de onde se pode chegar à proposição de que “na verdade, talvez ele [o sexo] já tenha sido sempre gênero, com a consequência que a distinção entre sexo e gênero se revela como nenhuma distinção absolutamente” (op. cit., p. 9-10). Daí que “a formação do sexo é uma atuação do poder (...) o poder atua no sexo mais profundamente do que podemos saber (...) como princípio formador de sua inteligibilidade” (BUTLER, 2008b, p. 96).

Gêneros inteligíveis são aqueles que de alguma forma instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, *os espectros da descontinuidade e incoerência*, eles próprios pensáveis apenas em relação a normas existentes de continuidade e coerência, *são constantemente proibidos e produzidos pelas mesmas leis* que procuram estabelecer linhas de conexão causais ou expressivas entre sexo biológico, gêneros culturalmente constituídos e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual através da prática sexual. (BUTLER, 2008a, p. 23, grifos nossos).

Talvez seja o caso de dizer que “a ciência da reprodução produz o ‘sexo’ inteligível pela imposição da heterossexualidade compulsória na descrição dos corpos. Pode-se afirmar que o sexo aqui é produzido de acordo com uma morfologia heterossexual” (BUTLER, 2008b, p. 96). Então, teríamos o seguinte: os gêneros normativos encurralados por linhas supostamente estáveis de coerência entre os sexos biológicos e práticas sexuais que concretizam um desejo heterossexualmente normativo. Quaisquer deslizes ou vacilações na definição dos sexos biológicos, como no caso de corpos que ostentam “genitálias ambíguas” (MACHADO, 2008), ou como os corpos de Loren Cameron e Thomas Beatie anteriormente trazidos, fariam soçobrar as certezas ou a “realidade do gênero” desses corpos. Por outro lado, quaisquer práticas sexuais que excedam a heterossexualidade normativa ou quaisquer desejos polimorfos que se separem da morfologia heterossexual igualmente perturbariam a “realidade do gênero” daqueles/as que praticam tais práticas e que desejam tais desejos. É nesse sentido que Foucault fala que “antes o sodomita era um reincidente; agora o homossexual é uma espécie” (2012b, p. 51), pois o que antes era visto como uma prática eventual que

poderia reincidir ou não, a partir do funcionamento do dispositivo de sexualidade passa a ser algo que é visto como a expressão de uma identidade arraigada no âmago do autor de tal prática.

É preciso desencurrular o gênero das vicissitudes dos sexos e das sexualidades. É preciso ressignificar o gênero: “gênero deve também designar o próprio dispositivo por meio do qual os sexos são eles próprios estabelecidos” (BUTLER, 2008a, p. 10), além de se referir “[à] heterossexualização do desejo [que] requer e institui a oposição de distinções discretas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que esses termos são entendidos como atributos expressivos de ‘fêmea’ e ‘macho’” (op. cit., p. 24). E o mais importante:

A matriz cultural através da qual a identidade de gênero se torna inteligível requer que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que gênero não segue o sexo e aquelas em que práticas de desejo não “seguem” nem o sexo nem o gênero. “Seguir”, neste contexto, é uma relação política de vinculação instituída pelas leis culturais que estabelecem e regulam o significado da sexualidade (op. cit.).

É por essa razão que gênero passa a ser entendido como a norma que governa a inteligibilidade dos corpos e dos desejos sexuais através da instituição e preservação forçosa da linha contingente de coerência que liga sexo-gênero-sexualidade. Eu quero sugerir aqui que os nexos políticos que vinculam os três termos da sequência sexo-gênero-sexualidade e que policiam sua coerência heterossexualizante funcionam, de um lado, para viabilizar inteligibilidade aos corpos, como Butler sugere; mas também constituem o campo de inteligibilidade a partir do qual os corpos dos homens habitantes do Manhunt podem emergir em um regime de visualidade. As linhas causais, talvez imaginárias e certamente coercitivas, que atravessam e instituem os binarismos excludentes dos sexos (macho ou fêmea), dos gêneros (feminilidade e masculinidade), e também o monismo complementar da heterossexualidade, produzem as categorias através das quais nós vemos os corpos e os acomodamos em lugares confortáveis de inteligibilidade. Nada mais estranho, para a inteligibilidade visual de um corpo, que traços de afeminação em um corpo de macho ou vestígios de masculinização em um corpo de fêmea. A presença de uma vagina em um corpo masculinizado, como no de Loren Cameron, ou a presença de um pênis em um corpo feminilizado, como nas travestis (PELÚCIO, 2010; 2011) embaralham a ordem heteronormativa da nossa visualidade porque desafiam o próprio campo de inteligibilidade que torna os corpos pensáveis, viáveis, inteligíveis – visíveis e desejáveis para o contexto do Manhunt.

Se gênero é a norma que governa a inteligibilidade dos corpos, e se a linha que conecta coercitivamente sexo-gênero-sexualidade é contingente, talvez seja produtivo mostrar um campo de inteligibilidade diverso daquele em que os corpos dos homens habitantes do Manhunt se fazem inteligíveis. Assim, na próxima seção procurarei mostrar, através de imagens, que houve diferentes campos de inteligibilidade dentro dos quais os corpos de homens gays – ou “frescos”, “pederastas”, “invertidos” – emergiam em regimes de visualidade de diferentes épocas.

4.3. Corpos do avesso II – a feminilidade inscrita nos corpos

Neste momento, é interessante trazer algumas imagens publicadas em *Além do Carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de James Green (2000). O autor faz um retrospecto linear sobre os diferentes modos com que a sexualidade não heterossexual masculina – a “pederastia”, a “sodomia”, a “homossexualidade” – foi experienciada, narrada e visualizada ao longo do século passado por diversas instituições e diferentes grupos de indivíduos no Brasil. Procurarei me valer das imagens publicadas no livro de Green, assim como de algumas de suas análises, para mencionar diferentes categorias através das quais os corpos de homens que se engajavam em práticas sexuais não heterossexuais eram olhados, e se faziam olhar, por diversas instituições (médica, jurídica, literária, jornalística, artística), assinalando alguns dos campos de inteligibilidade que possibilitaram a exibição inteligível desses corpos.

Eu trarei imagens já publicadas no livro de Green e, a partir delas, desdobrarei alguns comentários que servem mais como sugestões visuais e suposições conceituais do que propriamente análises, no sentido estrito da palavra. Esta seção tem um caráter ensaístico, portanto. Eu somente trarei estas imagens para estranhar o campo de inteligibilidade do qual dependem os corpos no espaço do Manhunt nos dias de hoje e, no limite, para assinalar deslocamentos da matriz heterossexual que lhe é constituinte. Procurarei fazer isso de modo pontual, não exaustivo e não intensivamente detalhado. Não porque esse exercício não seja importante no contexto das análises, mas porque a retomada das continuidades e das rupturas dos diferentes regimes de visualidade dentro dos quais os corpos dos homens “sodomitas”, “pederastas”, “homossexuais” e “gays” se fizeram inteligíveis ao longo de um século constitui a empreitada de outras pesquisas que não a atual.

A primeira imagem que trago é uma ilustração, tida como a primeira ilustração pornográfica, no Brasil, exibindo uma relação erótica entre dois homens.

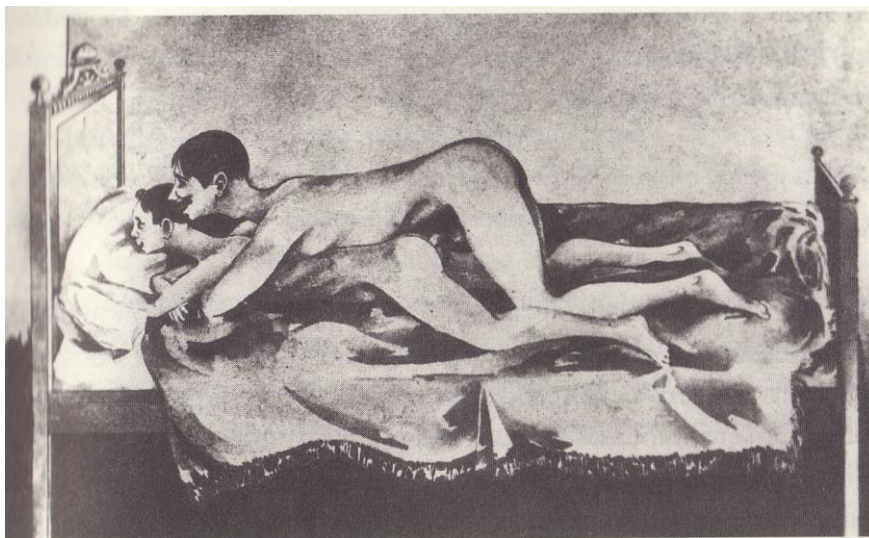


Figura 31 – Ilustração do conto O menino do Gouveia. (GREEN, 2000, p. 71)²⁶.

Green (2000, p. 68-70) afirma que a ilustração acima fez parte da primeira história pornográfica de prática homoerótica no Brasil, que data de 1914. Ela foi criada a partir de um conto intitulado “O menino do Gouveia”. O conto foi o sexto número de uma série de dezesseis histórias pornográficas vendidas pela editora Rio Nu, que fazia circular suas publicações no Rio de Janeiro do início do século passado. A história versa sobre o encontro entre um rapaz e um homem mais velho que se conhecem nos passeios do Largo do Rossio, atual praça Tiradentes, na então Capital Federal. O Largo do Rossio era um ponto de encontro entre homens que desejavam outros homens no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX e XX.

A imagem trazida, então, pretende ilustrar uma cena de sexo narrada pelo conto. É importante de mencionar que, embora a ilustração não mostre ostensivamente, o rapaz é descrito no conto como um “devasso” que, “ao contrário dos outros meninos, que tentam espiar as mulheres nuas às escondidas, ele só deseja ver o pênis de seu tio” (op. cit., p. 70). Em certa manhã, “ele entra correndo no banheiro enquanto seu tio se prepara para tomar banho” e, mostrando suas “nádegas tenras ao tio, o menino implora: ‘Titio, você faz comigo o que fez esta noite com titia! Faz, sim?’” (op. cit.). Green afirma que “tanto o escritor quanto o personagem Gouveia sentem-se atraídos pela *persona*

²⁶ As figuras 31, 32, 33 e 34 contam com a mesma fonte, a saber, o livro *Além do carnaval*, de James Green. Nas legendas são mencionadas as páginas do livro em que as imagens estão publicadas.

feminina do garoto, que só se satisfaz sexualmente quando seus parceiros o penetram”, e é precisamente esse clímax da “*persona* feminina” que está ilustrado na imagem acima.

A partir dessa imagem, mencionarei dois pontos: o primeiro diz respeito à técnica de criação da imagem e as marcas culturais que a fazem inteligível. Trata-se, pois, de uma ilustração em preto e branco feita a partir de uma obra literária – ou seja, ela se pretende uma representação de uma cena existente em um domínio textual que foi divulgada em uma publicação urbana da época. A tecnologia da fotografia já estava disponível nesta época no Brasil, mas é possível sugerir que naquele contexto era da ordem do impensável a tentativa de recriação dessa cena usando dois homens como modelos fotográficos: talvez porque a ilustração esteja mais para a ordem da ficção, e a fotografia, para a do realismo. Assim, os dois homens ilustrados são tidos como fictícios, enquanto que dois homens fotografados seriam tidos como “reais”. Mesmo assim, a cena ilustrada pode ser considerada bastante ousada para a época, mostrando inclusive rastros do pênis de um homem nu penetrando outro: a nudez parece ser uma marca fundante das imagens de homens que praticam sexo com outros homens, pelo menos no Brasil. Note-se nessa ilustração o corpo significativamente maior do homem que está por sobre o outro, além do bigode bem marcado em seu rosto – o que, para a década de 1910 no Brasil, era um marcador de masculinidade – contrastando com o rosto liso do homem que está por baixo.

Além do próprio título do conto que a ilustração representa, essas considerações nos levam a crer que o homem que está por baixo é jovem, mais jovem que o homem que está por cima, e que esse jovem é o próprio “menino do Gouveia”. Daí o segundo ponto que eu gostaria de ressaltar a partir dessa imagem: essa mesma ilustração, nos dias de hoje, seria tão ou mais ousada do que ela talvez tenha sido na sua época. Porque hoje, ao olharmos para essa ilustração, somos de certa forma compelidos/as a enxergar uma cena de pedofilia entre um homem mais velho e um jovem mais novo que ele. Enxergamos nessa imagem algo que é insuportável para nosso campo de inteligibilidade do presente, uma cena que está duramente forcluída do nosso campo de inteligibilidade. Entretanto, para o Brasil da década de 1910, essa ilustração talvez fosse ousada por outros motivos, provavelmente porque mostra uma prática sexual então considerada “desviante” por se dar entre dois homens. A diferença de geração entre os dois homens

ilustrados talvez não se constituísse em algo que violentasse o então campo de inteligibilidade dessa ilustração de forma tão dura quanto ela violenta o nosso hoje.

A segunda imagem que tomo emprestada de Green (2000, p. 65) é outra ilustração, esta datada de 1904, publicada na revista *O Malho*, em circulação na então Capital Federal, o Rio de Janeiro:



Figura 32 – Fresca Theoria, 1904. (GREEN, 2000, p. 65).

A ilustração acima foi publicada em na revista para servir de crítica cômica aos projetos de replanejamento urbano que a prefeitura do Rio de Janeiro fazia na cidade naquela época (op. cit., 2000, p. 64). Por causa das obras, o Largo do Rossio fora temporariamente fechado, impedindo a circulação de transeuntes. Na ilustração mostra-se um homem em uma calçada do Largo. Como já mencionei, o Largo era nesta época um conhecido ponto de encontro dos “frescos” da capital brasileira: homens que buscavam encontrar outros homens para praticar sexo frequentavam os passeios do Largo e, num jogo de olhares, se reconheciam, se seduziam, sinalizavam seu interesse, trocavam algumas palavras e buscavam alguma pensão dos arredores para materializar sua então disponibilidade virtual para a criação de vínculos (op. cit., p. 61) – o Largo do

Rossio funcionava como um Manhunt da *Belle Époque* nacional, como que seu precursor ancestral tupiniquim.

Sobre essa ilustração, eu gostaria de sublinhar também dois pontos: o primeiro é marcar que se trata, novamente, de uma ilustração. Ou seja, supostamente ela mantém-se mais próxima da ficção que da “realidade” (o homem ilustrado é tido como um personagem fictício). E tal ilustração é usada como veículo de crítica política que usa de certo deboche em relação ao personagem “fresco” não para atingi-lo em si, mas para atingir um segundo alvo mais adiante: o governo da prefeitura do Rio de Janeiro da época e sua política de reurbanização, então em curso. A imagem do personagem “fresco” não é criada a partir de uma obra literária para representá-la, como a ilustração anterior o foi. A ilustração do personagem “fresco” é criada a partir de um conhecimento corrente, comum e compartilhado pelos/as habitantes do Rio de Janeiro, pelos/as leitores/as do jornal em que tal ilustração foi publicada, pelo seu ilustrador. Os elementos que aparecem na ilustração tornavam inteligível o seu significado: o personagem usando

O chapéu de palha da moda, gravata borboleta florida, paletó justo e curto, e calças coladas e chamativas fazendo ressaltar as nádegas e dando à sua figura um formato em S, a pose clássica da mulher nas ilustrações da virada do século. Seu dedo indicador descansa pensativamente no queixo (...). Atrás dele, há um jardim com a estátua de D. Pedro I no fundo, uma referência óbvia ao Largo do Rossio. (GREEN, 2000, p. 64).

Sabia-se que os “frescos” andavam com roupas peculiares nos passeios do Largo do Rossio e que se lançavam olhares fortuitos na tentativa de flerte. Daí que os elementos que compõem a ilustração acima constituem um campo de inteligibilidade que parte de um conhecimento compartilhado pelos/as habitantes do Rio de Janeiro da vida cotidiana da cidade do início do século XX e que torna essa imagem inteligível para a época. Por mais fictício que esse personagem talvez possa ser, ele só é inteligível em um campo de inteligibilidade porque que aciona elementos que o investem de certa realidade nesse contexto.

O segundo ponto que eu gostaria de mencionar sobre essa ilustração é o seguinte: o corpo deste homem está investido de feminilidade através de suas roupas, seus acessórios. Sobretudo, pode-se entrever certa afeminação na disposição geral de seu corpo: com o dedo da mão esquerda tocando o queixo, perna esquerda semiflexionada projetando o quadril para trás, o peito pra frente, o que institui a

sinuosidade da pose em “S” em que ele foi desenhado, como sugere também a descrição feita por Green. Do chão ao chapéu, o corpo desse personagem está todo feito em curvas, ou, como diz Green, ele é ilustrado através da “pose clássica de mulher”. Portanto, esse é um corpo investido de inteligibilidade na sua própria condição de afeminação, que fazia inteligível o “fresco” para o Rio de Janeiro do início do século passado.

A inscrição da feminilidade nos corpos dos homens que desejavam sexualmente outros homens era condição de inteligibilidade para os “frescos”, “homossexuais” ou “invertidos” – e a concepção de inversão sexual como “uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino” (FOUCAULT, 2012b, p. 50-51) deriva da ideia de que aspectos femininos seriam indelévels dos corpos desses homens, feminilidade essa que seria não apenas sua marca, mas condição de sua própria viabilidade.

Entre as décadas de 1930-1940, o discurso jurídico e o discurso médico acerca dos “desviantes sexuais”, ora como criminosos ora como doentes, se insere no contexto brasileiro (GREEN, 2000, p. 191). Tal inserção traz consigo uma série de práticas de intervenção em territórios de sociabilidade nas grandes cidades do Brasil sabidamente frequentados por homens que buscavam parceiros para práticas sexuais. É a chegada, no Brasil, da *scientia sexualis*: o aparato de poder-saber instaurado pela medicina, psiquiatria, biologia, direito com o objetivo de produzir a verdade do sexo (FOUCAULT, 2012b, p. 64).

O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade. (op. cit., p. 64-65).

O médico Leonídio Ribeiro, então diretor do Departamento de Identificação da Polícia Civil do Distrito Federal, que, à época, era a cidade do Rio de Janeiro, conduziu uma pesquisa que empregou noções da antropometria para “identificar brasileiros que apresentavam ‘desvios patológicos’” com o intuito de “curar suas atividades sexuais impróprias e anti-sociais” (GREEN, 2000, p. 202). Ribeiro pesquisou 195 homens tidos como homossexuais que haviam sido detidos pela polícia do Rio de Janeiro no ano de 1932. Identificados, primeiramente, por um olhar jurídico no qual emergiam como criminosos, esses homens eram presos pela polícia carioca. Depois disso, eles eram

capturados por outro olhar, o olhar médico, posto em funcionamento por profissionais que aplicavam em seus corpos práticas diversas de medição da ossatura, pesagem, descrição das formas dos quadris e ombros, tamanho dos dedos das mãos e do pênis, distribuição dos pelos e avaliação do tom de voz (GREEN, 2000, p. 202-208): uma antropometria dos “homossexuais” era conduzida com o intuito de perseguir, medir, apreender e fazer aparecer em seus corpos os aspectos femininos que eram tidos como constituintes desses corpos. Entre as formas de registro dos corpos dos “doentes” está a fotografia, como esta abaixo:

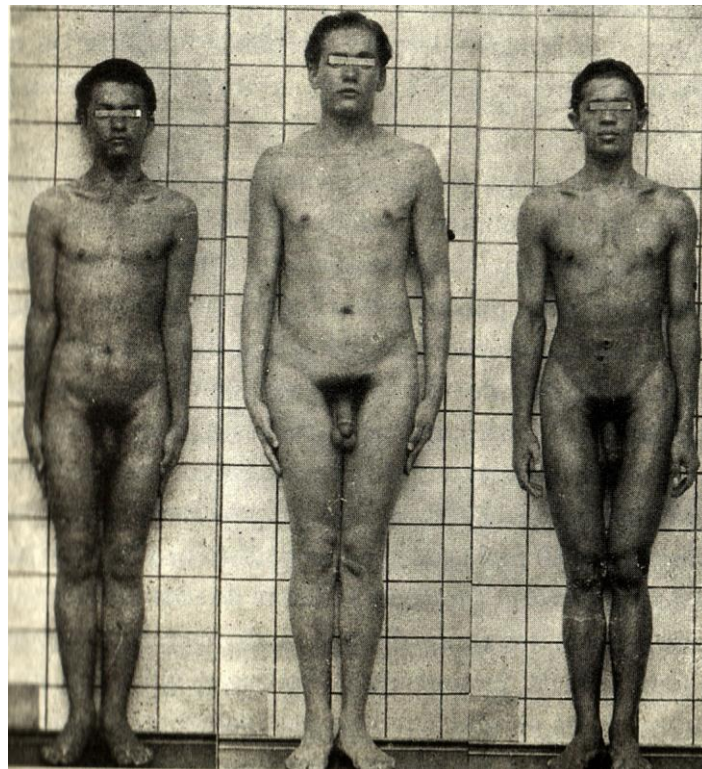


Figura 33 – Antropometria dos “homossexuais”, Rio de Janeiro, 1932 (GREEN, 2000, p. 203).

Em primeiro lugar, vemos que já existe uma técnica de produção de imagens que é diversa àquela das duas anteriores: não se trata mais de ilustrações, mas sim de imagens fotográficas capturadas por máquinas específicas. Ainda em preto e branco, tais imagens eram empregadas no funcionamento do olhar médico-jurídico que designava os homens que mantinham práticas sexuais com outros homens como “doentes” e como “criminosos”. A nudez dos corpos desses homens estava submetida à antropometria dos seus corpos e servia às aspirações médicas de investigação dos aspectos de feminilidade que supostamente estariam incrustados neles. A feminilidade

constituente da inteligibilidade dos “invertidos”, dos homens cujos corpos eram do sexo macho, mas que praticavam o desejo sexual como se mulheres fossem, não estava mais apenas nas roupas coladas ao corpo, nos lenços e no chapéu de palha do “fresco” do início do século. Era preciso ver e fazer aparecer essa feminilidade nas suas peles, mas também nas suas medidas corporais, na sua conformação óssea, na proporção entre os comprimentos dos seus braços e a circunferência de seus quadris, na distribuição dos pelos na superfície de seus corpos. A investigação visual da feminilidade dos “invertidos” dava-se pela perscrutação de seus corpos, rendidos a um modo de olhar médico-jurídico que operava com as categorias de “doente” e de “criminoso”.

Até aqui, portanto, os corpos dos homens que desejavam sexualmente outros homens eram de certa forma “passivos”: eram mais corpos olhados do que corpos que olhavam para si próprios. Eram corpos que apareciam dentro de campos de inteligibilidade institucionalizados pela medicina, pela lei: corpos olhados como “invertidos”, “doentes”, “criminosos”. E eram também sempre representados através de ilustrações ou capturados através de fotografias que inescapavelmente articulavam sua possibilidade de aparição visual ao gênero feminino. A feminilidade dos homens que desejavam sexualmente outros homens era uma das categorias através das quais eles eram vistos, através das quais eles podiam emergir como corpos inteligíveis dentro desses regimes de visualidade da literatura, ilustração, da antropometria médico-legal.



Figura 34 – Concurso Miss traje Típico, 1963. (GREEN, 2000, p. 297).

Entre a ilustração *Fresca Theoria*, da figura 32, e a imagem acima, há um salto temporal de sessenta anos. A técnica de registro de imagens mudou: não mais a ilustração, que exigia um procedimento de produção especializado, mas a fotografia amadora, que já na década de 1960 se populariza e se infiltra no cotidiano da vida urbana. A máquina fotográfica pode então ser usada para registrar eventos do dia-a-dia comum. Parece ser esse o caso da produção da imagem acima: ela registra um momento de encontro entre amigos durante a realização do “Concurso Miss Traje Típico”, no Rio de Janeiro da década de 1960. Os integrantes desse grupo de amigos “costumavam reunir-se no apartamento de alguém para pequenas festas, nas quais ocasionalmente organizam brincadeiras que imitavam os desfiles de moda e os concursos de beleza” (GREEN, 2000, p. 296).

O que eu gostaria de sublinhar nessa imagem é a feminilidade dos adereços, das penas e plumas, dos rostos maquiados, dos olhares, das poses dos corpos como um deboche ou uma paródia da suposta “inversão” sexual dos homens que desejavam sexualmente outros homens – algo próximo daquilo que a figura da *drag queen* faz nos dias de hoje (BUTLER, 2008a, 187; LOURO, 2004, p. 85-86). A própria ideia do “Concurso Miss Traje Típico” é uma paródia dos concursos de Miss, tão populares durante a década de 1950 no Brasil. Segundo Green, as edições anuais do concurso Miss Brasil realizadas no Maracanãzinho atraíam “homossexuais de todo o Rio de Janeiro” e “propiciavam uma experiência coletiva” para eles (GREEN, 2000, p. 267). Ao tomar os concursos de Miss como modelo e subvertê-lo na forma do “Concurso Miss Traje Típico”, os amigos usavam da feminilidade que era tida como constituinte de seus corpos, mas também a ironizavam: exageravam essa feminilidade, deslocavam-na dos corpos “adequados” das misses para seus próprios corpos de homens que desejavam sexualmente outros homens, fazendo, assim, a “inadequação” dessa feminilidade parecer cômica.

Essa comédia, contudo, pode ser lida como carregada de significado político, sobretudo, quando contrastada com a imagem anterior dos homens detidos, presos pela polícia como “criminosos” e investigados pela medicina como “doentes”. Lá se procurava em seus corpos os aspectos de “inversão” da feminilidade que, existente em seus corpos de homem, era-lhes “desvio” e “crime”. Aqui não há “crime”, nem “pecado”, e se há “desvio” ele serve para um deboche cômico da condição “invertida” desses homens, para uma paródia bem-humorada do feminino – e, no limite, também

uma paródia bem-humorada do gênero masculino que deseja sexualmente o gênero “idêntico”.

É importante também marcar que esta fotografia, diferentemente das demais imagens trazidas nesta seção, caracteriza um olhar desse grupo de amigos para eles próprios, sobre eles próprios e na direção deles próprios. É um olhar sobre homens que desejavam sexualmente outros homens que foi produzido pelos seus “pares”, ou seja, por outros amigos que participavam do encontro, provavelmente. Não foi uma imagem produzida a partir de uma obra literária, como a ilustração “O menino do Gouveia”, nem uma ilustração criada para ironizar os “frescos” que frequentavam o Largo do Rossio,



Figura 35 - Ney Matogrosso nos Secos & Molhados. (Fonte: Google Imagens).

tampouco uma fotografia usada pela polícia e pela medicina para classificar os “criminosos” e “invertidos”. Essa imagem dos amigos participantes do “Concurso Miss Traje Típico” é uma “imagem êmica”, por assim dizer: é um olhar deles para si mesmos. Esses não são mais corpos “passivos”, que eram somente olhados ou feitos vistos; agora eles são também corpos que olham, que olham para si próprios, que se fazem ver através de imagens, poses e vestimentas que são escolhidas por eles próprios. Esse olhar de si para si próprio é, obviamente, possibilitado pelas mudanças técnicas que popularizaram o uso da câmera fotográfica. Como mostrei na seção “Os meninos”, as atuais possibilidades de produção de imagens de si são elevadas ao máximo graças à disseminação da técnica fotográfica contidas inclusive na maioria dos aparelhos celulares atuais.

Green segue sua narrativa histórica e menciona que os anos de 1970 e 1980 foram aqueles de multiplicação de espaços de sociabilidade para homens que desejavam outros homens, pelo menos nos centros urbanos do Rio de Janeiro e de São Paulo (GREEN, 2000, p. 400-402). O autor também assinala o surgimento de publicações midiáticas produzidas por e voltadas para homens gays que emergiram com força no final da década de 1970, como o jornal *Lampião da Esquina* (op. cit., p. 423), e a efervescência cultural brasileira da mesma época através da grande visibilidade de grupos artísticos como os Secos e Molhados e o

Dzi Croquettes (GREEN, 2000, p. 409). Green ainda localiza, mais para o final de sua obra, o primórdio do movimento social que hoje conhecemos como movimento LGBT (de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras) com a criação do grupo Somos, de São Paulo, em 1978 (op. cit., p. 432). Essas foram instâncias que, segundo o autor, possibilitaram a multiplicação de identidades de pessoas não heterossexuais, no Brasil, no final do século passado, fazendo emergir novas maneiras de fazer ver os corpos de homens gays através, por exemplo, de personalidades como Ney Matogrosso (figura 35) e os integrantes do Dzi Croquettes (figura 36). Podemos também entender que nessa mesma época houve a irrupção de novas formas de disputa em torno dos modos de olhar para os corpos de homens gays, assim como novas maneiras de se fazer ver socialmente. Parte dessa nova forma de olhar para os corpos dos homens gays já foi mencionada no capítulo anterior quando discuti brevemente a emergência da epidemia de Aids e a publicização de imagens dos “corpos desterrados” pela síndrome.



Figura 36 – Grupo Dzi Croquettes. (Fonte: Google Imagens).

Pelas imagens que selecionei e pelos rápidos comentários que fiz a partir delas, eu gostaria de sugerir que a feminilidade foi, por muito tempo, a categoria mais preponderante através da qual os corpos de homens que desejavam sexualmente outros homens foram vistos e olhados cultural, política, médica, jurídica e esteticamente. A feminilidade foi, por muito tempo, a condição principal de inteligibilidade dos corpos desses homens, ora vistos como “doentes”, como “criminosos”, como “invertidos”, como “frescos”. A feminilidade estava inscrita nos corpos dos homens apresentados através das imagens anteriormente trazidas: no prazer sexual em ser penetrado do *menino do Gouveia*; no corpo em S do “fresco” da *Fresca Theoria*; nas medições e comparações antropométricas levadas a termo por Leonídio Ribeiro através do registro fotográfico dos homossexuais presos no Rio de Janeiro no ano de 1932; na paródia cômica dos Concursos de Miss da década de 1960, que amigos reproduziram no

Concurso Miss Traje Típico; nas performances de artistas do *Secos & Molhados* e do *Dzi Croquettes*. Em todas essas, a feminilidade é condição para ver os corpos desses homens desde diferentes técnicas, diferentes instituições, diferentes discursos: a feminilidade se inscrevia nos corpos desses homens como um modo inteligível de olhar para eles; a feminilidade circunscrevia e constituía sua inteligibilidade, ora como ironia política, ora como categoria de “inversão”, ora como paródia, ora como expressão artística. A feminilidade estava ali insinuada pelas roupas, estava ali suposta nas medidas do corpo ou estava ali parodiada pelas plumas como aquela categoria que não apenas marcava os corpos de homens que desejavam sexualmente outros homens, e que eventualmente era objeto de escracho e paródia, mas, sobretudo, como a categoria que possibilitava sua inteligibilidade. E a nudez dos corpos desses homens estava, de certa maneira, submetida a um regime de visualidade que servia para “revelar” a feminilidade “invertida” dos homens que desejavam sexualmente outros homens.

Algo mudou, entretanto. A feminilidade foi forcluída como condição de inteligibilidade dos corpos de homens que deseja(va)m sexualmente outros homens. Não procurarei assinalar claramente as razões da ruptura que foi produzida por tal forclusão, mas procurarei, a seguir, esboçar algumas condições para isso – como disse no início desta seção, muito mais a título de “ensaio” do que a título de análise.

Em uma transcrição de uma mesa-redonda entre integrantes do Grupo Somos, de São Paulo, datada de março de 1979, há um trecho do debate que me serve para sugerir a ruptura com a feminilidade como condição de inteligibilidade de homens que desejam sexualmente outros homens e indicar, assim, o momento histórico de emergência da forclusão da feminilidade que encontro hoje nos perfis *online* do Manhunt. A discussão dessa mesa-redonda foi publicada com o título de *Homossexualidade e repressão* na coletânea *Sexo e Poder*, do fim da década de 1970, coordenada por Guido Mantega. Logo no início da discussão sobre a primeira pergunta lançada pelo coordenador da mesa, “colocando em questão: primeiro a identidade e a conceituação de homossexual” (p. 133). O participante Emanuel diz que “[a] nossa questão é como um indivíduo chega a se descobrir homossexual e é pressionado para assumir um estereótipo” (p. 134-135). Mais adiante, debatendo sobre as possibilidades de visibilidade do homem homossexual, o participante Glauco diz:

É o que chamamos de enrustido. Ele fica hesitando entre o estereótipo da bicha pintada [sic] ou desmunhecada como chamam, e o fato de assumir a

heterossexualidade que ele não tem. Se ele não for heterossexual, não se apresentar como heterossexual e não assumir o estereótipo da bicha pintosa, ele vai ter que se enrustir, vai-se tornar invisível, é o que acontece com a maioria das pessoas. (p. 136).

Nesse trecho, o participante sugere que havia, então, apenas duas possibilidades de experiência para um homem que desejava sexualmente outros homens: ou ele assumia sua homossexualidade e lidava com os “estereótipos” ligados aos homens homossexuais disponíveis na época, ou ele se enrustia, ficava dentro do armário, disfarçava sua sexualidade não heterossexual e tornava-se invisível enquanto homem homossexual – o que, para Glauco, era a condição da maioria. Esse participante da mesa-redonda delinea uma polarização difícil de ser experimentada, que oscilava entre o enquadramento por um “estereótipo” de afeminação do homem homossexual e o silêncio invisível da sexualidade não heterossexual de dentro do armário. Eu quero supor aqui, e em primeiro lugar, que a alusão ao “estereótipo” da “bicha pintosa” ou “desmunhecada” tem fortes ligações com as imagens de homem “fresco” e de homem “invertido”, que são evocadas nesse contexto mediante uma vontade de ruptura para com elas.

Em segundo lugar, é preciso assinalar que uma compreensão possível acerca do termo “estereótipo”, além de que ele “funciona como um dispositivo de economia semiótica” em que “a complexidade do outro é reduzida a um conjunto mínimo de signos” (SILVA, 1999, p. 51), é também aquela em que o “estereótipo” é usado como “esforço de concentração da fluidez, da indeterminação, da incerteza da linguagem e do social” (op. cit.). Os “estereótipos” da “bicha desmunhecada”, “pintosa”, do “fresco” e do “invertido” – e, muito provavelmente, o do homem afeminado – são tentativas de estancar as múltiplas conexões entre sexo-gênero-sexualidade que, de todo modo, desestabilizam sua continuidade. Assim, a “bicha pintosa”, ou o “homem afeminado”, ou mesmo o furor anal do “menino do Gouveia”, que pede para seu tio fazer com seu ânus o mesmo que fazia com sua esposa, são “estereótipos” que pretendem conservar a matriz heterossexual como organizadora da inteligibilidade dos corpos, dos desejos e dos prazeres. Nesses casos, o “estereótipo”, enquanto “processo pelo qual buscamos conhecer o outro” que é “fundamentalmente ambíguo, reunindo, ao mesmo tempo, um desejo de conhecer o outro e um impulso para contê-lo” (op.cit., p. 50-51), visa à preservação daquilo que Eve Sedgwick (2007, p. 48) chamou de “tropo da inversão *anima muliebris in corpore virili inclusa* – a ‘alma de mulher aprisionada no corpo de

um homem’ – e vice-versa”. Segundo a autora, esse tropo da inversão “é a tradução de uma heterossexualidade essencial dentro do próprio desejo, através de uma leitura particular da homossexualidade das pessoas” (SEDGWICK, 2007, p. 48).

As figuras de “bicha desmunhecada” e de “bicha pintosa” a que se referiam Emanuel e Glauco nas discussões anteriormente citadas respondem estereotipadamente, portanto, a um complexo conjunto de deslizamentos que tensiona a continuidade sexo-gênero-sexualidade que ronda os homens que desejam sexualmente outros homens. À época das discussões entre os integrantes do grupo, no final dos anos setenta, se estava buscando um rompimento com esse processo “estereotipado” de conhecer homens gays – um modo de fazê-los inteligíveis através da preservação de uma heterossexualidade no núcleo do seu desejo sexual no momento em que se supunha uma alma de mulher “dentro” de seus corpos. Na discussão da mesa-redonda publicada na coletânea *Sexo e Poder*, Glauco continua, acerca do mesmo tópico:

Eu só vou acrescentar uma coisa com relação a estereótipos e ao fato de a homossexualidade estar vinculada ao consumo e à estrutura familiar capitalista: é que o próprio homossexual está muito pouco esclarecido a respeito da sua homossexualidade, tanto assim que reproduz, na prática, os padrões heterossexuais, caricaturando as funções de atividade e passividade, por exemplo. Existe sempre aquela bicha “pintosa”, “desmunhecada”, à procura do seu “bofe”, isto é, aquele que vai exercer o papel masculino na relação. *Isso é muito falso, pois não tem nada a ver com a homossexualidade em si* (p. 138, grifo meu).

Há aí um reforço, portanto, da crítica aos estereótipos correntes na época acerca dos modos possíveis de “ser homem gay”, que preservavam os “padrões heterossexuais” na compreensão da homossexualidade – que, para esse integrante do grupo, constituía-se em algo radicalmente diferente. Parece-me, ao ler esses trechos e situá-los no momento histórico em que essa discussão teve lugar – sobretudo depois de mostrar uma sequência cronologicamente linear de imagens de homens homossexuais vistos como “essencialmente afeminados” – que se queria uma ruptura com isso que se chamava de “estereótipos” da “bicha pintosa” e “desmunhecada”. Emanuel descreve como “caricatural” a relação de “penetrador” e “penetrado” nas relações sexuais entre dois homens, operação essa que ele chama de reprodução dos “padrões heterossexuais”: “sempre aquela bicha ‘pintosa’ (...) à procura de seu ‘bofe’” – talvez como a figura do *menino do Gouveia* do início do século passado.

Segundo Glauco, essa relação “não tem nada a ver com a homossexualidade em si” – e aqui eu entendo que, nesse contexto, o escape aos “estereótipos” da “bicha

pintosa” e “desmunhecada”, sugerido por Glauco, indicavam para uma necessidade de inventar a homossexualidade ou um “modo de vida homossexual”, nas palavras de Foucault (2010a, p. 350). Os modelos disponíveis para viver a homossexualidade na época, do “enrustido” ou da “bicha desmunhecada”, estavam sendo interrogados. O “enrustido” era tido como um invisível e alienado, enquanto que a “bicha desmunhecada à procura do bofe” era vista como submissa àquilo que Glauco chama de “padrões heterossexuais” – de fato, podemos supor que ambos o “homem enrustido” e a “bicha desmunhecada” estavam sujeitos à matriz heterossexual. O que se desejava, naquele momento, era uma alternativa a ambos. Parece-me que se queria uma ruptura com o infiltrante poder dos “padrões heterossexuais” que cristalizavam os lugares de homem e mulher também no interior das relações entre dois homens – um primeiro movimento de resistência àquilo que anos mais tarde ganharia o nome de heteronormatividade, mas que não era assim denominado na época.

Guacira Lopes Louro (2004, p. 31) diz que, a partir da metade da década de 1970, as ações políticas dos militantes engajados nas discussões acerca da experiência da homossexualidade assumiram um “caráter libertador” e criticavam a “heterossexualização da sociedade”. Nesse combate à “heterossexualização da sociedade”, ou aos “padrões heterossexuais” na terminologia do participante do Grupo Somos, estava a construção e a afirmação de uma identidade política que correspondesse à experiência da homossexualidade.

A afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava uma disputa quanto às formas de representá-la. Imagens homofóbicas e personagens estereotipados exibidos na mídia e nos filmes são contrapostos por representações “positivas” de homossexuais. (...) O discurso político e teórico que produz a representação “positiva” da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. (op. cit., p. 32-33).

Portanto, é possível localizar no período histórico da virada da década de 1970 para a década de 1980 uma ruptura, que sem dúvida partia de múltiplas instâncias – culturais, políticas e estéticas –, nas formas viáveis de viver a homossexualidade e de se fazer visto como homem gay. Houve a possibilidade de engendrar a crítica às formas com que os homens gays eram vistos, olhados, “estereotipados”, e também às formas com que esses homens viviam suas vidas e se reconheciam como sujeitos de seu desejo. Tal possibilidade crítica sobre as formas possíveis de viver e de dar a conhecer as sexualidades não heterossexuais estava também ligada à emergência do feminismo de segunda onda e à emergência dos movimentos sociais na Europa e na América do Norte

(LOURO, 2004; MEYER, 2005). Naquele momento, podemos supor que uma das dimensões do esforço em contrapor “imagens homofóbicas e personagens estereotipados”, como sugere Louro, ao construir-se “representações ‘positivas’” de homens gays foi precisamente aquela que procurou romper com a feminilização dos homens não heterossexuais. Podemos supor que o rompimento com a feminilização dos homens não heterossexuais, que pelo menos desde o final do século XIX dava sentido à figura do “invertido sexual”, tenha ganhado a forma da masculinização exacerbada do homem gay.

Articule-se a esse “acontecimento histórico” aquele mencionado no capítulo anterior: o de recusa das imagens dos “corpos desterrados” pela epidemia de Aids entre homens gays com a crescente adesão, pelo menos desde o final dos anos 1970, às práticas bioascéticas que buscam fazer do corpo forte, musculoso e sem gordura a expressão mais legítima de saúde e vigor físico. Está aí lançada uma hipótese simples sobre como eu chego a encontrar os corpos dos homens habitantes do Manhunt exibidos e expostos dos modos como eu os encontro hoje: hipermasculinizados e “sarados”, ou seja, supostamente “curados” de quaisquer doenças – da Aids e da gordura. Além disso, esses homens apresentam-se também obcecados pela relação especular quase-narcísica que busca o si mesmo coerentemente sexuado e generificado refletido no outro, tais quais os espelhos da obra de Bohyun Yoon da figura 26.



5 Agência Matrimonial: os caçadores de marido ou o *Anticapítulo*

“Enfim, toda a desordem do amor, pois quando ela toca num homem todos os seus gestos de defesa se modulam em carícias. O punho arremessado para dar um soco abre-se, pousa e escorrega docemente. O grande macho é forte demais para essas frágeis bichas.”

Jean Genet, *Nossa Senhora das Flores* (1951, p. 81).

Como podemos caracterizar o Manhunt enquanto uma Agência Matrimonial? Como os corpos, os gêneros e as sexualidades constituem essa Agência Matrimonial? Que outras formas de relações aparecem no Manhunt enquanto alternativas ao Mercado da Carne e à Agência Matrimonial que encontramos no *site*?



Figura 37 – A Medusa de Caravaggio. (Fonte: Google Imagens).

Este último capítulo teórico busca delinear os contornos disso a que dei o nome de Agência Matrimonial, algo que o Manhunt também pode ser. Em certa medida, ela se contrapõe ao Mercado da Carne referenciado nos capítulos *Mercado da Carne: os caçadores de corpos* e *Olhando o gênero que nos olha*. Sobretudo, a Agência Matrimonial é-lhe coextensiva e contínua. O Manhunt como Agência Matrimonial pode se contrapor ao Manhunt como Mercado da Carne quando os homens habitantes do *site* usam suas possibilidades para encontrar parceiros para uniões “estáveis” e duradouras entre dois homens, parcerias afetivo-sexuais de longo prazo entre dois homens baseadas

em ideais do amor romântico e do amor-paixão (COSTA, 1998; LEBRUN, 2009)²⁷. Esses tipos de vínculos supostamente se construiriam como algo “além e aquém” dos prazeres sexuais que a materialidade do corpo pode prover. Já delineeí parte dessa análise quando introduzi uma pequena comparação entre o Manhunt e o e-Harmony no capítulo *Mercado da Carne: caçadores de corpos*, sugerindo que aquele estaria mais para o Mercado da Carne e este mais para a Agência Matrimonial. Indiquei que essa é uma conclusão precipitada, contudo. Conforme mostrarei neste capítulo, o Manhunt pode bem ser uma Agência Matrimonial a despeito da sexualização dos vínculos propiciados pelo Mercado da Carne – aliás, talvez seja possível dizer que essa Agência Matrimonial seja, ela própria, altamente sexualizada.

O mais importante é que procurarei demonstrar que a Agência Matrimonial que o Manhunt pode vir a ser para os homens que o habitam encontra os mesmos limites de inteligibilidade dos corpos do Mercado da Carne: o campo de inteligibilidade dos corpos existente no Mercado da Carne e na Agência Matrimonial é o mesmo, funcionando como que um solo arqueológico comum que torna inteligíveis os parceiros sexuais desejados (os corpos no Mercado da Carne) e os parceiros afetivos desejados (os maridos na Agência Matrimonial). Lembremos que é o gênero, pensado como norma que governa a inteligibilidade dos corpos, que regula e faz funcionar o campo em que os corpos do Mercado da Carne são inteligíveis, além de ser aí a matriz produtora de desejos e preferências sexuais. Buscarei demonstrar, aqui, que os maridos e os caçadores de marido na Agência Matrimonial também precisam obedecer à coerência sexo-gênero-sexualidade que é exigida dos corpos no Mercado da Carne, isto é, os homens potencialmente aptos a serem eleitos como parceiros afetivos precisam ser tão másculos, tão viris e tão discretos quanto os homens potencialmente aptos a serem eleitos como parceiros sexuais. Assim, o gênero como Rosto dos corpos persiste, e talvez ganhe força, na Agência Matrimonial.

²⁷ Jurandir Freire Costa (1998, p. 11) fala do “amor-paixão romântico”, típico do Romantismo, para se referir ao modo contemporâneo que temos hoje disponível para falar da emoção que sentem os/as amantes na relação afetiva e sexual que constitui as parcerias entre as pessoas e que ganham nomes como “namoro” e “casamento”, por exemplo. É importante de assinalar que “paixão” significa correntemente “uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental” (LEBRUN, 2009, p. 12); nesse sentido, “paixão” passa a adjetivar “amor”, emprestando-lhe um sentido intenso, passional, hipersensível e, no limite, irracional (cf. COSTA, 1998, p. 165-175). Eu usarei os termos “amor-paixão” e “amor romântico” como sinônimos, cujos elementos constituintes são os mesmos, tal qual o faz Costa, para caracterizar as descrições que encontrei em entrevistas e perfis *online* no Manhunt.

Portanto, o campo de inteligibilidade regulado pelo gênero será aqui mencionado como Rosto de gênero mais uma vez. Reemprego, assim, o Rosto como conceito (DELEUZE & GUATTARI, 2008, p. 31) nas análises deste capítulo para sugerir que, assim como acontece no Mercado da Carne, a Agência Matrimonial produz Rostos fixos de “noivinho” e de “marido”, conforme os apresentarei a seguir, que só existem graças à sua articulação com o Rosto de gênero que faz inteligíveis os corpos (e também os prazeres sexuais e os desejos românticos) dos homens habitantes do Manhunt.

Todavia, se Rosto de gênero é comum aos corpos da Agência Matrimonial e do Mercado da Carne, o modo de exposição dos corpos é distinto em um e em outro – e foi isso que sugeri no início deste capítulo ao trazer a imagem da Medusa, de Caravaggio, na figura 37. No Mercado da Carne, a face, a parte da frente da cabeça, é menos importante, pois o que é relevante para fazer da carne um corpo que importa é a exibição de outras partes dos corpos que precisam ser mostradas através de imagens específicas publicadas nos perfis *online*. No Mercado da Carne, o importante é o sexo “macho” cobrindo todo o corpo, corpo esse que precisa exibir um gênero masculino coerente com seu sexo de macho através de fotografias de seu corpo nu – porém, totalmente vestido com o Rosto de seu gênero. O corpo-currículo, no Mercado da Carne, é um corpo de conhecimentos pertinentes sobre seu sexo e seu gênero coerentes que, todavia, carrega ignorâncias e desconhecimentos. Uma dessas ignorâncias é sua própria face.

Na Agência Matrimonial, o arranjo dos modos de exibição dos corpos se modifica: o Rosto do gênero masculino adequado e coerente com seu sexo persiste, como já sugeri, mas a nudez do corpo e a exibição de peitos, abdômes, pênis são rearticuladas – o que não significa que essas partes dos corpos desapareçam de todo em detrimento da face. A face, a parte da frente das cabeças dos homens habitantes do Manhunt, aqui aparece como algo novo que não aparecia no Mercado da Carne, e as imagens dos corpos ganham novos arranjos de exibição.

Em primeiro lugar, ao mostrar suas faces através de imagens de seus corpos, os caçadores de marido da Agência Matrimonial do Manhunt petrificam o marido-sob-encomenda que buscam através do *site*, tais quais Medusas, oferecendo modelos românticos prontos e idealizados da relação afetiva a que estão dispostos a construir com outros homens – uma forma de “aspirante-a-noivinha” que, “ao encontrar o tal

homem que a atrai, sente ‘algo’. Algo que titubeia, mas logo encontra uma forma de se apresentar: a ‘aspirante-a-noivinha’” (ROLNIK, 2007, p. 32). Isto é, esse “algo que titubeia” vem a ser uma das modalidades específicas da disponibilidade virtual para o vínculo a que estão dispostos alguns homens habitantes do Manhunt, uma relação “com contornos bem definidos, para descanso de seu olhar e alívio de seu coração” (op. cit.): relações românticas entre dois homens.

Assim, os caçadores de marido se tornam “aspirantes-a-noivinhos”. Esses podem ser “aspirante-a-noivinho-que-vinga” (o “noivinho” que acha seu marido e se conforta em sua posição rigidamente idealizada de “noivo”, de “noivinho”), “aspirante-a-noivinho-que-gora” (o “noivinho” que, apesar de todo vestido para casar, não encontra seu marido no Manhunt e “gora” no altar, “gora” em seu perfil *online*), e, ainda, “aspirante-a-noivinho-que-gora-e-gruda” (o “noivinho” vestido para casar, sozinho no altar e amargurado por não ter encontrado seu marido encomendado, mas que, contudo, persiste acreditando na sua posição idealizada de “noivinho”), como os personagens conceituais de Suely Rolnik (2007, p. 32; p. 34). Esses “tipos psicossociais”, como referem Deleuze e Guattari (2010, p. 82), são aqui ironicamente declinados no gênero que lhes dá Rosto: o gênero masculino.

Para as análises deste capítulo, apropriar-me-ei do personagem “noivinho”, inspirado nas argumentações de Rolnik, mas proporei outras formas de experimentá-lo que não somente essas que apresentei: por exemplo, farei do “aspirante-a-noivinho” um viúvo-homicida. Farei isso como estratégia analítica no sentido de produzir imagens no âmbito deste trabalho através da criação e experimentação desses personagens em consonância com os dados de pesquisa (trechos de perfis *online* e de entrevistas), pois neste capítulo eu já não mais utilizarei de imagens de produções artísticas, como fiz em capítulos anteriores. Os “noivinhos” e os “maridos”, assim, tornam-se efetivamente personagens de uma história e têm, eles próprios, um apelo imagético, por assim dizer. Além disso, os “noivinhos” e os “maridos” da Agência Matrimonial no Manhunt também indicam que o gênero segue funcionando como norma organizadora deste território: o Rosto do gênero, além de fazer inteligíveis os corpos de “noivinho” e de “marido”, acaba por ser também a matriz produtora dos ideais de amor-paixão e amor romântico que encontro no *site* que se acomodam na inteligibilidade do Rosto do gênero.

Para caracterizar a Agência Matrimonial que encontro no Manhunt, usarei, sobretudo, os estudos de Jurandir Freire Costa (1998) no sentido de prover alguns elementos conceituais que auxiliam na compreensão dos ideais de amor romântico. Por outro lado, para escapar dos modelos rígidos de “aspirante-a-noivinho”, marido-sob-encomenda, Mercado da Carne e Agência Matrimonial, procurarei inserir a discussão sobre amizade, apoiado nos *insights* de Michel Foucault (2010b; 2006a) desenvolvidos por Francisco Ortega (1999; 2002). Assim, buscarei alargar a disponibilidade virtual para a criação de vínculos dos homens habitantes do Manhunt, mostrando que é possível desfazer a aparente pobreza das relações entre esses homens – que supostamente estariam reduzidas, como Foucault já sugeriu no início dos anos de 1980, ao “puro encontro sexual” e à “fusão amorosa das identidades” (FOUCAULT, 2010a, p. 350). Um dos respiradouros possíveis às formas de “aspirante-a-noivinho”, por exemplo, é o “Amigo”, que apresentarei na última seção deste capítulo.

5.2. Da gramática deste *Anticapítulo*

Nas leituras que fiz sobre amor romântico e amor-paixão, percebi que o modo de escrita acerca desses sentimentos-conceitos quase sempre utilizam enredos de narrativas de romances literários para construir seu argumento acerca das diferentes formas de amor (cortês, fraternal, romântico). No volume *Os Sentidos da Paixão* (NOVAES, 2009), por exemplo, vários/as autores/as derivam suas análises das narrativas gregas clássicas para dar sentido às paixões, como que tomando emprestado o lirismo daquelas narrativas para “colorir” a força do amor-paixão. Aduauto Novaes (2009, p. 9) escreve, no prefácio do volume: “[n]a construção dos grandes modelos teóricos e políticos que, na sua positividade, procuram dar respostas totalizantes às interrogações da sociedade, não há lugar para o sujeito da paixão”, sugerindo que o sujeito do amor-paixão, que é tomado pela intensidade passional desse sentimento, acaba sendo expulso das formas “canônicas” disponíveis de produzir a filosofia e política da vida, pelo menos no Ocidente. Nesse sentido, trata-se de afastar a paixão das análises acerca da existência humana: “como herdeira do Iluminismo, a tarefa da razão sábia é *afastar* as paixões, assegurando a objetividade do saber” (ROUANET, 2009, p. 535, grifo do autor). Um texto acadêmico, uma tese, uma dissertação, um artigo “científico”, usam a razão para produzir saber; um livro, um romance, um conto, uma poesia, podem usar a paixão para produzir literatura – que não goza do mesmo *status* do saber na nossa sociedade. Pode uma tese, ou um capítulo de uma tese, usar a razão – que supostamente assegura a

objetividade do saber – para analisar a paixão, o amor-paixão – que supostamente “deturpa” qualquer saber ao torná-lo “passional”? Como analisar razoavelmente um sentimento apaixonante?

O romance é a principal fonte para uma história das paixões no gênero dos microestudos da conduta humana que servem de contraponto existencial à ciência histórica. Mas pode haver também, como sugere Roland Barthes, uma história patética do próprio romance reunindo, de diferentes obras, por efeito de uma leitura viva, aquelas cristas emotivas que delas subsistem, independentemente do todo de que fazem parte, como “momentos de verdade” da literatura. Arrancados de um universo romanesco, esses “momentos de verdade” (...) implicam o reconhecimento da paixão como *força de leitura*. Ousaria acrescentar a essa provocante reflexão (...) que a paixão pode ser igualmente *força da escrita*. (NUNES, 2009, p. 307, grifos do autor).

Se seguirmos essas pistas, parece que os romances da literatura oferecem boas “evidências” do amor-paixão e do amor romântico, na forma de “cristas emotivas”. Ainda, parece que a paixão pode ser um elemento constituinte da força da leitura e, também, da força da escrita. Jurandir Freire Costa (1998), em *Sem fraude nem favor – Ensaaios sobre o amor romântico*, usa e abusa de metáforas, conotações, descrições narrativas cheias de adjetivos para falar precisamente dos conceitos em jogo na experiência do amor romântico. O autor recorre a cenas de romances, cenas de filmes e trechos de poesias para fazer aparecer o sentimento sobre o qual fala, transformando-o em conceito teórico. Ele escreve: “como todo ideal, o amor tem endereços nobres e salas de espera *vips*” (p. 18); “voltamo-nos para o amor como quem espera a arca de Noé”; “em vão quisemos fazer dele um só e o mesmo passaporte para a ‘ilha dos prazeres’ e para o céu das emoções perenes”; “o amor mostra os pés de barro de toda paixão humana” (p. 20). Ora, um conceito teórico ou um sentimento, como o amor romântico, não podem ter endereço nobre, nem sala *vip*, não pode ser arca de Noé nem passaporte para ilhas ou céus. Essas romancizações, por assim chamá-las, me parecem ser mais recorrentes nos textos sobre amor romântico do que nos textos sobre outras temáticas aqui citados, como aqueles sobre corpo, sexualidade e internet. Como escreve o próprio Costa, citando a abordagem de Allan Bloom sobre o amor romântico, “[s]em histórias de amor, sem narrativas amorosas, sem uma produção ficcional que traga o erotismo de volta para o centro dos ideais de felicidade, o amor deixa de ser amor” (1998, p. 143).

Ao analisar a obra de autores como Flaubert, Stendhal, Tolstoi ou Jane Austen, Bloom mostra a lacuna existente entre falar de amor e explicar o amor. Os grandes ficcionistas falaram do amor em primeira pessoa,

enriquecendo as tramas passionais com situações, personagens, conflitos e soluções inéditos. Por isso, teriam sido autênticos produtores de amor, ao contrário dos cientistas e especialistas que, dissecando-o tecnicamente, *destroem o que pensavam explicar*. (...) [A questão de Bloom] é saber como reinjetar na cultura o gosto por histórias de amor, dissolvidas no vocabulário da política ou das ciências. (COSTA, 1998, p. 143, grifo e acréscimo nossos).

Parece que o amor romântico precisa de histórias narrativas para existir, e de histórias em primeira pessoa – o que supõe um sujeito do amor romântico. Parece que a escrita romanesca produz mais amor no momento mesmo de o narrar, ao passo que a escrita “técnica” destrói o amor no momento mesmo de explicá-lo. Suely Rolnik (2007) – que já citei como uma autora importante neste capítulo – cria a “aspirante-a-noivinha” e transforma a escrita em um exercício de alquimia que mistura a teoria e a literatura, fazendo daquela a sua “personagem conceitual” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 75) que a auxilia na análise teórica e conceitual da sua “cartografia sentimental”. Ao ler esses textos, ao perceber as manobras literárias que seus/suas autores/as utilizam para falar do amor romântico, e ao entender que a objetividade da razão só existe graças ao afastamento da paixão – pelo menos na razão iluminista e positivista –, me perguntei se eu não poderia aqui subverter a gramática da razão que fala sobre a paixão transformando este capítulo em um antcapítulo: um capítulo romanceado, um capítulo em prosa, com personagens, enredo, cenários e situações, para analisar os vestígios de amor romântico que encontro nas entrevistas e nos perfis dos homens participantes desta pesquisa. Não arrancando “cristas emocionais” de romances e inserindo-as aqui para falar de amor (embora, de certa forma, tenha sido isso o que fiz ao trazer excertos de obras literárias para abrir cada um dos capítulos), mas fazendo deste próprio capítulo, ou de trechos deste capítulo, uma “crista emocional”, uma história de amor-paixão.

Sobretudo, foi nos perfis *online* que encontrei a justificativa para fazer deste um antcapítulo. O modo com que os homens habitantes do Manhunt escrevem os textos sobre amor que encontrei publicados em seus perfis *online* me inspirou, e me autorizou, a escrever este capítulo de acordo com algo que posso temporariamente chamar de “movimento de romancização da tese”. Valho-me da mesma estratégia de construções narrativas de cenas, cenários, situações, metáforas, personagens, mitos e diálogos, tal qual se valem os homens habitantes do Manhunt em seus perfis quando querem ilustrar suas próprias concepções sobre o amor romântico. A linguagem deste capítulo é uma experimentação estética que se inspira nos trechos de perfis *online* do Manhunt e em trechos de entrevistas com os participantes de pesquisa no sentido de tentar produzir

outro modo de narrar e analisar os dados que encontrei no campo. Portanto, a linguagem deste capítulo é mais romanceada, por assim dizer, que a dos demais; a linguagem deste capítulo procura se desprender do estilo de escrita acadêmica formal e investe em um modo de escrita que busca elementos narrativos, literários, de prosa, para, em uma alquimia, misturá-los aos conceitos teóricos e aos trechos de material empírico para construir suas análises.

5.3. A face que importa I – dentro e fora do armário

Era uma vez... Um noivinho que estava à porta da igreja para seu casório. Um noivinho vestido de “noiva”, com véu-e-grinalda, segurando um *bouquet* de lírios, vestido estilo “repolhão” (largo nos quadris) de tons que iam do branco ao *champagne*, salto alto branco. Noivinho parado em frente à igreja, e os sinos badalando. As portas da igreja se abrem; os convidados se levantam; o noivinho atravessa o marco e ingressa na nave da igreja ao som da marcha nupcial.

Coloquemo-nos na cena: estamos no País de Marlboro. O País de Marlboro é uma ditadura totalitarista onde seu ditador governa tiranamente: o “homem macho másculo”. O País de Marlboro é dividido em dois territórios, duas províncias, que são coextensivas e contínuas uma em relação à outra, separadas por um abismo imenso e profundo. A província número um é a do Mercado da Carne, e essa nós já visitamos: é aquela da carne por ela mesma, dos contornos e da densidade da carne, dos prazeres que a carne pode proporcionar. A carne, entretanto, não é uma medida homogênea: há aqui corpos-que-importam, mas também há muitos anticorpos. Os anticorpos são a carne que não importa, ou que importa menos, se comparada à carne dos corpos-que-importam. Carnes envelhecidas, carnes não-brancas, carnes fracas, carnes gordas desimportam em relação às carnes rijas, jovens, musculosas, magras, caucasianas. Cena número um do Mercado da Carne, altamente obscena, na qual convergem sexo-gênero-sexualidade, “[s]exo, assim como a gente está acostumado a dizer, escutar e sussurrar, sexo ‘de verdade’, sexo com gente envolvida, fazendo coisas com pouca roupa” (SEFFNER, 2009, p. 15), a festa dionísica:

Afim de SACANAGEM. Procuo machos que gostem de muita PUTARIA entre machos, SURUBA também. Sou puto e safado, CURTO CARAS PUTÕES, BEM DOTADOS. Muito tesão, muita putaria, SEXO sem frescuras.

*

Procurando sexo gostoso com caras safados. Só curto caras sarados/malhados que curtem putarias.

Cena altamente erotizada, cena “com gente envolvida” e “fazendo coisas com pouca [ou nenhuma] roupa”, atravessada pela materialidade da carne-que-importa: caras sarados/malhados que dançam e se tocam, se penetram, como bacantes em uma festa dionísica deste início do século XXI. Cena objetiva, direta, de letras MAIÚSCULAS e aumentativos. Cena que se pretende um mapa certo de como chegar ao prazer *da* carne e ao prazer *na* carne. Nessa cena, os corpos estão nus, com pênis eretos, tão nus e tão eretos a ponto de estarem completamente vestidos com seu gênero masculino. Nenhuma nudez será castigada no Mercado da Carne. Essa cena é, igualmente, estratificada, hierarquizada: não é qualquer corpo que dela participa, nem qualquer gênero. A prática do “sexo ‘de verdade’”, da sacanagem, são aqui luxos a que poucos têm direito. Os corpos da cena exibem sexos de macho e gêneros masculinos coerentes: cena de homens machos – e isso delimita o campo de inteligibilidade da carne. A carne prescinde de sua face, o corpo prescinde de sua cabeça. O feminino foi forcluído, expulso mais-que-violentamente em algum momento anterior à cena, porque qualquer toque de feminilidade no corpo de macho corrompe a sua suposta pureza viril. O “homem macho másculo” se mostra como imaculadamente viril; ledo engano, entretanto. Para ele, o feminino é a deriva, a dispersão, a corrosão e a erosão, a impureza outrora banida do território do Mercado da Carne. O homem macho do País de Marlboro, especialmente aquele do Mercado da Carne, só pode emergir através da forclusão da feminilidade. E essa ausência fundante naqueles que se querem “homens machos másculos” refletidos no espelho, conforme argumentei no capítulo *Olhando o gênero que nos olha*, os ameaça e os espreita. Em uma abordagem quantitativa, o feminino é o “pequeno número” (APPADURAI, 2009) e é também “o sexo que não é um” (IRIGARAY, 1985): no Mercado da Carne, os homens afeminados, tocados pelo feminino, de masculinidade híbrida e impura, são abjetos. Repito: o território do Mercado da Carne é uma das duas províncias do País de Marlboro.

Província número dois do País de Marlboro: a Agência Matrimonial. Mudam seus nativos e a forma de exposição dos seus corpos. Eles vestem-se apressadamente, fazem poses comportadas em paisagens bucólicas, sorriem, alguns inclusive usam

óculos escuros ao se apresentarem através de imagens publicadas em perfis *online*. Na Agência Matrimonial ainda vigora o “totalitarismo fotogênico”, mas com suas idiosincrasias. A parte da frente da cabeça dos corpos aparece, cintila e é exigida: um dos homens publica um texto que diz que para “perfis sem foto de rosto não rola nem resposta” de sua parte. Os próprios gerenciadores do *site* Manhunt estimulam que os homens mostrem a parte da frente de suas cabeças, como mostra a figura 38:



Figura 38 – “Mostre a cabeça”. (Fonte: Manhunt.net).

Como escreve outro homem em seu perfil: “TENHO MEDO DE BUNDA SEM CABEÇA”, mencionando uma das partes dos corpos mais fotografadas e publicadas no Mercado da Carne (a bunda), e entre as quais a cabeça dos corpos não figura. Bundas-sem-cabeça, Peitos-sem-cabeça, Pênis-sem-cabeça: os nativos do Mercado da Carne são, em certa medida, acéfalos. Se, ao mostrar a cabeça, aumentam em quinze vezes as chances de receber mensagens, isso significa quinze vezes mais chance de encontrar um corpo no Mercado da Carne e quinze vezes mais chance de encontrar um marido na Agência Matrimonial. A alta probabilidade de encontrar outro homem (um corpo-que-importa ou um marido-sob-encomenda) é sedutora, assim como são sedutoras as densas carnes exibíveis.

É urgente, portanto, apumar a face: bochechas rubras, coradas, de uma cor plena de saúde; cabelos bem cortados, de cor natural, de preferência bem curtos, de preferência bem lisos (pois, assim como no Mercado da Carne, aqui também os cabelos crespos da raça/etnia negra são indesejáveis); barba por fazer que cobre a face com o Rosto do gênero masculino; uma que outra cicatriz como marca de uma masculinidade corajosa, que já passou pela provação do corte, da dor e do sangue; sobrancelhas naturais – isso é importante! –, sem quaisquer rastros de intervenção a pinça, como mostrou o trecho de entrevista feita com MadeInBrazil, trazida no capítulo anterior, em

que o entrevistado fala sobre a “distribuição política” dos pelos na superfície das peles dos corpos de homem.

É curioso, no entanto, que no “totalitarismo fotogênico” que organiza tanto a Agência Matrimonial quanto o Mercado da Carne aconteça que a face, a parte da frente das cabeças dos corpos, seja objeto de tanta disputa. É curioso que no Mercado da Carne as faces dos corpos estejam recortadas das imagens, constituindo-se como uma das ignorâncias dos corpos-currículos. Porém, as faces, que no Mercado da Carne tornam-se ausências absolutas, na Agência Matrimonial ocupam um lugar diferenciado, contam com uma importância distinta. Tal qual no mito grego, um dos efeitos da exposição da face na Agência Matrimonial é a petrificação: o olhar mortal de Medusa, que onde quer que o pouse transforma em pedra. Efeito terrível e sufocante esse: a face capaz de fazer estátua aquele que a olha nos olhos – que, no contexto do “totalitarismo fotogênico” do Manhunt, a face pode tornar-se uma armadilha formidável. “Mostre a cabeça”, como estimula o próprio *site* na figura 38, e petrifique aqueles que te olham na face.

Pois podemos pensar que a face, a parte da frente da cabeça, contamina o corpo como sua “impressão visual”, tal qual uma impressão digital – e talvez seja esse o motivo de haver sempre uma fotografia 3x4 da nossa face junto da nossa impressão digital nas carteiras de identidade. A exibição de nossas faces, junto com o relevo singular das peles dos nossos dedos, determina quem nós somos. A face impregna-se no corpo e, como se fosse um território poderoso dentro do próprio corpo, ela é capaz de atribuir a ele uma identidade. Talvez seja essa uma das razões que dão condições para uma disputa interessante entre a exibição de peitos, abdômes, bundas e pênis que geralmente não mostram suas faces, como no Mercado da Carne, e a exibição de muitas faces que geralmente não mostram seus peitos, abdômes, bundas e pênis, como na Agência Matrimonial. Quando um homem habitante do *site* publica fotografias de seu peito, abdôme, bunda e pênis em seu perfil, ele preserva a sua “impressão visual” – aquela parte do corpo que determina sua identidade e que, se publicada no Manhunt, significaria sua saída do “armário”. Quando um homem habitante do *site* publica fotografias de sua face em seu perfil, isso soa como uma revelação, um “assumir-se” como homem gay, soa como um “dar a cara a tapa”, mostrando toda a força que a face pode adquirir no “totalitarismo fotogênico”.

Nessa direção, em uma entrevista *online* com A.Albuquerque, ele diz o seguinte sobre a escolha das fotografias de seu perfil *online* (nelas, só aparece seu peito nu e suas pernas, um corpo de homem saindo do mar, vestindo apenas uma sunga): “Bom, eu tinha foto de rosto antes, aí navegando pelo *site*, eu encontrei um ex-aluno meu. Por esse motivo, me vi muito exposto, e é realmente muita exposição, corro o risco de me verem, é claro, por isso resolvi mudar a foto”. E ele continua: “Mas eu acho que tem uma outra explicação para isso: tórax, cueca, pau e bunda são parecidos, com algumas diferenças pitorescas, mas a ‘cara’ não, (risos), essa é só uma”.

“O frescor de cada revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome” (SEDGWICK, 2007, p. 21). Ora, dar a face às vistas nas imagens dos perfis *online* equivaleria, para esses homens, dizer o próprio nome (ou o nome próprio), equivaleria assumir-se, sair do “armário” – é isso, de certa maneira, o que diz A.Albuquerque. Podemos inclusive sugerir que “a era da internet parece tê-los libertado da maioria das restrições do armário” (MISKOLCI, 2009, p. 172); mas essa proposição não se sustenta e, conforme o próprio Miskolci refere (op. cit., p. 184), a internet acaba se tornando “um armário para dois”. E isso acontece devido à recorrente demanda por “sigilo” e “discrição” em relação ao “amor que não ousa dizer seu nome” que consta nos perfis *online* – tanto no Mercado da Carne quanto na Agência Matrimonial:

[...] Sou masculino e gosto de pessoas assim. Tenho uma reputação a zelar e prezo por isso [...]

*

[...] procuro cara parceria [...] DISCRETO, essa é a única exigência que faço, que tenha postura de homem, que goste de coisas de homens, beber, falar bobagem etc, sem papo clichê de moda, madonna e britney spears.

*

Dispensio: Quem se diz “discreto”, pois apenas disfarça o que é na verdade. Casados, enrolados e quem diz ter namorada ou noiva pra vender uma imagem de que é macho. Dispensio Barbies e viadinhos fashion.

*

Sou razoavelmente bem casado. Sou discreto e não curto coisas de viado, ambientes gay e papo de assumir. Pra mim sexo é sexo. Ser viado é outra coisa.

*

A capa conta bastante, mas não gosto de me expor nesses sites [...]

*

[...] Bem nascido e com boa formação, sou feliz e totalmente satisfeito “dentro do armário”, inclusive tenho noiva (que não sabe e não participa) e filhos na faculdade. Portanto, ofereço e exijo sigilo, discrição total, como ponto básico, sem os quais nada será possível. [...]

*

NÃO quero saber de assumidos, afeminados, sexo casual, promíscuos, casados, casais, paus e bundas, turistas, gordos/gordinhos, burros, fúteis e pessoas de baixo nível e/ou bizarras. EU sou um cara que cuida da aparência física e da cabeça, esforçado, culto, inteligente, muito discreto (bi [bissexual]), naturalmente másculo, ótimo nível. Procuro um cara com o mesmo perfil (se é assumido pra amigos e/ou família, NEM VEM!) [...] Sou bem INFLEXÍVEL quanto às minhas exigências.

Pois, por mais que a filosofia e a ciência modernas tenham atacado a separação cartesiana entre *mente* e corpo, não foi nem um pouco afetada a convicção de nossa cultura referente à separação entre *rosto* e corpo, que influencia todos os aspectos dos costumes, modas, apreciação sexual, sensibilidade estética – praticamente todos os nossos conceitos do que é correto. (SONTAG, 2007, p. 108-109, grifos da autora).

Talvez seja possível indicar que “o amor que não ousa dizer seu nome” também não ousa mostrar sua face, pois isso significaria “sair do armário” e romper com as recém trazidas demandas por “sigilo” e “discrição”. A exibição da face, e todo o peso cultural e político que ela carrega, conforme refere Sontag, faz da parte da frente da cabeça um território corporal tão disputado quanto o são os pênis, por exemplo. Os pênis estão ligados ao Rosto de gênero masculino e a face, apesar de também estar ligada ao Rosto de gênero, liga-se sobremaneira a uma longa tradição ocidental que organiza a cultura em torno de valores morais, estéticos, políticos e, conforme argumentarei mais adiante, também a valores éticos. Isto é: a face importa. E por importar, a face faz emergir interessantes condições de exposição dos corpos dentro do Manhunt.

Nonix: Então, dependendo da época eu não olho nem no espelho, eu evito. Tem época que eu fico em crise eu não olho nem no espelho.

Luiz Felipe: Mas nem...

Nonix: Pra escovar os dentes é terrível.

Luiz Felipe: Sério?

Nonix: Aham.

Luiz Felipe: Quando tu vai escovar os dentes às vezes tu não olha no espelho?

Nonix: Não. Eu evito. Ou então eu foco no dente. Uso aquela escovinha menor por causa do aparelho, então coloco o foco aqui. Não olho pra cima, não olho pro lado, não olho pra baixo. Quando eu to muito em crise.

Luiz Felipe: E tu tomaste remédio?

Nonix: Não tomo mais. Eu tomei em 2007. Eu fiz um tratamento.

Luiz Felipe: É essa coisa de tu não gostar do teu corpo?

Nonix: hm.... O corpo em si não tem problema. O problema é o rosto.

Luiz Felipe: O teu problema é o rosto.

Nonix: É rosto.

Luiz Felipe: O teu ou o dos outros?

Nonix: O meu. Tipo, eu não precisava arrumar meus dentes, nem nada. Mas o dentista sugeriu, e eu pago caro nisso também, pra consertar. Eu precisava abrir a arcada, ele achava minha arcada muito apertada, e tal. Então eu vou abrir a arcada, depois eu vou aumentar o maxilar, vou fazer o queixo, vou cortar meu nariz... [...] Então o meu problema é mais rosto, porque pra mim corpo você modifica, você pode modificar sem grandes esforços, cê faz uma academia, principalmente aqui no Brasil que academia é muito barata, com aparelhos bons, cê chega lá no primeiro mês, o cara de ensina durante um mês, depois cê pega sozinho, cê vai. Tem suplemento, se você fizer uma dieta legal você consegue. Então corpo cê modifica quando cê quer. Força de vontade, você muda. Rosto já fica mais difícil. É mais complicado. Cê pode consertar o dente com aparelho, mas leva 2 anos, muita dor, muita boca machucada. Mas, tipo, desenhar o rosto, ter um rosto mais bonito, mais proporcional, isso aí é difícil. Cê pode melhorar, mas não fica bonito. Não tem como você ser uma Marisa Orth na Maitê Proença. Não tem como. Mas você pode dar uma melhorada na Marisa Orth [risos]. Não é a mesma coisa. Então, geralmente... Eu penso assim, né, tem muito cara que tem uma cara muito feia, mas um corpo incrível. Então, eles malham demais o corpo pra desviar a atenção do rosto. É bem comum isso, as pessoas fazem isso. [...] Então, o cara vai olhar pro peito, não vai olhar pra cara. Então é mais ou menos a ideia que eu sigo: com um corpo bom cê desvia do rosto. Mas tem gente que prefere o rosto ao corpo.

Isso que Nonix chama de “rosto” eu chamo de face, a parte da frente da cabeça: a cara, *le visage*, *the face*, a “impressão visual” de um indivíduo. Existe, nesse trecho de entrevista, uma noção de que a face é incontornável, desde já pronta, sendo mais difícil de ser modificada do que o resto do corpo; e, mesmo que se queira modificá-la, isso somente acontece à custa de muita dor física, investimento financeiro e temporal. É importante de mencionar que esses elementos já apareceram no capítulo *Mercado da*

Carne: os caçadores de corpos, na entrevista com Duck: lá ele atestava seu longo e intenso investimento de conversão de anticorpo (um corpo fraco e magro) para corpo que importa (um corpo forte e sem gordura). Na seção “Neocartesianismo”, daquele mesmo capítulo, também apareceram elementos que aqui retornam: a ideia da intervenção cirúrgica como última tentativa de transformação do corpo – além, é claro, de uma forte divisão binária entre face *versus* corpo que tem contornos bastante parecidos da divisão mente *versus* corpo que lá também surgiu. De certa maneira, podemos notar continuidades no excerto destacado da entrevista de Nonix em relação às discussões prévias sobre intervenções corporais que visam a “turbinar” os corpos, como refere Denise Sant’Anna (2000). Também existe uma continuidade em relação à ideia de que há algo “incontornável” e difícil de mudar, algo mais ou menos perene e valioso: lá, na seção “Neocartesianismo”, era a mente, e aqui é a face; enquanto que o corpo, ou o “resto” do corpo, tanto lá quanto aqui, aparece como algo transformável, ou submetido à degradação do tempo ou à plasticidade elástica, como algo que pode, deve, e iminentemente será modificado. A materialidade corpórea é passível de trânsito de um estado a outro, com mais ou menos dor, com mais ou menos investimento financeiro, em maior ou menor prazo temporal; de qualquer maneira, a materialidade corpórea é coisa moldável, transformável, conversível. A modificação do corpo é coisa comprável.

No entanto, há certas dissonâncias aqui em relação às discussões anteriores. Vemos que a face do corpo é um território corporal que funciona como um elemento organizador de diversas valorações produzidas sobre um indivíduo: a oposição face *versus* corpo aparece com força aqui e serve de emblema para o modo de exibição diferenciado dos corpos dos noivinhos na Agência Matrimonial do Manhunt através de seus perfis *online*. Todos os noivinhos mostram suas faces, e aquele que não a mostra pode não ser um “bom noivinho” – isto é, pode não ser alguém elegível para o vínculo do amor romântico. O que é interessante, no excerto de entrevista com Nonix, é a radicalidade com a qual ele lida com a sua própria face, a intensidade da separação que aí acontece entre face e corpo – que o faz investir pesadamente em exercícios para tornar seu corpo um corpo-que-importa visando, com isso, a desviar a atenção de sua face para seu corpo. Ele diz que um homem “vai olhar pro peito, não pra cara”, isso se o peito for um peito-que-importa. “Com um corpo bom”, ele diz, com um corpo-que-importa, “cê desvia do rosto [da face]”. Aqui, portanto, a construção do corpo-que-importa existe para desviar e deslocar a relevância da face, pois ela é, de fato, relevante.

Estão mapeadas algumas condições que fazem com que a face dos corpos seja disputada, isto é, que ora seja uma ausência absoluta, ora seja uma presença sempre exigida: talvez porque a exibição da face equivalha, no contexto do País de Marlboro, a uma “saída do armário” que rompe com o “sigilo” e a “discrição”. Talvez a exibição da face seja necessária porque essa é a única parte que importa de um corpo que talvez não importe tanto ou, pelo contrário, talvez a ausência da face aconteça precisamente porque o que importa é o “resto” do corpo, e não o seu “rosto” – pensado aqui como equivalente à face.

De tanto importar, a face amedronta – e talvez seja esse aspecto que mais impressione no trecho de entrevista com Nonix. O fato de ele às vezes não conseguir encarar a própria face, não conseguir ver-se refletido no espelho, algo que ele menciona como uma doença psicológica para a qual já diz ter tomado remédios. É esse o aspecto que eu gostaria de “pinçar” dessa entrevista para continuar desenvolvendo meu argumento ao longo deste capítulo. A face importa, e eu gostaria de explorar os significados dessa importância. A face importa, e eu mencionarei mais adiante que talvez a face importe tanto porque ela perfaz uma demanda ética em relação àquele(s) outro(s) que a en-caram.

Para seguir explorando as relações que emergem da importância da face, tomarei emprestada a figura mitológica da Medusa, ilustrada por Caravaggio na figura 37, para criar o personagem do noivinho-Medusa. Na mitologia, Medusa era a irmã mortal das Górgonas. Um dia, Medusa fora bela, jovem e sedutora, ao contrário de suas duas irmãs, Esteno e Euríale, que sempre foram horrendas. Quando jovem e bela, Medusa amou apaixonadamente Possêidon, e ambos se entregaram a esse amor-paixão dentro de um templo dedicado à Atena. A deusa Atena, furiosa com o que ela pensou ser uma difamação, puniu Medusa: transformou seus cabelos em serpentes e deformou seu belo rosto. Ainda, Atena lançou uma maldição sobre a Górgona: assim como suas irmãs, o olhar de Medusa transformaria em pedra qualquer pessoa que a olhasse diretamente. Grávida de Possêidon, Medusa foi morta por Perseu – que, estrategicamente, usou seu escudo para desviar o olhar petrificante de Medusa e poder desferir um golpe que a decapitou. A cabeça de Medusa foi entregue à Atena, e de seu pescoço jorrando sangue nasceram seus dois filhos: o gigante Crisaor e o corcel alvo e alado Pégaso (VILLAS-BÔAS, 1995, p.236-244).

São muitos os elementos paralelos do mito de Medusa com a relevância da face nas imagens dos perfis *online*, tanto do Mercado da Carne (na sua ausência absoluta) quanto da Agência Matrimonial (na sua súbita aparição). Isso que chamo de noivinho, ou de “aspirante-a-noivinho”, mostra sua face nas imagens de seu corpo em seu perfil *online* e dirige-se ao(s) outro(s) se colocando como um apaixonado, um homem apaixonante, que merece ser eleito para o amor romântico. Ele é como a Medusa apaixonada por Possêidon. O noivinho-Medusa compartilha com o mito o olhar petrificante, sobretudo. O noivinho encomenda um marido ao descrevê-lo em pormenores apaixonados através dos textos publicados nos perfis, um marido idealizado nos moldes do amor romântico que, de tão idealizado, o marido acaba petrificando-se. Haverá, assim, um Perseu nesse nosso mito contemporâneo capaz de estancar a petrificação idealizante a que está submetido o marido-sob-encomenda; um Perseu-pós-moderno capaz de cortar a cabeça do noivinho-Medusa, desviando seu olhar petrificante e fazendo nascer dele um gigante e um corcel alvo e alado. Haverá, também, a possibilidade de escapar da forma rígida de noivinho e de marido, típicas da Agência Matrimonial na qual pode se constituir o Manhunt para alguns homens que o habitam. Não é certo, contudo, que o gigante e o corcel alado – produtos da morte de Medusa – consigam escapar da forma rígida e ditatorial de “homem macho másculo”.

5.4. Vestido para matar/casar: o noivinho-Medusa mata/casa com o marido-sob-encomenda

É dia de festa na província da Agência Matrimonial: a entrada triunfante do “aspirante-a-noivinho” pela nave da igreja, ao som da marcha nupcial, para se casar com o marido-sob-encomenda. Para o noivinho, para quem “[r]ealizar o amor sonhado tornou-se um desafio ou uma massacrante obsessão” (COSTA, 1998, p. 12), esse é o dia mais importante de sua vida. Muitos convidados²⁸ se levantam quando as primeiras notas da marcha são tocadas pelo órgão: o “aspirante-a-noivinho” convidou o ditador “homem macho másculo”, o “Amigo”, inclusive alguns anticorpos viajaram da província do Mercado da Carne para vê-lo casar e, quem diria, um corpo-que-importa acéfalo está na primeira fila sedento por agarrar o *bouquet* – esses personagens serão apresentados ao longo deste capítulo quando for o momento. Por ora, é importante sabermos que estão todos presentes ao casório, vestidos com trajes *Black-tie*, *Tênue de*

²⁸ Prescindo, mais uma vez, dos adendos “/a” e “/as”, posto que estamos no território do País de Marlboro, de onde a feminilidade foi forcluída – razão pela qual não haverá mulheres convidadas para o casório.

*Soirré*²⁹ – menos o corpo-que-importa acéfalo sentado na primeira fila, que está seminu; é pedir demais a um corpo-que-importa que ele se vista completamente, pois ele implora pelo olhar do(s) outro(s).

O olhar petrificante da face do noivinho-Medusa se revela por debaixo do véu-e-grinalda, feliz e radiante: “nada traz o alento do amor-paixão romântico correspondido. Diante dele tudo empalidece; sem ele até o que engrandece perde a razão de ser” (COSTA, 1998, p. 11). É importante de indicar, a essa altura, que “[a] paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é, então, o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro”, o que nos leva a considerar que o noivinho-Medusa necessita do marido-sob-encomenda para ser ele próprio: “Um ser autárquico não teria paixões” (LEBRUN, 2009, p. 13). O noivinho-Medusa supõe que o marido-sob-encomenda o aguarda no altar.

Procuro Alguém! Não precisa ter beleza exterior. Mas que o seu interior seja lindo. Que me ame e que me faça o amar profundamente. Procuro alguém. Que me dê o seu sorriso mais bonito. Que dê pra mim os abraços mais apertados. Que seus beijos, nos meus lábios, sejam os mais molhados. Procuro alguém... Não precisa ser perfeito. Para que eu tenha a chance de crescer junto. Procuro alguém. Que seja fiel a seus sonhos. Que me faça sentir a sua falta. Que me faça esquecer da vida. Que por mim não sinta só desejo. Mas infinitamente amor. Procuro alguém. Que me aceite do jeito que eu sou. Que brinque com meus sentimentos. Que seja digno e inteligente.

*

TANTO ENTENDIMENTO... TÃO BOM! COMO UM NÁUFRAGO EM UMA ILHA, LANÇO UMA MENSAGEM NESSA GARRAFA VIRTUAL... DESEJANDO QUE SEJA ENCONTRADA POR UM CARA MÁSCULO, BACANA, AMOROSO CONSIGO MESMO E COM OS QUE ESTÃO A SUA VOLTA... UM CARA ENTRE 35 E 45 ANOS, ÍNTEGRO, QUE SE CUIDE E SE CONHEÇA, SEGURO... E PELUDO... ACHO LINDO!! ALGUÉM QUE SAIBA O VALOR DE MOMENTOS DIVIDIDOS, GARGALHADAS SINCERAS, ABRAÇOS BEM DADOS... PRAZER E ENTENDIMENTO!! ESSE CARA VAI SER MUITO AMADO... BEM VINDO... BEM REAL!! VEM... CHEGUE... ENCONTRE A MIM E A MEUS DESEJOS BACANAS... EMOÇÕES REAIS... SEM PRETENÇÕES [sic] A PERFEIÇÃO... BEM VINDO.

²⁹ A categorias “Black-tie” e “Tênu de Soirré” são definidas, geralmente, da seguinte forma: “Não tem como fugir: neste tipo de traje, os homens obrigatoriamente devem usar smoking. (...) É o tipo de traje apropriado para uma festa de casamento glamourosa, que acontece à noite. Maquiagem e cabelo devem estar impecáveis. Jóias, brilhos e bordados também são bem-vindos.”. Disponível em <http://www.casamentoclick.com.br/report/tipos-trajes-para-festa-casamento.html>, acessado em 20 de dezembro de 2012.

O monólogo é um cântico monótono que dá forma ao marido-sob-encomenda do “aspirante-a-noivinho”; um olhar monocromático do noivinho-Medusa que petrifica o(s) outro(s) em estátua lapidada com o molde do marido-sob-encomenda. Essa estátua tem um sexo, uma masculinidade: emerge dentro do mesmo Rosto do gênero no qual emergem os corpos no Mercado da Carne. Os movimentos em cena são milimetricamente planejados de acordo com um *script* bastante formal. Primeiro, o “aspirante-a-noivinho” se põe à caça, assume sua posição no jogo agonístico da caça, conforme mencionei no *Capítulo Guia*: ele grita, “Procuro Alguém!” e, com o poder performativo da frase enunciada, o “aspirante-a-noivinho” passa a construir para si o seu marido-sob-encomenda. Ele grita, “Procuro Alguém!”, e levanta seu véu-e-grinalda; aquele que o olhar nos olhos petrifica-se em estátua: o marido-sob-encomenda do noivinho-Medusa.

E o marido-sob-encomenda toma corpo (ou faz-se em estátua de pedra olhado pelos olhos da face do noivinho-Medusa): prescinde de “beleza exterior” para reluzir como alguém cujo “interior seja lindo”. Esse talvez seja o primeiro afastamento, ou bifurcação, da Agência Matrimonial em relação ao Mercado da Carne: os corpos dos maridos-sob-encomenda são virados do avesso, pois a superfície de suas peles não é (tão) mais importante quanto aquilo que por elas está encapsulado. A guinada para a interioridade é imprescindível na Agência Matrimonial, pois é preciso achar pulsando debaixo das peles que cobrem as carnes tudo aquilo que não é perecível no tempo: a morada das essências interiores, e mais tudo aquilo que foge à vista, tudo o que não é passível de ver com os olhos. Forja-se, então, uma interioridade “invisível” para o marido-sob-encomenda que, não obstante, tem características bastante bem verificáveis – e que precisa ser linda. A interioridade “invisível” do marido-sob-encomenda é, desde sempre, bela e também profunda. E aqui surge outra bifurcação entre o Mercado da Carne e a Agência Matrimonial: essa quer dar condições para o noivinho-Medusa mergulhar nas profundezas dos sentimentos, ao contrário daquela, que surfa na superfície dos músculos rijos e *fat-free*.

O noivinho-Medusa segue encomendendo seu marido: ele sorri belamente, ele abraça apertado, ele beija molhado – percebam que o marido-sob-encomenda tem um corpo que sorri, que abraça e que beija. O noivinho-Medusa encomenda um marido que, além disso, também sonha e que é fiel àquilo que sonha: a fidelidade esboça uma aparição, mas é eclipsada pela menção à dignidade e à inteligência do marido-sob-

encomenda. Pois, como eu disse, sua interioridade “invisível” tem características bastante bem verificáveis. Seu interior, para ser belo, precisa ser digno e inteligente. O corpo do marido-sob-encomenda não apenas deseja (talvez sexualmente) o noivinho-Medusa: “Que por mim [o marido-sob-encomenda] não sinta só desejo. Mas infinitamente amor”: e o desejo (talvez sexual) se torna, assim, submisso ao amor. As expressões “amar profundamente” e “infinitamente amor” sugerem que o noivinho-Medusa desconhece o fundo e o limite para isso que ele sente em relação ao marido-sob-encomenda. A intensidade do amor é também marca característica da Agência Matrimonial, que se opõe à fugacidade do tesão do Mercado da Carne (um que dá e passa) – porém, é importante assinalar que o tesão pode bem ser intenso a seu modo. O que aqui talvez distinga a intensidade do amor da intensidade do tesão é que o primeiro se pretende duradouro e tem por alvo um único marido, ao passo que o segundo é fugaz e se distribui entre tantos corpos quanto eles sejam desejáveis.

Não. O marido-sob-encomenda não brinca com os sentimentos profundos e infinitos do noivinho-Medusa, pois, se o marido o ama “verdadeiramente”, então não terá outros noivinhos-Medusa prometidos para si. Ambos, o marido-sob-encomenda e o noivinho-Medusa, precisam ser únicos e reciprocamente complementares. Mais adiante as características da duração temporal, da reciprocidade complementar e da fidelidade monogâmica reaparecerão na Agência Matrimonial do Manhunt.

O noivinho-Medusa segue gritando: “Procuro Alguém!”. E a encomenda, agora sim, vai ganhar um corpo, uma carne, uma superfície concretas – pois, por mais que se sublinhe a proeminência do interior sobre o exterior, é preciso considerar que estamos no País de Marlboro onde há apenas um Rosto de homem. Assim, o noivinho-Medusa lapida os contornos da estátua de pedra do marido-sob-encomenda, e o encomenda com precisão (e urgência): um marido másculo, entre trinta e cinco e quarenta e cinco anos, peludo. Eis aqui explicitamente o sinal daquilo que mencionei no início deste capítulo como sendo “o solo arqueológico comum” ao Mercado da Carne e à Agência Matrimonial, aquilo que faz com que um seja coextensivo ao outro: o marido-sob-encomenda também é macho, másculo, viril – assim como os corpos-que-importam e os anticorpos do Mercado da Carne. A coerência entre sexo-gênero-sexualidade, tão cara à delimitação do campo de inteligibilidade no qual os corpos lá emergem, persevera na Agência Matrimonial. O Rosto de gênero, que regula a inteligibilidade dos corpos, faz com que não apenas o desejo sexual de homens por outros homens adquira sentido na

relação com essa suposta coerência, como mencionei no capítulo anterior, mas, igualmente, o sentimento de amor e afeto de homens por outros homens também florescem apenas em articulação com essa mesma coerência, sob a insígnia desse mesmo Rosto. O gênero regula também os ideais de amor romântico. Será mesmo, então, que “somente os viris e discretos serão amados?” (CARRARA, 2005).

O noivinho-Medusa é obcecado por pelos. Ele se preocupa com os pelos da face, com a barba, com as sobrancelhas, com os pelos pubianos, os pelos anais, os pelos das pernas. Ele depila os seus pelos, mas também policia a depilação dos pelos do marido-sob-encomenda. Ele determina, na sua encomenda, a densidade da pelagem do marido. Ainda, o marido-peludo-sob-encomenda tem que se acomodar em uma faixa etária previamente estipulada pelo noivinho-Medusa. O noivinho-Medusa encomenda a faixa etária do marido-peludo-sob-encomenda como requisito daquele que ele quer que encontre a mensagem que ele lança ao mar. Podemos supor que, se por acaso, essa mensagem for encontrada por um rapaz de vinte anos, ou por um de sessenta, ou talvez por um homem de corpo liso, esses seriam maridos que não saíram como a encomenda, seriam maridos-não-encomendados, anti-maridos para o noivinho-Medusa. E, então, sua mensagem permaneceria perdida, lançada ao mar – não por falta de maridos, mas por excesso de encomenda.

O noivinho-Medusa ainda tem voz para continuar a gritar: “Procuro Alguém!”. Passando, então, para uma lista das características “invisíveis”, porém verificáveis, do marido-sob-encomenda: “integridade”, “segurança”, “auto-conhecimento”, “desejos bacanas”, “emoções reais”, “nenhuma pretensão [*sic*] à perfeição”. Esse “alguém” a que se dirige o grito do noivinho-Medusa deve saber dar valor aos momentos divididos, às gargalhadas sinceras, aos abraços bem dados. Novamente, um marido-sob-encomenda que gargalhe, e que gargalhe sinceramente, que abrace: ele parece desconhecer o choro, a lágrima, a dor, pois a encomenda solicita que o marido só sorria, só abrace, só beije, só gargalhe. A alegria é constituinte do marido-sob-encomenda. A sinceridade é outra marca da Agência Matrimonial, pois aqui as emoções precisam ser transparentes. O noivinho-Medusa não quer um marido desonesto, que brinque com seus sentimentos, um marido que se esconda. O noivinho-Medusa não suporta a cegueira, tampouco a invisibilidade.

Depois de toda essa cartografia do marido-sob-encomenda, poderíamos supor que esse marido encomendado – que talvez espere o noivinho-Medusa no altar da igreja no casório em que estamos – seja uma idealização fantasmática, um sonho bom, uma vertigem. Entretanto, ele é tão real, tão palpável, tão corpóreo que podemos pensar o contrário: o amor romântico que anima o noivinho-Medusa não é irracional, já que contém sua própria racionalidade e sua própria carne.

Ora, a prática amorosa desmente radicalmente a idealização. Amamos com sentimentos mas também com razões e julgamentos. A racionalidade está tão presente no ato de amar quanto as mais impetuosas paixões. Amar é deixar-se levar pelo impulso passional incoercível, mas sabendo bem “quem” ou “o que” pode e deve ser eleito como objeto de amor. A imagem do amor transgressor e livre de amarras é mais uma peça do ideário romântico destinada a ocultar a evidência de que os amantes socialmente falando, são, na maioria, sensatos, obedientes, conformistas e conservadores. Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria gostos ou preconceitos de classe, “raça”, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que “merecem ser amados”. Na retórica do romantismo, o amor é fiel apenas à sua própria espontaneidade. (COSTA, 1998, p. 17).

Solteiro em Salvador (...) Sem essa de metade, pouquinho, parte. Não aceito menos do que eu desejo nem do que eu imagino que mereço. Quero relação inteira.

*

Solteiro Procura. Estou solteiro e procuro alguém que me tire desse site... Odeio o tipo de homem que só quer tranzar [sic], pois esses são os mais fracos e inúteis. Quem estiver a fim de um papo ou relacionamento sério estarei aqui pronto para conversar. ABRAÇO.

*

Em busca de um projeto de amor e companheirismo. Desenvolver um sentimento de cumplicidade só é difícil para quem mergulhou (e se afogou) no universo das ofertas fáceis de sexo. Sou HIV há mais de 16 anos e tenho deficiência motora, mas sou eficiente em transmitir carinho, afeto e em ser o parceiro para toda a vida.

*

Quero encontrar alguém que me interesse! Quero encontrar alguém que se encaixe no meu perfil de pessoa, humilde, honesta, sincera, romântica, que goste de verdade, que curta a pessoa não por sexo, mas pelo caráter, mostrando atitudes que gosta de verdade, que lute pelo seu amor. Pessoa atenciosa, carinhosa, fiel, que não olhe só pelo lado da beleza exterior e sim pelo lado da beleza interior, de dentro pra fora, que seja a pessoa mesma, sem mentira, sem fantasia de ser outra pessoa, que saiba conquistar e ser conquistado, sem falsidade, que ame de verdade.

A fraqueza (de caráter) não tem lugar na Agência Matrimonial, assim como a fraqueza (dos músculos) é hostilizada no Mercado da Carne. A fraqueza (de caráter), para o noivinho-Medusa, é sintoma daquele homem que “só quer tranzar” [sic]: aquele homem que “só vê corpo”, aquele que é incapaz de ver o invisível, de ver aquilo que escapa ao corpo, e aquele homem que só extrai prazer do corpo. Esse homem, tão típico da província do Mercado da Carne, é tido como fraco e inútil na província da Agência Matrimonial. O noivinho-Medusa, vejam só, quer ser salvo do Manhunt: entre todos os homens habitantes do *site*, ele encomenda aquele que irá tirá-lo daí, enlaçando-o pela cintura com seu braço forte e acomodando-o atrás de si no cavalo branco (que não é Pégaso), em uma cavalgada sem cela. Todo marido-sob-encomenda que se preza, assim como todo bom noivinho-Medusa, está disposto a um relacionamento sério; o que implica supor que todo marido-sob-encomenda que se preza, assim como todo bom noivinho-Medusa, tem por primeiro objetivo encontrar um parceiro e, por segundo, sair da Agência Matrimonial. Habitar a Agência Matrimonial só faz sentido se o que se quer é sair dela ao encontrar um marido-sob-encomenda. Cruel paradoxo para o noivinho.

Relacionamento sério, na gramática do noivinho-Medusa habitante da província da Agência Matrimonial, pode bem ser “um projeto de amor e companheirismo”, o desenvolvimento de “um sentimento de cumplicidade”: o noivinho-Medusa e o marido-sob-encomenda são cúmplices do crime perfeito do amor romântico. O noivinho-Medusa olha para os patrícios do Mercado da Carne e decreta sua morte: mergulharam (e se afogaram) “no universo das ofertas fáceis de sexo”. Os patrícios do Mercado da Carne são acusados, mais uma vez, de fraqueza. Em contrapartida, o noivinho-Medusa é forte, é corajoso: mesmo vivendo com HIV e tendo deficiência motora, ele é “eficiente em transmitir carinho, afeto”. Pois o afeto e o carinho do noivinho-Medusa transborda o corpo e coloca-se acima, muito acima, de qualquer vírus e qualquer deficiência, de qualquer obstáculo que a carne possa oferecer. O afeto e o carinho que o noivinho-Medusa quer dar ao marido-sob-encomenda ultrapassa a carne e os prazeres do universo das ofertas fáceis de sexo: a Agência Matrimonial oferece um território ulterior onde nada perece, nem estraga, nem se contamina, nem morre; um território do Eterno e do Profundo. A prática sexual entre o noivinho-Medusa e o marido-sob-encomenda “só deixa de ser espúria e mesquinha quando engrandecida pelo sentimento amoroso” (COSTA, 1998, p. 69). Não se trata, absolutamente, de não haver sexualidade entre ambos; trata-se, sim, de haver uma sexualidade limpa, sagrada e consagrada pela pureza

do amor-paixão, uma sexualidade noivinho-marido/papai-mamãe circunscrita pela beleza radiante do par do casal de amantes apaixonados – e regulada pela insidiosa presença do Rosto do gênero.

O marido-sob-encomenda é “um parceiro para toda a vida”, assim como o noivinho-Medusa também o é. O acento aqui recai na partícula “para toda a vida”, e não na partícula “um parceiro” – mais adiante, quando o personagem “Amigo” entrar em cena, explicarei as razões para isso (“um parceiro” pode também ser um “Amigo”, mas o noivinho-Medusa não quer um Amigo, ele quer um marido-sob-encomenda). O acento aqui é no projeto de duração, de estabilidade, de longo prazo. A duração, a estabilidade, o longo prazo só são conquistados e preservados mediante a produção incessante da “verdade”: quem o noivinho-Medusa e o marido-sob-encomenda “verdadeiramente” são e o que “verdadeiramente” sentem são pilares fundamentais para qualquer eternidade romântica. Não pode haver fantasia, mentira ou falsidade entre eles, não pode haver máscara, não pode haver simulação, não pode haver cópia. A honestidade, a sinceridade, a transparência total de sentimentos e de identidades constitui a experiência original do amor romântico da Agência Matrimonial. O noivinho-Medusa precisa saber-se um noivinho-Medusa, e precisa assumir-se enquanto um; precisa sair do armário enquanto um noivinho; precisa mostrar sua cara. Da mesma maneira, o marido-sob-encomenda precisa sê-lo plenamente, sem dissimulações ou trapaças. A face petrificada do marido-sob-encomenda e a face petrificante do noivinho-Medusa olham-se mutuamente, nuas de falsidade, enrijecidas em redomas de cristal translúcido, porém aprisionante.

O noivinho-Medusa nunca se assumiu tão explicitamente como Medusa (ou Narciso?) quanto o faz aqui: “quero encontrar alguém que se encaixe no meu perfil de pessoa”. Um dos fascínios mais sedutores do amor romântico “é prometer um tipo de felicidade na qual os indivíduos encontrariam a completude numa perfeita adequação física e espiritual ao outro” (COSTA, 1998, p. 70). E aí é fácil entender que a face petrificante do noivinho-Medusa na Agência Matrimonial é a contrapartida da relação especular quase-narcísica dos corpos que importam no Mercado da Carne – sombria conclusão.

5.5. Sozinho no altar

Rapidamente, um crepúsculo sucedeu à festa na qual amanhecera a Agência Matrimonial. O noivinho-Medusa percorreu a nave principal da igreja segurando o *bouquet*. Os/as convidados/as estão de pé. Demasiadamente apressado, o noivinho-Medusa não esperou que o autorizassem subir o véu para o marido-sob-encomenda beijá-lo: já mostrou sua face antes disso, ansioso por beijos molhados, abraços apertados, gargalhadas sinceras. Ao levantar o véu-e-grinalda, ao mostrar sua face, ele petrificou o marido-sob-encomenda. O noivinho-Medusa está lá no altar, segurando o *bouquet*, com o véu-e-grinalda sobre a cabeça totalmente à mostra. Ele olha em volta e dá-se conta: o marido-sob-encomenda jaz morto dentro de um caixão colocado no altar da igreja. O noivinho-Medusa gora no altar, gora em seu perfil *online*; a noivinho-Medusa percebe-se viúvo e também homicida. Alguns viúvos grudam no Rosto do noivinho, não o deixando desmanchar.

Será que devo continuar a acreditar? Há tempos procuro alguém nesse site e nada....

*

Tornamo-nos máquinas e agora estamos desesperados por não saber como voltar a sentir, só isso, algo tão simples que a cada dia fica mais distante de nós.

*

Ainda acredito que posso encontrar algo aqui, fiz muitos amigos aqui, já me decepcionei muito, mas não me arrependo de nada que fiz, de nada que senti.

*

Espero que um dia apareça alguém na minha vida que seja de verdade, que deseje construir uma história, que esteja pré-disposto ao encontro, que conquiste e que se deixe conquistar. Difícil? Sei que é, mas... Eu sou um “cara do bem”. Ainda romântico, carinhoso, dedicado, amigo, HOMEM.

Talvez essa seja a situação de maior desespero e desamparo para um noivinho: perceber que seu marido realmente o espera no altar, mas dentro de um caixão. O noivinho vira viúvino e o marido-sob-encomenda, marido-cadáver. Ele entende que não é noivinho de ninguém, que o véu-e-grinalda ressecou e se desfez, transformado sobre sua cabeça em cabelos de serpente, que o *bouquet* murchou em suas mãos e não será arremessado depois da chuva de arroz. Não haverá núpcias para o noivinho, apenas

longas noites de luto pela viuvez. Sozinho no altar que ele construiu para si próprio, homicida do marido tão bem encomendado, ele segura o *bouquet* murcho e brocha, e se pergunta: “como fiz isso?”. O noivinho, agora viuvinho, tem três alternativas: ou gora no altar e gruda no seu Rosto enrijecido de noivinho (o noivinho-minguante); ou encara a si próprio no espelho, petrificando-se e perecendo (o noivinho-cadáver); ou descola do seu Rosto de noivinho e, agora como noivinho-viúvo, aguenta “ir se equilibrando na corda-bamba sobre o abismo que a ausência de rosto (...) cava em sua alma” (ROLNIK, 2007, p. 37) – um noivinho-outro, que talvez deixe de ser noivinho para se aventurar em outros Rostos.

Para isso, surge nosso Perseu-pós-moderno: o Amigo que se põe a ajudar a entender as condições que levaram o noivinho-Medusa a gorar na viuvez. O Amigo sobe no altar e se junta ao noivinho-Medusa, consternado e empático com seu luto, e começa a retomar um pouco da sua trajetória. O Amigo mostra o quadro abaixo para o noivinho, quadro que, ao mesmo tempo em que servirá de lição ao noivinho-Medusa, também preocupará outros convidados – como os anticorpos e o corpo-que-importa seminu e acéfalo sentado na primeira fila, sedento por agarrar o *bouquet*:

Agência Matrimonial

Mercado da Carne

Inacreditavelmente assusta-me como as criaturas desse “site” procuram corpo e esquecem de parâmetros fundamentais em uma relação. Esquecem que a cada dia envelhecemos, e que o importante não é só um corpo malhado ou são – chame o que quiser – um espírito evoluído onde a base esteja consolidada no RESPEITO e LEALDADE. A fidelidade vem com o tempo, com o AMOR que não surge em um piscar de olhos, mas cresce com a convivência. Se você conseguiu ler até aqui e entendeu, parabéns!

Macho safado gosta de brincar gostoso.

Encontre alguém que te chame de lindo ao invés de gostoso. Que te ligue de volta quando você desligar na cara dele. Que permaneça acordado para observar você dormindo. Espere por alguém que te beije na boca com muito amor, mas que também te beije na testa com muito respeito. Que queira te mostrar para todo mundo mesmo quando você está

[Quero] Curtição com cara macho. [Sou]

suando. Alguém que segure sua mão na frente dos amigos dele. Que te ache a pessoa mais bonita do mundo e que insista em te segurar pela cintura. Aquele que te lembra constantemente o quanto ele se preocupa com você e o quanto [sic] sortudo ele é por estar ao seu lado. Espere por aquele que diga: “É a pessoa que eu sonhava!”

Bonito, tranquilo, cheio de tesão. Curtiu?

Sou responsável, inteligente e com boa cultura. Bem humorado, sincero, amigo, fiel, companheiro, romântico e carinhoso. Acredito que existe algo além da amizade, é a base de qualquer relação, mas isso se forma depois de tempo, paciência e honestidade. Estou pronto para fazer amizades com pessoas sérias, com ideais e propostas. Tenho ideais e valores e, apesar de o mundo me provar o contrário, prefiro continuar os defendendo sempre.

Mulato de pica grande quer bunda
maneira.

Quero alguém que acredite no relacionamento de dois homens, alguém que queira dividir momentos, sejam eles bons ou ruins, ter o prazer com pequenas coisas, como dormir junto, ir ao cinema, teatro, praia, cachoeira, planejar viagens, ir ao mercado, coisas que não damos valor mas que são importantes. Quero alguém para poder cuidar, fazer uma comida especial, esperar no meio da rua em plena chuva, mas com a maior cara de felicidade. Se pensar como eu e quiser tentar uma conversa sadia, entre em contato. Não sou um Deus grego, nem é o que procuro, mas uma empatia física é claro que temos ter.

Quero gozar gostoso. Eu sou um cara bonito e safado. Procuro homens para uma boa sacanagem e talvez mais.

Na procura, sem pressa... Gatão Pauzudo, mas não se prenda a isso. Sou honesto, bacana, aberto a uma relação séria. Com outro cara homem, macho como eu. Não curto afetados. Curto gente normal, íntegra e sincera. Posso viajar para qualquer lugar do mundo a qualquer hora, então distância nem sempre é problema, se tiver aeroporto, eu chego aí. Procuro um cara que seja Homem, entre vinte e três e trinta e poucos anos, que saiba o que quer e brigue por isso. Que não assuma o rótulo de ser gay, mas que nem por isso deixe de aproveitar a vida ou o que a companhia tem de bom. Resumindo, alguém que acredite que dois homens, com aparência de hetero, possam ter uma relação normal, namoro, casamento.

Cara Malhado Sérió. Enfim, sou um cara liberal, mas não sou hipócrita! Sua vida a mim não me diz respeito. O que você faz com outra pessoa, no singular ou no plural, é desinteresse meu e problema seu! Entre 4 paredes não é vale-tudo, mas vale tudo! Afinal de contas, frescuras não são bem-vindas, homem que é homem gosta de homem! Aberto para conhecer novas pessoas, entretanto, não qualquer uma. Tenho 1,83m, 86kg, sou malhado, 21 cm, HIV – (negativo), enfim, algumas fotos estão logo aí...

“Vistas de perto, as exigências do ideal de amor-romântico são tão duras quanto a maioria dos ideais de autoperfeição que o Ocidente inventou”, e o que torna a situação mais grave é que “hoje temos a compreensão de ser mais livres e autônomos que nunca, o que acentua o mal-estar provocado por uma questão sem saída” (COSTA, 1998, p. 74): quem será eleito para ser amado, uma vez que poucos, ou nenhum, e talvez nem nós mesmos, preenchemos os requisitos que nós promovemos e nos quais acreditamos ser os elementos constituintes indispensáveis para o amor romântico? É grave a situação do noivinho-Medusa, enviuvando no altar: ele pensava ser livre para amar, livre para ser amado, livre para escolher seu amante, e agora precisa lidar com o marido-cadáver que ele próprio matou através de seu olhar petrificante. As noções de “momentos divididos”, “beijos compartilhados”, “sentimento conjunto de cumplicidade”, fundamentais para o amor-paixão, implicam em dois (e não mais que dois) indivíduos que se complementam e que, em certa medida, são autônomos o suficiente para se oferecerem um ao outro. São supostamente dois indivíduos autônomos o suficiente para serem “bons” um ao outro. Entretanto, nessa caracterização do amor romântico,

[a]mar e ser correspondido é algo impossível, pois pressupõe uma ideia de sujeito que impede esta possibilidade. O individualismo implícito na metafísica do sujeito amoroso leva ao beco sem saída da “muralha entre dois absolutos” que querem amar, mas só poderiam amar plenamente se deixassem de ser os “sujeitos de amor” que são e que os leva a desejar o amor impossível de se concretizar. (op. cit., p. 72).

Nesse momento de pura desilusão, o Amigo interpela o noivinho-Medusa:

– Em qual das duas colunas tu te sentirias mais confortável?

– Na coluna da esquerda, na coluna da Agência Matrimonial, responde o noivinho. Sinto-me confortável em bases consolidadas, solidificadas através do tempo e maturadas pela dedicação. Edifico meu espírito em contraposição à carne, pois o espírito somente evolui ao passo que a carne somente perece. Os prazeres da carne só me tomam, e de fato me tomam, quando estão subjugados a um sentimento que os purifica e que os enobrece. Os prazeres da carne, purificados e enobrecidos por esse sentimento, são a liga que me une ao marido; nossa sexualidade não é mesquinha nem desinteressada: ela fermenta entre nós, livre, e é através dela que nossos corpos se encaixam. Sou amante, sou leal, sou companheiro, sou amoroso: a fidelidade cresce com a convivência que estou disposto a dar ao marido-sob-encomenda. Recuso a fugacidade, as frases rápidas, os corpos nus. Toda a nudez vulgar será castigada pela

minha face. (Silêncio na igreja). Desejei para mim nada menos do que eu mereço, ou do que eu julgo merecer. Apesar de toda a correnteza da vida vir de encontro a mim, eu persisto nos meus ideais e nos meus valores. Vi nos cinemas vários filmes, escutei no rádio várias músicas, e quero que meu casamento seja como são aquelas cenas que vi nas telas, como aquelas letras que escutei nas canções. Esse é o marido-sob-encomenda que eu sonhava, mas que me chega para o dia do casamento dentro de um caixão, onde jaz já sem vida.

A produção do Rosto do noivinho-Medusa, previamente formatado, e a encomenda do marido, se referem a “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI & ROLNIK, 2010, p. 35). Os Rostos do noivinho e do marido-sob-encomenda são indissociáveis do Rosto de gênero: a coerência inteligível entre sexo-gênero-sexualidade instituída pela regulação de gênero produz as formas cristalizadas de amor romântico que o noivinho narra. Os Rostos do noivinho e do marido-sob-encomenda são buracos negros dentro do buraco negro de gênero e só fazem sentido na sua relação com a coerência estabilizadora entre sexo-gênero-sexualidade expressa em: “alguém que acredite que dois homens, com aparência de hetero, possam ter uma relação normal, namoro, casamento”. Aqui o Rosto de gênero mostra suas garras, ao sugerir um limiar, uma fronteira limítrofe para as relações românticas e afetivas entre dois homens: uma “aparência de hetero”, “uma relação normal”. Desse testemunho destacamos:

a) idealização de um sentimento pessoal, apresentado como pleno, mágico, extático e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência emocional do indivíduo; b) a desqualificação moral do exercício puramente físico da sexualidade; c) a exigência de uma sexualidade livre e, ao mesmo tempo, submissa ao amor. Só esta última condição a torna digna do amor sublime; d) o estabelecimento da sexualidade como requisito da realização do amor sublime (...). (COSTA, 1998, p. 73).

Acrescentemos o item e) a obediência a um campo de inteligibilidade para a relação romântica e afetiva no qual se viverá o amor-paixão entre dois homens que é circunscrito e regulado pelo gênero. O amor romântico é inteiramente capturado e codificado pelo Rosto de gênero. Os/as convidados/as do casório se entreolham, alguns percebendo que há pelo menos dois kabukis, como no teatro japonês³⁰, prontos e

³⁰ O kabuki é a arte popular da representação teatral que surge no Japão no início do século XVII. Na sua emergência, contrapõe-se de forma radical à moral silenciosa zen que predominava na cultura japonesa da época. Assim, o kabuki é “o exagerado levado aos extremos faz com que seja mais fantástica ainda (...). O que realça a presença dos

inflexíveis, do noivinho e do marido, que são difíceis de serem vividos. O ditador “homem macho másculo” sua de nervosismo em seu fraque bem alinhado. O corpo-que-importa seminu e acéfalo sentado na primeira fila se enfurece, presentindo que não haverá arremesso de *bouquet* algum – mas está também desolado porque, a essa altura, ele já se sabe mais noivinho do que corpo que importa. Os anticorpos se abraçam e choram juntos, dizendo: “nós te entendemos, nós te compreendemos, noivinho! É horrível ser negado, é horrível ser recusado. Sabemos bem o que é ser deixado à margem, exilado de tudo que é bom e de tudo que importa” e, ao dizerem isso, os anticorpos lançam um olhar de reprovação ao corpo-que-importa seminu e acéfalo sentado na primeira fila. Esse, contudo, nem registra tal olhar de reprovação: está nervoso pelo *bouquet*. Os anticorpos dizem: “venha, venha conosco, seja o antinoivinho! Seja o noivinho que desimporta! Troque o seu Rosto pelo nosso!”.

Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros e ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar. (...) É verdade que os excluídos do amor romântico não se constituíram ainda como “minorias identitárias”. Em contrapartida, aprenderam a se considerar “infelizes”, “azarados”, “irrealizados”, “neuróticos”, “ansiosos”, “narcísicos”, “frustrados”, “medrosos” e outros estigmas auto-aplicados. (...) Aprendemos a crer que amar romanticamente é uma tarefa simples e ao alcance de qualquer pessoa razoavelmente adulta, madura, sem inibições afetivas ou impedimentos culturais. O sentimento do insucesso amoroso é, por isso mesmo, acompanhado de culpa, baixa autoestima, e não da revolta contra o valor imposto, como na situação de preconceito. (COSTA, 1998, p. 34-35).

Nosso Perseu-pós-moderno, com toda sua empatia, dirige-se ao noivinho e retoma as explicações sobre como ele chegou a enviuvar, matando o marido-sob-encomenda feito em pedra:

– Estranhe, noivinho, aquilo que ambas as colunas têm em comum. Estranhe o conforto da coluna da direita e também o conforto da coluna da esquerda; estranhe o quanto é confortante preencher adequadamente o lugar do noivinho e também o lugar da carne. Estranhe a rapidez com que todos ganham uma forma estática em ambas as colunas, Rostos instantâneos e imóveis, cheios de vários adjetivos, mas de apenas um substantivo – o “macho”. Estranhe, de um lado, as cenas ricamente narradas sobre os

artistas kabuki é a maquiagem altamente estilizada, marcando os contornos dos olhos, os cílios e a boca. (...) A vestimenta participa desse conjunto multicolor ajudando a caracterizar o ator kabuki. Tudo é absurdamente exagerado o que o torna mais atraente. O choque visual não se limita somente a esses parâmetros; a mímica possui força de expressão, os movimentos são feitos em cadência com alto nível de perfeição”. Fonte: <http://www.culturajaponesa.com.br/htm/kabuki.html>, acessado em 04 de novembro de 2012.

encontros amorosos, situações roteirizadas, como nos filmes que tu mencionas, que obedecem a um *script* de cinema e que dificilmente teriam lugar fora das telas e fora das salas de projeção. Estranhe, de outro lado, a carne por ela mesma, as festas dionísicas de corpos que somente deslizam uns sobre os outros e que celebram o gozo como seu próprio fim. Estranhe o prazer precoce da fricção das peles, pois isso também obedece a um roteiro prévio, a um *script* estreito, assim como as cenas românticas. Estranhe dos dois lados a impossibilidade de misturar as duas colunas; estranhe dos dois lados a oposição mútua, pois a oposição aqui é meramente um artifício para escamotear aquilo que é comum às duas colunas: a asfixia. Estranhe a carne que não mostra a face e estranhe a face que petrifica quem a olha. Em ambas as colunas não há espaço para criar algo de novo, algo além das formas já prontas e já formatadas de noivinho-Medusa, de marido-sob-encomenda, de corpo-que-importa, de anticorpo, de Agência Matrimonial, de Mercado da Carne. Esses Rostos, que sugam tudo e todos, já foram criados antes de nós, e não fomos nós quem os criamos, e nem nos é dado o direito de intervir neles, nem de modificá-los. A nós só é dado o direito de reproduzi-los, e parece que o fazemos de bom grado. Os Rostos prontos, na coluna da direita, congelam o(s) outro(s) na forma-espelho, na relação especular quase-narcísica; na coluna da esquerda, uma face de Medusa que a tudo e a todos transforma em pedra, petrificando o(s) outro(s) através da narrativa densa de situações românticas. Estranhe, e estranhe muito, o homem que serve de articulação e ponte entre as duas colunas, entre as duas províncias: o “homem macho másculo” que todos desejam, com quem todos querem casar, que todos admiram, a quem todos dizem “*Heil!*”. Esse “homem macho másculo”, magro e musculoso, provavelmente branco, peludo, íntegro, que tem entre trinta e cinco e quarenta e cinco anos, dotado de um interior lindo e de um pênis grande, que sonha, que abraça, que beija, que é sincero e honesto, que não mente, que não é falso, que é sempre verdadeiro, que é monogâmico e fiel, que é leal: esse homem agora jaz morto no altar. É demais, para qualquer um, ser tudo isso e sê-lo para sempre, sê-lo profundamente, sê-lo infinitamente. A encomenda esmagou o marido. O grande macho foi fraco demais para Rostos tão densos. Por essas razões, noivinho, estranhe sobremaneira o descompromisso generalizado com o qual lidamos com o(s) outro(s) através desses Rostos prontos e rígidos, roteirizados e cristalizados em nós, descompromisso explicitamente colocado na frase “*a sua vida a mim não diz respeito*”. E não será aí que encontramos o golpe de misericórdia que desferimos contra o(s) outro(s), o “outrocídio” que cometemos matando o(s) outro(s)?

Se é verdade que a paixão é “o sinal de que nós vivemos na dependência do Outro” (LEBRUN, 2009, p. 13), se a paixão é o sinal do movimento de erosão provocado pela presença do(s) outro(s), o que o quadro comparativo que o Amigo nos mostra é que o(s) outro(s) do qual os homens habitantes do Manhant são dependentes através da paixão, por exemplo, é aquele(s) outro(s) tão inflexível quanto eles próprios. E o modo de vínculo romântico entre os homens habitantes do Manhant e esse(s) outro(s) é igualmente engessado. “Não existe como descrever o que é amor sem prescrever, ao mesmo tempo, normas ideais de experiência amorosa” (COSTA, 1998, p. 160). É por essa razão que o noivinho-Medusa entende que o homicídio do marido já estava contido na própria cena do casório perseguida como objetivo – e essa inferência também desacomoda os anticorpos presentes ao casório, e também desacomoda o corpo-que-importa seminu e acéfalo sentado na primeira fila: respectivamente, eles também se reconhecem nos e através dos Rostos do Mercado da Carne. A ruína está na prescrição, que, para o noivinho (para os anticorpos, para os corpos que importam), soava como tão-somente uma descrição. Sua prescrição anulou o outro na sobrecarga de encomenda, na sobrecarga de pré-requisitos para a encomenda. Ao prescrever o marido-sob-encomenda, o noivinho-Medusa obliterou-o, o desfez.

E o noivinho-Medusa, assim, é levado en-carar-se, como que numa acareação de si próprio, pelo Perseu-pós-moderno, o Amigo. O resultado disso é a cena que agora vemos no altar: o noivinho-Medusa gora, o noivinho-Medusa gruda no seu Rosto de noivinho, o noivinho-Medusa enviúva, o noivinho-Medusa petrifica-se. A prescrição do noivinho não era apenas para o marido; era, sobretudo, para si próprio, exigindo de si mesmo o Rosto adequado de “aspirante-a-noivinho”. Não há como dissociar as demandas que ele fazia ao marido, petrificando-o, das demandas que ele exigia de si mesmo, cristalizando-se no Rosto de noivinho-Medusa. Final trágico para o casório com o homicídio do marido-sob-encomenda e a petrificação do noivinho. A cabeça petrificada é, então, decapitada pelo Perseu-pós-moderno, que a exhibe para os convidados segurando-a pelas serpentes em pedra. O casamento virou funeral.

5.6. Vida após o funeral e após a petrificação

Luiz Felipe: E quanto aos relacionamentos estáveis e duradouros, sérios...

Xato: No Rio de Janeiro? Fora do Rio é mais fácil. Eu vejo isso.

Duck: É que tem muita opção, né, Xato. A própria internet nesse sentido traz tanto benefícios quanto malefícios também, entendeu? Porque hoje em dia... Antes pra você conhecer alguém era mais difícil. Entendeu? Pra você ter sexo com alguém você tinha que conhecer antes. Hoje em dia você entra [na internet] e cinco minutos depois já tem com quem transar. Então as pessoas realmente estão perdendo o valor, entendeu? Eu me enquadro nisso também, entendeu?

Luiz Felipe: Porque tu também faz?

Duck: As pessoas estão perdendo o valor porque é muito fácil!

Luiz Felipe: Banalizou?

Duck: Por que você vai ter alguém se você pode ter um monte?

Xato: É, é melhor um na mão do que vários voando. Mas um na mão, também, no Rio de Janeiro é difícil. Então, não adianta, o Rio de Janeiro é uma cidade marcada pela putaria. Eu nunca tive um namorado carioca.

Duck: Mas isso não é uma coisa só daqui, não. Porque todo mundo que eu conheço que mora em Belo Horizonte, entendeu, falam também que lá tá uma putaria, eu acho que isso é geral. Eu acho que hoje as pessoas estão com medo de se relacionar, entende, acham que tão sempre perdendo alguma coisa. “Ah, to com ele, mas será que eu não poderia estar com alguém melhor, mais interessante?”. Tá todo mundo meio perdido.

O corpo do marido-sob-encomenda, estirado no suntuoso caixão preto, e a estátua de pedra, sem cabeça, do noivinho é a imagem da desolação na província da Agência Matrimonial. Aquilo que foi preparado para ser um casamento rapidamente se converteu em um funeral – e com que pressa a celebração de uma união pode se transformar no luto de uma morte! O ditador “homem macho másculo” do País de Marlboro decreta sete dias de luto oficial pela morte do marido-sob-encomenda e pela petrificação do noivinho, pois foi também uma parte dele que morreu e que se petrificou. Estão todos um pouco tensos, um pouco tristes e bastante amedrontados: se o marido-sob-encomenda foi morto e se o noivinho foi petrificado, isso significa que outros também podem petrificar e morrer em seus Rostos. Entre todos paira uma sensação de perda, mas não exatamente pela perda específica do marido ou do noivinho: sobre todos pesa a sensação de “perda de valor”, de perda do sentido dos Rostos que a tudo e a todos fixam e significam, como buracos negros que são. Um luto generalizado

pela morte dos Rostos de marido viril e másculo e de noivinho extremado e devotado consterna tanto a Agência Matrimonial quanto o Mercado da Carne.

É um subterfúgio acreditar que, se agora os Rostos “perdem seu valor”, isso acontece porque antes os Rostos efetivamente tinham valor. Não se trata, absolutamente, disso. A ansiedade causada pela morte e pela petrificação tem pelo menos dois efeitos. O primeiro é o de mostrar que aquilo que se fazia presente como Rosto (anticorpo, corpo-que-importa, noivinho-Medusa, marido-sob-encomenda, Mercado da Carne, Agência Matrimonial, “homem macho másculo”) já tinha se transformado em máscara, em kabuki: Rostos pré-formatados, duros, inflexíveis, enrijecidos nas suas respectivas formas. O segundo efeito é a experiência de perceber a inexistência de um Rosto original, ou “verdadeiro”, depois que a máscara morre. Não há nada por detrás da máscara, não há nada ali que a máscara escondia ou escamoteava. A sensação de “perda de valor”, que paira por todo o País de Marlboro em luto, só existe porque entendemos que os modos enrijecidos através dos quais vivemos a vida conduziram-nos ao apagamento progressivo das nossas próprias vidas e, ao mesmo tempo, ao descompromisso generalizado com a vida do(s) outro(s).

Mas descobrimos (...) que por trás da máscara não há rosto algum, um suposto rosto verdadeiro e originário – em suma, um rosto real que estaria oculto, seja por trauma ou recalque (versão psicologizante), seja por ideologia ou falsa consciência (versão sociologizante) ou, simplesmente, por ignorância (versão pedagogizante). O que descobrimos (...) são movimentos permanentes e imperceptíveis de criação de outras máscaras. Por isso, podemos dizer que a máscara (o artifício) é a realidade nela mesma: não há nada que seja “o verdadeiro”, no sentido de autêntico e originário – nem em cima, nem em baixo, nem atrás, nem no fundo da máscara. Nem em lugar algum. A procura pelo verdadeiro aqui perde até o sentido: revela-se como falso problema. A única pergunta que caberia é se os afetos estão ou não podendo passar, e como. (ROLNIK, 2007, p. 36).

Eu trocaria o verbo “descobrir” pelo neologismo “experenciar”: não descobrimos nada com a morte dos Rostos convertidos em máscaras, mas transformamos seu desaparecimento em experiência. Retomando o conceito apresentado no *Capítulo Guia*, talvez seja o caso de apontar que experiência é qualquer situação da qual saímos diferentes (FOUCAULT, 2006a). Portanto, o funeral do marido e a petrificação do noivinho não são exatamente eventos que fazem “descobrir” que, por trás dos Rostos enrijecidos em máscaras, não há nada de “verdadeiro”, embora isso também seja importante. O funeral e a petrificação são eventos que interrompem modos de ser cristalizados nas suas encenações, como o kabuki japonês, mostrando a

arbitrariedade da encenação e, ao mesmo tempo, indicando que não há ator por detrás do personagem. O funeral e a petrificação impõem uma bifurcação, uma esquina, um golpe de descontinuidade em algo que vinha sendo vivido de modo sedimentado e inflexível; por essa razão, instauram um momento de suspensão de antigas “verdades” em que a primeira sensação é a de que “perdemos o valor”, como mostra o trecho de entrevista com Xato e Duck.

Sentimos que algo ou alguém morreu e se petrificou, e vivemos o luto por essa perda, mas ignoramos o que ou quem morreu, o que ou quem se petrificou. Algo morreu para os homens habitantes do Manhunt, algo que não é necessariamente o marido que eles encomendam (as crenças românticas na felicidade do amor-paixão), mas algo de mais fundamental, algo de mais relevante: os modos emblemáticos e enrijecidos através dos quais esses homens procuram concretizar sua disponibilidade virtual para o vínculo. Assim, as análises sobre Agência Matrimonial, Mercado da Carne, sobre o ditador “homem macho másculo”, sobre corpos-que-importam e anticorpos procuram, de fato, “acentuar o caráter arbitrário das instituições e nos mostram que espaço de liberdade ainda dispomos, quais são as mudanças que podem ainda se efetuar” (FOUCAULT, 2006a, p. 296).

[Experenciamos] que é no artifício, e só nele, que as intensidades ganham e perdem sentido, produzindo-se mundos e desmanchando-se outros, tudo ao mesmo tempo. Movimentos de territorialização: intensidades se definindo através de certas matérias de expressão; nascimento de mundos. Movimentos de desterritorialização: territórios perdendo a força de encantamento; mundos que se acabam; partículas de afeto expatriadas, sem formas nem rumo. São os movimentos de orientação e desorientação de nossas personagens. Vingar/gorar. (ROLNIK, 2007, p. 36-37, substituição nossa).

Deixe: estereótipos, ignorâncias e medos de lado – Permita-se!

*

Quer dar a volta em torno do mundo? Comece colocando um pé na frente do outro.

*

REPAREI QUE AQUI HÁ MUITAS EXIGÊNCIAS E NA VERDADE [TODOS] SÃO TÃO DEFEITUOSOS QUANTO OS QUE JULGAM TANTO. AH, FIQUEM SOLTEIROS MESMO PORQUE DEVE SER UM SACO DE SE RELACIONAR COM GENTE NEURÓTICA E FÚTIL.

*

[Sou] Doce, porém selvagem. Cuidado com o que você procura aqui.

*

De volta à putaria... Ninguém quer nada mesmo....

*

Por muito tempo esperei pelo cara certo. Definitivamente ele não existe. Então eu vou deixar as coisas acontecerem. Vou conhecer cada um, e todos que forem possível, e quem sabe de um deles saia algo que vale a pena.

*

Nem todo o porquê tem resposta, só resta saber o que realmente vale a pena e não o porquê de valer.

*

Estamos na era do 'fast-food' e da digestão lenta; do homem grande, de caráter pequeno; lucros acentuados e relações vazias. Essa é a era dos dois empregos, vários divórcios, casas chiques e lares despedaçados. Essa é a era das viagens rápidas, fraldas e moral descartáveis, das rapidinhas, dos cérebros ociosos e das pílulas mágicas.

Morrendo um Rosto, podem morrer também todos os demais Rostos através dos quais nos reconhecemos, nos quais nos acomodamos. Todos os demais convidados do casório também estão suspensos na corda-bamba dos seus respectivos abismos, abertos pela ameaça de morte de seus Rostos: o ditador "homem macho másculo", o corpo-que-importa, os anticorpos, o marido-sob-encomenda, Agência Matrimonial, Mercado da Carne. Há, entretanto, conforme aponta Rolnik, a possibilidade do despertar de um novo mundo, a aurora de uma manhã com novos Rostos se formando, alternativos àqueles Rostos-cadáveres e àqueles mundos que já perdem a força de seu sentido. Há ainda gigantes e corcéis alados, filhos do noivinho-Medusa, que nasceram de sua decapitação. Não há nada de absolutamente inaugural nesses novos mundos, mas há a hibridação daquilo que morreu com isto que está nascendo. A morte do marido e a petrificação do noivinho foram eventos cataclísmicos, apocalípticos: o crepúsculo dos deuses que doavam sentido a um modo de vínculo que muitos homens buscam estando no Manhunt, qual seja, o amor romântico.

Como mostram os trechos de perfis trazidos no quadro anterior, há homens dentro do Manhunt que já passaram pelo funeral do marido, pela petrificação do noivinho e que também já transitaram pelas festas dionísicas do Mercado da Carne, homens que já encararam o crepúsculo de seus deuses, e que agora tentam seguir se

equilibrando na constante produção e desmanche de mundos, de Rostos. São homens que persistem, são homens que insistem, mas que não grudam em um Rosto pronto – e mesmo aquele que escreve em seu perfil “de volta à putaria”, aderindo francamente ao Rosto do Mercado da Carne, ele o faz depois de constatar “ninguém quer nada mesmo”; isto é, esse homem se insere no mundo tal qual ele o experencia, tal qual o mundo se apresenta em seus fluxos contínuos, sem se magoar com o mundo e sem se consternar com o mundo. Esses homens vivem o mundo, habitam o mundo, formulam críticas em relação ao mundo, estranham o mundo, ironizam o mundo; porém, não mostram ter medo do mundo: o importante, no pós-funeral, é evitar uma atitude cínica perante a vida. Esses homens participam do mundo e querem dar a volta em torno dele. Eles prescindem de razões (“nem todo o porquê tem respostas”) e, mesmo sabendo que a falta de respostas pode ser uma forma de abismo sobre o qual terão de se equilibrar, eles assumem a responsabilidade pela sua disponibilidade virtual para a criação de vínculos (“vou conhecer cada um, e todos quanto forem possível”). É importante de mencionar que existe aqui um sopro de vida e um pouco de possível na ditadura totalitarista do País de Marlboro depois da decapitação do noivinho-Medusa: talvez nasçam daí gigantes, talvez corcéis alados.

Porém, como já aprendemos com a morte do marido e com a petrificação do noivinho, faz-se mister não romancear nenhuma aurora da manhã, nenhum nascimento de novo mundo. Se é verificável que há homens no Manhunt que desconfiam tanto da Agência Matrimonial quanto do Mercado da Carne, e que procuram desviar desses dois modelos ou até mesmo viver ambos simultaneamente, também pode ser que à luz de novas formas de vínculos que os homens habitantes do *site* estão dispostos a criar estejam se formando, como redemoinhos de buracos negros, novos Rostos. Talvez porque seja impossível de viver sem haver referência a algum tipo de Rosto, a algum tipo de matriz produtora e fixadora de significado, sem algum tipo de inteligibilidade dentro da qual o possível e o viável deem lastro às nossas existências. Como se fosse impossível de viver sem deuses. De qualquer forma, é preciso assinalar que esses novos Rostos não estão nem na Agência Matrimonial nem no Mercado da Carne, ou que estão simultânea e alternadamente em ambos. Igualmente, é preciso assinalar as potências que eles nos trazem, além das novas formas de captura que lançam sobre nós.

Entre os homens que, como aqueles cujos trechos de perfis eu trouxe no último quadro, vivem o pós-funeral do marido e a pós-petrificação do noivinho, arriscando-se em novas possibilidades além dos Rostos moribundos, estão os casais-abertos.

Somos homens com desejos. Garotos cheios de sonhos e com sede de liberdade. Somos homens que lutam. E garotos que choram quando perdem. Somos homens que brigam... E garotos que brincam. Somos homens corretos.... e garotos travessos. Somos simplesmente nós mesmos, nas horas em que erramos e nas horas em que acertamos. Somos homens apaixonados. Somos garotos que já sofreram por amor. E hoje somos felizes!! As pessoas não estão nesse mundo para satisfazer nossas expectativas, e nem nós estamos aqui para satisfazer as delas.

*

Sexo a 3. Curte sexo a 3? Estamos a fim de um bom sexo e depois amizade, nessa ordem. Somos ocupados, mas sempre dá pra marcarmos uma reuniãozinha, hehehe.

*

SOMOS DOIS HOMENS. Somos parceiros e gostamos de transar a três de vez em quando. Procuramos pessoas sem envolvimento pessoal ou financeiro.

*

Casal quer mais. Somos um casal de homens que está afim de conhecer pessoas que estejam afim de uma amizade, que tenham conteúdo e um bom papo, para daí quem sabe gerar um clima gostoso e cheio de tesão. Procuramos caras discretos, não curtimos gordinhos, peludões e afeminados. Queremos aumentar nosso círculo de amizades, e não somente sair fudendo por aí. Se você está carente afim de um relacionamento, esquece, pois não queremos problemas.

*

Casal procura. Somos casal de homens bonitos e procuramos [sexo] real sem frescura por puro prazer e fantasia, somos pessoas do bem, não curtimos drogas, somos versáteis não estamos à procura de nenhum deus grego até porque também não somos, e sim alguém legal e com conteúdo.

*

A três ou mais..... Somos homens procurando outro(s) homem(s) para sexo a três ou mais. Somos casados e gostamos muito de sexo grupal! (...) Somos um casal bem resolvido e só transamos juntos, nunca separados (...)

*

Vou ver o que rola. Procuo diversão com pessoas que queiram se divertir sem complicar, pois complicação já tenho em casa com meu relacionamento, que vai bem, obrigado!

Os casais-abertos do Manhunt são casais de homens que usam o *site* para buscar sexo com outros homens não obstante o relacionamento afetivo-sexual que mantêm entre eles. São casais que talvez outrora tenham sido noivinhos e maridos, que talvez outrora também tenham usado a Agência Matrimonial e que talvez tenham aderido ao ideal de amor romântico – mas que ressignificam esse ideal, “abrindo” suas relações e usando o Manhunt para “colorir” o já gasto romantismo adocicado, porém engessado, do amor-paixão que submete a prática sexual à pureza desse sentimento. São casais de homens que mantêm perfis *online* apresentando-se como casais e convidando outros homens para praticar sexo junto com eles. É como se o amor romântico, com todas as características até aqui explicitadas, fosse reconfigurado, reorganizado, reinventado por esses casais. É como se houvesse uma hibridação, ou alternância, da Agência Matrimonial com o Mercado da Carne: uma forma de vínculo que sobrepõe a relação afetiva com a relação sexual. É o que aparece em uma entrevista *online*, em que Alan fala sobre o seu perfil *online* no Manhunt, que foi criado em conjunto com seu namorado (há nesse perfil fotografias e descrições dos dois homens em que explicitam sua vontade de conhecer outros homens para praticarem sexo juntos): “Bom, ele [o namorado] já teve outros relacionamentos em que saíam com outras pessoas... Eu sempre tive curiosidade, então conversamos e chegamos nesse acordo”.

Os casais-abertos promovem certo deslocamento dos ideais de amor romântico na medida em que procuram por um terceiro (quarto, quinto...) parceiro para práticas sexuais, escapando da ideia de uma sexualidade purificada pelo amor-paixão. Daí que esses casais-abertos do pós-funeral do marido e da pós-petrificação do noivinho reingressam no Manhunt precisamente através da província do Mercado da Carne: como aparece publicado em um dos perfis, “Se você está carente, afim de um relacionamento, esquece, pois não queremos problemas”, ou em outro, “Somos um casal de homens que está afim de conhecer pessoas (...) para daí quem sabe gerar um clima gostoso e cheio de tesão”, e, ainda, “procuramos [sexo] real sem frescura por puro prazer e fantasia”. Isto é, o objetivo desses homens dentro do *site* é o de aproveitar os prazeres dionísicos da carne – das suas próprias e da dos demais. Talvez no pós-funeral e na pós-petrificação o Mercado da Carne ainda seja uma (a única?) possibilidade viável.

Aqui, a noção de “abertura” do casal só faz sentido em relação à noção de “fechamento” que supostamente é um requisito do amor romântico – “fechamento” esse que se expressa através das ideias de complementaridade e cumplicidade existentes entre os dois membros do par romântico, cuja sexualidade é estreitamente articulada ao sentimento do amor-paixão, que cauciona o desejo e a prática sexual dos amantes. A noção de “fechamento”, portanto, se refere à clausura sexual do par romântico. É em relação a esse “fechamento”, ou a essa clausura sexual do par romântico, que devemos entender tanto a “abertura” do casal-aberto quanto as regras através das quais essa “abertura” terá condições de fazer-se.

Por isso, esse novo Rosto que se forma também mostra seus limites: “Somos um casal bem resolvido e só transamos juntos, nunca separados”. Aí encontramos um indício de que talvez exista uma fusão entre os dois indivíduos que formam o casal, como que criando um único núcleo constituído por esses dois homens que buscam outros homens para práticas sexuais através do *site*. “Nunca separados” expressa a fusão do casal tornado uma só coisa, algo fundamental para o amor romântico, mas aqui isso aparece como uma regra imanente da dita “abertura” do par. Como eu já sugeri, os novos Rostos surgem como que em uma hibridação daqueles outros que já morreram: talvez o “fechamento” demandado pelo amor romântico não perca todo o seu sentido, sendo apenas realocado como regra para a “abertura” do casal-aberto.

O terceiro (quarto, quinto...) do par do casal-aberto também precisa, em certa medida, adequar-se ou encaixar-se em um perfil. A “abertura” do par romântico só vai existir se esse terceiro (ou quarto, ou quinto...) forem homens “discretos”, pois o casal não curte “gordinhos, peludões e afeminados”. Se é possível que haja o desmanche de velhos mundos depois do funeral do marido-sob-encomenda e da petrificação do noivinho-Medusa, também é possível que novos mundos se formem reaproveitando as cinzas daquele que o precedeu; e as regras do Mercado da Carne são aqui reempregadas como regras para a “abertura” dos casais, que somente admitem um terceiro-que-importa, que seja magro, sem pelos e, é claro, viril e discreto. Ora, abrem-se os pares românticos para experimentar outras delícias da carne, mas não se abrem para qualquer um, nem de qualquer maneira. Regras ruminantes para relações supostamente “novas”, supostamente “abertas”. Talvez fosse o caso de dizer que esses são casais em “regime semiaberto”.

A rigor, não há nada de substancialmente “novo” nos casais-abertos do pós-funeral do marido-sob-encomenda e da petrificação do noivinho-Medusa. Primeiro porque esses casais, como mostram os trechos de perfis aqui publicados, também encomendam e petrificam seus parceiros, condicionando a “abertura” da relação. Segundo porque essa tal “abertura” dos casais-abertos do Manhunt é uma experiência que tem seus correlatos, como o *swing* e a troca de casais, relativamente comuns nas relações entre pessoas heterossexuais. A “abertura” do casal é uma novidade somente para nossa época histórica, herdeira de uma tradição que privilegia a monogamia – em outras épocas, em que prevaleciam outras regras para a formação dos casais que não necessariamente as românticas, a noção de “abertura” perderia seu sentido.

Terceiro, e mais importante, não há nada de integralmente “novo” na dita “abertura” dos casais-abertos do Manhunt porque há poucos indícios nessa “abertura” que possam servir de desafio efetivo de muitos elementos constituintes do amor-paixão. Em outras palavras, o par romântico do casal-aberto pode perfeitamente continuar acreditando que um indivíduo complementa o outro, que ambos se encaixam física e psiquicamente, que o importante é a essência, ou a verdade interior, de cada um dos indivíduos do par para que a relação perdure, que ambos estejam engajados em um projeto a longo prazo de companheirismo e carinho. O único rastro verificável de deslocamento do amor romântico nessa “abertura” do casal-aberto do Manhunt é a recusa de uma sexualidade desde sempre articulada e submissa à pureza do amor-paixão. Os homens do casal-aberto fazem sexo entre si, e também fazem sexo com outros homens, sem que isso signifique uma traição ao sentimento que um nutre pelo outro e sem provocar o fim da relação afetiva entre eles. É possível sugerir que a “abertura” do par romântico seja precisamente uma forma encontrada pelos dois indivíduos para a relação continuar existindo.

Assim como os casais-abertos misturam ou sobrepõem elementos do amor romântico da Agência Matrimonial e dos prazeres dionísicos do Mercado da Carne, eles também misturam os modos de exposição de seus corpos. Alguns desses casais escolhem publicar unicamente imagens de seus pênis em seus perfis *online*. Outros mostram imagens de seus corpos vestidos, mas com suas faces recortadas do quadro fotográfico. E, inclusive, alguns mostram suas faces, dos dois homens do casal, em suas fotografias – em um dos perfis, os dois homens aparecem abraçados, sorrindo. A face que se mostra, que sorri, a face desses homens exposta em seus perfis *online* continua

desafiando os modos emblemáticos de mostrar o corpo e de criar vínculos com os demais homens habitantes do *site*. Se, alegoricamente, a cabeça do noivinho-Medusa já foi cortada, que outras faces ainda podem vir a aparecer nesse contexto?

5.7. A amizade como a corda-bamba no País de Marlboro

MadelnBrazil: Por isso que eu te falei: eu conheci o mundo gay, eu frequentei as melhores baladas, frequentei os melhores restaurantes, usei as melhores roupas, sapatinho Prada – aqui não tinha esse tipo de loja. A gente viajava, minha mãe trazia essas coisas porque eram mais baratas lá fora. Então eu tava começando a ficar igual. Estereótipos. Malhava, ficava duas três horas por dia na academia. Seguia aquela dieta. Eu tava com um peitoral, coisa que eu não tenho genética pra isso, grandinho, mas tenho dificuldade em ganhar peito, tenho dificuldade em manter a barriguinha seca. Outras partes do corpo crescem, nádegas, isso aí é a minha genética. Mas você é cobrado muito disso: cê tem que ser bonito, malhado, bom cabelo, boa calça, cê tem que morar num bom lugar, cê tem que ter uma boa profissão. Eles te perguntam tudo isso primeiro. É status. Se você não tiver isso, você não é ninguém pra eles.

Luiz Felipe: E como é que a gente faz pra viver fora disso?

MadelnBrazil: Eu saí disso. (...) Então eu fui inserido por um Amigo nesse mundo. “Essa é a vida que você tem que viver”. Eu fui ver aquilo, falei “será mesmo que eu tenho que viver nesse mundo?” Fiquei um tempinho no meio, aí eu comecei a me cansar. Aí eu comecei a me dar conta de quem eu realmente era de verdade. Aí eu comecei a sair disso... (...) Eles achavam ruim... [seus amigos] Eram todos malhadões, bonitões, eles frequentavam Mad Queen, era uma boate do momento em Moema. E se eu ficava com um cara barbudinho assim que nem você [Luiz Felipe], não, não podia, cê tinha que ser todo lisinho, não se usava barba naquela época. Não podia. Porque era coisa de gente velha barba. Cê tinha que ter aquela carinha de babyface. E falei, “não, gente, eu gostei do cara, lindo, gostoso, vou fazer o quê? Olha a mão dele!”. “Mas ele é barrigudo!”, “tá, é daí?, ele me atraiu, vou fazer o quê?” Mas não podia. Aí eu comecei a sair disso. Comecei a desligar dessas amizades. Tanto que o meu melhor amigo – tá morando agora no Espírito Santo – é “professora” [fala com trejeitos afeminados], é “bichinha” [fala com trejeitos afeminados]. Super afeminado, pinta o cabelo de acaju, mas é meu melhor amigo. Conheço ele desde 97. Meu outro melhor amigo é um cara de quase dois metros de altura. É ridículo nós dois andando juntos. Então.... Comecei a sair desse meio, falei “eu sou o que eu sou, não vou mudar, eu quero aquilo”. Não importa se o cara é branco, se é negro, se é rico, se é pobre, se é médico... Então tinha muito essas cobranças, ainda tem nesse meio, tem mesmo. Você tem que ser, te cobram toda hora, te cobram muito isso.

Reaparecem aqui os rastros do desmanche de mundos e das tentativas de equilíbrio, por parte dos indivíduos, na corda-bamba sobre o abismo provocado pela morte de certos Rostos, como sugere Rolnik. Reaparece aqui o tom prescritivo dirigido

ao(s) outro(s), as cobranças em relação àquilo que se é na direção de regular aquilo que se deve ser. Reaparece aqui uma listagem que reúne as características desejáveis do corpo-que-importa. Reaparece aqui, também, algo que Duck sugeriu em sua entrevista: “Tá todo mundo meio perdido”, pois MadeInBrazil fala, sobretudo, da experiência do exílio, de estranhamento, de não-pertencimento a esse mundo do qual ele fez parte e do qual ele diz ter saído. MadeInBrazil descreve sua experiência dentro de um mundo onde ele “começou a ficar igual”, mas em relação ao qual ele também se diferenciou e se despreendeu, tal qual um estrangeiro. E a condição de estrangeiro dentro desse mundo, de exilado, acaba por confiscar a existência daqueles que não respondem positivamente às múltiplas “cobranças”, como ele refere, que são dirigidas: “se você não tiver isso, você é nada pra eles”. Isto é, as condições de existência dentro desse mundo são altamente reguladas e se não forem atendidas, a saída é a anulação, o apagamento, o descompromisso com aqueles que “não se encaixam”, os estrangeiros e os exilados.

A experiência da perda, da solidão, do exílio e do não pertencimento aparece também para Nonix.

Luiz Felipe: Ahn, eu te perguntei no MSN como tu tava agora, lembra?

Nonix: Aham.

Luiz Felipe: E tu lembra qual foi tua resposta?

Nonix: Afetivamente, não; mas sexualmente sim.

Luiz Felipe: É, tu usou duas palavras: perdido e solitário.

Nonix: Isso. É. Como eu me sinto, cê perguntou, aham. Perdido e solitário. Fato.

Luiz Felipe: Mas a que tu deve isso, esse sentimento?

Nonix: Perdido porque... não me encaixo em grupo nenhum. Não sou nem a bichinha poc-poc nem a fashionista, nem a barbie, nem o urso, nem o... já passei da fase de ser um teen há muito tempo. Não sou exatamente, pelo menos eu não acredito que eu seja, o perfil do gay típico também, não gosto de Rihanna, não gosto de Lady Gaga, detesto roupa da Colcci, minhas roupas são todas C&A, gosto de moda mas no sentido histórico, não vivo disso. Não me ateno a temas do tipo, “ah, DJ fulano de tal vai tocar não sei onde”, não vou pra Costa do Sauípe pro Hells’n’Heaven. Carnaval em Floripa eu vou porque acho muito bom, eu prefiro litoral porque eu posso conhecer estrangeiro, não brasileiros, tenho essa preferência também. E não me encaixo em nada, to perdido, to aquém disso tudo. Não tenho grande amigo gay, apesar do meu ex-namorado entrar como tal, mas não o considero tanto assim. E não me encaixo em nenhum perfil, por isso. E solitário porque eu to sozinho também. Não só pela falta de companhia nem nada,

mas solitário no sentido, assim, de que eu não tenho com quem ir nem pra onde ir. Então é nesse sentido. Apesar de eu ter meus melhores amigos, mesmo assim eu ainda me sinto sozinho, mas essa é uma sensação que eu sempre tive desde pequeno. Sempre fui sozinho, então não tem muito problema.

Luiz Felipe: Não é melhor não ter um perfil pré-estabelecido?

Nonix: É até bom, mas onde estão os amigos com esse perfil não pré-estabelecido? Eu não tenho. E é estranho, porque quando uma bicha briga com a outra. Cê fala com uma, ela fica com raiva, cê fala com a outra e ela também fica com raiva. Cê fica perdido. Talvez seja melhor não ter nenhum perfil pré-estabelecido, mas às vezes cê precisa de companhia pra sair (...). Tipo, eu não me drogo quando eu vou pra balada. Eu detesto, acho pavoroso isso. Florianópolis mesmo cê vê, tipo, as bichas bombadas de São Paulo todas descem pra lá, tipo, as barbies tão todas lá em Florianópolis, chega na festa da [boate] The Week é aquela pista de dança enorme cheia de bombado sem camisa com calça da Diesel, óculos escuros, uma garrafa d'água e louco de bala [ectasy] (...). Então... eu não me encaixo nesse perfil. Então quem será o perfil, não sei que perfil eu faço. Sinceramente eu não faço ideia. Tenho amigo de todo tipo, conheço gente de todos os jeitos, então não tenho... sou meio que aberto pra esse tipo de coisa.

Nonix fala de Rostos que demandam encaixes e de estereótipos que pedem para ser preenchidos. Fala também de redemoinhos dos buracos negros que a tudo e a todos sugam e fixam em seu interior, rígido e intransponível. Os excertos de entrevista com Nonix e MadeInBrazil falam de fixações estanques, de Identidades engessadas: a “bicha bombada sem camisa com calça Diesel, óculos escuros e louco de bala”, “a bichinha poc-poc, a fashionista, a barbie, o urso”, o “gay típico” que ouve músicas da Rihanna e da Lady Gaga, que veste determinadas marcas de roupa, que viaja para determinados destinos. Ambos falam de determinações, e da dureza dessas determinações, do peso das cobranças que demandam o preenchimento de estereótipos. Esses são rastros do “corpo que não aguenta mais (...) tudo aquilo que o coage por dentro e por fora. (...) o corpo não aguenta mais precisamente o *adestramento* e a *disciplina*” (PELBART, 2009, p. 45, grifos do autor). Sobretudo, Nonix ressalta e explicita a experiência do exílio, do “não-encaixe”. Então, os corpos e os indivíduos desertam, abandonam (deixam o bando), provocam o dissídio e o dissenso, provocam a cisão. Os corpos e os indivíduos se perdem dos Rostos (dos “estereótipos”, dos “perfis”, das “cobranças”, daquilo que é “típico”) e, por consequência, os corpos e os indivíduos perdem seu valor moral – pois todo Rosto é um doador de valor moral.

Tanto Nonix quanto MadeInBrazil referem, de modo bastante produtivo, a função das amizades em suas experiências de exílio, aludindo ao Amigo como “um

alguém” importante. Relendo trechos de entrevistas e os textos escritos dos 302 perfis arquivados, percebi que as palavras “amigo” e “amizade” eram aí reincidentes: “amigo” e “amizade” aparecem publicadas em 69 perfis. Eis alguns trechos de perfis *online* que as mencionam:

Estou à procura de caras interessantes para amizade, sexo e o que rolar.

*

Não serei hipócrita dizendo que não curto safadezas pois isso é da natureza do homem mas prefiro com um cara com o qual eu tenha uma cumplicidade legal e seja antes de tudo um companheiro e amigo, aí rola de tudo sem frescuras.

*

Procuro amizades seguras para sexo seguro.

*

Estou a procura de fazer novas amizades e ver o que rola.

*

Curto [...] ficar de bobeira com meus amigos.

*

Gosto muito de conversar sobre diversos assuntos e fazer amizades.

*

A fim de conhecer pessoas legais, SEM que seja só para amizade virtual! Quero conhecer pessoas legais, de carne e osso.

*

Procurando amigos, uma transa, e rolando afinidade até mesmo um namoro.

*

À procura de novos amigos... um relacionamento sério... enfim, o que rolar.

*

Jovem solteiro. Amigo, leal, companheiro à procura de amigos ou algo mais.

*

Busco pessoas com afinidades tanto para amizades quanto para namoro, a princípio não me interessa sexo por sexo. Valorizo o diálogo, olho no olho, a sinceridade e o companheirismo.

*

À procura de amizades e ver o que acontece.

*

Sou uma pessoa sadia de corpo e mente buscando algo real como uma boa amizade ou um relacionamento (monogâmico) com alguém que queira o mesmo.

*

Dou muito valor nas verdadeiras amizades e sou realmente um cara muito feliz.

*

Ainda acredito nas pessoas, por isso ainda me encontro neste site, aqui já conheci grandes pessoas e fiz amigos de verdade...

*

Sim, eu gosto de fazer amigos. Não, não tenciono ir pra cama com eles. [...] Sim, amizade. Ah, é? Que bom, responderei seu recado com toda a atenção.

*

Deixando rolar..... Eu não curto caras com idade superior a 45 anos.... Apenas para amizade.

*

Aberto para uma mescla de amizades e parcerias de atividades sexuais e não sexuais.

*

Por aqui busco amigos e, quem sabe, futuros companheiros.

*

Amigos são conquistados com o tempo, não em 1 dia.

*

[Sou] Bem resolvido, bom caráter, verdadeiro, honesto, amigo e companheiro.

*

Procuro amizade saudável para poder bater um bom papo.

*

Acredito que existe algo além de amizade, que é a base para qualquer relação.

*

A amizade verdadeira é vital para uma vida de felicidades!!!

*

O AMOR PERGUNTOU PARA A AMIZADE? PARA O QUE VC [você] SERVI [sic; “serve”]? SIRVO PARA DEIXAR AS LÁGRIMAS QUE VC DEIXA CAIR!!

*

Fazer Amigos. Vamos ver se rola ??? Tudo pode dar certo!!!

Nessas descrições sobre aquilo (e aqueles) que os homens buscam dentro do *site* aparecem tipos de vínculos que se polarizam entre namoro, amizade e sexo – e nada além desses. Em algumas frases, esses vínculos parecem ser sobrepostos e dependentes: primeiro há de haver um para que os demais aconteçam. Em outras, eles parecem ser excludentes: tem-se uma amizade ou um namoro, tem-se uma amizade ou um parceiro sexual eventual. Algumas frases estabelecem prioridades entre namoro, amizade e sexo, enquanto que outras misturam as três opções sem nenhuma hierarquização. Algumas sugerem que a amizade é um acessório do amor. “Amigos” parecem constituir uma categoria distinta da de “companheiros”. “Amigos” parecem ser conquistados talvez das mesmas formas com que se conquista um “amor”. Alguns homens sugerem que são “amigos” previamente a qualquer relação, como se ser “amigo” fosse uma qualidade ou um adjetivo como ser “sincero”. Se há amizades saudáveis, é possível supor que há amizades doentias, assim como se há amizades seguras é porque há amizades inseguras; de qualquer forma, em uma concepção arquitetônica das relações, a amizade seria o primeiro andar ou as fundações de um prédio, absolutamente necessária para outras construções. Para alguns, a amizade está diretamente ligada à verdade: eles desejam encontrar amizades verdadeiras.

Tudo isso resume, em certa medida, a suspensão de um sentido estrito que a amizade pode ter para os homens habitantes do Manhunt. Esse é um modo de vínculo que tem múltiplos sentidos, múltiplas ordens de aparição e diferentes relevâncias para cada um desses homens. O conceito de amizade é bastante heterogêneo para os homens

que habitam o Manhunt. Sobretudo, a amizade é eclipsada, por assim dizer, pela busca de sexo (no Mercado da Carne) e pela busca de romances (na Agência Matrimonial). A amizade, constituinte da disponibilidade virtual para o vínculo, está espremida entre o sexo e o romance. No entanto, conforme referem Nonix e MadeInBrazil, o Amigo é deveras importante para aqueles que se desprendem dos Rostos prontos de marido, noivinho, corpo-que-importa e anticorpo.

Uma das concessões que se faz aos outros é a de apresentar a homossexualidade como forma de prazer imediato, de dois rapazes que se encontram na rua, seduzindo-se com um olhar, tocando-se nas nádegas e indo às nuvens em um quarto de hora. Tem-se aí uma imagem da homossexualidade que perde toda a virtualidade de inquietude por duas razões: ela responde a uma regra tranquilizadora de beleza, e anula tudo o que pode haver de inquietante no afeto, na amizade, na fidelidade, na camaradagem, no companheirismo, aos quais uma sociedade um pouco podadora não pode dar lugar sem temer que se formem alianças, que se estabeleçam linhas de força imprevistas. Penso que é isto que torna “perturbadora” a homossexualidade: o modo de vida homossexual, mais que o próprio ato sexual. (...) *É preciso escapar das duas fórmulas feitas: a do puro encontro sexual e da fusão amorosa das identidades.* (FOUCAULT, 2010b, p. 349-350, grifo nosso).

Na teorização foucaultiana, a amizade ocupa um lugar importante. Ela foi pensada por Foucault como sendo uma relação agonística com o(s) outro(s), tendo o potencial de ser tal que escape das relações de poder assujeitadoras: é por essa razão que a amizade, em Foucault, é inseparável da criação de uma estilística ou estética de existência (ORTEGA, 1999; 2002). Isto é, a amizade é um tipo de relação em que é possível constituir a si próprio como uma obra de arte, uma relação em que é possível fazer “da vida uma obra de arte pessoal” (FOUCAULT, 2006a, p. 290). Aqui, a amizade corresponde a “um jogo intenso, às vezes arriscado, em que as regras são estabelecidas pelos parceiros no momento mesmo de jogar e são válidas apenas para este jogo” (ORTEGA, 1999, p. 150). Não se trata, portanto, de uma amizade no sentido lato: a amizade a que está disposto o Amigo foucaultiano oferece um vínculo que visa a “jogar dentro das relações de poder com um mínimo de dominação e [a] criar um tipo de relacionamento intenso e móvel”, de modo que não haja a possibilidade de que “relações de poder se transformem em estados de dominação” (op. cit., p. 168).

É por essa razão que a relação de amizade poder servir à estilização de si próprio como obra de arte: esse seria um modo de relação consigo mesmo e com o(s) outro(s) em que haveria a possibilidade de desviar das fórmulas prontas de relação que temos disponíveis hoje em nossa cultura. E seria precisamente através das tentativas de criação

de outros modos de vínculo consigo mesmo e com o(s) outro(s) em que residiria sua potência dessubjetivante, isto é, nas palavras de Ortega (1999, p. 23), uma “alternativa às estratégias de subjetivação do poder disciplinar moderno e do bio-poder – subjetividade como decisão ético-estética”.

Se minha tese é de que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos de forma virtual a criar vínculos uns com os outros, e se minha tarefa foi a de mapear as formas que tais vínculos adquirem, as relações de amizade aparecem aqui como “rasgos intersticiais” da polarização entre relações que visam exclusivamente os vínculos baseados em práticas sexuais e as relações exclusivamente romântico-afetivas que os homens habitantes do *site* procuram consolidar através do Manhunt. Assim, no exílio, no dissenso e no dissídio, faz-se uma corda-bamba dentro do País de Marlboro que é o Manhunt: por sobre um abismo profundo que corta e separa o Mercado da Carne da Agência Matrimonial está essa corda-bamba, sobre a qual os exilados e estrangeiros das duas províncias equilibram-se tenuamente, alguns caindo no precipício, outros ainda dançando ao sabor do vento para manter-se de pé. Um daqueles que tenta manter-se de pé sobre a corda-bamba entre a Agência Matrimonial e o Mercado da Carne é precisamente o Amigo – nosso Perseu-pós-moderno, algoz do noivinho-Medusa. O Amigo, um dos exilados, é irredutível aos corpos-que-importam e aos anticorpos, assim como também não equivale plenamente ao marido-sob-encomenda nem ao noivinho-Medusa. O Amigo permanece suspenso sobre o imenso abismo que separa, de um lado, os maridos e os noivinhos das relações românticas do amor-paixão, e de outro os corpos-que-importam e os anticorpos das relações essencialmente sexuais. O Amigo, em sua disponibilidade virtual para o vínculo, pretende um modo distinto de relação com o(s) outro(s): a amizade, algo que, conforme mostra o último quadro com trechos de perfis *online*, têm uma polissemia nesse contexto.

É preciso permanecer alerta, contudo. Foucault tece a maior parte de suas considerações sobre a potência ético-política da amizade no contexto de suas discussões sobre homossexualidade (masculina) e sobre as formas que pessoas homossexuais (especialmente homens gays) teriam disponíveis para resistir ao poder subjetivante do dispositivo de sexualidade. Isso aconteceu no início dos anos 1980, há trinta anos, o que nos leva a considerar que o regime histórico e cultural em que Foucault mencionou a amizade como uma possibilidade de escape às relações de poder do dispositivo de sexualidade pode ser bastante diferente deste de hoje. É por isso que frases como: “A

homossexualidade é uma ocasião histórica de reabrir virtualidades relacionais e afetivas”, não pela essência homossexual, “mas porque a posição desse ‘de esguelha’, as linhas diagonais que ele pode traçar no tecido social permitem fazer aparecer essas virtualidades” (FOUCAULT, 2010a, p. 351) soam um tanto dissonantes da exposição que vim fazendo desde o primeiro capítulo deste trabalho. São visíveis aqui elementos de assimilação e docilização de homens gays, que os tira da posição “transversal” na qual podem criar diagonais no tecido social através de relações de amizade. O policiamento em relação aos corpos e às subjetividades dos homens gays, no mínimo, esvazia a ambição política de fazer do “modo de vida gay” (op. cit., p. 349) algo potente em si mesmo para a criação de novas formas de vida em sociedade.

Ainda, é preciso igualmente considerar em que termos a própria relação de amizade é concebida para os homens habitantes do Manhunt que escrevem em seus perfis os trechos trazidos anteriormente. Parece pouco provável que, lá, a amizade apareça como uma disposição voluntária de colocar-se em um “jogo agonístico” com o(s) outro(s), de provocação e incitação mútua, em uma relação em que o poder de um sobre o outro seja minimizado. Parece pouco provável que a amizade a que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos a criar uns com os outros seja tal relação desafiadora, que promova deslocamentos e a incessante interrogação de si próprio e do(s) outro(s). A amizade parece ser aqui uma “relação coringa”, ou seja, na falta de um nome alternativo ao “sexo” e ao “romance” é ela que é empregada, não por sua potência ético-estética dessubjetivante, como sugere Ortega, mas por ser uma confortável sugestão.

Mesmo assim, se o que esses homens querem é, de fato, constituir uma alternativa às fórmulas prontas “do puro encontro sexual” do Mercado da Carne e da “fusão amorosa das identidades” da Agência Matrimonial através da amizade, essa relação parece ter de ser necessariamente uma relação que ofereça conforto e segurança. Lembremos: os exilados do Mercado da Carne e da Agência Matrimonial vacilam na corda-bamba por sobre um precipício, e qualquer desconforto ou desacomodação pode significar sua queda livre. Assim, ao escolher a palavra “amizade” para definir o tipo de relação que esses homens buscam através do *site* (e não “sexo” ou “romance”), talvez essa seja a palavra e a relação que menos “prometem” algo que eles deveriam cumprir (práticas sexuais intensas ou adesão a um projeto afetivo) e que menos os “comprometem” em relação ao(s) outro(s): apenas e tão-somente a “amizade cotidiana”

e banal, que é mais sinônimo de cordialidade que de agonismo. É nessa direção, aludindo ao conforto e à segurança que as relações de amizade adquiriram hoje mediante vínculos criados entre indivíduos que se parecem, que se aproximam, que se assemelham e que intensificam mutuamente seus prazeres, que Jurandir Freire Costa (1999, p. 17-20) lança estas interrogações:

Se o único critério que temos para reconhecer “o que é um prazer livre e libertário” é a intensidade e a novidade do que sentimos, como podemos distinguir o prazer do super-homem do prazer do psicopata ou do burguês viciado em sexo, drogas e Credicard? (...) Nessa rotina de “prazer” o cuidado de si se tornou indiferença ao outro e o uso dos prazeres, punição de corpos massacrados em nome do mercado das sensações e da alienação em relação ao mundo.

Sobretudo, nas considerações sobre os termos que definiriam a relação de amizade a que estão dispostos os homens habitantes do Manhunt, seria preciso auscultar por sob o verniz cordial da pele do Amigo o ainda pulsante Rosto de gênero que delimita o campo de inteligibilidade dentro do qual o corpo do Amigo fará sentido. Apesar de MadeInBrazil dizer especificamente que tem um amigo afeminado, e de Nonix dizer explicitamente que está aberto a todo tipo de amigos, mais uma vez é preciso sondar as condições de tal “abertura”: quem é o amigo-que-importa aqui? Muito provavelmente, esse amigo-que-importa é aquele que existe um pouco como espelho, e talvez um pouco como Medusa, isto é, é um amigo que se parece com o(s) outro(s) ou que estabelece pré-requisitos para suas amizades, como que em uma encomenda. Entre a semelhança especular e os requisitos da encomenda, não há sinais concretos de que o gênero do corpo do Amigo seja algo menos importante ou imprescindível na relação de amizade. O Amigo-que-importa pode bem continuar sendo viril e másculo (e magro, branco...).

Então, se há um amigo-que-importa, podemos imaginar que há um amigo-que-desimporta: um Inimigo. Esse Inimigo poderia ser aquele não somente exilado dos Rostos de corpo-que-importa, de anticorpo, de marido-sob-encomenda e de noivinho-Medusa, como MadeInBrazil e Nonix, e outros homens habitantes do Manhunt, dizem ser. O Inimigo seria aquele Amigo que cai fora do campo de inteligibilidade do gênero, desprendendo-se do Rosto de gênero. E, vale lembrar, que em uma “genealogia da amizade” (ORTEGA, 1999), “[a] homossexualidade latente é a ameaça constante para a constituição heterossexual do adulto, daí a extrema vigilância dedicada às amizades” entre homens (op. cit, p. 145). Isto é, as relações de amizade entre homens passaram a

ser problematizadas precisamente quando a homossexualidade passou a ser um problema social, quando o sodomita deixa de ser um reincidente para dar lugar ao homossexual, que é tido como uma espécie (FOUCAULT, 2012b, p. 51). É correlato ao funcionamento do dispositivo de sexualidade o esvaziamento político e cultural da amizade entre homens – além da integral suspeição sexual expressa na pergunta jocosa: “que fazem juntos dois homens que se dizem ‘apenas’ amigos?”.

Ainda hoje vivemos nesse clima de desconfiança diante da amizade; mostrar afeto nas relações de amizade – especialmente entre homens – como se velhos fantasmas ainda ameaçassem comprometer um desenvolvimento “normal” da personalidade. Desde a segunda metade do século XIX, as efusões sentimentais na amizade perderam terreno em nome de um ideal viril e fraternal de amizade. A obsessão pela virilidade na amizade somente encontrará uma trégua nos momentos criados pela sociabilidade da bebida. Várias amizades célebres da época são exemplos desse desprezo pelas efusões entre homens, consideradas efeminadas, pelos elementos corporais e emocionais contidos na amizade, levando a cultivar uma relação puramente intelectual e desafetivada. (...) Diante dessa amizade desafetivada e intelectualizada, surge também na mesma época uma corrente de amizade masculina que estimula a licenciosidade e troca de confidências (sobretudo sexuais) (...) cuja função é precisamente promover um ideal viril de amizade (...) que quer deixar claro a sua condição viril ao mesmo que se afasta das mulheres. (ORTEGA, 2002, p. 147; p. 148; p. 149).

Portanto, historicamente, a amizade entre homens parece apenas florescer em relação ao mesmo “princípio virilizante” que dá sentido às demais relações que venho mapeando desde o início destas análises. Parece que a amizade entre homens é tanto policiada quanto constituída por uma demanda masculinizante. Em outras palavras, em nosso momento histórico, hoje, os modos disponíveis de viver a amizade entre homens são provenientes do mesmo dispositivo que institui a heterossexualidade como norma ou, nas palavras de Butler, que institui a “morfologia heterossexual” em relação a qual se confere, ou se confisca, a humanidade dos indivíduos. Nesse sentido, a relação de amizade entre homens participaria ativamente da consolidação do Rosto do gênero, e não da construção de desvios em relação a esse Rosto. A amizade entre homens estaria, assim, dentro dos limites conferidos pelo campo de inteligibilidade regulado pelo gênero – senão atuando no reforço do Rosto de gênero, conforme mostra Ortega.

Um pouco de possível aqui, senão sufocamos. Ao revisitar os trechos de entrevista de MadeInBrazil e Nonix, enxergo estranhamentos em relação às exigências de adequação a determinados Rostos, ouço murmúrios de lamento pelo não-encaixe nesses Rostos, mas, igualmente, percebo que a possibilidade encontrada por eles de equilíbrio na corda-bamba sobre o abismo (minguada entre o Mercado da Carne e a

Agência Matrimonial) é a própria relação de amizade. Novamente, reitero que é preciso considerar qual noção de amizade que existe e funciona para eles, mas o que importa extrair dos seus depoimentos é a tentativa de construir modos de vínculos e de relações que desviam das duas fórmulas prontas que venho descrevendo até aqui.

Na seção anterior, aparecem trechos de perfis *online* de homens que também procuram, a seu modo, construir seus desvios e seus escapes aos dois Rostos de Agência Matrimonial e de Mercado da Carne. Todos os trechos, de perfis e de entrevistas, que venho mostrando desde a morte alegórica do marido-sob-encomenda e da petrificação metafórica do noivinho-Medusa são como que rastros de estrangeiros, de exilados, de indivíduos que tentam se equilibrar na corda-bamba sobre o abismo profundo que separa as duas fórmulas prontas, os dois Rostos fixos de Mercado da Carne e da Agência Matrimonial.

É bastante provável que, na tentativa de construir desvios, novos Rostos sejam criados ou que das cinzas daqueles que já morreram surjam outros, como eu sugeri no caso dos casais-abertos. Vale ressaltar, porém, que é verificável nesses homens um cansaço, ou um estranhamento, em primeiro lugar, em relação às demandas altamente reguladas e cheias de encomenda que os homens habitantes do Manhunt têm de atender para serem alguém-que-importa; e, em segundo lugar, em relação à pobreza generalizada das formas de vínculo que eles têm disponíveis hoje para se relacionarem uns com os outros. Na ansiedade produzida por esse cansaço e por esse estranhamento do mundo, alguns homens grudam nos Rostos disponíveis. Outros, entretanto, catapultados e desafiados precisamente pelo estranhamento do mundo em que vivem, aventuram-se mais ou menos em tentativas de novas conexões com o(s) outro(s), de novos vínculos, de novas possibilidades que desviem e escapem das fórmulas prontas e de alguns Rostos fixos (mas não de todos). O que vale sublinhar aqui, portanto, são o estranhamento do mundo e o desprendimento de alguns Rostos em direção a outras experiências e outras relações com o(s) outro(s). E não seria precisamente isso, talvez, em que se traduziria o esforço da “ética como prática refletida de liberdade” (FOUCAULT, 2006a, p. 267)?

“Ser gay é, creio, não se identificar com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas procurar definir e desenvolver um modo de vida. (...)”, em que tal desenvolvimento seja guiado por “[f]azer um verdadeiro desafio

incontornável da questão: o que se pode jogar e como inventar o jogo?” (FOUCAULT, 2010a, p. 351; p. 353). Mais uma vez há aqui a precaução em relação às “máscaras visíveis”, como já nos apontou Rolnik, no sentido de que as máscaras são modos de expressão rígidos e engessados através dos quais vivemos o mundo. Nessa altura, entretanto, não temos mais somente a menção de que é preciso escapar das máscaras, isto é, escapar dos Rostos fixos que nos acomodam confortavelmente. Agora o acento recai na urgência em viver algo “novo”, em criar algo “novo”, tendo a ética como referência para tal criação.

Assim, o “modo de vida gay” que Foucault refere desprende-se dos homens que desejam outros homens, desprende-se do “amor que não ousa dizer seu nome”, desprende-se do referente psíquico e corporal do desejo sexual por pessoas do “mesmo sexo”: o desvio e o escape às fórmulas prontas, aos Rostos rígidos, tornam-se uma atitude ética em relação a si mesmo e ao(s) outro(s) que é aplicável e empregável por qualquer indivíduo, gay ou heterossexual. “Inventar o jogo”, nesse sentido, seria o mesmo que inventar relações que emergissem precisamente de dentro do abismo sobre o qual nos equilibramos, se somos exilados e estrangeiros, de dentro desse espaço intersticial que separa o Mercado da Carne e a Agência Matrimonial. “Inventar o jogo”, para os homens habitantes do Manhunt, seria a tarefa de criar modos de relação consigo mesmo e com o(s) outro(s) que, tendo a ética como prática refletida de liberdade, investisse em vínculos intersticiais que possam emergir entre os extremos fundamentalistas do País de Marlboro: o sexo dionísico e o romance romântico.

5.8. A face que importa II – “Não matarás”

Eu sugiro que há uma correspondência entre as tentativas de desvio e de escape a alguns Rostos fixos que mapeei até aqui e os modos de exposição dos corpos através das imagens publicadas nos perfis *online* do Manhunt. De certa maneira, as argumentações deste e dos dois últimos capítulos investiram exatamente em mostrar as correlações entre as formas de vínculo com o(s) outro(s) a que estão dispostos os homens habitantes do *site* e os modos emblemáticos de exposição dos corpos que “ilustram”, encarnam e incorporam tais vínculos. Assim, para o Mercado da Carne, cuja relação por excelência é a prática sexual, o modo emblemático de expor os corpos é através de imagens dos corpos refletidos em espelhos, muitas vezes nus e ostentando seus pênis, em que suas cabeças estão fora do quadro fotográfico. Essas imagens

incorporam um modo de relação com o outro que eu chamei de quase-narcísica e especular. Para a Agência Matrimonial, cuja relação por excelência é o romance romântico, o modo emblemático de expor os corpos é através de imagens que mostram a parte da frente da cabeça dos corpos, corpos esses que geralmente aparecem vestidos. Essas imagens incorporam um modo de relação com o(s) outro(s) que encomenda e petrifica aquele que será elegível para o vínculo romântico. Em ambos os casos, o Rosto de gênero persiste como regulador das relações e dos corpos. Da mesma forma, em ambos os casos existe um descompromisso, um apagamento ou uma desconsideração ética para com o(s) outro(s), na medida em que esse(s) outro(s) somente surge como alguém viável para o vínculo enquanto reflexo especular quase-narcísico ou enquanto estátua de pedra pré-encomendada. Isto é, pouco interessa o que o(s) outro(s) é se esse(s) outro(s) desviar do espelho ou escapar da encomenda.

É preciso fazer distinções, por assim dizer, entre Rostos e faces mais ou menos potentes em sugar e fixar, no caso dos primeiros, e em prescrever e petrificar, no caso das segundas. Espero que até aqui tenha ficado clara a potência quase insuperável do Rosto de gênero, com sua insidiosa presença em todas as formas de relação a que estão dispostos os homens habitantes do Manhunt, com seu poder infiltrante na legitimação e no confisco da humanidade dos corpos que são mostrados no *site*. O Rosto de gênero é um buraco negro que anexa tudo e todos em seu interior: um poderoso campo de inteligibilidade cujas fronteiras delimitam a vida viável e vivível, a borda que separa a existência dos indivíduos daqueles “menos humanos”, seres abjetos sujeitos à forclusão, à expulsão mais-que-violenta (os homens tocados pela feminilidade). *Esse talvez seja o teto que minha pesquisa encontra: os limites incontornáveis do buraco negro do gênero* – algo sobre o qual eu discutirei, à guisa de conclusão, no próximo capítulo. Rostos talvez menos potentes sejam os de corpos-que-importam, anticorpos, marido-sob-encomenda e noivinhos: nem todos os homens habitantes do Manhunt se acomodam em apenas um desses, sendo possível, inclusive, que se saia de um para outro – como aconteceu com Duck, que se considerava um anticorpo e hoje, depois de um projeto de intervenção na sua própria carne, considera-se um corpo-que-importa. Esses são Rostos importantes, que têm seu magnetismo, mas que não são tão inescapáveis quanto o Rosto do gênero.

As faces, as partes da frente das cabeças, talvez possam igualmente ser mais ou menos potentes, mais ou menos petrificantes, mais ou menos prescritivas. É bem

verdade que ao longo deste capítulo me esforcei em sublinhar “a face da Medusa” que aparece publicada nas imagens de alguns perfis *online*. Tentei mostrar que a aparição da face nas imagens dos corpos pode implicar em uma relação com o(s) outro(s) que é tão rígida quanto a relação especular. Assim, eu procurei chamar a atenção para a contrapartida, na Agência Matrimonial, da relação especular quase-narcísica do Mercado da Carne justamente para indicar aquilo que eu acredito ser a problematização mais importante dessas análises: *o apagamento progressivo do(s) outro(s), ora através da sua redução a um reflexo especular, ora através da sua redução a uma prescrição encomendada*. No próximo e último capítulo eu irei também retomar essa consideração à guisa de conclusão.

Porém, eu aposto que a publicação da face nas imagens dos perfis *online* do Manhunt pode não ser tão somente prescritiva e tão somente petrificante. Assim, é preciso também retomar a importância da face na cultura ocidental, algo mencionado por Sontag (2007), e a relação existente, no contexto do Manhunt, entre a exposição da face e a saída do armário, conceito central na discussão de Sedgwick (2007): a parte da frente da cabeça exibida em imagens, como “impressão visual” dos corpos que é, significa aí um assumir-se homem gay. “O armário gay não é uma característica apenas de pessoas gays. Mas para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social” (op. cit., p. 21), de modo que estar dentro do “armário” (não assumir-se) ou estar fora dele (assumir-se) acabam sendo posições que estão sendo a todo tempo contabilizadas, medidas e pesadas: estar dentro do “armário” ou fora dele implica em modos distintos de expor os corpos no caso do Manhunt e, inclusive, de viver a vida. É nesse sentido que “há poucas pessoas gays (...) em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (op. cit.), no sentido de que ele é constitutivo da subjetividade.

A velha equação “SILENCE=DEATH”, que deu a tônica dos movimentos gays, sobretudo os estadunidenses, durante a década de 1970 e que supunha a morte política e civil (e, em alguns casos, a morte física) daqueles/as que não se assumiam como homossexuais pode ter sofrido mudanças nos últimos anos (LOURO, 2004, p. 33-36; SIMÕES & FACCHINI, 2009). Entretanto, talvez seja produtivo sugerir que atualmente existem várias formas de silêncio (e várias maneiras de permanecer dentro ou fora do armário) e também várias maneiras de morrer. Naquela política de afirmação de identidades sexuais, “o dilema de ‘assumir-se’ ou ‘permanecer enrustido’ (no armário –

closet) passa a ser considerado um divisor fundamental e um elemento indispensável” para pessoas homossexuais, de modo que “para fazer parte da comunidade homossexual, seria indispensável, antes de tudo, que o indivíduo se ‘assumissem’, isto é, revelasse seu ‘segredo’, tornando pública sua condição” (LOURO, 2004, p. 32). Eu sugiro que, para o regime de visualidade existente no Manhunt, é possível que a exibição da face possa também significar uma revelação, uma saída do armário, um assumir-se, para além da prescrição romântica e da petrificação do(s) outro(s).

Porém, a exibição da face aqui não é mais uma saída do armário que, como no final da década de 1970, significa condição necessária para a entrada em uma comunidade. Ao equivaler a um assumir-se dentro do Manhunt, a exibição da face, da parte da frente da cabeça, da “impressão visual” desses homens para os demais, “resulta em parte o fato de que a identidade erótica da pessoa que assiste à revelação [ou que vê uma face exposta em um perfil *online*] está provavelmente implicada na revelação e, portanto, será perturbada por ela” (SEDGWICK, 2007, p. 39, acréscimo nosso). Talvez pudéssemos fazer um paralelo e pensar em um caso hipotético em que “uma mãe diz que a revelação de seu filho adulto para ela a mergulhou, por sua vez, no armário em sua comunidade conservadora” (op. cit.), de modo que se assumir homem gay no contexto do Manhunt ao publicar imagens da face do corpo pode ser uma atitude que implica em pôr em xeque os “armários” dos outros homens que ali coexistem e coabitam.

Sobretudo, mostrar a face nas imagens dos perfis do *site* é uma atitude contemporânea que se contrapõe à genealogia histórica dos discursos que petrificaram o “sodomita”, o “fresco”, o “invertido” enquanto “pecadores”, “doentes” e “criminosos”. Lembremos, por exemplo, da figura 33 do capítulo *Olhando o gênero que nos olha*, em que aparecem fotografados, pelas lentes das câmeras fotográficas da polícia carioca da década de 1930, os homens homossexuais presos acusados de crime, submetidos às medições antropométricas que tentavam desvelar o feminino em seus corpos: há, naquela imagem, tarjas pretas cobrindo parte da face daqueles homens, supostamente dissimulando suas “impressões visuais”. Lembremos também das primeiras cenas do filme *Milk* (2008), que mostram investidas policiais em locais de sociabilidade de homens gays nos Estados Unidos durante a primeira metade do século passado: aqueles homens escondem suas faces das câmeras, cobrem a parte da frente de suas cabeças

com as mãos para não serem reconhecidos e associados ao “crime”, ao “pecado”, à “doença”.

Ainda, junto com Sontag (2007, p. 109), vale lembrar que “[o]s efeitos da poliomielite eram terríveis – o corpo definhava”, mas essa doença “atacava apenas o corpo, por pior que isso seja, mas não o rosto”, não a face, não a parte da frente da cabeça. A aids, porém, como aparece na figura 20 do capítulo *Mercado da Carne: caçadores de corpos*, era visível, sobretudo, na face dos portadores do vírus, como se a síndrome açambarcasse face e corpo indistintamente, marcando os indivíduos como doentes: “as marcas no rosto do leproso, do sífilítico, do aidético [*sic*], assinalam uma mutação, uma dissolução progressiva; algo orgânico” (op. cit., p. 110): a face de Cazuza estampada na capa da revista *Veja*. Toda a associação da aids com os corpos de homens gays do início da epidemia articulou de forma poderosa o assumir-se homem gay com o assumir-se pessoa vivendo com HIV (TERTO JR, 1999). Lembremos de Caio Fernando Abreu, em carta à Maria Lídia Magliani (2002, p. 303-304), quando ele escreve “[n]ão me olho no espelho há mais de um ano (...). Todo o dia, Cazuza já dizia, eu vejo a cara da morte e ela está mesmo viva”, aludindo às marcas da síndrome que vinham modificando as feições de sua face.

Por essas condições brevemente mencionadas aqui, que de certa maneira delimitam as possibilidades de exibição das faces dos homens habitantes do Manhunt e constituem os diferentes significados da exibição dessa parte do corpo para esses indivíduos – pois são os rastros da sua “proveniência”, na concepção de Foucault acerca das leituras de Nietzsche (1984) –, sugiro que a atitude de mostrar a face nos perfis *online* do *site* expõe e explicita o laço ético que liga indelevelmente a existência daquele que mostra sua face com a existência daquele(s) outro(s) a quem a face se dirige. Pois, na leitura de Butler acerca da noção de “face” em Emanuel Levinas, “parece que a ‘face’ do que ele chama de ‘Outro’ faz uma exigência ética sobre mim” (BUTLER, 2006, p. 131); “a aproximação da face é o modo mais básico de responsabilidade” com o(s) outro(s) (LEVINAS *apud* BUTLER, op. cit.). Quando a face aparece, quando a parte da frente das cabeças dos corpos é mostrada nos perfis *online* do Manhunt, ela perfaz uma exigência ética que é diferente daquela que perfazem os peitos, os abdomes, as bundas e os pênis quando esses são mostrados. A atitude de mostrar a face em imagens nos perfis do *site* rompe com uma possível “mudez” do “amor que não ousa dizer seu nome”, rompe com um percurso histórico que sugere, senão impõe, a

dissimulação das faces de homens gays para garantir seu “anonimato” ou para fugir do espelho, precisamente para não ver aí refletida “a cara da morte”, como sugere Caio Fernando Abreu. A face torna-se o “pilar da ponte de tédio / que vai de mim / para o outro”, como escreveu o poeta Mário de Sá Carneiro: algo que não é unicamente meu. Na medida em que a face liga e conecta um(ns) ao(s) outro(s), há algo na face que está indeterminado, vazio, sempre em aberto; há, na face, um significado que está adiado, que só adquire sentido precisamente em relação aos modos com que se dão os vínculos que criamos com o(s) outro(s).

Tal demanda efetuada pela exibição da face “é uma que nós não pedimos, uma que nós não estamos livres para recusar” (BUTLER, 2006, p. 131). “A ‘face’ do outro não pode ser lida por um significado secreto”, posto que a face não esconde nem dissimula nada; antes pelo contrário, ela expõe e desvela. “[E] o imperativo que ela transmite não é imediatamente traduzível em uma prescrição que poderia ser linguisticamente formulada e seguida” (op. cit.). A face, nas leituras que Butler faz de Levinas, demanda o(s) outro(s) sem dizer nada, sem enunciar nada, sem prescrever e sem encomendar. Essa é uma face que “carrega o comando: ‘Tu não matarás’” (op. cit., p. 132), isto é, a exibição da face explicita o laço ético que reitera o direito da minha própria existência perante o(s) outro(s), ao mesmo tempo em que assinala a impossibilidade do extermínio do(s) outro(s) – ou da redução do(s) outro(s) ao reflexo especular, da redução do(s) outro(s) a uma listagem de prescrições românticas, que implicam, igualmente, em diferentes formas de morte do(s) outro(s).

Responder à face, entender seu significado, significa estar desperto/a para o que é precário em outra vida ou, ainda, para a precariedade da própria vida. Isso não pode ser um despertar, para usar a palavra dele [Levinas], para minha própria vida, e então a extrapolação de um entendimento da minha própria precariedade para um entendimento da vida precária de outro. Isso precisa ser um entendimento da precariedade do Outro. É isso o que faz a face pertencer à esfera da ética. (op. cit., p. 134).

O que Butler sugere é que isso que ela chama de “precariedade da própria vida” é um atributo constituinte da humanidade; que, em sendo precária, a vida é desde sempre vulnerável (op. cit., p. 27-31), e é vulnerável porque está sempre à mercê do(s) outro(s) – isto é, estando ligada, por sua vez, a outras vidas igualmente “precárias” e “vulneráveis”. Entretanto, o “despertar” para tal precariedade e vulnerabilidade constituintes da humanidade, que acontece precisamente através da exposição da face, jamais pode ser aquele que primeiro acontece sobre “mim mesmo” para depois ser

projetado “no(s) outro(s)”: a autora refere que essa seria a perspectiva narcisista e cartesiana, identitária por excelência, a partir da qual toda a tradição filosófica, política e ética do Ocidente reduziu a alteridade radical, O Outro – com letras maiúsculas – a uma mera projeção submissa de um “eu” autocentrado e coeso. A perspectiva de Butler faz o caminho inverso da política de identidades comumente empregada em movimentos sociais, como o movimento de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (LGBT), por exemplo: nesta, aquilo o que eu sou (a identidade) constitui o laço que me liga ao(s) outro(s), pois aquilo o que eu julgo ser/ter de antemão existe também no(s) outro(s), como que em uma relação especular ou como em uma prescrição petrificante (cf. VASCONCELOS et al., 2011).

Butler, na contramão disso, sugere que, na exibição da face, há a demanda pelo “entendimento da precariedade do Outro” em si mesmo, sem que tal entendimento necessite recorrer a relações de identidade ou similitude entre o “eu” e “o outro”. Por essa razão, o “comando: ‘Tu não matarás’” que a face do(s) outro(s) transmite é eminentemente ético: o reconhecimento da sua existência (precária e vulnerável) não tem a minha própria existência como referente. Além disso, se entendemos que a vida do(s) outro(s) é precária e vulnerável em si mesma, quais serão os motivos razoáveis que dispomos para não apagá-la, para não expulsá-la, para não silenciá-la, para não exterminá-la, principalmente se a existência do(s) outro(s) for algo que ameace a minha própria? Se a existência do(s) outro(s) é desde sempre precária e vulnerável, não seria exatamente uma questão ética, entendida como prática refletida de liberdade, a impossibilidade de matar o(s) outro(s)?

Judith Butler tece tais considerações em um livro escrito após os atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque. A autora está preocupada em considerar a exibição da face como demanda ética porque ela oferece uma série de análises sobre a exposição das faces de Osama Bin Laden e de Saddam Hussein na mídia estadunidense, à época da declaração da “guerra contra o terrorismo”, como modos de deshumanização desses indivíduos e, por conseguinte, de todos os/as muçulmanos/as (BUTLER, 2006, p. 141). Aquelas seriam a face do mal encarnado. Além disso, Butler também constrói uma crítica acerca das supostas “razões feministas” que foram usadas como justificativa para a invasão do Iraque e do Afeganistão: os Estados Unidos seriam os salvadores das mulheres muçulmanas, subjugadas pelo machismo intrínseco ao islamismo, mulheres que teriam suas faces libertadas das burkas pelos americanos

ocidentais – o que significaria a conquista de direitos para essas mulheres ou, como critica Butler, a expansão de paradigmas ocidentais de “direito” e de “mulher” (BUTLER, 2006, p. 143). Portanto, suas discussões filosóficas e políticas acerca da face, da precariedade e da vulnerabilidade da vida, estão circunscritas às implicações que a “guerra contra o terrorismo” produziu na sociedade estadunidense.

Talvez o contexto em que Butler desenvolva suas análises sobre a face, contexto supostamente tão absolutamente distinto do meu nesta pesquisa, nos indique que a face dos corpos é deveras importante, sobretudo hoje. Mais: talvez a face, como demanda ética em relação ao(s) outro(s), seja relevante nos dias de hoje precisamente porque vivemos momentos em que o extermínio do(s) outro(s), seja pela relação especular quase-narcísica, seja pelo olhar prescritivo e petrificante, seja pela declaração de guerra às nações islâmicas tendo como uma das insígnias a redenção das faces femininas “aprimonadas” pelas burkas, tenha se tornado algo mais comum e corriqueiro do que suspeitamos. É provável que o campo em que desenvolvi esta pesquisa, e que tentei caracterizar como uma ditadura totalitarista em um país dividido em duas províncias que se estranham e se opõem, é provável que esse campo de pesquisa se organize de acordo com divisões e oposições tão recorrentes e inteligíveis quanto a divisão e oposição Ocidente *versus* Oriente, que ganhou novo fôlego depois dos atentados de 11 de setembro. É possível sugerir que isso o que encontro no Manhunt, o País de Marlboro dividido em duas províncias e governado por um ditador totalitarista, por mais que seja aqui uma alegoria literária, pode bem ser a expressão mais capilar e micropolítica de um contexto maior, global, dentro do qual todos/as nós estamos hoje imersos/as – e isso é apenas uma sugestão.

O mais importante aqui é reiterar que o mapeamento dos vínculos a que os homens habitantes do Manhunt estão dispostos a criar uns com os outros, que se encarnam nas formas com que seus corpos são exibidos através de imagens e nos textos escritos em seus perfis *online*, é uma tentativa de abordagem a respeito das formas com que esses próprios homens vêm se constituindo como sujeitos hoje. Contudo, esse trabalho de “ontologia histórica de nós mesmos”, como sugere Foucault (2008, p. 347), acerca dos modos através dos quais nos tornamos determinados sujeitos e não outros, não pode escapar ou desviar da ontologia histórica do Outro. Isto é, esse trabalho não pode prescindir da análise dos modos através dos quais nos constituímos em relação e na relação com isso que Deleuze (2006) chamou de “diferença pura”: aquele que não é

“eu”, que jamais foi nem será “eu”, que não deseja ser “eu”, mas que, não obstante, me demanda eticamente na medida em que me en-cara, na medida em que expõe sua face frente à minha. É nesse sentido que o “*être-ensemble*”, o “estar junto” proposto por Maffesoli e introduzido no *Capítulo Guia* precisa ser problematizado. A socialidade pressuposta nesse estar junto, o convívio e a coexistência de vários indivíduos mais ou menos sugados e fixos dentro de alguns Rostos, implica em jogos agonísticos, relações de poder, tensões e disputas entre eles – algo que problematiza, complexifica e, no limite, constrange as possibilidades de construção de vínculos entre os indivíduos, por mais que se diga que estão todos virtualmente dispostos a se relacionarem uns com os outros.

O trabalho da ontologia histórica do Outro – desse Outro que Butler (2004, p. 19) sugere que nos desfaz com sua presença, e que por mais que nos desfaça e que nos ameace, que não pode ser expulso mais-que-violentamente, que não pode ser forcluído; esse Outro cuja face endereça a interpelação “Não matarás” (BUTLER, 2006, p. 132); esse trabalho é tal que recusa “[a] transformação do Outro num absoluto essencializado [que é] parte dessa estratégia de constituição binária que serve à constituição de si do sujeito ocidental” (PELBART, 2009, p. 121). Uma ontologia cujo trabalho “é um primeiro passo para tornar completamente inviável, impossível e indesejável desconectar a questão ‘o que estamos fazendo de nós mesmos’ da questão ‘o que estamos fazendo dos outros’” (SANT’ANNA, 2005a, p. 110). Uma ontologia cujo trabalho reduza espelhos narcísicos a estilhaços e Medusas, a cacos; uma ontologia-face de uma pesquisa-face, que exponham o laço ético indelével que liga nossas existências precárias e vulneráveis, que sugiram que as tentativas de esquecimento ou de apagamento desse comprometimento ético que nos liga uns com os outros seriam equivalentes à não-liberdade – sendo, portanto, não-éticos.



6 Capítulo Ômega – Duas retomadas ou o que coube na tese

“Cada coisa, cada coisa: inteira, na união de todas as suas infinitas partes. Mas e a sombra e os reflexos, esses que não se integravam em forma alguma, onde ficavam guardados? Para onde ia a parte das coisas que não cabia na própria coisa? Para o fundo do meu olho, esperando o ofuscamento para vir outra vez à tona? Ou entre as próprias coisas-coisas, no espaço vazio entre o fim de uma parte e o começo de outra? Como um por trás do real, feito espírito de sombra ou luz, claro-escuro escondido no mais de-dentro de um tronco ou no pequeno espaço entre um tijolo e outro ou no meio de dois fiapos de nuvem – onde?”

Caio Fernando Abreu, *O sargento Garcia*, (1982, p. 87-88).

A epígrafe deste *Capítulo Ômega* (capítulo “conclusivo”, cujo título remete ao símbolo do alfabeto grego usado para marcar o fim de cada um dos capítulos antecedentes) foi extraída do conto *O sargento Garcia*, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu. É um trecho em que o personagem principal, Hermes, é dispensado do serviço militar obrigatório pelo sargento Garcia. Ao sair do quartel onde acontecia a apresentação para o serviço, sentindo-se renovado e leve graças à dispensa, Hermes lança a si próprio as perguntas aí colocadas. É me sentindo um pouco como Hermes, um pouco renovado e talvez leve graças ao fim da escrita desta pesquisa, que, junto com o personagem, pergunto: onde nós, homens gays que habitamos o Manhunt e outros *sites* de relacionamento, onde nós estamos? No pequeno espaço entre um tijolo e outro? No meio de dois fiapos de nuvem? Para onde vai tudo aquilo que somos e tudo aquilo que sentimos que não cabe no Mercado da Carne nem na Agência Matrimonial?

Essas são perguntas alegóricas, até certo ponto retóricas. Não são desdobramentos da pergunta central deste trabalho. Porém, sua formulação e suas possíveis respostas me auxiliam a organizar este fim-de-tese, me ajudam a localizar os meus lugares subjetivos, teóricos e políticos em relação às análises que empreendi – além, é claro, de retomar a primeira pessoa do plural “nós” que abriu este texto no *Capítulo Guia*. Onde “nós”, “os meninos” que dão título a este trabalho, estamos juntos uns com os outros, ou onde estão os “nós” que nos prendem?

6.1. Retomadas críticas – o pequeno espaço entre um tijolo e outro

No capítulo *Território da caça*, me ocupei em apresentar como o Manhunt se caracteriza hoje, como é possível construir um perfil *online* e publicá-lo. Procurei mostrar o modo com que o *site* se organiza e nos que constitui os “dados empíricos brutos” desta pesquisa. Caracterizei o *site* como um espaço em disputa e, por isso, como

um território disputado pelos homens que aí estão, um território inserido no âmago disso que assinalei como sendo o dispositivo tecnológico.

Aí também delineei as vertentes metodológicas nas quais esta pesquisa se baseou na produção dos dados, assinalando as potencialidades e as limitações que vieram à reboque de cada estratégia metodológica aqui empregada. Nessa caracterização do *site* e nessa apresentação das metodologias empregadas, propus a estratégia ou método do consenso como uma alternativa viável ao processo de intensa burocratização e institucionalização pelo qual passam atualmente as pesquisas envolvendo seres humanos. A escolha por não submeter esta pesquisa a um CEP e não utilizar um TCLE formal foram planejadas precisamente para possibilitar uma elaboração que levasse em conta a implementação da pesquisa a despeito do “rigor” imposto por uma instituição que, supostamente, está preocupada em regular a “ética” das pesquisas com seres humanos. Por outro lado, procurei salientar que essa “ética” em pesquisa com seres humanos é algo que é regulado pelas próprias condições na qual a pesquisa é desenvolvida junto com os/as pesquisados/as e depende de um complexo conjunto de condições que não pode ser normatizado por uma burocratização alheia e externa ao campo de pesquisa, aos participantes de pesquisa, ao arcabouço teórico-metodológico-político que o/a pesquisador/a adota na pesquisa. A “ética” é imanente ao processo de pesquisa; a “ética” é construída na própria relação entre pesquisador/a e pesquisados/as; a “ética” depende das formulações teóricas, metodológicas e da utilização de diferentes métodos de produção de dados; a “ética” depende do modo com que as análises são desenvolvidas ao longo do trabalho, bem como nas maneiras com que se publicam tais análises posteriormente. Foi com essa baliza que procurei implementar o método do consenso nesta pesquisa, com todas as implicações que isso trouxe – sobretudo, aquela que aponta para o fato de que o corpo do pesquisador é algo que importou, e muito, para este trabalho. Assim, procurei torcer a noção de que “toda metodologia é inerentemente ética” ao propor que “toda ética é inerentemente metodológica”, pois o pensar constante sobre o processo de pesquisa, e lugar e o corpo do/a pesquisador/a é, em si mesmo e ao mesmo tempo, uma atitude ética e metodológica.

Já no capítulo *Mercado da Carne: os caçadores de corpos*, mostrei as funções estratégicas das imagens nos perfis do *site* Manhunt. Em primeiro lugar, as imagens dos perfis *online* existem em um contexto de relações múltiplas com os textos escritos: elas podem mostrar aquilo que os textos não conseguem representar (como que em uma

função de visualização); podem ser um convite para a criação de vínculos (como que em uma função de sedução), podem não ser capazes de mostrar tudo o que alguns homens gostariam de expor, precisando dos textos escritos para adquirir sentido (como que em uma função de complementaridade), podem legitimar ou confirmar aquilo que os textos escritos dizem (como que em uma função performativa). Ainda, a relevância imagética nos perfis do Manhunt está diretamente ligada aos modos de exposição dos corpos. Aí, as imagens servem para presentificar os corpos, para fazê-los presentes dentro do Manhunt. Essa presença dos corpos nas e pelas imagens é condição importante para a criação de vínculos e relações entre os homens habitantes do *site*. Assim, as fotografias atualizadas dos corpos de hoje, dos corpos jovens, além de incrementarem a possibilidade de estabelecimento de relações entre os habitantes do Manhunt, perfazem a verdade dos corpos ao mesmo tempo em que os presentifica neste espaço.

Porém, mencionei também que as condições de publicação das imagens dos corpos nos perfis são constrangidas, entre outros marcadores, pela demanda de atualidade dos corpos através das fotografias e também pelo pertencimento geracional dos indivíduos. A demanda pela atualidade das fotografias está ligada com o “dizer (ou mostrar) verdadeiro” dos corpos que, por sua vez, está suturado ao tempo presente. O “mostrar verdadeiro” dos corpos é sempre presente, atual, do hoje e do agora, instituindo uma ruptura do corpo de hoje com o (anti)corpo de ontem. Da mesma forma, existe uma intensa circunscrição geracional entre os homens habitantes do *site*: a disponibilidade virtual para a criação de vínculos existe para aqueles que estão na faixa dos 20 aos 30 anos. Dentro do Manhunt, parecem diminuir as possibilidades de um indivíduo ser objeto de desejo sexual a partir dos 30 anos, assim como parecem desaparecer do regime de visualidade do *site* os corpos acima dos 40 anos. Anticorpos envelhecidos, eles são chamados a esconder-se, permanecendo na borda do visível no regime de visualidade das imagens do Manhunt.

Os corpos-que-importam fortes, por exemplo, têm uma proveniência de longa data, conforme procurei esboçar através das fotografias da revista *Physique Pictorial*, em que os corpos dos modelos eram fotografados de modo a fazer aparecer a força como categoria que lhes era constituinte. Em uma breve retomada histórica, procurei mostrar que a força dos músculos dos corpos de homens, sobretudo dos homens gays, foi retomada à época da emergência da epidemia de HIV/Aids, de maneira que os corpos fortes se fizessem aparecer como a resposta reativa aos “corpos desterrados”

pelo HIV: corpos fracos, emagrecidos e “contaminados” pela síndrome. Sugiro que, naquele momento, houve um re-investimento do corpo forte por uma moral de saúde que procurava conjurar qualquer mácula do corpo pela aids, atestando a saúde e o vigor físico dos indivíduos nas suas próprias carnes.

Ao longo de todo aquele capítulo, procurei sublinhar como os corpos-que-importam constroem-se através da violenta expulsão dos anticorpos. Marquei, assim, mais uma torção ao salientar a relação de proximidade e dependência radicais entre ambos neste contexto: o repúdio e a expulsão, ou o Grande Não que se apresenta nos textos escritos dos perfis, são, eles próprios, uma das modalidades de vínculo entre os homens habitantes do *site* – e não apenas um não-vínculo, uma não-relação. Os corpos-currículo, encarnando conhecimentos e saberes pertinentes sobre si, necessitam ser exibidos e expostos dentro do modelo muitos-que-podem-ver-muitos que vigora no Manhunt. Os corpos-que-importam são construídos precisamente para ser exibidos: eles precisam do olhar do(s) outro(s), eles dependem do olhar do(s) outro(s) para se fazerem exibíveis e mostráveis. É por isso que sugeri que todo corpo-que-importa é um corpo que implora: é um corpo que implora ser visto.

Os anticorpos são instados a se esconder, posicionados como fronteiros em relação aos corpos-que-importam, expulsos do campo de eleição da disponibilidade virtual para a criação de vínculos entre os homens habitantes do Manhunt. Porém, lá foi muito importante de ressaltar que os anticorpos têm plena inteligibilidade dentro do regime de visualidade que opera nos modos de publicação de imagens dos corpos-que-importam. Os anticorpos não são ininteligíveis: eles são legíveis, são capazes de ser lidos, embora sejam talvez ilegítimos – como os corpos magros e os corpos obesos, cuja pertinência para a disponibilidade virtual para o vínculo é-lhes confiscada pela maioria esmagadora de homens habitantes do Manhunt. Por outro lado, assinalei que, para alguns outros homens, o anticorpo envelhecido e o anticorpo obeso são precisamente objeto de desejo, corpos elegíveis para o vínculo. Assim, apesar de serem violentamente expulsos do Mercado da Carne do País de Marlboro por grande parte dos homens, os anticorpos mantêm-se como “polícia aduaneira” desse território, marcando as bordas do mostrável, do exibível e daqueles elegíveis para o vínculo – e, em alguns casos, acabam por se constituir como o alvo do vínculo, sendo corpos procurados por alguns homens. A expulsão dos anticorpos, por isso, não é exaustiva e emerge como uma das formas de

relação que está contida na disponibilidade virtual para a criação de vínculos entre os homens habitantes do Manhunt.

No capítulo *Olhando o gênero que nos olha*, sugeri que o modo de olhar expresso em fotografias de reflexos de corpos de homens em espelhos é um modo emblemático de fazer aparecer os corpos dos homens habitantes do Manhunt. Esse modo de olhar é emblemático dentro do *site* e também é exemplar de um tipo específico de relação que constitui isso a que dei o nome de disponibilidade virtual para a criação de vínculos que existe entre os habitantes do Manhunt. A relação especular quase-narcísica é aquela em que o(s) outro(s) só passa a existir quando reflete identicamente aquele que posa em frente ao espelho: assim, o(s) outro(s) é encarcerado como reflexo e é posicionado como espelho.

Também procurei salientar que tal relação especular é exemplar da delimitação do campo de inteligibilidade que subjaz ao regime de visualidade dentro do qual os corpos-que-importam e os anticorpos emergem dentro do Manhunt: chamei de princípio tirânico de identidade a suposta coerência estável entre sexo “macho” e gênero masculino que é exigida como condição de inteligibilidade dos corpos que aparecem no *site*. Assim, o “homem macho másculo” está integralmente sugado pelo Rosto do gênero masculino – mesmo quando, nas fotografias de reflexos de espelhos, suas faces estejam escondidas, fora do quadro das imagens. Indiquei o fundamentalismo de gênero que dá sentido à relação quase-narcísica do “homem macho másculo”, que somente cria vínculos com outros “homens machos másculos” que lhe servem de reflexo. Também apontei para a ausência constituinte desse personagem: o fundamentalismo de gênero exercido pelo “homem macho másculo” através da exigência de coerência heterossexualizante entre sexo “macho” e gênero masculino se apoia, e portanto depende, da forclusão do feminino, d’A Mulher.

Em seguida, discuti longamente as maneiras de inscrição forçosas da coerência estável que liga os termos sexo-gênero-sexualidade. Indiquei que tal coerência é produto do funcionamento do dispositivo de sexualidade e é aquela que confere humanidade aos corpos. Também indiquei que essa coerência é constituinte do campo de inteligibilidade dos corpos do Manhunt, apresentando trechos de entrevistas e de perfis *online* que atestam as exigências de atitudes, comportamentos e constituições corpóreas viris e masculinas dos homens que habitam o *site* tanto como condição de inteligibilidade dos

corpos quanto como matriz do desejo sexual, da atração física entre homens. Trouxe também fotografias de corpos de Loren Cameron e Thomas Beatie para fazer aparecer as imagens que estão invisibilizadas nessa pesquisa, e tais fotografias funcionaram como filmes negativos das fotografias que encontro nos perfis do Manhunt – isto é, mostram precisamente o avesso do que eu encontro nos perfis. Nessa direção, sugeri mais uma torção: que o gênero que supostamente “olhamos” nos corpos é, pelo contrário, o gênero que nos “olha”, que constitui os modos através dos quais “olhamos”. Não somos nós que “olhamos” os gêneros dos corpos; são os gêneros que nos “olham”; são os gêneros que investem nosso modo de “olhar”; nós é que somos “olhados/as” pelos gêneros.

Aí também procurei fazer um breve retrospecto histórico através de imagens de homens que desejavam sexualmente outros homens, delineando um campo de inteligibilidade dentro do qual os corpos desses homens emergiam e se tornavam inteligíveis tendo precisamente a feminilidade como sua condição. Sugeri, como que em um pequeno ensaio, que houve um momento em que se quis uma ruptura com esse campo de inteligibilidade, que precisava da feminilidade como condição da experiência da prática sexual não heterossexual entre homens. Apostei que tal ruptura entre a experiência da sexualidade não heterossexual entre homens e a feminilidade, articulada a outras confluências históricas, políticas e estéticas, acabaram tendo como um de seus efeitos a hipermasculinização que encontro hoje nos perfis *online* do Manhunt.

Sobretudo, naquele capítulo procurei analisar as relações que os homens habitantes do Manhunt estabelecem entre os gêneros masculino e feminino, sublinhando o conceito de gênero como norma que governa a inteligibilidade dos corpos, dos sexos dos corpos, das experiências, desejos e prazeres sexuais no sentido de os manter atrelados à coerência sexo-gênero-sexualidade ensejada pelo dispositivo de sexualidade.

O gênero como norma que regula a inteligibilidade dos corpos, das sexualidades, dos desejos e dos prazeres ligados aos corpos esteve presente também no capítulo *Agência Matrimonial: os caçadores de marido*. Lá me ocupei em produzir análises sobre a busca de relações romântico-afetivas (namoros, casamentos) a que se propõem muitos homens habitantes do *site*. É aí que o Manhunt aparece como um território que dá condições para a sobreposição do Mercado da Carne e da Agência Matrimonial. Foi preciso sublinhar que as relações romântico-afetivas estão também, e desde sempre,

circunscritas e constrangidas pelo gênero como norma de inteligibilidade: os habitantes do *site* buscam “maridos” adequadamente sexuados e coerentemente generificados. Persiste, na Agência Matrimonial, a exigência de discrição em relação às experiências de sexualidade não heterossexual. O Rosto do gênero masculino continua atuando com força na circunscrição da inteligibilidade dos corpos e dos desejos sexuais e afetivos. Porém, procurei mostrar como a face dos corpos aparecem na Agência Matrimonial: alguns homens habitantes do Manhunt dão a ver suas faces através de suas fotografias, e o fazem precisamente na tentativa de purificar esse ambiente saturado de sexualidade. Mostrar a face, nesse contexto, é mostrar-se como um “marido”, ou como um “noivo” em potencial, purificado da saturação sexual do Mercado da Carne.

Foi fulcral, naquele capítulo, assinalar as possibilidades e os perigos da ultrapassagem do Mercado da Carne e da Agência Matrimonial, no sentido de indicar as relações de amizade e as relações de “abertura” do casal romântico como alternativas trazidas pelos próprios homens habitantes do Manhunt ao “encontro puramente sexual” e à “fusão amorosa das identidades”. Cada uma dessas alternativas tem suas potências e seus percalços, sobretudo se o que se quer é fugir das cristalizações ligadas às práticas estritamente sexuais ou às romantizações da relação a dois – fórmulas rigidamente sedimentadas entre os homens usuários do *site*, polarizando a efetuação da sua disponibilidade virtual para o vínculo.

Ainda, procurei torcer a ideia de que há uma superexposição dos corpos através de imagens ao assinalar que há a superexposição de determinadas partes dos corpos, e não da sua integralidade: a face, a parte da frente das cabeças dos homens habitantes do Manhunt, permanece “dentro do armário”, não obstante à intensidade da exposição dos abdomes, dos peitos, das bundas e dos pênis. E se ela aparece, quase sempre sua aparição está ligada à petrificação do(s) outro(s), tal como no mito de Medusa. Por outro lado, apresentei uma discussão que problematiza a significação que a publicação e visualização da face do corpo, a parte da frente das cabeças, pode ter neste contexto. Indiquei uma correlação estrita entre exposição da face e demanda ética em relação ao(s) outro(s), pontuando que a exposição da face daqueles sujeitos do “amor que não ousa dizer seu nome” é algo constrangido por uma longa genealogia histórica que supõe, senão impõe, a dissimulação dessa parte específica dos corpos de homens gays.

É relativamente recente a possibilidade de não esconder a face sendo homem gay assumido nas sociedades ocidentais, e tal possibilidade está atrelada à constituição de movimentos políticos que buscaram afirmar a identidade homossexual. Por fim, naquele capítulo também sugeri que, talvez, a divisão binária entre Agência Matrimonial e Mercado da Carne, governadas pelo personagem fictício do “ditador homem macho másculo” e da qual dependem a superexposição de determinadas partes do corpos, pode ser a expressão mais capilar, micropolítico, de um contexto global e macropolítico no qual nosso tempo presente se organiza. Indiquei que esse tempo é marcado pela violência e pelo “medo ao pequeno número”, pelo medo às chamadas “minorias” – categoria que as pessoas não heterossexuais, geralmente, reivindicam ocupar.

São as recorrentes torções que propus em todos os capítulos da tese que dão sentido à letra da música “O Quereres”, de Caetano Veloso, na epígrafe principal deste texto: a “bruta flor do querer” do autor destas análises quis revirar e torcer seus sentidos, quis fazer aparecer os pênis insistentemente publicados nas fotografias dos perfis *online* através da exposição de vaginas em corpos masculinizados; quis fazer aparecer as carnes brancas através de imagens de corpos de homens negros; quis fazer aparecer corpos de gente através de fotografias de esculturas. Foi nesse estreito e mirrado espaço entre um tijolo (Mercado da Carne) e outro (Agência Matrimonial), como alude a epígrafe deste capítulo, a partir do qual pude produzir todas essas análises e todas essas torções.

6.2. Retomadas pós-críticas – no meio de dois fiapos de nuvem

Talvez seja necessário que eu, enquanto autor das análises e das torções, proponha uma última torção: que eu examine criticamente minha própria produção e que eu assinale, como um “examinador” do meu próprio trabalho, os limites e as dificuldades que aqui estão colocados.

Creio que haja um buraco negro subliminar a todo o trabalho, que certamente se articula ao buraco negro do Rosto de gênero aqui assinalado: existe aqui, também, o buraco negro do par. O par, o dois, o binário, a dicotomia, os polos opostos e complementares. Desde o *Território da caça* até *Agência Matrimonial*, o buraco negro do par se mantém firme. Começo referindo à divisão cautelosa entre pesquisador e pesquisados em nome da chamada ética em pesquisa – algo que pode ser considerado o

último reduto positivista da produção acadêmica, algo reforçado pela atuação vampiresca dos CEP na regulação moral das investigações envolvendo seres humanos, divisão binária que, entre outros usos, está a serviço da purificação de qualquer desejo e erotização do campo de pesquisa. Há poucos elementos disponíveis hoje para problematizar a importância do corpo do/a pesquisador/a para o processo de desenvolvimento da pesquisa sem que se caia nas armadilhas do “celibato em campo” ou no “gozo fácil junto dos/as pesquisados/as”.

Por exemplo, os próprios termos em relação aos quais os participantes desta pesquisa “consentiram consensualmente” em fazer parte dela obedecem às regras gerais do Mercado da Carne e da Agência Matrimonial: alguns queriam fazer sexo comigo, outros queriam me namorar, e outros, ainda, me posicionaram como anticorpo (ou como “não tendo um corpo”). Limitei-me a dizer que pesquisador/a e pesquisados/as ocupam lugares distintos no seio da pesquisa, e que, por outro lado, o corpo do/a pesquisador/a é relevante para sua entrada em alguns campos de pesquisa; contudo, não avancei na exploração de alternativas teóricas e metodológicas sobre como esses lugares são altamente fluídos, contestados, disputados, principalmente quando o objeto de pesquisa versa sobre corpo, gênero e sexualidade. Nesse sentido, continuo em dúvida a respeito da utilização do meu próprio corpo como “passaporte” de entrada no campo de pesquisa e como “isca” para atrair os participantes através da publicação de fotografias minhas no perfil PesquisadorDeHomens. Afinal, se meu corpo era “isca” para atrair esses homens, como eu posso ainda falar em método do “consenso” nas suas participações na pesquisa? Consentir, nesse contexto, significaria que esses homens morderam a “isca” que eu os lancei? Pesquisador-pescador de informantes?

Por vários momentos, ao realizar entrevistas *online* e *off-line* com os participantes, eu enxergava a minha própria história como homem gay nas narrativas e depoimentos dos homens que eu entrevistava, e a linha que separava o pesquisador dos pesquisados se borrava e embaçava: afinal, eu já não sabia mais qual era a diferença entre mim e o(s) outro(s); parecia-me que éramos todos “os meninos”. Às vezes me pareceu que compartilhávamos um núcleo subjetivo comum, uma história mais ou menos coletiva e similar, que envolvia experiências de prazer e desejo densamente carregadas, tentativas repetidas de “dar certo” enquanto homens gays, esforços no sentido de ter um corpo-que-importa, medo de sermos anticorpos, crença no ideal romântico que nos tornavam “noivinhos” e “maridos”. Era a minha própria história que

aqueles homens estavam me contando? Ou era eu que insistia em ver somente a minha própria história nas deles, lançando mão de uma “cegueira estratégica” como pesquisador que apagou as singularidades das experiências desses homens? Em várias passagens da tese, sinto que forcluí das análises todas as idiossincrasias das experiências que esses homens me contaram, ou daquilo que estava publicado em perfis *online*, fazendo com que eu somente analisasse aquilo que concernia e aquilo que me afetava pessoalmente. Se isso for verificável, é possível sugerir que eu mesmo acabei transformando os participantes de pesquisa em espelhos, e acabei só vendo neles aquilo que eu considere sendo meu próprio reflexo. Um pesquisador-quase-narcísico?

É também preciso mencionar que o estudo dos *sites* de relacionamento, no qual venho investindo há pelos menos seis anos, está fadado ao fim. Com o surgimento dos aplicativos como *Grindr* (“moedor”, em inglês) e o *Scruff*, que podem ser baixados em telefones celulares e *tablets* que contam com localização geográfica por satélite, o arranjo espacial no qual habitam os homens gays se reconfigura sensivelmente. Ao utilizar esses aplicativos em seus *iPhones* e *iPads* (o que exprime um recorte socioeconômico na sua utilização), é possível criar um perfil com imagem e texto através do qual se poderá localizar o “gay mais próximo”: se eu aciono um desses aplicativos em meu telefone, eu consigo visualizar os (e sou visualizado pelos) homens gays mais próximos de mim que também têm o mesmo aplicativo. É comum ouvir alguns se referirem ao *Grindr* ou ao *Scruff* como o “GPS das bichas”, como o *Global Positioning System* dos viados. Foucault, em *Vigiar e Punir*, sugeriu que nas sociedades disciplinares os indivíduos eram distribuídos estrategicamente nos espaços; agora, com a utilização desse tipo de aplicativos, é possível dizer que essa proposição esteja torcida: agora parece que os espaços é que são distribuídos estrategicamente de acordo com a localização dos indivíduos. Basta ligar o *Grindr* ou o *Scruff* para saber quem é o homem gay mais próximo e onde ele está.

A velha estratégia de construir um perfil *online* em um *site* de relacionamento como o Manhunt, por exemplo, e ficar “preso” em frente ao computador, dentro de casa, “caçando” homens *online*, fica piegas e ultrapassada. Tanto que o próprio Manhunt lançou, há pelo menos dois anos, o mesmo serviço de localização geográfica por satélite, justamente para não perder a “clientela”. Com esses novos aplicativos, quanto mais se circula pelas cidades, quanto mais se transita de uma cidade a outra, maiores são as possibilidades de encontrar “novos” homens para possíveis encontros. Levando o

celular junto consigo para qualquer lugar onde se tenha disponível o acesso à internet, basta ligar o aplicativo para conhecer “novos” parceiros.

Entretanto, no que consiste essa “novidade”? Pela minha experiência pessoal na utilização desses novos recursos (os “GPS das bichas”), sugiro aí que se preservam as cristalizações do Mercado da Carne e da Agência Matrimonial. Pois os homens gays que utilizam tais aplicativos continuam buscando, através desses novos recursos, os corpos-que-importam e os maridos-sob-encomenda de sempre. Além disso, persistem nesses novos recursos os modos emblemáticos de exposição dos corpos: há muitos abdomes, muitos peitos, muitos braços, muitas pernas fotografadas nos perfis desses aplicativos, e quase nenhuma face. As razões para a exposição dos corpos é aquela recorrente: expõem-se os corpos-que-importam, corpos que imploram pelo olhar do(s) outro(s). A face não é mostrada por uma questão de “sigilo” e de “discrição”, conforme os usuários desses aplicativos justificam a escolha das suas fotografias. Quando aparecem, as faces quase sempre exprimem a pureza da inclinação pelo encontro de um parceiro afetivo “estável”, ou o marido-sob-encomenda. Daí sugiro, junto com Dominique Wolton, que as significações dos usos feitos dos novos recursos, que contam com alto grau de avanço tecnológico, não são de ordem puramente técnica: “[c]onseguir coabitar com aqueles que não se parecem comigo não é um problema técnico, mas uma questão inteiramente política” (WOLTON, 2004, p. 153). Nesse sentido, se, por um lado, o campo no qual eu desenvolvi esta pesquisa se encontra defasado em face desses novos recursos, por outro, as categorias analíticas que propus se mantêm atuais e pertinentes – para desespero de alguns e regozijo de outros.

Retomando a tese proposta no *Capítulo Guia*, a de que os homens habitantes do Manhunt estão virtualmente dispostos a criar vínculos uns com os outros, penso ser importante reforçá-la, não obstante as exclusões e expulsões que perpassam e constituem essa disponibilidade virtual para estar junto. Seu reforço tem um caráter ético-político, no sentido de me afastar de determinadas correntes que pensam a contemporaneidade desde a ótica da “falta”, da “solidão”, do “individualismo” e do saudosismo em relação a outros tempos em que, supostamente, éramos mais felizes. Penso ser relevante sublinhar essa disponibilidade virtual, enquanto *a priori* histórico, para a construção de relação com o(s) outro(s) porque, dessa maneira, preserva-se uma abertura ontológica para a criação de relações outras, imprevistas, sendo possível a ultrapassagem dos modelos prontos sobre como devemos nos vincular ao(s) outro(s).

Entretanto, os modos como se darão essas relações dependem integralmente das condições históricas e políticas que dispomos, e é também em relação a essas condições que se pode pensar em uma ultrapassagem: por exemplo, o que fez com que a feminilidade fosse forcluída da nossa sociabilidade gay, tal qual eu a encontro no Manhunt? Como podemos lidar com a feminilidade e como podemos ultrapassar a forclusão? Queremos efetivamente ultrapassá-la, ou queremos apostar na construção de um País de Marlboro nos moldes do gueto de Varsóvia, durante a Segunda Guerra Mundial?

Essas perguntas me conduzem, então, para as últimas considerações pós-críticas deste trabalho: mais uma vez, quem é o “*nós*” que pergunta? Quem são “os meninos” do título da tese, esses “meninos” supostos pelo “*nós*” que lança a pergunta que abre este texto? Exercendo a “bruta flor do querer”, eu posso sugerir que esse “*nós*” é o sujeito humano da “vida precária”, conforme refere Judith Butler. É um “*nós*” precário e vulnerável que atravessa os corpos-que-importam, os anticorpos, os noivinhos-Medusa, os maridos-sob-encomenda, os amigos e os casais-abertos. É um “*nós*” que se sabe em posição de vulnerabilidade, constantemente aberto e afetado pelo(s) outro(s); um “*nós*” que se sabe incapaz de determinar a si mesmo sozinho, longe da relação com o(s) outro(s). É um “*nós*” que conta com uma ética que, assim como a disponibilidade para o vínculo, também é virtual: uma ética que está o tempo todo colocada como uma potência no sentido de problematizar a relação que eu estabeleço com o(s) outro(s). O que possibilita que façamos isso com essa e com aquela pessoa, com essas e aquelas implicações? O que nos respalda o direito de nos dirigirmos e de agirmos com essa e com aquela pessoa desse e daquele modos, com essas e aquelas implicações?

No conjunto de torções que promovi ao longo das análises, a principal delas diz respeito ao deslocamento do foco nos processos discriminatórios e, no limite, violentos que existem entre os homens habitantes do Manhunt para o enfoque nas possibilidades de vida possível dentro das condições subjetivas, culturais e políticas que temos hoje em dia para sermos homens gays. Há trechos de entrevistas e de perfis *online* que exprimem violências simbólicas e concretas perpetradas por homens gays endereçadas a outros homens gays. Pouco se tem falado sobre isso sem que se privilegie um enfoque tributário da noção psicologicista de “homofobia internalizada”, que procura explicar as discriminações e preconceitos no seio mesmo da “comunidade” gay – e aqui é preciso mencionar as pesquisas realizadas por Nunes (2012) e Pocahy (2010), no âmbito do

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, que também aludem à violência constitutiva da sociabilidade entre homens gays em contextos diferentes do Manhunt e que também indicam, cada uma a seu modo, diferentes possibilidades de enfrentamento, de resistência e de ressignificações contra essa violência, sem recorrer aos palatáveis jargões psicologicistas. Em livro derivado de pesquisa de Doutorado, também realizada no PPGEduc-UFRGS, Rosimeri Aquino da Silva (2010) também analisou narrativas de violências perpetradas contra pessoas não heterossexuais e suas implicações, dentro de cursos de Formação e de Atualização Integrados da Secretaria da Segurança e Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, dos quais participavam agentes de segurança pública como policiais civis e militares.

Assim, me alinhando a essas pesquisas, procurei aqui abordar as formas violentas de relação entre homens gays sublinhando aspectos históricos, culturais e políticos que contribuem para a reiteração dessa violência, mas sempre na direção de indicar que, talvez, esses próprios homens também percebam essa violência entre eles e que, talvez, eles próprios já estejam lançando mão de estratégias para lidar com isso. Há trechos de perfis *online* e trechos de entrevistas que apontam, mesmo que timidamente, para a constituição de relações outras entre homens gays que procuram desviar das formas violentas de afirmação da masculinidade viril. Se tais estratégias vão “vingar” ou “gorar”, usando as palavras de Suely Rolnik, isso é algo que veremos na medida em que o tempo passar – e eu espero viver para ver.

Foi exatamente na direção de afirmar que essas estratégias podem “vingar” que procurei reinventar o modo de redação “clássico” da tese no capítulo *Agência Matrimonial* – razão pela qual esse também leva o título de *Anticapítulo*. Procurei “romancizar a tese” não somente para falar da paixão sem utilizar, para isso, apenas a razão (isto é, sem utilizar somente o formato acadêmico “canônico”); tentei “romancizar a tese” também para “ventilar” as análises, para oxigenar uma atmosfera analítica que vinha me sufocando na escrita dos capítulos anteriores. Busquei na literatura a possibilidade de afirmar politicamente um modo diferente de escrever – e, talvez com isso, um modo diferente de pensar as relações que podem ser estabelecidas entre homens gays. Se as relações que temos disponíveis hoje se polarizam entre práticas sexuais estritas, já colonizadas pelo discurso biomédico da prevenção à aids, por exemplo (com a prescrição de práticas mais ou menos seguras para evitar a infecção pelo vírus), e as relações romanticamente idealizadas do casal que se ama, também já

colonizadas por uma série de proposições que reforçam a “afetividade” dos casais (que estão subjacentes em alguns discursos ligados à necessidade de reconhecimento legal da união entre pessoas do mesmo sexo), é preciso muita criatividade para resistir a ambos os investimentos, que visam à docilização e ao controle das subjetividades, dos corpos e das sexualidades de homens gays.

Criatividade, estratégia de experimentar outra escrita, outras análises, e possibilitar, mesmo que apenas teoricamente, outras relações que não apenas essas duas polarizadas entre o “puro encontro sexual” e a “fusão amorosa das identidades”, como sugere Foucault. Entre as várias torções da “bruta flor do querer” do autor, criatividade para en-carar a violência existente entre os homens habitantes do Manhunt e enxergar “dois fiapos entre nuvens”, como escreve Caio Fernando Abreu; criatividade para usar a paixão como força de escrita, mas também a paixão como força de leitura; criatividade para afastar e adiar a morte política dos homens habitantes do Manhunt; criatividade para impedir a redação de uma tese natimorta.

7 Referências

ABREU, Caio Fernando. **Cartas**. MORICONI, Italo (Org). São Paulo: Aeroplano. 2002. 475 p.

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. São Paulo: Círculo do Livro. 1982.

ALVES, Andréa Moraes. *Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre intervenção participante*. In: **Pesquisas urbanas – Desafios do trabalho antropológico**. VELHO, Gilberto. KUSHNIR, Karina. (Orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. PP 174-189.

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número** – ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras. 2009.

BARBOSA, Alexandre F. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2009**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet. 2010.

BARBOSA, Alexandre F. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet. 2012. Disponível em <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>. Acesso em 22 de novembro de 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido** – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

BELL, David; VALENTINE, Gill. *Introduction: Orientations*. In: BELL, D; VALENTINE, G. (Orgs). **Mapping Desire**. New York: Routledge. 1995. P. 1-30.

BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In: **Charles Baudelaire**. Um lírico no auge do capitalismo. [Obras Escolhidas III]. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 103-149.

BEZERRA Jr., Benilton. *O ocaso da interioridade*. In: **Transgressões**. PLASTINO, C. A. (Org.). Rio de Janeiro: Contracapa. 2002. p. 229-239.

BRASIL. **Plano Nacional para Banda Larga** – O Brasil em Alta velocidade. SOUTO, Átila Augusto. CAVALCANTI, Daniel. MARTINS, Roberto. Ministério das Comunicações. 2010. Disponível em <http://www.mc.gov.br/images/pnbl/o-brasil-em-alta-velocidade1.pdf>

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Macho versus Macho – um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo*. In: **cadernos pagu**, nº28, janeiro-junho. UNICAMP: 2007. P. 175-206.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Mas agora confessa – Notas sobre clubes de sexo masculino*. In: **Sexualidad, Salud e Sociedad** – Revista Latinoamericana. Nº 4. 2010. PP. 127-156.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens*. In: **Revista Bagoas**, nº 03. Natal, UFRN. 2009.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter – on the discursive limits of sex**. New York: Routledge. 1993.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam – sobre os limites discursivos do sexo*. In: **O corpo educado** – Pedagogias da sexualidade. LOURO, Guacira Lopes. (Org). Belo Horizonte: Autêntica. 2007. P. 151-172.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York: Routledge. 2008a. (1999).

BUTLER, Judith. *Inversões sexuais*. In: **Poder, normalização e violência** – incursões foucaultianas na atualidade. PASSOS, Izabel C. Friche. (Org). Belo Horizonte: Autêntica. 2008. P. 90-108.

BUTLER, Judith. **Precarious Life** – The Powers of Mourning and Violence. New York: Verso. 2006.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge. 2004.

CARRARA, Sérgio. *Só os viris e discretos serão amados?* In: **CLAM** – Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Disponível em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=3908&sid=90>; originalmente publicado em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>. Acesso em 22 de dezembro de 2012. 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Obra de arte e filosofia*. In: **Experiência do pensamento**. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 151-195.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. *A pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido*. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. Nº 13, vol. 2. 2008. Pp. 341-349.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura** – corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *Prefácio a título de diálogo*. In: **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. ORTEGA, F. Rio de Janeiro: Graal. 1999. P. 11-20.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor** – ensaios sobre amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

- COURTINE, Jean-Jacques. *Os Stakhanovistas do Narciso: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*. In: **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.) São Paulo: Estação Liberdade. 2005 (1995). P. 81-114.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34. 2008a (1992).
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal. 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**. São Paulo: Editora 34. 2008b (2001).
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense. 2005.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Volume I**. São Paulo: Editora 34. 2007b (1997).
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Volume III**. São Paulo: Editora 34. 2008 (1996).
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Volume V**. São Paulo: Editora 34. 2007a (1997).
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34. 2010 (1992).
- DELEUZE, Gilles. *O homem, uma existência duvidosa*. In: **A ilha deserta – e outros textos**. LAPOUJADE, D. (Org). São Paulo: Iluminuras. 2006. P. 123-128.
- DELEUZE, Gilles. *What is a Dispositif?* In: **Two Regimes of Madness– Texts and Interviews 1975-1995**. New York: Semiotext(e). 2007. P. 343-342.
- DETAMORE, Mathias. *Queer(y)ing the Ethics of Research Methods: Toward a Politics of Intimacy in Researcher/Researched Relations*. In: In: BROWNE, K. & NASH, C.J. (Orgs). **Queer Methods and Queer Methodologies – Intersecting Queer Theories and Social Science Research**. Burlington, Ashgate. 2010. pp: 167-182.
- DUARTE, André. *Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault*. In: **Figuras de Foucault**. RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica. 2008. PP. 46-56.
- EUGENIO, Fernanda. *De como olhar onde não se vê: ser antropóloga e ser tia em uma escola especializada para crianças cegas*. In: VELHO, Gilberto. KUSHNIR, Karina. (Orgs). **Pesquisas urbanas – Desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. PP: 208-220.
- FÉLIX, Jeane. *Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde*. In: MEYER, Dagmar Estermann. &

PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012. p. 133-152.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Técnicas de si e tecnologias digitais*. In: **Educação e Cultura Contemporânea: articulações, provocações, transgressões em novas paisagens**. BUJES, Maria Isabel Edelweiss; SOMMER, Luis Henrique (Orgs). Canoas: Ed. ULBRA. 2006. P. 67-76.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. *Apresentação: ética e regulamentação na antropologia*. In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2010. P. 9-21.

FONSECA, Cláudia. *Que ética? Que ciência? Que sociedade?* In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2010. P. 39-70.

FONSECA, Tania Maria Galli. COSTA, Luis Artur. *Subjetivar*. In: FONSECA, Tania Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. (Orgs). **Pesquisar na diferença – um abecedário**. Porto Alegre: Sulina. 2010. pp. 219-221.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária. 2012a.

FOUCAULT, Michel. *A ética do Cuidado de Si como Prática de liberdade*. In: **Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006a. p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 2012b (1988).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 2009a (1996).

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1984.

FOUCAULT, Michel. *O olho do poder*. In: **Ditos & Escritos VI – Repensar a Política**. São Paulo: Forense Universitária. 2010a. P. 107-125.

FOUCAULT, Michel. *Da amizade como modo de vida*. In: **Ditos & Escritos VI – Repensar a Política**. São Paulo: Forense Universitária. 2010a. P. 348-353.

FOUCAULT, Michel. *O que são as Luzes?* In: **Ditos & Escritos II** – Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008. P. 335-351.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o Poder*. In: **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**. DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. (Orgs.) São Paulo: Forense Universitária. 1995. P.231-249.

FOUCAULT, Michel. *O verdadeiro sexo*. In: **Ditos e Escritos V** – Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006a. p. 82-91.

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. In: **Ditos & Escritos III** – Estética: Literatura, Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009b. p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. *Sexualidade e Poder*. In: **Ditos e Escritos V** – Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006a. p. 56-76.

FOUCAULT, Michel. *Verdade, Poder e Si Mesmo*. In: **Ditos e Escritos V** – Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006a. p. 294-300.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes. 2006b.

FRAGA, Alex Branco. *Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina*. In: **Educação & Realidade**, v. 25, nº2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Julho/dezembro 2000. p. 135-150.

GASTALDO, Denise. *Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos*. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: MAZZA Edições. 2012. Pp. 9-14.

GASTALDO, Denise. McKEEVER, Patrícia. *Investigación cualitativa, intrínsecamente ética?* In: **Investigación cualitativa en salud en Iberoamérica – Métodos, análisis y ética**. Universidad de Guadalajara, Universidad Autónoma de San Luis Potosí, Universidad Autónoma de Nuevo León: 2002. p. 475-480.

GOELLNER, Silva Vilodre. *A produção cultural do corpo*. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade** – um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes. 2005 (2003). pp. 28-40.

GONTIJO, Fabiano. **Genres, carnaval et SIDA**. Tese de Doutorado apresentada na L'Ecole des Hautes Etude em Sciences Sociales e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mimeo. 2000.

GONTIJO, Fabiano. *Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas*. In: **Nu & Vestido** – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. GOLDENBERG, M. (org). Rio de Janeiro: RECORD. 2007. P. 41-78.

GOODCHILD, Philip. **Deleuze & Guattari – An Introduction to the Politics of Desires**. London: SAGE. 1996.

GORMAN-MURRAY, Andrew. JOHNSTON, Lynda. WAITT, Gordon. *Queer(ing) Communication In Research Relationships: A conversation about subjectivities, methodologies and ethics*. In: BROWNE, K. & NASH, C.J. (Orgs). **Queer Methods and Queer Methodologies** – Intersecting Queer Theories and Social Science Research. Burlington, Ashgate. 2010. pp: 97-112.

GREEN, James. **Além do Carnaval** – A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP. 2000.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**. São Paulo: Editora 34. 1992 (2008).

GUATTARI, Felix. *Da produção de subjetividade*. In: **Imagem-Máquina** – a Era das tecnologias do virtual. PARENTE, André. (Org). São Paulo: 34. 1993 (2008). P. 177-194.

GUATTARI, Felix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. 2010.

GUIMARÃES JR., Mário J. L.. *De pés descalços no ciberespaço*. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornélia. (Orgs). **Antropologia@web**. Revista Horizontes Antropológicos Ano 10. Número 21. Janeiro/Junho 2004. Pp. 123-154.

HACKING, Ian. *The cartesian body*. In: **BioSocieties**. London School of Economics and Political Science. Vol 1. 2006. PP. 13-15.

HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. In: **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. (Orgs). Porto Alegre: UFRGS. 2008. P. 19-36.

HANSON, Dian. **The Little Book of Big Penis**. Köln: TASCHEN. 2012.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record. 2006.

HECKERT, Jamie. *Intimacy with Strangers/Intimacy with Self: Queer Experience of Social Research*. In: BROWNE, K. & NASH, C.J. (Orgs). **Queer Methods and Queer Methodologies** – Intersecting Queer Theories and Social Science Research. Burlington, Ashgate. 2010. pp: 41-54.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2008.

INGRAM, Gordon Brent. *Marginality and the Landscapes of Erotic Alie(n)ations*. In: INGRAM, G; BOUTHILLETTE, A.; RETTER, Y. (Orgs). **Queers in Space** – Communities, Public Places, Sites of Resistance. Seattle: Bay Press. 1997. P. 27-53.

INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda. *Narrative of Place: Subjective and Collective*. In: INGRAM, G; BOUTHILLETTE, A.; RETTER, Y. (Orgs). **Queers in Space** – Communities, Public Places, Sites of Resistance. Seattle: Bay Press. 1997. P. 55-60.

INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda. *Lost in Space: Queer Theory and Community Activism at the Fin-de-Millinère*. In: INGRAM, G; BOUTHILLETTE, A.; RETTER, Y. (Orgs). **Queers in Space** – Communities, Public Places, Sites of Resistance. Seattle: Bay Press. 1997. P. 3-16.

IRIGARAY, Luce. **This Sex Which Is Not One**. New York: Cornell University Press. 1985.

JACKMAN, Michel C. *The Trouble with Fieldwork – Queering Methodologies*. In: BROWNE, K. & NASH, C.J. (Orgs). **Queer Methods and Queer Methodologies** – Intersecting Queer Theories and Social Science Research. Burlington, Ashgate. 2010. pp: 113-128.

KAUFMAN, Eleonor. *Introduction*. In: KAUFMAN, Eleonor. (Ogr.). **Deleuze and Guattari** – New Mappings on Politics, Philosophy and Culture. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1998. P. 3-13.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo** – Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

LEAP, William. **Public Sex, Gay Space**. New York: Columbia University Press. 1999.

LEBRUN, Gérard. *O conceito de paixão*. In: **Os sentidos da Paixão**. NOVAES, A. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. P. 12-32.

LEMOS, André. **Cibercultura** – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina. 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999 (2005).

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34. 1996 (2005).

LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes** – e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. In: **Educação & Realidade**, v. 25, nº2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Julho/dezembro 2000. p. 59-76.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

MACHADO, Paula S. **O sexo dos anjos** – representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFRGS. 2008.

MACRAE, Edward. VIDAL, S. *A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social – Dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas*. In: **Revista de Antropologia** 49 (2) pp. 645-666. 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da Conjunção** – ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina. 2005.

MANTEGA, Guido. **Sexo e Poder**. São Paulo: Círculo do livro. 198-.

MAPPLETHORPE, Robert. **Black Book**. New York: Bulfinch. 1986.

MCCABE, Janet L. HOLMES, Dave. *Reflexivity, critical qualitative research and emancipation: a Foucauldian Perspective*. In: **Journal of Advanced Nursing**. 65 (7): pp. 1518-1526. 2009.

MEYER, Dagmar E. Estermann. *Gênero e Educação: teoria e política*. In: In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade** – um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes. 2005 (2003). p. 9-27.

MICHAUD, Yves. *Visualizações – o corpo e as artes visuais*. In: **História do Corpo 3: as mutações do olhar**. CORBIN, A. COUTRINE, JJ. VIGARELLO, G. (orgs). Petrópolis: Vozes. 2008. P. 541-566.

MILK. (DVD). Direção: Gus Van Sant. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Contribuições da antropologia para dilemas éticos da área da saúde*. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. Nº 13, vol. 2. 2008. Pp. 329-339.

MISHIMA, Yukio. **Confissões de uma máscara**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

MISKOLCI, Richard. *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. In: **Revistas de Estudos Feministas**. Número 13, volume 3. Florianópolis: UFSC. 2006. P. 681-693.

MISKOLCI, Richard. *O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet*. In: **Gênero**. Vol. 9, nº 2. Niterói. 2009. P. 171-190.

MUELLER, Mary-Rose. INSTONE, Susan. *Para além do consentimento informado: consentimento contínuo em pesquisa com seres humanos*. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. Nº 13, vol. 2. 2008. Pp. 381-389.

MURDOCH, Jonathan. **Post-Structuralist Geography**. London: SAGE. 2006.

NASH, Catherine J. *Queer Conversations: Old-time Lesbians, Transmen and the Politics of Queer Research*. In: BROWNE, K. & NASH, C.J. (Orgs). **Queer Methods and Queer Methodologies – Intersecting Queer Theories and Social Science Research**. pp: 129-142. Burlington, Ashgate. 2010.

NOVAES, Adauto. *Por que tanta paixão?* In: **Os sentidos da Paixão**. NOVAES, A. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. P. 7-11.

NUNES, Benedito. *A paixão de Clarice Lispector*. In: **Os sentidos da Paixão**. NOVAES, A. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. P. 307-321.

NUNES, Claudio Ricardo Freitas. **Trazendo a noite para o dia**: apontamentos sobre erotismo, strip tease masculino, pedagogias de gênero e sexualidade. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre 2012. 227 p.

O'BYRNE, Patrick. *The Advantages and Disadvantages of Mixing Methods: An Analysis of Combining Traditional and Autoethnographic Approches*. In: **Qualitative Health Research**. 17(10) pp. 1381-1391. 2007.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. *A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas*. In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2010. P. 25-38.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

ORTEGA, Francisco. *Da ascese à bio-ascese – ou do corpo submetido à submissão do corpo*. In: **Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzscheanas**. RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz Lacerda. VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A. p. 139-173. 2005.

ORTEGA, Francisco. **Genealogia da Amizade**. São Paulo: Iluminuras. 2002.

PAULON, Simone. *A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção*. In: **Psicologia & Sociedade**. Nº 17. Vol 3. Florianópolis. 2005. P. 18-25.

PELBART. Peter Pal. **Vida capital** – ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras. 2009.

PELÚCIO, Larissa. *Plurais na singularidade – reflexões sobre travestilidades, desejo e reconhecimento*. In: **Corpo & Prazer**: políticas de enfrentamento ao heterossexismo. POCAHY, F.A. (org). Porto Alegre: nuances. 2010. P. 75-84.

PELÚCIO, Larissa. *Próteses, desejos e glamour: tecnologias de si na construção de corpos travestis no mercado de sexo transnacional*. In: **Corpo, Gênero e Sexualidade** – instâncias e práticas nas políticas da própria vida. SANTOS, L.H.S. RIBEIRO, P.R.C. (orgs). Rio Grande: FURG. 2011. P. 77-86.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2010. 167 p.

PRINS, Baukje. MEIJER, Irene Costera. *Como os corpos se tornam matéria – entrevista com Judith Butler*. In: **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 10, nº 1. Florianópolis: UFSC. 2002. PP. 155-167.

PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Rio de Janeiro: Globo. 1988.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornélia. (Orgs). **Antropologia@web**. Revista Horizontes Antropológicos. Ano 10. Número 21. Janeiro/Junho 2004.

ROCHA, Cristianne Maria Fammer. *As “novas” tecnologias e o(s) dispositivo(s) de controle*. In: **Educação e Cultura Contemporânea**: articulações, provocações, transgressões em novas paisagens. BUJES, Maria Isabel Edelweiss; SOMMER, Luis Henrique (Orgs). Canoas: Ed. ULBRA. 2006. P. 77-92.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina; UFRGS. 2007.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies** – Na introduction to the interpretation of visual materials. London: SAGE. 2007.

ROSE, Nikolas. **The politics of life itself** – biomedicine, power, subjectivity in the twenty-first century. Princeton: Princeton University Press, 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Razão e Paixão*. In: **Os sentidos da Paixão**. NOVAES, A. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. P. 500-536.

SABINO, César. *Anabolizantes: Drogas de Apolo*. In: **Nu & Vestido** – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. GOLDENBERG, M. (org). Rio de Janeiro: RECORD. 2007. P. 139-188.

SALES, Shirlei R. *Etnografia+netnografia+análise de discurso: articulações metodológicas para pensar em Educação*. In: MEYER, Dagmar Estermann. & PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012. p. 111-132.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**. São Paulo: Estação Liberdade. 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Descobrir o corpo: uma história sem fim*. In: **Educação e Realidade**. N.2, v.25. Porto Alegre: UFRGS. 2000. 49-58.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Prefácio à segunda edição*. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade. 2005b. (1995).

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres*. In: **Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzscheanas**. RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz Lacerda. VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A. 2005a. P. 99-110.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. *Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver*. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs). **Caminhos Investigativos III – Riscos e Possibilidades de Pesquisar Na Fronteira**. Rio de Janeiro: DP&A. 2005. P. 9-22.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. *Dos corpos desterrados aos corpos cheios de força: representações culturais de corpo e saúde em anúncios anti-retrovirais*. In: **In: Educação e Cultura Contemporânea**: articulações, provocações, transgressões em novas paisagens. BUJES, Maria Isabel Edelweiss; SOMMER, Luis Henrique (Orgs). Canoas: Ed. ULBRA. 2006. P. 45-64.

SCOTT, Joan. *The evidence of experience*. **Critical Inquiry**, Vol. 17, nº 4 (Summer, 1991), p. 773-797.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia do armário*. In: **cadernos pagu**. Nº 28, vol. 1. Campinas: UNICAMP. 2007. P. 19-54.

SEFFNER, Fernando. *Obscenidades extraídas do diário de campo levam a pensar sobre direitos sexuais*. In: **Cadernos Obscenos I – a erotização do conhecimento**. ZAGO, LF. PENALVO, C. BERNARDES, G. (orgs). Porto Alegre: SOMOS. 2009. P. 13-26.

SIBILIA, Paula. *O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital*. In: **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. RIBEIRO, P.R.C. SILVA, M.R.S., GOELLNER, S.V. Rio Grande: FURG. 2009. P. 33-42.

SIBILIA, Paula. **O show do eu – A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

SIBILIA. **O Homem Pós-Orgânico – Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

- SILVA, Rosimeri Aquino. **Quando os impensáveis entram em cena** – um estudo sobre polícia, educação, direitos humanos e homossexuais. Porto Alegre: CORAG. 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche** – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.
- SIMÕES, Júlio. FACCHINI, Regina. **Nas trilhas do arco-íris** – do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Perseu Abramo. 2009.
- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora – a AIDS como metáfora**. São Paulo: Cia. Das Letras. 2007.
- STANLEY, Wayne. *Introduction*. In: **The Complete Reprint of Physique Pictorial** – Volume I. Köln: 1997. P. 6-17.
- SWAIN, Tania Navarro. *Para além do sexo, por uma estética da liberação*. In: **Cartografias de Foucault**. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. VEIGA-NETO, Alfredo. SOUZA FILHO, Alípio. (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica. 2008. P. 393-406.
- TERTO JR., Veriano. *Soropositividade e políticas de identidades no Brasil*. In: **Sexualidade pelo avesso – direitos, identidades e poder**. São Paulo: 34. 1999.
- TURKLE, Sherry. **Life on the Screen**: Identity in the Age of the Internet. New York: Simon & Schuster. 1995.
- VASCONCELOS, Michele F.F. ZAGO, Luiz F. MACHADO, Dagoberto O. ROSS, Charles R. *Os limbos feliz da não-identidade: tensões e implicações*. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vol 3. 2011. P. 1211-1254.
- VILLAS-BÔAS, Márcia. **Olimpo** – A saga dos Deuses. São Paulo: Siciliano. 1995.
- WEINMANN, Amadeu de Oliveira. *Dispositivo: um solo para a subjetivação*. In: **Psicologia & Sociedade**. Nº 18, vol. 3. 2006. Florianópolis: UFSC. P. 16-22.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras. 2012.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a internet*. In: **A genealogia do virtual – Comunicação, Cultura e Tecnologias do imaginário**. MARTINS, Francisco Menezes. SILVA, Juremir Machado da. (Orgs). Porto Alegre: Sulina. 2004. PP. 149-156.
- WOOLF, Virgínia. **Orlando**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1978.

ZAGO, Luiz Felipe. **Codnome Beija-Flor – Um estudo sobre a comunicação interpessoal nas salas de bate-papo sobre sexo entre homens homoeroticamente inclinados no portal Terra Networks Brasil**. Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. UFRGS. 2006. 147 p.

ZAGO, Luiz Felipe. *Com quais corpos se fazem as masculinidades gays – a biossociabilidade emergente através da internet*. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência Tecnologia e Gênero**. Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência Tecnologia e Gênero. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2010. v. 1. p. 1-6.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades Disponíveis.com – sobre como dizer-se homem gay na internet**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UFRGS. 2009a. 227 p.

Sites consultados:

Figuras 1 - <http://www.tumblr.com/tagged/marlboro%20man>;

<http://www.manalais.com.br/blog/propaganda/o-mundo-de-marlboro-onde-os-homens-se-encontram/>;

http://www.cigarettehouse.net/?action=news&title=cowboy_marlboro&news=55&name=news;

<http://www.cigarettestime.com/cigarettes-articles/marlboro-rebranding>;

<http://cigarettezoom.com/marlboro-cigarette/>;

<http://findyourbrandpromise.tumblr.com/post/29979650649/where-in-the-world-is-the-marlboro-man>;

Figura 2 – www.manhunt.net

Figura 3 – www.manhunt.net

Figura 4 – www.manhunt.net

Figura 5 – www.manhunt.net

Figura 6 – www.manhunt.net

Figura 7 – www.manhunt.net

Figura 8 – www.manhunt.net

Figura 9 – www.manhunt.net

Figura 10 – www.manhunt.net

Figura 11 – www.manhunt.net

Figura 12 – www.manhunt.net

Figura 14 – Idem Figuras 1.

Figura 15 -

<http://i247.photobucket.com/albums/gg147/planetamongo/cinemawp/indyjon/cns/fotografos.jpg>

Figura 16 – http://farm1.static.flickr.com/63/219695515_1a42b440b7_o.jpg

Figura 19 – http://search.it.online.fr/covers/wp-content/tuco_ct-flickr-homage-to-robert-mapplethorpe-2007.jpg

Figura 20 – <http://www.opsdidi.com.br/?p=12405>

Figura 22 – <http://peregrinacultural.files.wordpress.com/2011/01/narcissus-caravaggio-ii.jpg>

Figura 23 – <http://antiquesandartireland.com/wp-content/uploads/2012/04/Bacon-Figure-Writing-.jpg>

Figura 24 – <http://justinkim71.blogspot.com.br/2012/02/man-in-mirror.html>

Figura 26 – http://www.bohyunyoon.com/project_link/MirrorCostume.php

Figura 27 – http://www.lorencameron.com/photos/mister_2005.html

Figura 28 – http://3.bp.blogspot.com/_1Ohm0-qwLLU/S-m8yrKhGZI/AAAAAAAAAC00/DU35Zvp27z8/s1600/DSC04095.JPG

Figura 29 – <http://www.lorencameron.com/photos/sword.html>

Figura 30 – <http://resources2.news.com.au/images/2008/11/14/1111118/034134-transgender-fella-pregnant-again.jpg>

Figura 35 – <http://www.revistabrasileiros.com.br/wp-content/gallery/secos-molhados/secosemolhados.jpg>

Figura 36 – <http://2.bp.blogspot.com/--IIYCF3R3I8/TbPIDWORbI/AAAAAAAAAIQ/ICRTfzuiBOY/s1600/DziCroquettesB%2526W1.jpg>

Figura 37 –

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Medusa_by_Carvaggio.jpg

Figura 38 – Idem figuras 2-12.

ANEXOS

Anexo I – Roteiro semi-estruturado de perguntas para as entrevistas *online* e *off-line*

1. Em que cidade você mora?
2. Que idade você tem?
3. Com quem você mora?
4. Qual a sua profissão?
5. Quando você começou a usar a internet para conhecer outros homens?
6. O que levou você a usar a internet para conhecer outros homens?
7. Quais as primeiras experiências que você teve ao usar a internet para conhecer outros homens?
8. Quais as diferenças que você encontra entre os usos da internet para conhecer outros homens na época em que você começou para hoje?
9. Você usa somente o Manhunt como *site* de relacionamento para conhecer outros homens ou também usa outros *sites*? Quais?
10. Quais as principais diferenças entre usar a internet para conhecer outros homens e frequentar ambientes “tradicionais” de sociabilidade, como bares e boates?
11. Você frequenta lugares de pegação, como saunas, banheiros públicos, videolocadoras, parques públicos? Por quê?
12. Ao criar seu perfil *online* no Manhunt, o que você levou em consideração para escrever seu texto de apresentação?
13. Ao criar seu perfil *online* no Manhunt, o que você levou em consideração para selecionar suas fotografias?
14. De modo geral, o que o levou a criar seu perfil no Manhunt? Que tipos de relação você busca criar no Manhunt?
15. Você paga ou já pagou pelos serviços do Manhunt? Por quê?
16. Quais as principais vantagens e desvantagens de usar o Manhunt para conhecer outros homens?
17. De acordo com suas experiências, como você descreveria/caracterizaria a dinâmica social do Manhunt?
18. Quais são os tipos de fotografias e os tipos de textos que mais te chamam a atenção nos perfis do Manhunt?
19. Como você descreveria a figura do “homem gay” atual, com base nas suas experiências da dinâmica social do Manhunt e também da dinâmica de outros espaços de sociabilidade?

20. Que papel tem o exercício da sua sexualidade na sua vida hoje?
21. Como você projeta sua vida a partir de agora em direção ao futuro?

Anexo II – Termos de Acesso e Uso do Manhunt (documento disponível apenas em inglês)

The following are terms of a legal agreement (“Agreement”) between you and Online Buddies, Inc. (“Company”). By accessing, browsing and/or otherwise using this web site, Manhunt.net, (“Site”), you acknowledge that you have read, understood and agreed to be bound by these terms and conditions, and to comply with all applicable laws and regulations, including U.S. export and re-export control laws and regulations. You must be 18 years of age or older to use this Site and to register as a member. If we discover or have any reason to suspect that you are not over 18 years of age, then we reserve our right to suspend or terminate your membership to this Site immediately and without notice.

If you do not agree to all of these terms and conditions, you may not access, browse and/or use this Site. The material provided on this Site is protected by law, including, but not limited to, United States copyright law and international treaties.

These terms of access apply to your access to and use of this Site and do not alter in any way the terms and conditions of any other agreement you may have with the Company for products, software, services or otherwise, unless otherwise directed by the Company. If you breach any of these terms and conditions, your authorization to use this Site automatically terminates and you must immediately destroy any downloaded or printed materials and discontinue use of any hyperlinks to this Site.

STATE OF NEW JERSEY INTERNET DATING SAFETY ACT DISCLOSURE

IF YOU ARE A USER OR MEMBER COMING FROM THE STATE OF NEW JERSEY, WE ARE REQUIRED TO NOTIFY YOU THAT WE DO NOT CONDUCT CRIMINAL BACKGROUND CHECKS ON ANY USER, MEMBER OR PROSPECTIVE MEMBER.

1. MEMBERSHIP FEES

Member subscription payments can be made in U.S. Dollars, as well as a variety of international currencies. Membership terms are 7 days, 30 days, and 90 days.

Once purchased, membership fees are NONREFUNDABLE even in the event that your membership is terminated for violations of our USE RESTRICTIONS. You warrant that you have purchased a membership based on membership rates that are effective for your primary country of residence.

2. PAYMENT AUTHORIZATION

Payment for the services provided to you in, at, through or in association with the Site may be made by automatic credit card, debit card, direct debit, online checks, Short Message Signal ("SMS") billing and other approved payment means offered in, at, through or in association with the Site, and you hereby authorize the Company and its agents to transact such payments on your behalf. You hereby authorize the Company's Internet Payment Service Provider to charge your credit card to pay for your membership to the Site. You further authorize the Company's Internet Payment Service Provider to charge your credit card for any and all purchases of products, services and other entertainment available in, at, through, or in association with the Site. You agree to be personally liable for all charges incurred by you in association with your access or other use of any Content provided by the Company or any third party in association with the Site. You acknowledge and agree that your liability for all such charges shall continue after termination of your access or any type of membership arrangement with the Company.

In the event that you have chosen to have your membership automatically rebilled, unless and until you notify the Company that you wish to cancel or terminate your membership to the Site, you hereby agree and authorize the Company's Internet Payment Service Provider to automatically renew your membership to the Site on a continuing basis and to charge your credit card (or other payment means you have selected) to pay for the ongoing cost of your membership. You hereby further authorize the Company's Internet Payment Service Provider to charge your credit card (or other approved payment means you have selected) for any and all purchases of products, services and entertainment provided to in, at, through or in association with the Site.

3. USE RESTRICTIONS

Copyright. All Site materials, including, without limitation, text, pictures, graphics and other files and the selection and arrangement thereof are copyrighted materials of the Company © 2008, ALL RIGHTS RESERVED, or by the original creator of the material. Permission is granted to display and use the materials on this Site for private personal entertainment, educational and noncommercial use only, provided you do not modify the materials and that you retain all copyright and other proprietary notices contained in the materials. You may not, however,

distribute, copy, reproduce, display, republish, download, or transmit any material on this Site for commercial use without prior written approval of the Company. You may not “mirror” any material contained on this Site on any other server without prior written permission from the Company. Any unauthorized use of any material contained on this Site may violate copyright laws, trademark laws, the laws of privacy and publicity and communications regulations and statutes.

Trademarks. The trademarks, service marks, trade names and logos (the “Trademarks”) used and displayed on this Site are registered and unregistered Trademarks of the Company. In addition, all page headers, custom graphics, icons and scripts are service marks, trademarks and/or trade dress of the Company, and may not be copied, imitated or used, in whole or in part, without the prior written permission of the Company. You acknowledge that the Trademarks used and displayed on this Site are and shall remain the sole property of the Company or the Trademark owner. Nothing in this Agreement shall confer any right of ownership of any of the Trademarks in you. Further, nothing in this Site shall be construed as granting, by implication, estoppel or otherwise any license or right to use any Trademark used or displayed on the Site, without the express written permission of the Company or the Trademark owner. The misuse of the trademarks displayed on this Site, or any other Content on the Site, is strictly prohibited.

Hyperlinks. You are granted a limited, nonexclusive right to create a hypertext link to this Site provided that such link is to the entry page of this Site and does not portray the Company or any of its products or services in a false, misleading, derogatory, or otherwise defamatory manner. This limited right may be revoked at any time for any reason whatsoever. You may not use framing techniques to enclose any Company trademark, logo or trade name or other proprietary information including the images found at the Site, the Content of any text or the layout/design of any page or any form contained on a page without the Company’s express written consent. Links to third party sites on this Site are provided solely as convenience to you. If you use these links, you will leave this Site. The Company has not reviewed all of these third party sites and does not control and is not responsible for any of these sites, their Content or their policies, including, without limitation, privacy policies or lack thereof. The Company does not endorse or make any representations about third party sites or any information, software or other products or materials found there, or any results that may be obtained from using them. If you decide to access any of the third party sites linked to this Site, you do so entirely at your own risk. You acknowledge and agree that the Company shall not be responsible or liable, directly or indirectly, for any damage or loss caused or alleged to be caused by, or in connection with the use of or reliance on any such third party sites.

Downloadable Materials. Any software, including codes or other materials that

are made available to download from this Site, is the copyrighted work of the Company and/or its suppliers and affiliates. If you download software from this Site, use of the software is subject to the license terms in the software license agreement that accompanies or is provided with the software. You may not download or install the software until you have read and accepted the terms of the applicable software license agreement. Without limiting the foregoing, copying or reproduction of the software to any other server or location for further reproduction or redistribution is expressly prohibited unless otherwise provided for in the applicable software license agreement in the case of software, or the express written consent of the Company in the case of codes or other downloadable materials.

Limited Access. Except as otherwise expressly permitted by the Company, any access or attempt to access other areas of the Company computer system or other information contained on the system for any purposes is strictly prohibited. You agree that you will not use any robot, spider, other automatic device, or manual process to “screen scrape,” monitor, “mine,” or copy the Web pages on the Site or the Content contained therein without the Company’s prior, express, and written permission. You will not spam or send unsolicited e-mail to any other user of the Site for any reason. You agree that you will not use any device, software or routine to interfere or attempt to interfere with the proper working of the Site. You agree that you will not take any action that imposes an unreasonable or disproportionately large load on the Company’s infrastructure.

Additional Use Restrictions. You shall not post, transmit, e-mail, re-transmit or store material on or through any of the services provided by the Company (the “Services”) which, in the sole judgment of the Company: (i) is in violation of any local, state, federal or non-United States law or regulation, (ii) is threatening, obscene, indecent, defamatory or that otherwise could adversely affect any individual, group or entity (collectively, "Persons") or (iii) violates the rights of any person, including rights protected by copyright, trade secret, patent or other intellectual property or similar laws or regulations including, but not limited to, the installation or distribution of "pirated" or other unauthorized photos or software products that are not appropriately licensed for use by you. You shall be responsible for determining what laws or regulations are applicable to its use of the Services. In addition, you may only use the Services in a manner that, in the Company's sole judgment, is consistent with the purposes of such Services. If you are unsure of whether any contemplated use or action is permitted, please contact the Company at support@manhunt.net. By way of example, and not limitation, the following uses described below of the Services are expressly prohibited:

a. upload, post, e-mail or otherwise transmit any information, data, text, software, music, sound, photographs, graphics, video, messages or other materials

(collectively, "Content") that is unlawful, harmful, threatening, abusive, harassing, tortious, defamatory, vulgar, obscene, libelous, invasive of another's privacy, hateful, sexually intolerant or racially, ethnically or otherwise objectionable;

b . impersonate any person or entity, including, but not limited to, a Company official, forum leader, guide or host, or falsely state or otherwise misrepresent your affiliation with a person or entity;

c. forge headers or otherwise manipulate identifiers in order to disguise the origin of any Content transmitted through the Services or develop restricted or password-only access pages, or hidden pages or images (those not linked to from another accessible page);

d. upload, post, e-mail or otherwise transmit any Content that you do not have a right to transmit under any law or under contractual or fiduciary relationships such as inside information, proprietary and confidential information learned or disclosed as part of employment relationships or under nondisclosure agreements;

e. upload, post, e-mail or otherwise transmit any Content that infringes any patent, trademark, trade secret, copyright or other proprietary rights of any party;

f. upload, post, e-mail or otherwise transmit any unsolicited or unauthorized advertising, promotional materials, "junk mail," "spam," "chain letters," "pyramid schemes" or any other form of solicitation;

g. upload, post, e-mail or otherwise transmit any material that contains software viruses, worms or any other computer code, files or programs designed to interrupt, destroy or limit the functionality of any computer software or hardware or telecommunications equipment;

h. disrupt the normal flow of user interaction, cause a screen to "scroll" faster than other users of the Services are able to type, or otherwise act in a manner that negatively affects other users' ability to engage in real time exchanges;

i. interfere with or disrupt the Services or servers or networks connected to the Services, or disobey any requirements, procedures, policies or regulations of networks connected to the Services;

j . intentionally or unintentionally violate any applicable local, state, national or international law, including, but not limited to, regulations promulgated by the U.S. Securities and Exchange Commission, any rules of any national or other securities exchange, including, without limitation, the New York Stock Exchange, the American Stock Exchange or the NASDAQ, and any regulations having the force of law;

k. ‘stalk’ or otherwise harass another user of the Site or Company employee or official;

l. promote or provide instructional information about illegal activities, promote physical harm or injury against any group or individual, or promote any act of cruelty to animals. This may include, but is not limited to, providing instructions on how to assemble bombs, grenades and other weapons, and creating "Crush" sites; and

m. effecting security breaches or disruptions of Internet communication. Security breaches include, but are not limited to, accessing data of which you are not an intended recipient or logging into a server or account that you are not expressly authorized to access.

n. advertising to, or soliciting any user of the Site to buy or sell any products or services through the unauthorized or impermissible use of the Services. You may not transmit any junk email or chain letters to other users. In order to protect our users from such advertising or solicitation, the Company reserves the right to restrict the number of emails which a user may send to another user in any 24-hour period to a number which the Company deems appropriate in its sole discretion. If you breach this Agreement and send unsolicited bulk email, instant messages or other unauthorized commercial communications of any kind through the Services, you acknowledge that you will have caused substantial harm to the Company, but that the amount of such harm would be extremely difficult to ascertain. As a reasonable estimation of such harm, you agree to pay the Company \$300 for each such unsolicited email or other unauthorized commercial communication you send to each user through the Services.

4. DISCLAIMER WARRANTY

This Site, including all software, functions, materials, and information is provided “as is” without warranties of any kind, either express or implied. The Company

disclaims all warranties, express or implied, including, but not limited to, warranties of quiet enjoyment and non-infringement and implied warranties of merchantability, fitness for a particular purpose, non-infringement, title, quiet enjoyment, merchantability of computer programs, data accuracy, system integration, and informational Content. The Company does not warrant or make any representations regarding the operation of this Site, the use, validity, accuracy or reliability of, or the results of the use of the materials on this Site or any other sites linked to this Site. The materials of this Site may be out of date, and the Company makes no commitment to update the materials at this Site. The Company does not and cannot guarantee or warrant that the files available for downloading from this Site, if any, will be free from infection, viruses, worms, Trojan horses, or other code that manifest contaminating or destructive properties. The Company does not warrant that this Site, software, materials, products, or services will be uninterrupted or error-free or that any defects in this Site, software, materials, products, or services will be corrected.

5. LIMITATION OF LIABILITY

In no event will the Company, its suppliers or other third parties mentioned at or in this Site be liable for any damages, including, without limitation direct, indirect, special, incidental, or consequential damages, damages resulting from lost profits, lost data or business interruption arising out of relating to the use, inability to use, or resulting from the use of this Site, any web sites linked to this Site, the materials, software or other information contained in any or all such sites, whether based on warranty, contracts, statutes, regulations, tort (including but not limited to, negligence) or any other legal theory and whether or not advised of the possibility of such damages. If your use of the materials or information from this Site results in the need for servicing, repair or correction of equipment or data, you assume all costs thereof.

6. REVISIONS TO THIS AGREEMENT

The Company may revise this Agreement at any time without notice by updating this posting. By using this Site you agree to be bound by any such revisions and should therefore periodically visit this Site and page to determine the then current Terms of Access and Use conditions of use to which you are bound.

7. TRANSMISSIONS

Any idea you transmit to or post on this Site by any means will be treated as non-confidential and non-proprietary and may be disseminated or used by the Company or its affiliates for any purpose whatsoever, including, but not limited

to, developing and marketing products. You are prohibited from posting or transmitting to or from this Site any unlawful, threatening, libelous, defamatory, obscene, scandalous, inflammatory, pornographic, profane material or any other material, including but not limited to any material that could give rise to any civil or criminal liability under both domestic and international law.

8. YOUR WARRANTIES

You warrant to the Company that:

You are 18 years of age or older and all information and details provided by you to the Company (including on registration as a member) are true, accurate and up to date in all respects and at all times, and;

You are the sole owner of all rights in the materials posted or uploaded by you (including all related copyrights) or that you have the absolute right to license their use as provided in this section. While you will retain ownership of the copyright in the materials posted or uploaded by you, you agree that all materials posted or uploaded by you shall become part of a database, and that the Company will own the compilation copyright in that database. In addition, you hereby grant the Company a perpetual, worldwide, irrevocable license to use, reproduce, modify, publish, publicly perform, publically display and distribute such materials, and portions of such materials and any derivative works created from such materials, in print, electronic and other media, by any means now known or developed in the future. We may sublicense all of our rights and licenses or assign them to third parties. Neither the Company nor any third party using the materials in accordance with this section will be obligated to pay you any royalties or other compensation for use of the materials.

You will comply with these Terms of Access and Use including, without limitation, the USE RESTRICTIONS set out in Section 3 above;

You agree to indemnify and hold the Company harmless from any claim or damages (including any legal fees in relation to same) made by a third party in respect of any matter in relation to or arising from your use and/or membership arising from any breach or suspected breach of these Terms of Access and Use by you or your violation of any law or the rights of any third party.

9. ACTIONS WE MAY TAKE AT OUR SOLE DISCRETION

The Company may take any or all of the following actions at our sole discretion:

Remove any member profile (including photographs) or other material that, in our sole discretion may be inappropriate or we suspect to be illegal, subject us to

liability or which may violate these Terms of Access and Use or where required to do so by law;

Issue members with verbal or written warnings and may take such further action as we deem appropriate if such warnings are not heeded;

Suspend or terminate a member's access to the members' area of the Site or a member's account without notice at any time;

Inform the appropriate authorities and provide them with information regarding any suspected illegal activity; or bring legal action against a member or other user of the Site in relation to any breach of these Terms of Access and Use or any illegal or suspected illegal activity.

10. GOOD SAMARITAN CONTENT AND COMPLAINT PROCEDURES POLICY

a) Policy. We have provided opportunities for you to contribute Content to our Site. It is our policy, however, not to allow any Content which may constitute intellectual property infringement; violations of federal, state, or local law; obscene or defamatory material, or may otherwise be unacceptable or inappropriate. Upon learning of such Content, we will attempt, and you hereby give the Company the right, to delete, edit, remove, disable, change, or restrict access to or the availability of the Content, which in our sole discretion, is otherwise unacceptable or objectionable. We may or may not notify you about what action we take with respect to the disputed Content. The provisions of this section are intended to implement this policy but are not in any way intended to impose a contractual obligation upon us to undertake, or refrain from undertaking, any particular course of conduct.

b) Complaint Procedures. If you believe that another user or other third party has posted Content which violates this policy or specifically the USE RESTRICTIONS in Section 3 above, you may notify the Company as follows: (i) via e-mail at support@manhunt.net; or (ii) via first class mail (or other nationally-recognized courier) at: Customer Service Director, Online Buddies, Inc., 215 First Street, Suite 500, Cambridge, MA 02142. In order to allow the Company to respond effectively, please provide the Company with as much information as possible in your e-mail or correspondence, including: (1) the nature of the right infringed or violated (including any applicable registration numbers of the federally-registered intellectual property allegedly infringed), if applicable, or the unacceptable or inappropriate Content; (2) all facts which lead you to believe that a right has been violated or infringed, if applicable; (3) the precise location where the offending Content is located; (4) any grounds to believe that the party or user which posted the Content was not authorized to do so or did not have a valid

defense (including the defense of fair use), if applicable; (5) if known, the identity of the party or user who posted the infringing, offending, or inappropriate Content; and (6) in the case of alleged copyright infringement claims, information sufficient to identify the work and your claims to ownership.

c) Indemnification/Waiver of Certain Rights. By contacting the Company and complaining of an alleged violation, you agree that the substance of your complaint shall constitute a representation made under the pains and penalties of perjury pursuant to the laws of the Commonwealth of Massachusetts. In addition, you agree, at your own expense, to defend and indemnify the Company and hold the Company harmless against all claims which may be asserted against the Company, and all losses incurred, as a result of your complaint and/or our response to it.

d) Waiver of Claims and Remedies. We expect all users of our Site to take responsibility for their own actions and cannot and do not assume liability for any acts of third parties which take place at our Site. By utilizing the Good Samaritan procedures set forth herein, YOU WAIVE ANY AND ALL CLAIMS OR REMEDIES WHICH YOU MIGHT OTHERWISE BE ABLE TO ASSERT AGAINST THE COMPANY UNDER ANY THEORY OF LAW (INCLUDING, BUT NOT LIMITED TO, INTELLECTUAL PROPERTY LAWS) THAT ARISE OUT OF OR RELATE IN ANY WAY TO THE CONTENT AT THIS SITE OR OUR RESPONSE, OR FAILURE TO RESPOND, TO A COMPLAINT.

e) Investigation/Liability Limitation. You agree that we have the right, but not the obligation, to investigate any complaint received. By reserving this right, we do not undertake any responsibility in fact to investigate complaints or to remove, edit, disable or restrict access to or the availability of Content. We will not act on complaints that we believe, in our sole discretion, to be deficient, incomplete, or otherwise questionable. If you believe that Content remains on this Site which violates your rights, YOUR SOLE AND EXCLUSIVE REMEDY SHALL BE AGAINST THE USER OR OTHER PARTY RESPONSIBLE FOR SAID CONTENT, NOT AGAINST THE COMPANY. YOUR SOLE AND EXCLUSIVE REMEDY AGAINST THE COMPANY SHALL BE TO TERMINATE YOUR USE OF THIS SITE AND SERVICE. Digital Millennium Copyright Act Compliance. As set forth in Subsection (b), you must contact our agent if you believe that a work protected by a U.S. Copyright which you own has been posted on our Site without authorization or that our Site, in some material way, contributes to its infringement. It is our policy in appropriate circumstances, if possible, to terminate the access rights of repeat

infringers and other users who use this Site in an inappropriate or objectionable manner.

11. COOPERATION WITH LAW ENFORCEMENT

The Company reserves the right to fully cooperate with any law enforcement authorities or court order requesting or directing the Company to disclose the identity or other information regarding any user or member alleged by any governmental entity to be using the Site or any Content or materials available in, at, through or in association with the Site in violation of any law or regulation, or in violation of this Agreement, including, without limitation, the posting of e-mail messages, or publishing or otherwise making available any such materials. BY ACCEPTING THIS AGREEMENT YOU WAIVE AND HOLD HARMLESS THE COMPANY FROM ANY CLAIMS RESULTING FROM ANY ACTION BY THE COMPANY DURING, OR AS A RESULT OF, ITS INVESTIGATIONS, AND FROM ANY ACTIONS TAKEN AS A CONSEQUENCE OF INVESTIGATIONS BY EITHER THE COMPANY OR LAW ENFORCEMENT AUTHORITIES

12. APPLICABLE LAWS, VENUE, JURISDICTION & MANDATORY ARBITRATION

If any provision(s) of this Agreement is held by a court of competent jurisdiction to be contrary to law, then such provision(s) shall be construed, as nearly as possible, to reflect the intentions of the parties with the other provisions remaining in full force and effect. The Company's failure to exercise or enforce any right or provision of this Agreement shall not constitute a waiver of such right or provision unless acknowledged and agreed to by the Company in writing. The section titles in this Agreement are solely used for the convenience of the parties and have no legal or contractual significance. This Agreement may be assigned in whole or in part by the Company. This Agreement may not be assigned in any manner by you without the express, prior written permission of the Company.

Any and all disputes or controversies of any kind, including but not limited to any performance, duty, obligation or liability arising under or related to this Agreement which are not first resolved informally, shall be determined by binding arbitration in Cambridge, Massachusetts, in accordance with the rules of the American Arbitration Association. The final award in any such arbitration proceeding shall be subject to entry as a judgment by any court or competent jurisdiction, provided that such judgment does not conflict with the terms and provisions hereof. The jurisdiction of the arbiter (or arbiters) with respect to legal matters shall be limited only by the statutory and common law of the

Commonwealth of Massachusetts and the United States.

Notwithstanding the foregoing, any and all disputes, which the parties cannot informally resolve, regarding the scope of issues or matter with the jurisdiction of the arbitrator, shall be resolved by a separate dispute resolution process whereby the Company, in its sole discretion shall elect the dispute to be resolved by either (1) a court of competent jurisdiction in the County of Middlesex, Massachusetts or (2) a panel of three new arbitrators.

This Agreement shall be governed by and construed in accordance with the laws of the Commonwealth of Massachusetts notwithstanding any conflict of laws provisions. You and the Company agree that the venue for all legal disputes, controversies, actions of any kind arising under or related to this Agreement shall be CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS. You and the Company further agree that in case of any litigation regarding this Agreement, you irrevocably and unconditionally (i) consent to submit to the exclusive jurisdiction of the state and federal courts in the County of Middlesex, Massachusetts (the “Massachusetts Courts”) for any litigation or dispute arising out of or relating to this Agreement, (ii) agree not to commence any litigation arising out of or relating to this Agreement except in the Massachusetts Courts, (iii) agree not to plead or claim that such litigation brought therein has been brought in an inconvenient forum, and (iv) agree the Massachusetts Courts represent the exclusive jurisdiction for all litigation relating to this Agreement.